1202

1805

A PELLAGRA

122/5_EMC

Antonio Joaquim Pereira da Silva

N.º 5.

A Pellagra

Subsidio para o estudo da endemia pellagrosa em Portugal

DISSERTAÇÃO INAUGURAL

APRESENTADA Á

ESCOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO

PORTO = Typographia do Porto Medico
Praça da Batalha, 12-A = MCMV.

I 22/5 EMC

ESCOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO

DIRECTOR

ANTONIO JOAQUIM DE MORAES CALDAS

SECRETARIO INTERINO

ALFREDO DE MAGALHÃES

Lentes Cathedraticos

1.ª Cadeira — Anatomia descriptiva geral	Luiz de Freitas Viegas.
2.ª Cadeira — Physiologia	Antonio Placido da Costa.
3.ª Cadeira — Historia natural dos medicamentos e materia medica	Illydio Ayres Pereira do Valle.
4.ª Cadeira — Pathologia externa e therapeutica externa	Antonio Joaquim de Moraes Caldas.
5.ª Cadeira — Medicina operatoria	Clemente Joaquim dos Santos Pinto.
6.ª Cadeira — Partos, doenças das mulheres de parto e dos recem-nascidos	Candido Augusto Corrêa de Pinho.
7.ª Cadeira — Pathologia interna e therapeutica interna	José Dias d'Almeida Junior.
8.ª Cadeira — Clinica medica.	Antonio d'Azevedo Maia.
9.ª Cadeira — Clinica cirurgica	Roberto Bellarmino do Rosario Frias.
10.ª Cadeira — Anatomia pathologica	Augusto Henrique d'Almeida Brandão.
11.ª Cadeira — Medicina legal	Maximiano Augusto d'Oliveira Lemos.
12.ª Cadeira — Pathologia geral, semeiologia e historia medica.	Alberto Pereira Pinto d'Aguiar.
13.ª Cadeira — Hygiene	João Lopes da Silva Martins.
14.ª Cadeira — Histologia e physiologia geral	José Alfredo Mendes de Magalhães.
15.ª Cadeira — Anatomia topographica	Carlos Alberto de Lima.

Lentes jubilados

Secção medica	José d'Andrade Gramaxo
Secção cirurgica	Pedro Augusto Dias.
	Dr. Agostinho Antonio do Souto.

Lentes substitutos

Secção medica	Vaga.
	Vaga.
Secção cirurgica	Antonio Joaquim de Souza Junior.
	Vaga.

Lente demonstrador

Secção cirurgica	Vaga.

A Escola não responde pelas doutrinas expendidas na dissertação e ennunciadas nas proposições.

(Regulamento da Escola, de 23 d'abril de 1840, artigo 155.º)

A MEUS PAES

«Assi que alma, que vida, que esperança,
E que quanto fôr meu, he tudo vosso:
Mas de tudo o interêsse eu só o levo;
«Porque he tamanha bem=aventurança
O darvos quanto tenho e quanto posso,
Que quanto mais vos pago, mais vos devo».

(Camões).

A MEUS IRMÃOS

«Por mais que no tornar haja tardança,
Me farão sempre triste companhia
Saudades do bem que em vós me fica».

(Camões).

A MEU TIO, DR. JOÃO
DE SOUZA VILHENA.

«Impressa tenho na alma larga historia
D'esse passado bem, que nunca fôra;
Ou fôra, e não passara; mas já agora
Em mi não pode haver mais que memoria».

(Camões).

AOS MEUS AMIGOS

AOS MEUS CONDISCIPULOS

AOS MEUS CONTEMPORANEOS

«Com o tempo tudo anda e tudo pára,
Mas só aquelle tempo que he passado
Com o tempo se não faz tempo presente».

(Camões).

AO MEU PRESIDENTE
SNR. PROF. AUGUSTO
D'ALMEIDA BRANDÃO.

Homenagem de respeito e admiração
pelas suas eminentes faculdades.

É sempre aspero motivo de enleio e perplexidade escolher bem, atravez de tantos e tão diversos departamentos da medicina, um assumpto que se aproveite para satisfazer esta obrigação ultima do curso — a dissertação inaugural.

Na difficuldade me acudiu a valiosa e segura interferencia do prof. Alfredo de Magalhães, insinuando-o, sem mais deixar, com o prof. Souza Junior, de perdulariamente contribuir com excellente cooperação nos estudos e trabalhos que precederam e prepararam o modesto concatenar a que estas rapidas linhas servem de prefacio inutil.

A summa importancia do thema talvez reclamasse, reclamava sem duvida, obreiro mais experimentado do que eu. Principalmente se considerarmos as circumstancias estranhas e especiaes com que em Portugal ha a luctar quando se arca com emprehendimentos de alcance publico, não só pela inanidade do mundo

official, mas tambem pelos vicios, por demais comprehensiveis, d'uma população ignara — o que tudo seria de molde a varrer logo ás primeiras tentativas o mais ingenuo enthusiasmo, não arrefecido ainda na pratica d'esta vida nacional, se não houvesse a encorajar-me a boa vontade dos dois illustres professores.

Todavia o problema era bem digno de apaixonar um noviço da sciencia.

D'uma complexidade enorme a dentro da pathologia, elle é, e isso sobreleva de importancia, um grande problema social, que importa e reclama soluções urgentes. Sem hyperbole pode-se dizer: o abandono a que elle foi votado até hoje tem sido fundamente criminoso e, em derivante, toda a demora em resolvel-o será perdurar no crime.

Como a tuberculose, a pellagra é uma das doenças que a extrema miseria cultiva e alenta. Não é negar a importancia etiologica dos agentes especificos,

nem a significação hereditaria das táras, mas pode-se e deve-se affirmar a poderosa acção dos meios que nós estamos habilitados a crear sob um rigoroso criterio scientifico. E não se argumente com o exemplo **A** *ou* **B**, *d'este ou d'aquelle individuo em quem mais apropriado meio foi impotente para dominar uma herança consolidada. No tempo e no espaço, e é isso o que socialmente nos interessa, uma série continua de meios ha-de, embora lenta mas irremediavelmente, pela adaptação cada vez mais perfeita, diluir e desfazer toda a herança incompativel com as novas condições creadas, por antagonia com as da hora coeva em que foi gerada.*

Doença toxica, é-lhe de todo necessaria uma apropriação de terreno, de vitalidade combalida, para que a acção destruidora do agente fructifique no maleficio. De sempre notaram os mais remotos medicos que gastaram esforços no estudo d'este mal, que era aos párias

do trabalho agricola que elle assolava e impellia para fóra de uma vida condemnada.

É assim que o problema da pellagra, além do restricto ambito da pathologia, cresce em gravidade quando o consideramos socialmente como viciação perturbadora consequente do modo de ser economico de um povo. Então á **Hygiene,** *largamente comprehendida como factor actuante de progresso, cabe dar-nos a chave d'esse problema como de muitos outros, por tanto tempo julgados irresoluveis. Quando digo que á Hygiene compete o encargo, é porque não afunilo ao criterio dos que circumscrevem a Sanatorios, balnearios e casebres mais ou menos ventilados, toda a área abrangida por tão vasta sciencia. Mais largos horisontes se lhe descortinam.*

As mesmas convulsões politicas são, o mais das vezes, verdadeiras applicações d'essa unica therapeutica racional. Mais do que os sanatorios, balnearios e

instituições congeneres operam maravilhas de sanidade. Não é um paradoxo, é uma verdade eloquentemente gravada pelos factos.

Quem quizer, com rigor consciencioso, investigar e descobrir as causas porque a pellagra fugiu da França, ha-de remontar a todas essas beneficas e sadias revoluções que desde 1789 vieram modificar o condicionalismo economico d'esse grande povo. Não é factor que se despreze o attentar n'essa grandiosa tempestade salvadora de 93 (1). *Ella trouxe a liquidação*

---

(1) *Barière, no seu celebre discurso que precede a lei de 28 de junho da Convenção, e em que se estabelecem estes dous principios fundamentaes — 1.º Todo o ser humano tem direito á sua subsistencia, pelo trabalho se é válido, por soccorros gratuitos se não está em condições de trabalhar; 2.º O cuidado de prover á subsistencia do pobre é uma divida nacional; Barière, dizia: "A mendicidade é incompativel com o governo popular, esta palavra* **mendigo** *não foi nunca escripta no diccionario do republicano, e o quadro da mendicidade não tem sido até ao presente sobre a terra senão a historia da conspiração dos* **proprietarios** *contra os* **não proprietarios**„.

dos bens nacionaes; repartiu e espalhou pela população franceza as extensas propriedades do clero e da aristocracia emigrada e rebelde, dividiu-as largamente, refundiu o regimen do imposto, terminou com a servidão e, o que é bem mais profundo e de maior alcance, preparou com segurança, para que triumphasse através de todas as vicissitudes, a grande evolução que agora se opéra.

Benoit Malon, o mais justo e bom dos pensadores que viveram na segunda metade do seculo findo, o percursor e orientador da geração poderosa que hoje tão activamente intervem e influe na politica franceza, estudando na **Economia Social** *o phenomeno do desenvolvimento da população no seu paiz, mostra como a França, sempre iniciadora temeraria, realisou o equilibrio entre a natalidade e a mortalidade, simplesmente por uma mais equitativa repartição da riqueza.*

Evidenceia esse resultado como fructo dos esforços revolucionarios d'essa patria eleita.

A grande divisão da propriedade, chamando á vida activa milhões de desherdados, cava, revolve, torna fecunda uma terra até ahi matto bravio, para o emprego ocioso nas montarias da inutil fidalguia.

E o desenvolvimento da riqueza faz-se então prodigiosamente, brotando de um solo pejado pelo trabalho, para se derramar por toda a população. Accrescente-se que, logicamente, esta melhoria nas condições materiaes, diz elle, arrasta comsigo mesmo a uma evolução moral superior, transformando o antigo servo n'um homem consciente e actuante.

Comprehendem-se assim as causas que originariamente determinaram a extincção da pellagra em França.

E, pois que a endemia, a que com tanta justeza Zachinelli chrismou de **mal da miseria,** *só vinga e domina entre os ilotas dos campos, agrilhetados a uma vida economica infernal; e, visto que só a essas miseraveis condições de vida, em que o pária vegeta, se*

deve a sua existencia, o remedio é naturalmente indicado pelo rigor da logica.

Trata-se d'uma doença não só curavel mas absolutamente extinguivel.

A beneficencia, de hoje, com todas as suas cozinhas economicas e esmolas, mais ou menos humilhantes, é que não resolve o problema (1). *Falha, prolonga, adia.*

---

(1) *Dizia eloquentemente Barière, no famoso discurso que em 19 de março de 1793 pronunciou na Convenção: "Deixemos ao insolente despotismo a faustuosa construcção de hospitaes para devorar os desgraçados que tem feito. Esta horrivel generosidade do despotismo ajuda-o ainda a enganar os povos e a conserva-los sob o jugo... Não é o bastante para o povo abater as facções, sangrar o commercio rico, demolir as grandes fortunas, reclamar o reinado da justiça e da virtude, é-lhe necessario fazer desapparecer do sólo da Republica o* ***servilismo das primeiras necessidades, a escravatura da miseria e esta extraordinariamente odiosa desegualdade entre os homens, que faz com que uns tenham todas as intemperanças da fortuna e outros todas as angustias da miseria***„.

O remedio é muito outro quando a doença é tão do fundo constitucional.

Reza a historia, para casos semelhantes, d'uma intervenção da ***Hygiene*** *com todo o rigor logico e necessario. Na Republica Romana, chamou-se a essa operação* ***Revolta dos Gracchos.***

Não seja espectro aterrador esta simples palavra ***revolta.*** *Tiberio e Caio Graccho só procuravam conduzir o Senado á adopção de justas medidas e sabias leis, que a miseria reclamava, contra uma oligarchia capitalista — proprietaria dominadora, que a esfaimava. Se quando se operam grandes revoluções surgem por vezes manchas de carnificinas irremediaveis, é pela razão do accidente fatal, que obriga á amputação d'um membro para salvamento d'um organismo.*

No nosso caso o problema tem talvez de ha muito uma solução, embora outros fossem os intuitos a guiar aquelle que a descobriu. Em paginas admiraveis de

fórma mascula e elegante, de doutrina sadia e forte, Bazilio Telles no **Problema Agricola** *e uos* **Estudos Historicos e Economicos** *propõe uma larga colonisação á romana das abandonadas campinas alemtejanas. Assim se fertilisaria a charneca, inutilmente enfeudada a inuteis proprietarios. Em beneficio do paiz trasbordaria para ali o excesso da densa população do norte, para arrotear a calcinada terra, deserta e desprezada.*

Não se diga que não esvoaçava no espirito do grande escriptor o fogo que em remotas eras animou e conduziu os Gracchos ao sacrificio.

*
* *

Explicadas as causas que me trouxeram á escolha d'este assumpto e rapidamente esboçados alguns dos motivos que me levaram a consideral-o de importancia capital, devo confessar que, a despeito de todo o meu esforço, conheço a insignificancia, a não valia, do meu trabalho. Devo dizer ainda, que um certo desenvolvimento dado ao capitulo **historia da pellagra,** *se justifica pela circumstancia de ser ella por tal modo associada á etiologia da doença que, por si só, como diz Arnould,* **lhe constitue uma base singularmente solida,** *e porque, fazendo-se pela primeira vez a resenha historica da endemia em Portugal, não era bem que se acanhasse este importante estudo.*

Cumpre-me, antes de pôr termo a estas linhas, protestar aqui a minha gratidão a quantos me auxi-

liaram na penosa tarefa. E se é aos professores Alfredo de Magalhães e Souza Junior que principalmente devo o maior incentivo que fez chegar a cabo o meu trabalho, nem por isso posso esquecer os nomes dos drs. Abilio Areias, Portugal Marreca, Martins Lima, João Cardoso, David dos Santos, Cruz Ferreira e Joaquim da Cunha Machado e o do quartanista de medicina, João de Meira que, com estranha gentileza e dedicação me forneceram subsidios apreciaveis.

A todos o meu immenso reconhecimento.

OBSERVAÇÕES

1.ª OBSERVAÇÃO

7-4-904

HISTORIA

Maria das Dores Freitas, 42 annos d'edade, casada, domestica, natural da freguezia de Garfe, concelho da Povoa de Lanhoso.

Antecedentes hereditarios — O pae é robusto. A mãe falleceu ha annos victimada por uma doença que, segundo informações colhidas, parece ter sido a pellagra. Teve uma filha que aos seis annos morreu de cyanose.

Antecedentes pessoaes — Nunca gosou saude, tendo sido sempre mais ou menos adoentada.

Commemorativos — Esta doente teve sempre uma manifesta predilecção e avidez para os acidos e salgados. De uma unica vez se recorda ter comido pão com *saibo*.

Aos 20 annos, pelo mez de abril, appareceram-lhe pela primeira vez na região dorsal das mãos, erythemas.

ESTADO ACTUAL

a) *Habito externo* — Apresenta erythemas muito pouco pronunciados na região dorsal das mãos, antebraços e pés, acompanhados d'uma sensação de queimadura.

b) *Apparelho digestivo* — Os labios apresentam-se seccos, descorados, cheios de sulcos. A mucosa buccal está livida assim como a lingua, encontrando-se esta despapillada e fendida caprichosamente. Ha ausencia de gosto, sendo a salivação abundante. Soffre d'uma sêde ardente e manifesta falta d'appetite.

Á palpação nota-se uma dôr no epigastro, onde a doente accusa uma sensação viva de queimadura.

A percussão intestinal denota-nos uma grande accumulação de gazes.

Ha diarrheia quasi constante e serosa.

c) *Apparelhos respiratorio e circulatorio* — Nada de anormal.

d) *Systema nervoso* — Cephalalgia, cryesthesia, dôres vagas, vertigens frequentes, insomnias entremeadas de sonhos os mais exquisitos, são symptomas perfeitamente caracteristicos na nossa observada.

De quando em quando apresenta-se possuida d'uma tristeza enorme acompanhada d'um estado de mutismo e indifferença sem causa alguma apreciavel, dando-se isto especialmente pelo fim da primavera e principio de verão.

Queixa-se tambem de constantes formigueiros nas plantas dos pés.

e) *Apparelho uro-genital* — A nossa observada soffre de rachialgias lombares, tendo tambem violentas ardencias na urethra.

Foi sempre regularmente menstruada, desapparecendo-lhe a menstruação ha approximadamente um anno.

f) *Apparelho visual* — Sómente se nota um notavel enfraquecimento visual.

g) *Perturbações trophicas* — Ha suores abundantes e um enfraquecimento geral bastante pronunciado.

Nota — Todos estes symptomas foram muito aggravados no anno anterior ao da nossa observação, devido a privações que a observada duramente supportou.

2.ª OBSERVAÇÃO

6-4-904

HISTORIA

Miguel Pereira, 57 annos d'edade, casado, pedreiro, natural da freguezia de S. Martinho, concelho da Povoa de Lanhoso.

Antecedentes hereditarios — O pae soffreu de pellagra, chegando a um periodo de manifesta cachexia. Dos outros parentes nada ha de anormal.

Antecedentes pessoaes — Foi sempre muito doente, sendo quasi constantemente sujeito a cephalalgias violentas. Recorda-se de em creança ter tido sarampo, apresentando signaes de variola por todo o corpo.

Commemorativos — É pobre, soffrendo privações e fome algu-

mas vezes. É sedento de acidos e salgados, gosta de bebidas alcoolicas e por varias vezes tem comido pão com *saibo*.

Desde 1867 tem tido, na primavera, erythemas na região dorsal das mãos, mas só ha tres annos é que estes se alastraram tomando-lhe toda a face dorsal das mãos e antebraço, sendo então acompanhados de graves perturbações digestivas e nervosas que o impossibilitavam de trabalhar.

ESTADO ACTUAL

a) *Habito externo* — A pelle da região dorsal das mãos e pés encontra-se secca, lisa e um pouco avermelhada.

b) *Apparelho digestivo* — A mucosa labial ulcerada sangra á menor pressão. A lingua encontra-se sulcada transversalmente e despapillada.

Tem vomitos, diarrhêa e intensas dores na região do epigastro.

c) *Aparelhos respiratorio e circulatorio* — Ha tosse secca e 22 movimentos respiratorios por minuto.

O pulso é accelerado e fraco (105 pulsações por minuto).

d) *Systema nervoso* — Este systema encontra-se profundamente alterado. Alem de nevralgias as mais variadas, accusa vertigens, cephalalgias, prurido, cryesthesia, insomnias e sonhos extravagantes.

e) *Apparelho genito-urinario* — Ha pollakiuria.

f) *Perturbações trophicas* — Notam-se abundantes suores e amyotrophia mais accentuada nos membros inferiores.

3.ª OBSERVAÇÃO

6-4-904

HISTORIA

Rosa Carneiro, 60 annos d'edade, viuva, jornaleira, da freguezia de Louredo, concelho da Povoa de Lanhoso.

Antecedentes hereditarios — Os paes foram pellagrosos, tendo tambem uma irmã affectada da mesma doença.

Antecedentes pessoaes — Soffreu sempre muito do estomago e da cabeça, não tendo, até que foi verdadeiramente atacada d'este mal, soffrido doença alguma de importancia.

Commemorativos — Ha vinte e tantos annos, trabalhando no campo, pela primavera, começaram a apparecer-lhe erythemas nas mãos, devidos, na sua opinião, ao sol. D'ahi por deante foi sempre atacada de violentas dores de cabeça e perturbações digestivas, mais pronunciadas nos mezes da primavera. Ha uns annos para cá que, periodicamente, soffre da erysipela na face direita.

ESTADO ACTUAL

a) *Habito externo* — A pelle do dorso das mãos está erythematisada com descamação. O mesmo se dá na dos pés.

b) *Apparelho digestivo* — A mucosa labial está secca, vesiculosa, gretada e descorada. A lingua, egualmente descorada, encontra-se cheia de sulcos e despapillada. As gengivas san-

gram com muita facilidade. A salivação é abundante e amarga. Tem nauseas, sensação de queimadura no epigastro, dores abdominaes e constipação.

c) *Apparelhos respiratorio e circulatorio* — Apresenta symptomas d'uma bronchite chronica. O pulso é fraco, desegual e pouco frequente (70 p. por minuto).

d) *Systema nervoso* — Sente muitas vezes calores por todo o corpo, especialmente na cabeça.

Tem frequentes cephalalgias, rachialgias e dores vagas. É sujeita a vertigens, insomnias e sonhos extraordinarios. É muito desconfiada e d'uma irritabilidade tão grande que, na judiciosa opinião de suas visinhas, *é o diabo em carne e osso*.

e) *Orgãos dos sentidos* — É muito dura d'ouvido, onde sente constantes zumbidos. Ha um consideravel enfraquecimento visual e diplopia.

f) *Apparelho uro-genital* — Pollakiuria, polyuria e dores na região lombar. A analyse das urinas, rapidamente feita, deu uma reacção positiva da albumina (reagente d'Esbach). Foi irregularmente menstruada.

g) *Perturbações trophicas* — Sua muito. O reflexo do joelho encontra-se abolido.

4.ª OBSERVAÇÃO

8-4-904

HISTORIA

Maria Thereza Braga, de 19 annos d'edade, solteira, domestica, natural da freguezia de Louredo, concelho da Povoa de Lanhoso.

Antecedentes hereditarios — Pertence a uma familia de pellagrosos. Os avós maternos, mãe e tias maternas, egualmente padecem d'esta doença.

Antecedentes pessoaes — É uma chlorotica pronunciada. A menstruação é irregular, tendo apparecido ha cerca de 1 anno.

Commemorativos — Gostou sempre muito de comidas salgadas, comendo algumas vezes pão com *saibo*. Não se recorda de quando lhe começaram a apparecer erythemas pelas mãos e pés, lembrando-se sómente que, desde ha cinco annos para cá, soffre muito do estomago.

ESTADO ACTUAL

a) *Habito externo* — A pelle das mãos, pés e face está ligeiramente erythematisada, sentindo n'esta região ardencia grande.

b) *Apparelho digestivo* — As mucosas labiaes, lingual e buccal estão muito sulcadas e seccas.

A lingua acha-se despapillada.

Tem salivação abundante, nauseas, vomitos, diarrheia, flatulencia e colicas.

c) *Apparelho circulatorio* — A zona de bacidez cardíaca encontra-se exagerada. O pulso é fraco, (72 p. por minuto).

d) *Systema nervoso* — Soffre de cephalalgias em capacete, vertigens e sonhos extravagantes, algumas vezes sensuaes. Zunidos nos ouvidos, fraqueza nos membros inferiores.

5.ª OBSERVAÇÃO

7-4-904

HISTORIA

Maria Quiteria Braga, de 47 annos d'edade, viuva, jornaleira, natural da freguezia de Louredo, concelho da Povoa de Lanhoso.

Antecedentes hereditarios — Os paes foram pellagrosos, morrendo ambos n'um estado de demencia.

Tem uma irmã atacada da pellagra. Tem 3 filhas, por nós tambem observadas, atacadas da mesma doença.

Antecedentes pessoaes — Em creança teve variola e sarampo.

Commemorativos — Gosta de salgados e acidos, tendo comido bastantes vezes pão com *saibo*.

Em 1881 começaram-lhe a apparecer erythemas nas mãos, coincidindo isto com privações grandes que supportou e muito

trabalho de campo feito ao sol. Passados só muitos annos é que lhe appareceram perturbações digestivas ligeiras e nervosas muito violentas.

ESTADO ACTUAL

a) *Habito externo* — A pelle da região dorsal das mãos encontra-se erythematisada, assim como a dos pés, com ligeira descamação.

b) *Apparelho digestivo* — A lingua está vermelha, sulcada, ulcerações nos bordos, sendo muito sujeita a stomatorrhagias.

Excepção feita d'uma ligeira ardencia no epigastro nada mais actualmente sente. É frequentemente atacada de crises diarrheicas, alternadas com constipação.

c) *Apparelho circulatorio* — Á auscultação dos fócos cardiacos nota-se um ligeiro sopro no 1.º tempo, mais nitido á ponta.

d) *Systema nervoso* — Tem cephalalgias, cryesthesia, rachialgias, dores erraticas nos membros, vertigens e sonhos frequentes. As faculdades mentaes encontram-se profundamente alteradas. Ora se encontra taciturna, desconfiada, ora facilmente irritavel, provocando scenas as mais extraordinarias. Eis um exemplo: Ha 9 dias, entrando n'uma taberna, viu uma meza cheia de canecas, dando-lhe immediatamente a *mania* (expressão sua) de quebrar tudo: fugiu soltando grandes gargalhadas, sendo mais tarde encontrada ao pé d'uma arvore toda banhada em lagrimas, lastimando a sua furia. Por vezes tem pensado em suicidar-se; nunca até hoje tentou realisar o seu intento.

c) *Apparelho uro-genital* — As urinas são claras, havendo pollakiuria.

Foi sempre irregularmente menstruada.

d) *Perturbações trophicas* — Está quasi sempre coberta de suores. Tem amyotrophia dos membros inferiores e superiores.

6.ª OBSERVAÇÃO

7-4-904

HISTORIA

Maria Luiza Braga, de 24 annos d'edade, solteira, domestica, natural e residente na freguezia de Louredo, concelho da Povoa de Lanhoso.

Antecedentes hereditarios — Sua mãe é assumpto d'uma das nossas observações, assim como duas irmãs.

Antecedentes pessoaes — Foi sempre doente, sendo desde creança atacada de pellagra.

Commemorativos — Gostando de acidos e salgados, varias vezes comeu pão com *saibo* não lhe desagradando. As primeiras manifestações a apparecer foram as da pelle e as nervosas, havendo sempre um grande predominio d'estas.

ESTADO ACTUAL

a) *Habito externo* — Apresenta a pelle do dorso das mãos vermelha, lusidia e lisa.

b) *Apparelho digestivo* — As mucosas labiaes, buccal e lingual estão lividas e sulcadas. Ha salivação abundante e acida. Tem sede, bolimia e pyrosis, accusando, pela pressão, dores no epigastro e hypochondrio esquerdo. Flatulencia, constipação e colicas.

c) *Systema nervoso* — Tem dores de cabeça e rachis. Soffre de insomnias com pesadellos horrorosos. Está sempre triste e indifferente.

Em certas epochas é atacada de accessos hystericos.

Nos outros apparelhos só ha, digna de nota, uma frequencia exagerada do pulso, (94 pulsações) e leucorrhea.

7.ª OBSERVAÇÃO

7-4-904

HISTORIA

Ermelinda Braga, de 8 annos d'edade, natural da freguezia de Loúredo, concelho da Povoa de Lanhoso.

Antecedentes hereditarios — Quasi toda a sua familia tem sido atacada de pellagra, sendo objecto das nossas observações sua mãe e duas irmãs.

Antecedentes pessoaes — Ha 3 annos teve variola, seguida d'uma nephrite aguda.

Commemorativos — Tem comido pão com *saibo*. Ha dois an-

nos começaram-lhe apparecer erythemas nas mãos e algumas perturbações digestivas.

ESTADO ACTUAL

a) *Habito externo* — Apresenta a pelle do dorso das mãos muito vermelha, lusidia, descamando facilmente.

b) *Apparelho digestivo* — A lingua e labios encontram-se muito vermelhos, sangrando-lhe facilmente as gengivas. Tem falta d'appetite, sede viva, dores no epigastro, hypochondrio esquerdo e diarrhea intensa, colicas e flatulencia.

c) *Systema nervoso* — Tem constantes cephalalgias, prurido generalisado e zumbido nos ouvidos. Dorme mal, tendo de vez em quando insomnias renitentes.

d) *Apparelho urinario* — Ha pollakiuria e reacção acida nas urinas.

Nada mais de anormal se encontra.

8.ª OBSERVAÇÃO

8-4-904

HISTORIA

Florinda Perpetua, de 56 annos d'edade, casada, domestica, da freguezia de St.º Emilião, concelho da Povoa de Lanhoso.

Antecedentes hereditarios — Seu pae foi pellagroso e a mãe morreu velha. Tem uma irmã atacada de pellagra.

Antecedentes pessoaes — Até ser attingida por este mal, nunca soffreu doença alguma.

Commemorativos — Tem comido algumas vezes pão com *saibo*. Em 1890 teve uma diarrhêa que lhe durou tres mezes: a partir d'essa data nunca mais gosou saude, tendo sempre grandes perturbações digestivas. No anno de 1899 começaram-lhe a apparecer erythemas pela primavera, continuando todos os annos seguintes a apparecerem pela mesma epocha.

ESTADO ACTUAL

a) *Habito externo* — Notam-se erythemas na região dorsal das mãos, pés e faces.

b) *Apparelho digestivo* — Os labios estão gretados, seccos e descórados. A mucosa buccal e lingual, encontra-se sulcada e descorada e a lingua fendida e despapilada. A salivação é abundante e amarga. Tem sensação de queimadura no epigastro, anorexia, sede, flatulencia e constipação.

c) *Apparelho respiratorio e circulatorio* — Ha dyspnea e tosse secca. O pulso é regular.

d) *Systema nervoso* — A doente queixa-se de cephalalgia, dores e calor no rachis, irradiando para o thorax e abdomen. insomnias e sonhos extraordinarios. Tem uma sensibilidade especial para o frio, (cryesthesia, vertigens e dores nos membros inferiores). Não existe paladar.

e) *Apparelho genito-uriuario* — Segundo informações colhidas, tem grande prurido nos orgãos genitaes externos, havendo tambem erythema, leucorrhea e dysmenorrhêa.

Sente grandes ardencias na bexiga. As urinas são carregadas e as micções muito frequentes.

9.ª OBSERVAÇÃO

8-4-904

HISTORIA

Carlota Exposta, de 60 annos d'edade, viuva, domestica, natural da freguezia de Garfe, concelho da Povoa de Lanhoso.

Antecedentes pessoaes — Foi sempre muito doente, especialmente soffrendo da cabeça e peito.

Commemorativos — Desde creança que este mal a ataca. Comtudo, sómente depois d'uma queda que teve aos 16 annos, seguida d'uma abundante hemorrhagia, é que o mal se lhe aggravou, não tornando mais a gozar saude.

Tem passado privações, gostando de salgados e comendo algumas vezes pão com *saibo*.

ESTADO ACTUAL

a) *Habito externo* — Notam-se erythemas no dorso das mãos, antebraços, pés e faces.

b) *Apparelho digestivo* — Os labios estão seccos, descorados, e gretados. O mesmo acontece com a mucosa buccal. A lingua encontra-se despapillada nos bordos, sulcada e livida. Na bocca sensação de espinhos. A salivação é abundante e amarga. Ha vomitos, nauseas, queimor no epigastro, crises alternadas de constipação e diarrhea e flatulencia. Sente uma sede viva, pyrosis e bolimia. Algumas vezes tem colicas e grandes calores no abdomen.

c) *Apparelho respiratorio e circulatorio* — O pulso é fraco, regular e muito pouco frequente (60 p. por minuto).

d) *Systema nervoso* — A doente queixa-se de cephalalgias, rachialgias, dores erraticas, vertigens, sensação de espinhos nas plantas dos pés, calor nas costas subindo até á cabeça, prurido generalisado e cryesthesia. Dorme mal, tendo constantemente insomnias e sonhos extravagantes.

Encontra-se sempre triste, isolada, tendo a mania do suicidio por afogamento, que mais de uma vez tentou.

e) *Orgãos dos sentidos* — Sente zumbidos nos ouvidos, dando-lhe a constante impressão d'um carro a chiar. Ha enfraquecimento visual com diplopia.

f) *Apparelho urinario* — Tem pollakiuria, ardencia na bexiga e incontinencia urinaria. A urina é d'uma reacção acida, havendo grande deposito.

g) *Perturbações trophicas*—Súa muito, havendo amyotrophia dos membros, especialmente dos inferiores.

O reflexo do joelho encontra-se exagerado.

10.ª OBSERVAÇÃO

8-4-904

HISTORIA

Maria Pereira, de 60 annos d'edade, solteira, mendiga, natural da freguezia de S. Martinho do Campo, concelho da Povoa de Lanhoso.

Antecedentes hereditarios — Seu pae foi pellagroso, morrendo de avançada edade. Da mãe não se recorda. Tem dois irmãos pellagrosos.

Antecedentes pessoaes — Excepção feita d' uma doença que teve em creança e que não sabe explicar, foi sempre muito saudavel.

Commemorativos — Tem passado por mil privações, chegando mesmo a ter fome. Gosta de acidos e salgados, tendo por varias vezes, como facilmente se deprehende da sua situação economica, comido pão com *saibo*.

Desde muito nova é atacada d'esta doença, começando-lhe a revelar-se pelas manifestações da pelle. Ha um anno soffreu um grave transtorno na vida, pelo motivo de lhe roubarem umas economias, coincidindo isto com um resfriado que apanhou, apparecendo-lhe então perturbações digestivas e nervosas.

ESTADO ACTUAL

a) *Habito externo* — Apresenta erythemas nas mãos e pés, assim como œdemas nos membros inferiores.

b) *Apparelho digestivo* — Mucosa buccal descorada, a lingua descorada, levemente sulcada, lisa e despapillada; labios descorados e crostosos. Ha salivação abundante e insipida. Tem sêde viva, anorexia, pyrosis dores no epigastro, constipação e calor no abdomen.

c) *Apparelhos respiratorio e circuatorio* — Ha dyspnêa, tosse, e pela auscultação notam-se sarridos humidos disseminados pela parte superior do thorax. O pulso é forte e frequente (90 p. por minuto).

d) *Systema nervoso* — Sente rachialgias, cephalêas, vertigens e calor na região lombar, dando-lhe ideia de que lhe lançam agua a ferver da cinta para baixo.

Tem a sensação de ortigas nas pernas e pés, havendo tambem prurido generalisado e cryesthesia. O somno é cheio de sonhos variados, geralmente afflictivos. Apresenta-se triste, tendo frequentemente crises de lagrimas e *não a abandona a ideia do roubo.*

e) *Apparelho urinario* — Tem pollakiuria. As urinas são concentradas, d'um cheiro ammoniacal.

f) *Orgão dos sentidos* — Surdez e zunidos nos ouvidos, enfraquecimento da vista e diplopia.

11.ª OBSERVAÇÃO

8-4-904

HISTORIA

Maria da Silva, de 48 annos d'edade, casada, jornaleira, natural da freguezia de S. Martinho do Campo, concelho da Povoa de Lanhoso.

Antecedentes hereditarios — Sua mãe e avô materno foram pellagrosos. Tem 5 irmãos e um filho, estando todos atacados d'esta doença.

Antecedentes pessoaes — Não se recorda de ter tido outra doença que não fosse a actual.

Commemorativos — Tem comido muitas vezes pão com *saibo*, gostando immenso de acidos e salgados. Passa frequentemente por grandes privações, que contrastam com o extraordinario trabalho que supporta.

Desde pequena que esta doença a ataca, mas só a partir de 1901 é que ella tomou proporções alarmantes, impedindo-a de trabalhar.

ESTADO ACTUAL

a) *Habito externo* — Apresenta a pelle das mãos, pés e nariz, vermelha, aspera e escamosa.

b) *Apparelho digestivo* — Os labios e a mucosa boccal estão sulcados, sangrando ao menor attricto. A lingua está vermelha, sulcada e despapillada lateralmente.

Ha bolimia, sêde intensa, alternativas de constipação e diarrheia, dores abdominaes, mais pronunciadas no epigastro e hypochondrio esquerdo.

Pela palpação nota-se uma grande accumulação de gazes nos intestinos.

c) *Apparelhos respiratorio e circulatorio* — Ha dyspnea viva e tosse com expectoração pouco abundante, muito viscosa. Os meios d'exploração nada revellam de interessante. O pulso é pequeno e frequente (90 p. por minuto).

d) *Systema nervoso* — Tem violentas dores na cabeça, rachis e membros inferiores. Sente calores na abobada craneana, vertigens, cryesthesia e prurido. Frequentes sonhos e visões exquisitas. É d'uma melancholia grande, conservando-se quasi sempre n'um perfeito mutismo.

e) *Orgãos dos sentidos*—Tem zumbidos nos ouvidos, enfraquecimento visual, diplopia e ausencia de paladar.

f) *Apparelho genito-urinario*—Foi sempre muito irregular nas suas regras, tendo bastantes vezes leucorrhea. Tem pollakiuria, sendo as urinas quasi incolores.

Os reflexos do joelho e plantar encontram-se exaggerados.

12.ª OBSERVAÇÃO

9-4-904

HISTORIA

Maria da Silva, de 75 annos d'edade, viuva, mendiga, natural da freguezia de Santo Emilião.

Antecedentes hereditarios—Seus paes foram pellagrosos, morrendo d'essa doença, estando o pae já louco.

Tem uma irmã pellagrosa.

Antecedentes pessoaes—Em creança teve sarampo.

Commemorativos—A sua alimentação é harmonica com o seu viver e muitas vezes tem comido pão com *saibo*. Na primavera de 1903 foi subitamente atacada de perturbações diversas, caracteristicas d'esta doença, nunca mais tendo saude.

ESTADO ACTUAL

a) *Habito externo*—Na pelle das mãos e pés erythematisada, começa a descamação.

b) *Apparelho digestivo* — A mucosa da bocca, lingua e labios é descorada e golpeada. A salivação é abundante e amarga. Tem ardencia na bocca, esophago e estomago. Ha bolimia, sêde viva, alternativas de diarrheia e constipação, meteorismo e colicas.

c) *Systema nervoso* — Tem violentas cephalalgias e rachialgias, irradiando para os membros, especialmente os inferiores. Sente muito frio, tendo vertigens e insomnias. Diz ser de quando em quando impellida por uma força que a empurra violentamente para a frente, perdendo então os sentidos e cahindo desamparada.

É d'um indifferentismo extraordinario.

Está sempre melancolica e n'uma somnolencia grande. Alem do enfraquecimento visual e pollakiuria, nada mais de anormal.

13.ª OBSERVAÇÃO

9-4-904

HISTORIA

Anna Maria de Macedo, de 60 annos d'edade, solteira, domestica, natural da freguezia de Louredo, concelho da Povoa de Lanhoso.

Antecedentes hereditarios — Não se recorda de seus paes. Tem uma irmã pellagrosa.

Antecedentes pessoaes — Não dá indicações sobre o passado. Foi sempre doente, mais ou menos chlorotica.

Commemorativos — Foi sempre avida de acidos e salgados, tendo passado por muitas privações. A enfermidade começou a atacal-a desde os 17 annos, exacerbando-se-lhe na primavera e diminuindo no outomno e inverno.

ESTADO ACTUAL

a) *Habito externo* — Apresenta a pelle das mãos, pés e terço inferior das pernas, vermelha escuro, aspera e encarquilhada.

b) *Apparelho digestivo* — Os labios e a mucosa buccal estão lividos e semeados de pontos roxos. A lingua é descorada, lisa e despapillada nos bordos.

Tem nauseas, queimor no epigastro, dores no hypochondrio esquerdo e epigastro, sêde, colicas, flatulencia e diarrheia.

c) *Systema nervoso* — Diz ter calor na cabeça, vertigens, prurido, cryesthesia, formigueiros nas plantas dos pés e insomnias. É desconfiada e está n'um mutismo constante.

d) *Apparelho circulatorio* — O pulso é forte e frequente (85 p. por minuto).

e) *Orgãos dos sentidos* — Tem zunidos nos ouvidos, enfraquecimento de vista e diplopia.

f) *Apparelho uro-genital* — As micções são muito frequentes e abundantes. As urinas, claras.

Ha 15 annos que não é assistida, tendo tido até então muitas metrorrhagias e leucorrhea.

Os reflexos estão normaes.

14.ª OBSERVAÇÃO

9-4-904

HISTORIA

Maria Joaquina Coimbra, de 47 annos d'edade, casada, jornaleira, da freguezia de Louredo, concelho da Povoa de Lanhoso.

Antecedentes hereditarios — Seus paes morreram velhos, atacados de pellagra, e já em estado de demencia. Tem 4 irmãs e 1 filho atacado da mesma doença.

Antecedentes pessoaes — Foi sempre adoentada, mas nada mais se conclue.

Commemorativos — Foi sempre avida de acidos e salgados, tendo passado grandes privações e comido pão com *saibo*.

Desde creança apresenta erythemas nas mãos, sómente pela primavera. Em 1902 esta doença violentamente a impossibilitou de trabalhar.

ESTADO ACTUAL

a) *Habito externo* — A pelle das mãos e pés encontra-se vermelha, aspera, escamosa e luzidia.

b) *Apparelho digestivo* — Os labios estão seccos, gretados, cheios de crostas que ao destacarem-se fazem sangrar muito. A lingua está sulcada, vermelha e despapillada nos bordos.

A salivação é abundante e insipida.

Tem vomitos, ardencia na bocca e epigastro, inappetencia,

sêde viva, flatulencia, constipação, colicas e dores no hypocondrio esquerdo.

c) *Apparelhos circulatorio e respiratorio* — O pulso é pouco frequente (60 p. por minuto).

Ha dyspnea e tosse sem expectoração.

d) *Systema nervoso* — Padece de cephaleas, rachialgias, vertigens, formigueiros nos pés, calor na cabeça, cryesthesia, insomnias e sonhos variados.

Encontra-se n'um estado de demencia adeantada, tendo crises de desespero, chegando muitas vezes a querer suicidar-se, por afogamento.

e) *Orgãos dos sentidos* — Sente zumbidos nos ouvidos, tendo a impressão de que ouve constantemente cigarras a cantar. Tem enfraquecimento visual, moscas volantes, diplopia e daltonismo, vendo n'uns dias tudo amarello, n'outros tudo negro, etc.

d) *Apparelho uro-genital* — Pollakiuria. Sente grande ardencia nos orgãos genitaes externos, havendo leucorrhea e metrorragias. Estes soffrimentos appareceram-lhe antes da exacerbação da doença.

O reflexo do joelho está abolido.

15.ª OBSERVAÇÃO

8-4-904

HISTORIA

Anna Carneiro, de 56 annos d'edade, viuva, domestica, natural da freguezia de Louredo, concelho da Povoa de Lanhoso.

Antecedentes hereditarios — Seu pae morreu aos 70 annos, era cego e pellagroso. Sua mãe muito debil, morreu aos 52 com pellagra. Teve uma irmã que morreu tambem de pellagra.

Antecedentes pessoaes — Desde muita nova é sujeita a grandes cephalalgias. Teve aos 18 annos uma chlorose.

Commemorativos — Appareceu-lhe esta doença n'uma epocha em que a insufficiencia da alimentação constrastava com o excesso de trabalho.

N'um dia chuvoso e nevoeirento de março de 1899, foi forçada a fazer um trabalho qualquer ao ar livre, apanhando uma grande molhadella. No dia seguinte começou a sentir calefrios, dores de cabeça, febre, vertigens, insomnias, delirio e perturbações digestivas. Passados alguns dias appareceram-lhe erythemas nas mãos e pés. Desde então todos os annos pela primavera é fortemente atacada d'este mal, indo em progressivo augmento as perturbações nervosas.

ESTADO ACTUAL

a) *Habito externo* — A pelle do dorso das mãos e pés está vermelha, aspera, com descamação furfuracea.

b) *Apparelho digestivo* — Os labios encontram-se descorados, sulcados, assim como a mucosa buccal e a lingua, achando-se esta fendida e despapilada, mais nitidamente nos bordos. A salivação é abundante e insipida, sentindo uma grande ardencia na bocca e esophago. Tem nauseas, vomitos, bolimia, sêde intensa, constipação, flatulencias e colicas.

c) *Apparelho respiratorio e circulatorio*—Ha dyspnêa grande, chegando a apresentar 26 movimentos por minuto. Tosse muito, sendo a expectoração viscosa. O pulso é fraco e frequente (105 pulsações por minuto).

d) *Systema nervoso* — Tem cephalalgias, dores erraticas por todo o corpo, prurido, sensação de calor na abobada do craneo.

Tem insomnias renitentes e sonhos extravagantes. Com grande frequencia, hallucinações visuaes.

e) *Orgãos dos sentidos* — Sente zumbidos nos ouvidos, parecendo-lhe carros muito carregados a chiar. Grande enfraquecimento visual com diplopia.

f) *Apparelho uro-genital* — Ha pollakiuria, ardencia na bexiga e urethra. As urinas, carregadas, teem reacção acida, não accusando nem albumina, nem glucose.

Ha muitos annos que não é assistida, sendo até então muito irregular.

g) *Perturbações trophicas* — Súa muitissimo, especialmente de manhã no peito e cabeça. Ha amyotrophia, não muito grande, dos membros inferiores.

Os reflexos dos joelhos e plantar encontram-se exaggerados.

16.ª OBSERVAÇÃO

10-10-904

HISTORIA

Lucinda Rebello, de 63 annos d'edade, solteira, jornaleira, residente na freguezia de Louredo, concelho da Povoa de Lanhoso.

Antecedentes hereditarios — Seu pae foi pellagroso, morrendo aos 58 annos n'um perfeito estado de cachexia e loucura. A mãe foi robusta, morrendo muita velha d'uma diarrheia.

Tem uma irmã pellagrosa.

Antecedentes pessoaes — Aos 20 annos teve uma febre que a deixou por muito tempo n'um estado anemico profundo.

Commemorativos — Desde nova é sujeita a cephalalgias e diarrheias. Gosta immenso d'acidos e salgados. A sua alimentação tem sido má em quantidade e qualidade. Nunca comeu pão com *saibo*. Começou a ser atacada de erythemas nos dorsos das mãos e pés na primavera de 1884.

ESTADO ACTUAL

a) *Habito externo* — A pelle do dorso das mãos e pés está secca, escamosa e hyperpigmentada; a da face apresenta-se em parte espessa, aspera e escamosa.

b) *Apparelho digestivo* — As mucosas lingual, buccal e labial estão seccas, gretadas, achando-se a primeira despapillada.

Sente ardencia na bocca e epigastro, o que lhe provoca uma necessidade imperiosa de beber.

Tem bolimia, dores no hypochondrio esquerdo, flatulencia, diarrheia e colicas.

c) *Apparelho respiratorio e circulatorio* — Ha dyspnêa d'esforço e 105 pulsações por minuto.

d) *Systema nervoso* — Tem cephalalgias, rachialgias, dores erraticas, vertigens, sensação d'espinhos na planta dos pés, calores no rachis e abobada craneana, cryesthesia e prurido generalisado.

Tem muitas insomnias, entremeadas de sonhos extravagantes. Está n'um adeantado grau de cachexia mental, encontrando-se amnesica, desconfiada e altamente irritavel.

e) *Orgãos dos sentidos* — Tem zumbidos nos ouvidos. Ha turvação de vista.

Tem pollakiuria, essencialmente nocturna.

17.ª OBSERVAÇÃO

8-10-904

HISTORIA

Luiza Exposta, de 60 annos d'edade, solteira, serviçal, natural da freguezia de Lanhoso, concelho da Povoa de Lanhoso.

Commemorativos — Foi sempre avida de acidos e salgados, não se recordando de ter comido nunca pão com *saibo*. Todavia

na sua alimentação predominou sempre o pão de milho. Nunca passou privações, tendo sempre servido em casas abastadas. Desde ha muito que vinha soffrendo de perturbuções digestivas e nervosas, mas, somente em 1901, por occasião d'um roubo que lhe fizeram d'um pequeno peculio que destinava á velhice, é que lhe appareceram as manifestações cutaneas, aggravando-se immenso as perturbações nervosas.

ESTADO ACTUAL

a) *Habito externo* — A pelle do dorso das mãos, pés, antebraços, pernas, nariz, faces e fronte, acha-se despolida, e glabra, hyperpigmentada e rugosa.

b) *Apparelho digestivo* — Os labios, bocca e lingua estão lividos e gretados. Aquelles apresentam tambem um pontilhado roxo e a lingua está despapillada, mais nitidamente nos bordos, e é tremula.

A salivação é exaggerada e amarga, sobretudo quando come pouco.

Tem bolimia, sêde viva, pyrosis e queimor no epigastro.

Sente nauseas, havendo constipação, flatulencia e dores abdominaes.

c) *Apparelho respiratorio e circulatorio* — Ha dyspnêa violenta (30 m. por minuto) e o pulso é muito accellerado (110 por minuto). Não se procedeu á auscultação.

d) *Systema nervoso* — Sente cephaleas, rachialgias, dores erraticas, vertigens, prurido em todo o corpo, sendo mais pronunciado na planta dos pés, calor no rachis e abobada craneana, e cryesthesia.

O seu somno é agitado, tendo muitas insomnias e sonhos exquisitos, todos d'um pavor enorme, sendo mais frequentes os de roubo.

A sua marcha é indecisa, vacilante como a dos ebrios.

Encontra-se n'um estado de completa demencia.

Responde com a maior difficuldade ás perguntas que lhe fazem, sendo sempre desconnexa e incoherente no que diz.

No meio do seu mutismo solta de quando em quando palavras inintelligiveis e profundos suspiros. Nunca a abandona a ideia do roubo, tendo ás vezes allucinações grandes.

Não tem tendencias suicidas.

e) *Orgãos dos sentidos*—Tem zunidos nos ouvidos, parecendo-lhe ouvir constantemente besouros. Ha enfraquecimento visual e moscas volantes.

f) *Apparelho genito-urinario* — Pollakiuria, polyuria e incontinencia urinaria. As urinas teem reacção acida. Foi sempre irregularmente menstruada, tendo-lhe cessado as regras ha já muitos annos.

18.ª OBSERVAÇÃO

8-10-904

HISTORIA

Jeronyma Maria Guimarães, de 43 annos d'edade, solteira, jornaleira, natural da freguezia de Louredo, concelho da Povoa de Lanhoso.

Antecedentes hereditarios — Seu pae foi pellagroso, morrendo muito novo. A mãe era robusta. Tem uma irmã e uma filha atacadas d'esta doença.

Antecedentes pessoaes — Em creança teve sarampo.

Aos 17 annos teve uma chlorose que cedeu, passado um anno, depois d'um regimen mais ou menos rigoroso. Foi sempre sujeita a perturbações digestivas.

Commemorativos — Gosta immenso de acidos e salgados, comendo por varias vezes pão com *saibo*.

Começou a ser affectada d'esta doença em fevereiro de 1885, consecutivamente a uma gastrite amamentando então uma creança.

ESTADO ACTUAL

a) *Habito externo* — Apresenta erythemas e escamas amarelladas no dorso das mãos, antebraços, pés e terço inferior das pernas. Na pelle da face tambem se notam escamas d'uma coloração amarello-escura.

b) *Apparelho digestivos* — As mucosas labial, buccal e lingual estão descoradas e gretadas, sendo a ultima no sentido transversal. A lingua tambem se encontra despapillada nos bordos.

A salivação é abundante e amarga.

Tem grandes ardencias na bocca, com a sensação de que constantemente a picam.

Tem nauseas, vomitos, flatulencia e diarrhea esverdeada. Sente calores e dores por toda a região abdominal, sendo estas mais pronunciadas no epigastro e hypochondrio esquerdo.

c) *Apparelhos respiratorio e circulatorio* — Ha dyspnêa d'es-

forço e tosse secca. No coração nada se nota de anormal, sendo o pulso muito frequente (98 p. por minuto).

d) *Systema nervoso* — Tem a nossa observada cephalalgias, rachialgias, dores erraticas, vertigens, calor no rachis e cabeça, cryesthesia e prurido generalisado.

Tem sempre os pés e mãos muito frias.

Dorme mal, sendo os somnos interrompidos por insomnias e sonhos extravagantes.

Ha enfraquecimento geral, sendo mais accentuado nos membros inferiores.

e) *Orgãos dos sentidos* — Não tem paladar, sente zunidos nos ouvidos, tendo a impressão de que ouve sempre sinos a dobrar a finados.

Ha enfraquecimento visual, moscas volantes e diplopia.

f) *Apparelho genito-urinario* — Ha 4 annos que não é assistida tendo até ahi, sido muito irregular nas suas regras. As micções são abundantes e muito repetidas, sendo acida a reacção da urina.

g) *Perturbações trophicas* — Súa muito, especialmente dos peitos e dos pés.

19.ª OBSERVAÇÃO

10-10-904

HISTORIA

José Joaquim de Freitas, de 26 annos d'edade, solteiro, lavrador, da freguezia de Villela, concelho da Povoa de Lanhoso.

Antecedentes hereditarios — Seu pae morreu novo com uma diarrhea. A mãe e avô materno foram pellagrosos. Tem duas irmãs, estando uma atacada d'esta doença e a outra sendo robusta e sadia.

Antecedentes pessoaes — Foi sempre sujeita a cephalalgias e dores gastricas, *desfazendo-se estas em vento*, segundo a expressão do doente.

Commemorativos — Gosta de acidos e salgados, não comendo até então pão com *saibo*. Ha cerca de 3 annos, por occasião do fallecimento de seu pae, foi apertado de grandes ataques de diarrhea não voltando mais a ter saude.

ESTADO ACTUAL

a) *Habito externo* — Não se nota nada de anormal.

b) *Apparelho digestivo* — Os labios e a lingua estão seccos, lividos e sulcados. A salivação é abundante e insipida. Sente queimadura no epigrastro e colicas. Tem inappetencia, flatulencia e diarrhea.

c) *Apparelho respiratorio e circulatorio* — O pulso é fraco,

irregular e frequente (100 p. por minuto). Tem tosse com expectoração abundante e dyspnêa.

d) *Systema nervoso* — Tem a cabeça adormecida, sentindo dores erraticas, vertigens, queimaduras nas mãos e cryesthesia. Diz que não sente fome, mas tem uma grande fraqueza no estomago.

e) *Apparelho genito-urinario* — Sente dores nos testiculos e respectivos cordões espermaticos. Ha pollakiuria e reacção alcalina nas urinas com leve cheiro ammoniacal.

Perturbações trophicas — Está quasi sempre coberta de suores profusos.

20.ª OBSERVAÇÃO

7-10-904

HISTORIA

Anna Maria Exposta, de 69 annos d'edade, viuva, mendiga, natural da freguezia de Louredo, concelho da Povoa de Lanhoso.

Antecedentes pessoaes — Foi sempre sujeita a cephalalgias, Ha muitos annos que costuma ser atacada de erysipela da face e cabeça.

Commemorativos — Ha tres annos, pelo mez de Maio, supportando muitas privações e intemperies, começaram a appare-

cer-lhe as perturbações cutaneas, digestivas e nervosas, caracteristicas d'esta doença.

Gosta de salgados, tendo comido pão com *saibo*.

ESTADO ACTUAL

a) *Habito externo* — Apresenta na pelle das mãos, antebraços, pés e faces, ligeiros erythemas e escamas d'uma coloração amarella escura. A pelle tem o aspecto *anserino*.

b) *Apparelho digestivo* — A mucosa labial é secca, a buccal e lingual estão lividas e gretadas.

A salivação é exaggerada e d'um sabor amargo.

Sente queimor no epigastro, bolimia, sede muito viva, nauseas, vomitos, colicas, diarrhea e calor no abdomen.

Tem dores vivas no hypocondrio esquerdo.

c) *Apparelho respiratorio e circulatorio* — Ha dyspnea muito intensa e tosse secca.

A percussão nada dá de anormal. Á auscultação notam-se sibilos disseminados pela região anterior e superior do thorax.

O pulso conserva-se normal.

d) *Systema nervoso* — Tem cephalalgias violentas, dores na região lombar, dores erraticas, mais nitidas nos braços e coxas, prurido, vertigens e cryesthesia.

Sente calores por todo o corpo, mais pronunciados no rachis e parte superiór da cabeça.

Soffre de insomnias e delirio.

É desconfiada e um pouco irritavel. Já se encontra muito desmemoriada.

e) *Orgãos dos sentidos* — Não tem paladar. Sente cons-

tantes zunidos nos ouvidos. Ha notavel enfraquecimento visual do olho esquerdo, porque o direito é cego de nascimento.

f) *Apparelho genito-urinario* — Foi nos seus tempos irregularmente menstruada, tendo por varias vezes leucorrhea. Teve sempre dores no baixo ventre, irradiando para a parte interna das coxas. Ha pollakiuria.

g) *Perturbações trophicas* — Súa muito, especialmente ao deitar e levantar da cama.

21.ª OBSERVAÇÃO

9-10-904

HISTORIA

Custodia Maria Pereira, de 65 annos d'edade, casada, jornaleira, natural da freguezia de S. Martinho do Campo, concelho da Povoa de Lanhoso.

Antecedentes hereditarios — Seu pae, pellagroso, morreu velho e demente. A mãe foi sempre robusta.

Antecedentes pessoaes — Desde nova é acommettida de ataques hystericos, que constantemente se repetem com extraordinaria violencia.

Commemorativos — Não se recorda de ter comido pão com *saibo*. Em 1884, pelo mez de maio, trabalhando muito e alimentando-se mal, foi bruscamente atacada de delirio agudo, apre-

sentando logo erythemas nas mãos e diarrheia. O delirio prolongou-se por dez mezes, cessando subitamente.

ESTADO ACTUAL

a) *Habito externo* — A pelle do dorso das mãos é lisa, secca, hyperpigmentada e hypertrophiada ao nivel das articulações. A da face posterior dos antebraços apresenta escamas seccas e escuras.

b) *Apparelho digestivo* — As mucosas labial e buccal encontram-se seccas, vermelhas e gretadas, apresentando-se a lingua despapillada nos bordos, descorada e levemente sulcada.

A salivação é amarga e abundante.

Sente nauseas, pyrosis, ardencia no estomago, inapetencia, sêde, flatulencia, alternativas de diarrheia, constipação e colicas.

c) *Systema nervoso* — Ha violentas cephalalgias, rachialgias, dôres erraticas, mais nitidas nos membros inferiores, vertigens, sensação d'espinhos nas plantas dos pés, calor no rachis e abobada do craneo e cryesthesia.

Dorme muito mal, tendo frequentes insomnias e sonhos nada agradaveis.

É incoherente, irritavel e desconfiada, tendo variadas manias.

d) *Apparelho respiratorio e circulatorio* — Ha dyspnea d'esforço e o pulso é irregular e frequente (95 p. por minuto).

e) *Orgãos dos sentidos* — É surda, tendo comtudo a illusão de que pela noite ouve passaros a cantar e sinos dobrando a finados.

f) *Apparelho urinario* — Ha pollakiuria e polyuria, incontinencia urinaria e dores na bexiga.

22.ª OBSERVAÇÃO

8-10-904

HISTORIA

Custodia Maria de Barros, de 58 annos d'edade, viuva, mulher de casa, natural da freguezia de Louredo, concelho da Povoa de Lanhoso.

Antecedentes hereditarios — Pertence a uma familia de pellagrosos. Seus paes morreram d'essa doença.

Antecedentes pessoaes — Teve variola e sarampo em creança.

Commemorativos — Desde creança que lhe apparecem erythemas nas mãos. Mais tarde vieram-lhe as perturbações digestivas, sendo sómente ha 2 annos que as faculdades mentaes lhe foram atacadas, coincidindo isso com o aggravamento dos outros symptomas.

Come muitas vezes pão com *saibo*.

ESTADO ACTUAL

a) *Habito externo* — A pelle das mãos e pés encontra-se secca, lisa e hyperpigmentada.

b) *Apparelho digestivo* — Os labios e lingua estão seccos e descorados; frequentes hemorrhagias gengivaes. Tem salivação abundante e de sabor amargo. Soffre nauseas, vomitos, e alternadamente constipação e diarrheia. Á palpação sente dores no epigastro e flancos. O abdomen arde-lhe.

Ha tambem sêde intensa e bolimia.

c) *Apparelhos respiratorio e circulatorio* — Ha dyspnea (22 movimentos por minuto) e tosse com expectoração facil e abundante. O pulso bate com regularidade.

d) *Systema nervoso* — Sente cephalalgias e dores erraticas nos membros. Dorme mal, tendo sonhos extravagantes e acordando muitas vezes sobresaltada, parecendo-lhe que cahe abaixo da cama. É desconfiada, irritavel, tendo frequentes ataques hysteriformes muito demorados.

Sente calor na abobada craneana e formigueiros na planta dos pés.

e) *Orgãos dos sentidos* — Tem nos ouvidos zumbidos que a perseguem sempre. Ha enfraquecimento visual e diplopia.

f) *Apparelho genito-urinario* — Desde ha 15 annos que não é assistida. Tem pollakiuria, ardencia na bexiga e começa a apresentar indicios de incontinencia urinaria.

g) *Perturbações trophicas e reflexos tendinosos* — Ha suores abundantes e amyotrophia consideravel. Quasi todos os reflêxos se encontram exaggerados.

23.ª OBSERVAÇÃO

6-4-904

HISTORIA

João Antonio, filho da observada anteriormente, de 15 annos d'edade, creado, da freguezia de Louredo, concelho da Povoa de Lanhoso.

Antecedentes hereditarios — Vide observações anteriores.

Antecedentes pessoaes — Ha 6 annos teve variola.

Commemorativos — Desde creança que é affectado de erythemas no dorso das mãos e é sujeito a cephalalgias. Gosta muito de salgados.

ESTADO ACTUAL

a) *Habito externo* — Apresenta erythemas pouco accentuados na pelle do dorso das mãos com ligeira descamação.

b) *Apparelho digestivo* — Os labios estão gretados e crostosos; a lingua é levemente sulcada e despapillada nos bordos. A salivação é abundante e insipida.

Tem nauseas, queimor no epigastro, flatulencia, constipação e dores abdominaes.

c) *Apparelho circulatorio* — O pulso é irregular e exaggerado (90 pulsações por minuto).

d) *Systema nervoso* — Queixa-se de cephalalgias, prurido, cryesthesia, sonhos extravagantes e formigueiros nas mãos. Tem propensão para a vadiagem. É d'uma intelligencia muito acanhada.

e) *Orgãos dos sentidos* — Sente zunidos nos ouvidos, e falta de paladar.

f) *Apparelho urinario* — Tem pollakiuria; reacção acida nas urinas.

24.ª OBSERVAÇÃO

8-4-904

HISTORIA

Maria de Freitas, de 33 annos d'edade, casada, mulher de casa, natural da freguezia de Gondomar, concelho de Guimarães.

Antecedentes hereditarios — Seu pae está atacado desde ha muito da pellagra, sendo sua mãe uma anemica. Tem um irmão pellagroso e um filho de constituição muito debil.

Antecedentes pessoaes — Até á apparição d'esta doença teve sempre saude, excepção feita d'uma chlorose na epocha da puberdade.

Commemorativos — Teve sempre inclinação para comidas acidas e salgadas, saboreando com prazer enormes cebolas com sal. Diversas vezes tem comido pão de milho com *saibo*, começando a ser atacada d'esta doença no Outomno do anno anterior ao d'esta observação, coincidindo isto com a amammentação d'um filho.

ESTADO ACTUAL

a) *Habito externo* — Notam-se erythemas na região dorsal das mãos, nos antebraços e pés.

A pelle n'estas regiões está tambem gretada e levemente exfoliada, havendo formigueiros intensos nos pés.

b) *Apparelho digestivo* — Os labios estão seccos, descorados, gretados, ardentes.

A lingua apresenta-se vermelha, despapillada, sulcada, sendo a salivação abundante e insipida. A falta d'appetite é notavel, coincidindo com uma sede intensissima.

Pela palpação na região abdominal desperta-se uma dor mais nitida no lado esquerdo. O abdomen está quente. Pela percussão revela-se uma accumulação enorme de gazes nos intestinos.

Ha crises alternantes de constipação e diarrhêa.

c) *Apparelhos respiratorio e circulatorio* — Ha dyspneia e agitação do pulso que algumas vezes chega a attingir 100 por minuto.

d) *Systema nervoso* — Soffre de cephalalgias intensas, dores disseminadas irregularmente por todo o corpo, vertigens, prurido e cryesthesia.

e) *Orgãos dos sentidos* — Ha enfraquecimento na audição, nota de vez em quando a passagem d'um nevoeiro por diante dos olhos.

A) *Apparelho uro-genital* — Soffre de rachialgias e tem pollakiuria. As regras faltam-lhe ha cerca d'um anno.

25.ª OBSERVAÇÃO

8-4-904

HISTORIA

Domingos Francisco Gonçalves, exposto, 69 annos d'edade, casado, lavrador, natural da freguezia de Gondomar, concelho de Guimarães.

Antecedentes pessoaes — Em creança teve sarampo e variola; aos 22 annos, siphilis, tratando-se no hospital de Braga.

Commemorativos — Gosta muito de acidos e salgados, sendo um excellente bebedor de aguardente.

Desde ha muitos annos que soffre d'esta doença, não podendo precisar a data do inicio, nem quaes as manifestações primordiaes.

ESTADO ACTUAL

a) *Habito externo* — Notam-se erythemas tomando todo o dorso das mãos, pés e faces.

Está n'um avançadissimo periodo de cachexia, apresentando uma coloração da pelle amarello-palha.

b) *Apparelho digestivo* — Toda a região buccal se encontra gretada, apresentando-se a lingua despapillada nas bordas. Ha salivação abundante, queimor na bocca e epigastro, flatulencia, diarrheia e colicas.

c) *Apparelho respiratorio e circulatorio* — Dyspnea e bronchite chronica. Notam-se todos os symptomas d'uma myocardite, tendo o pulso os caracteres d'esta lesão.

d) *Systema nervoso* — Encontra-se immerso n'um indifferentismo enorme, com a mentalidade perfeitamente compromettida, incoherente, desmemoriado e medroso.

Queixa-se de violentas dores de cabeça e das costas. O somno é agitado, parecendo ter allucinações visuaes.

e) *Apparelho urinario* — Tem todos os symptomas do mal de Bright, inclusivé uma notavel percentagem de albumina accu-

sada pela reacção de Esbach. Ha incontinencia de urinas e ardencia na bexiga.

f) *Orgãos dos sentidos* — É durissimo de ouvido, onde diz sentir uma zoeira constante. Ha um notavel enfraquecimento visual, tendo o olhar espantado que lhe dá um aspecto singular.

g) *Perturbações trophicas* — Sua muito e nota-se uma amyotrophia generalisada enorme.

26.ª OBSERVAÇÃO

8-4-904

HISTORIA

Domingos Fernandes, de 55 annos d'edade, casado, proprietario, natural da freguezia de Santo Estevão, concelho de Guimarães.

Antecedentes hereditarios — Não se recorda de seus paes, sabendo unicamente que seu avô paterno era pellagroso.

Antecedentes pessoaes — Nunca foi saudavel, estando sempre sujeito a violentas cephalalgias e incommodos gastricos.

Commemorativos — Gostou sempre immenso de acidos e salgados. Ha approximadamente seis annos, no decorrer d'uma crise agricola, supportou innumeras privações, coincidindo com isto o apparecimento da doença que actualmente o ataca.

ESTADO ACTUAL

a) *Habito externo* — Nada se nota de anormal.

b) *Apparelho digestivo* — Os labios estão seccos, lividos e perfeitamente sulcados. A mucosa buccal é muito descorada. A lingua, ligeiramente gretada, apresenta-se despapillada. A salivação é abundantissima, sendo insipida. Sente uma ardencia grande na bocca.

Ha falta d'appetite, intensa sêde, crises alternadas de constipação e diarrheia, dores abdominaes diversamente localisadas, e meteorismo.

c) *Apparelho circulatorio e respiratorio* — Ha uma dyspnea grande, notando-se uma tosse secca não acompanhada de qualquer alteração notavel de som sentida á auscultação ou percussão.

O pulso é pequeno, irregular e pouco frequente (60 p. por minuto).

d) *Systema nervoso* — O doente soffre de cephaleas violentas, dores vagas, cryesthesia, vertigens, calor e prurido nas palmas das mãos. Apresenta-se constantemente triste, com uma indifferença enorme, fugindo algumas vezes de casa sob os mais futeis pretextos.

O seu somno é agitadissimo, com sonhos os mais extraordinarios que lhe fazem uma grande apprehensão.

e) *Apparelho uro-genital* — Queixa-se de dores violentas na região lombar, bexiga e urethra, havendo pollakiuria e polyuria. Desde ha tempos que é impotente.

f) *Orgãos dos sentidos* — Ha zumbidos nos ouvidos e fraqueza visual muito pronunciada, moscas volantes.

g) *Perturbações trophicas* — Sua muito. Ha um enfraquecimento geral especialmente dos membros inferiores, onde todos os reflexos estão abolidos.

27.ª OBSERVAÇÃO

7-4-904

HISTORIA

Manoel Joaquim Rodrigues, de 60 annos d'edade, viuvo, pedreiro, natural da freguezia de Gondomar, concelho de Guimarães.

Antecedentes hereditarios — O pae era robusto e a mãe pellagrosa.

Tem duas tias maternas e uma filha atacadas de pellagra.

Antecedentes pessoaes — Em creança teve sarampo. Aos 20 annos, uma pneumonia.

Commemorativos — Gosta de acidos, salgados e bebidas alcoolicas. Desde muito padece d'esta doença; comtudo, sómente pela primavera do anno findo é que esta se lhe exacerbou, impossibilitando-o de trabalhar.

ESTADO ACTUAL

a) *Habito externo* — Notam-se erythemas no dorso das mãos, pés e faces.

b) *Apparelho digestivo* — Os labios estão lividos e gretados; a lingua mostra-se vermelha, sulcada e despapillada nas bordas.

Tem sensação de queimadura na bocca, esophago e estomago. Sente bolimia, sêde, calor no abdomen e dores no epigastro.

Ha constipação e flatulencia.

c) *Systema nervoso* — Sente violentas dores na cabeça e espinha dorsal, sensação de espinhos nas plantas dos pés, calor na cabeça, vertigens, prurido e cryesthesia.

Queixa-se de grande frio nos pés. Na abobada do craneo tem habitualmente muito calor, mas quando apanha um *ar*, sente um frio extraordinario.

Dorme, mas tem frequentes insomnias.

d) *Apparelho respiratorio e circulatorio* — Ha dyspnea e acceleração de pulso (90 p. por minuto).

e) *Orgãos dos sentidos* — Parece ao doente que tem agua nos ouvidos. Ha enfraquecimento de vista e diplopia.

f) *Apparelho urinario* — Tem pollakiuria e ardencia na bexiga e urethra. As urinas são acidas.

28.ª OBSERVAÇÃO

9-10-904

HISTORIA

Maria Custodia de Oliveira, de 34 annos d'edade, viuva, domestica, natural da freguezia de Donino, concelho de Guimarães.

Antecedentes hereditarios — O pae morreu muito novo, ignorando por completo a causa da sua morte.

A mãe é muito robusta.

Antecedentes pessoaes — Em creança teve variola e sarampo; na epocha da puberdade uma chlorose.

Commemorativos — Em março do anno passado teve um ataque de grippe, tendo passado desde então sempre mal. A essa data amammentava um filho. Nunca teve erythemas.

ESTADO ACTUAL

a) *Habito externo* — A pelle do dorso das mãos encontra-se simplesmente com uma ligeira hyperpigmentação.

b) *Apparelho digestivo* — Os labios estão seccos, gretados, assim como a mucosa buccal e a lingua.

Tem vomitos, sensação de queimadura na bocca e epigastro, dôres irradiadas por todo o abdomen e mais nitidamente accentuadas no hypochondrio esquerdo.

Não tem appetite, soffrendo de uma sêde violenta. Constipa-se frequentemente, tendo tambem colicas.

c) *Apparelho respiratorio e circulatorio* — Ha dyspnea, tosse secca, nada revelando á auscultação.

O pulso é fraco e frequente (95 p. por minuto).

d) *Systema nervoso* — Tem cephalalgias, rachialgias, dores vagas e cryesthesia. É muito diligente no seu trabalho, conservando-se sempre n'um mutismo grande, respondendo com custo ás perguntas que lhe fazem.

e) *Apparelho genito-urinario* — Foi sempre irregularmente assistida. Desde ha seis mezes que as regras lhe faltam por completo. Tem pollakiuria, e sente violentas ardencias na bexiga. Os reflexos encontram-se exaggerados.

29.ª OBSERVAÇÃO

8-10-904

HISTORIA

Antonio José Gonçalves, de 36 annos, casado, lavrador, natural da freguezia de Gondomar, concelho de Guimarães.

Antecedentes hereditarios — O pae é pellagroso e a mãe, não tendo esta doença, é d'uma constituição muito debil. Tem uma irmã pellagrosa e 3 filhos rachiticos.

Antecedentes pessoaes — Teve febres palustres aos 16 annos e a variola aos 24. Desde creança que é sujeito a dores de cabeça e digestões demoradas (crueza de estomago).

Commemorativos — Não se recorda de ter comido pão com *saibo*, tendo comtudo passado innumeras privações.

Ha approximadamente 4 annos, pelo mez de fevereiro, n'um dos periodos mais criticos da sua vida, foi affectado de diarrhea, fraqueza geral, dores no estomago e prurido em todo o corpo.

D'ahi em diante nunca mais teve saude, até que no ultimo anno, pela primavera, lhe começaram a apparecer erythemas pelas mãos e pés.

ESTADO ACTUAL

a) *Habito externo* — Apresenta erythemas pouco nitidos no dorso das mãos, pés, terço inferior das pernas e fronte.

A pelle das mãos está descamada.

b) *Apparelho digestivo* — Os labios encontram-se quasi sempre sangrentos e sulcados. As gengivas egualmente sangram. A lingua está sulcada e despapillada nas bordas.

Tem na bocca a sensação d'espinhos, sendo a salivação amarga e muito abundante.

Ha nauseas, vomitos, pyrosis, inappetencia, flatulencia, calor no ventre, colicas e crises abundantes de diarrheia. Tem uma grande seccura interior.

c) *Apparelhos respiratorio e circulatorio* — Ha grande dyspnea (25 movimentos por minuto), tosse e expectoração esverdeada. O pulso é forte e frequente (110 p. por minuto).

d) *Systema nervoso* — Sente dores na cabeça, rachis e anaes, irradiando estas pela região perineal.

Tem calores no rachis, abobada craneana e plantas dos

pés. Ha cryesthesia, imaginando-se o doente muitas vezes com sezões. É desconfiado e irritavel, tendo manias exquisitissimas, taes como a de suppor a existencia de um bicho na barriga, que localisa no colon ascendente. *Quando ingiro qualquer alimento, o bicho trepa como um gato, miando e arranhando, vindo comer os alimentos ao estomago.* D'ahi, na sua opinião, provinha a sua fraqueza. Alem d'estas extravagancias acima referidas, o tal bicho tambem *ladrava como um cão e marrava como um carneiro.*

e) *Apparelho urinario* — Ha pollakiuria, sensação de queimor na bexiga e urethra. Começa a apparecer incontinencia urinaria.

As urinas são de aspecto normal.

f) *Orgãos dos sentidos* — Sente zumbidos nos ouvidos, parecendo-lhe de noite que andam lá dentro ninhadas de ratos. Ha um enfraquecimento visual, moscas volantes e diplopia.

30.ª OBSERVAÇÃO

HISTORIA

Francisca Rosa, de 20 annos d'edade, solteira, canneleira, natural de Santa Eulalia de Fermentões, concelho de Guimarães. Entrou no hospital a 22 de maio de 1904.

Antecedentes hereditarios — Sua mãe tambem padece da mesma molestia.

Antecedentes pessoaes — Em creança teve sarampo e varias anginas. Aos 16 annos teve uma chlorose, nunca se curando completamente d'ella.

Commemorativos — Gosta de acidos e salgados, tendo comido algumas vezes pão com *saibo*.

Diz padecer d'esta doença desde ha muitos annos. Já não trabalha ha um anno.

ESTADO ACTUAL

a) *Habito externo* — A pelle da região dorsal das mãos e punhos encontra-se aspera, hyperpigmentada e em descamação.

b) *Apparelho digestivo* — Os labios e a lingua estão vermelhos, lisos, sangrando aquelles com muita facilidade. Tem nauseas, vomitos, sêde, gastralgia e diarrheia.

c) *Apparelho respiratorio* — Tem todos os symptomas e signaes physicos d'uma tuberculose no 2.º grau, pulmão esquerdo.

d) *Systema nervoso* — Tem vertigens, dores no peito, formigueiros nas mãos e pés, insomnias e grande fraqueza.

e) *Orgãos dos sentidos* — Tem zunidos nos ouvidos e diplopia.

f) *Perturbações trophicas* — Súa abundantemente, especialmente ao deitar e levantar.

Nota — Voltamos a encontral-a no mesmo hospital no mez de outubro, não apresentando já erythema.

31.ª OBSERVAÇÃO

HISTORIA

Maria Luiza, de 51 annos d'edade, solteira, jornaleira, natural de S. Lourenço de Sande, concelho de Guimarães.

Antecedentes hereditarios — Seu pae padeceu de *figadal*, doença de que morreu, encontrando-se já em estado de demencia completa.

Commemorativos — Conhece o pão com *saibo*, saboreando-o com grande prazer. Ha annos que soffre d'esta doença. Actualmente não trabalha.

ESTADO ACTUAL

1.º Exame *(Primavera)*.

a) *Habito externo* — A pelle das mãos e pés, fronte e antebraços, encontra-se hyperpigmentada, com leve descamação.

b) *Apparelho digestivo* — Os labios estão lividos e seccos; a lingua está gretada e despapillada nas bordas. Tem azia, dores no epigastro e hypochondrio esquerdo, nauseas e constipação.

c) *Systema nervoso* — Tem cephalalgias, vertigens, sonhos extravagantes, formigueiros nas plantas dos pés e cryesthesia. Ha cachexia mental, indifferentismo e mutismo. Tem grande fraqueza muscular.

d) *Apparelho visual* — Ha enfraquecimento da vista, sensações de moscas volantes e zumbidos nos ouvidos.

2.º Exame *(Outubro)*.

e) *Habito externo* — A pelle está vermelha, havendo sufusões sanguineas nas mãos e pés.

f) *Apparelho digestivo* — Os labios estão lividos, listrados de rôxo. A lingua está sulcada transversalmente e despapillada. Ha salivação abundante e amarga; nauseas e diarrheia intensa.

g) *Systema nervoso* — Tem cephalalgias, rachialgias e dores erraticas, mais nitidas nos membros inferiores. Dorme muito pouco, sendo o somno agitadissimo. Sente frio nas plantas dos pés e nas mãos. O estado psychico encontra-se mais ou menos como na occasião do 1.º exame.

h) *Orgãos dos sentidos* — Encontram-se no mesmo estado.

i) *Apparelho uro-genital* — Tem pollakiuria e diz ter sido sempre muito irregularmente assistida.

32.ª OBSERVAÇÃO

HISTORIA

Manuel José da Silva, de 60 annos, viuvo, pedreiro, natural de S. Torquato, concelho de Guimarães.

Antecedentes hereditarios — Seu pae morreu de pellagra. Tem uma filha que padece da mesma doença.

Commemorativos — Come com muito agrado o pão com *saibo*. As suas refeições são invariavelmente de caldo, pão de

milho e raras vezes sardinhas e bacalhau. Esta doença já lhe appareceu ha muitos annos, mas só ha quatro se lhe aggravou mais.

ESTADO ACTUAL

a) *Habito externo* — A pelle das mãos, pés e face, é anserina, lisa e sem pellos.

b) *Apparelho digestivo* — Os labios estão lividos, com pontuações negras; a lingua está secca e desnudada nas bordas. Tem azia, dores no abdomen, nauseas e alternadamente constipação e diarrheia.

c) *Systema nervoso* — Sente formigueiros na planta dos pés, cryesthesia, dores de cabeça e rachis, vertigens e insomnias. É desconfiado e irritavel.

d) *Orgãos dos sentidos* — Tem zumbidos nos ouvidos, parecendo carros a chiar. Ha enfraquecimento visual e moscas volantes.

e) *Apparelho urinario* — Ha pollakiuria, especialmente nocturna. As micções são difficeis, sendo a urina muito descorada.

33.ª OBSERVAÇÃO

30-7-904

HISTORIA

Anna Maria, de 70 annos, solteira, mendiga, da freguezia de Creixomil, concelho de Guimarães.

Nada ha de anormal nos antecedentes pessoaes e hereditarios da nossa observada.

Commemorativos — Como mendiga que é, tem-se alimentado miseravelmente, recordando-se de ter comido pão com *saibo*. Desde ha muitos annos que este mal lhe appareceu, começando pelas manifestações cutaneas.

ESTADO ACTUAL

a) *Habito externo* — A pelle das mãos e pés acha-se hyperpigmentada, apresentando levissimos signaes de erythema, vermelhidão e tumefacção.

b) *Apparelho digestivo* — Os labios estão seccos e lividos; a lingua está desnudada e gretada transversalmente.

Tem ardencia na bocca e estomago, sede, inappetencia, nauseas, dores no epigastro, colicas e constipações.

c) *Systema nervoso* — Padece de cephalalgias frontaes, rachialgias, vertigens, insomnias, enfraquecimento geral, formigueiros nas plantas dos pés e sonhos extravagantes. É irritavel.

d) *Orgãos dos sentidos* — Ha enfraquecimento da audição; sente tambem zumbidos nos ouvidos, tendo a impressão de que está *ouvindo uma salvé rainha*.

Nada mais se acha de anormal.

34.ª OBSERVAÇÃO

25-8-904

HISTORIA

Rosa Mendes, de 50 annos d'edade, solteira, domestica, natural da freguezia de S. Jorge de Selhe, concelho de Guimarães.

Como se encontra n'um estado de adeantada decadencia mental, só podemos saber que nunca comeu pão com *saibo*, nada respondendo sobre filiação, principio da doença, etc.

ESTADO ACTUAL

a) *Habito externo* — A pelle das mãos e pés encontra-se hyperpigmentada e em descamação.

b) *Apparelho digestivo* — Os labios e lingua estão lividos, desnudados e gretados. Tem queimor no epigastro e diarrheia.

c) *Systema nervoso* — Tem cephaleas frontaes, formigueiros nas plantas dos pés, prurido, vertigens e insomnias. Apresenta uma hemiplegia esquerda. Está n'um estado de abatimento moral e intellectual grande, nada pedindo, nem fallando com ninguem.

d) *Orgãos dos sentidos* — Sente zumbidos nos ouvidos, tendo enfraquecimento visual, moscas volantes e diplopia.

e) *Apparelho urinario* — Ha pollakiuria e cystite.

f) *Perturbações trophicas* — Súa abundantemente.

35.ª OBSERVAÇÃO

8-10-904

HISTORIA

Domingos Gonçalves, de 50 annos d'edade, casado, caseiro, natural da freguezia de Santo Estevão, concelho de Guimarães.

Antecedentes hereditarios — O pae era robusto; a mãe morreu atacada de pellagra, com grande decadencia mental.

Commemorativos — Gostou sempre de acidos e salgados. Gosou sempre excellente saude até ao principio do verão do ultimo anno, epocha em que lhe appareceu esta doença.

ESTADO ACTUAL

a) *Habito externo* — Nada se nota de anormal.

b) *Apparelho digestivo* — Os labios estão seccos e muito descorados. As mucosas buccal e lingual, egualmente seccas, estão gretadas, apresentando-se, esta ultima, despapillada. Ha exaggero de salivação e amargor na bocca. Tem inappetencia, sêde, flatulencia, dores gastricas, diarrheia e calor no abdomen.

c) *Apparelho respiratorio* — Ha dyspnea e tosse.

d) *Systema nervoso* — Queixa-se de rachialgias, vertigens, cryesthesia, sonhos extravagantes e insomnias.

e) *Orgãos dos sentidos* — Tem zumbidos nos ouvidos e enfraquecimento visual.

f) *Apparelho urinario* — Sente ardencia na bexiga; ha pollakiuria e as urinas são muito carregadas.

36.ª OBSERVAÇÃO

8-4-904

HISTORIA

Marianna Machado Mendes, de 50 annos, casada, natural da freguezia de Leitões, concelho de Guimarães.

Antecedentes hereditarios — Seus paes morreram velhos, ignorando-se a causa da morte. Tem um irmão pellagroso.

Commemorativos — Gosta de salgados e já comeu pão com *saibo*. Esta doença começou-lhe, ha annos, por manifestações cutaneas e digestivas.

ESTADO ACTUAL

a) *Habito externo* — Apresenta erythemas nas mãos e no nariz.

b) *Apparelho digestivo* — A lingua, labios e mucosa buccal estão vermelhas, havendo suffusões sanguineas.

Tem fastio, sêde, sensação de fogo na lingua, azia e alternativas de constipação e diarrheia.

c) *Systema nervoso* — Sente cansaço, tristeza, mal estar indefinivel e permanente, dores erraticas, de cabeça, do rachis, vertigens, tremor e formigueiros nas mãos e pés.

Ha graves perturbações intellectuaes, tendo accessos de mania aguda, que a levam a fugir de casa.

d) *Orgãos dos sentidos* — Sente zunidos nos ouvidos e tem diplopia.

e) *Outros apparelhos* — O pulso é lento (60 p. por minuto).

Tem pollakiuria e ha já muito que não é assistida.

37.ª OBSERVAÇÃO

8-4-904

HISTORIA

Manoel Joaquim Alves, de 8 annos d'edade, jornaleiro, de S. Claudio, concelho de Guimarães.

Antecedentes — Seus paes são saudaveis.

Ha 3 annos teve sarampo.

Commemorativos — Gosta de salgados e já comeu pão com *saibo*. Foi pela primavera do ultimo anno que esta doença o começou a atacar, depois de ter apanhado uma grande soalheira.

ESTADO ACTUAL

a) *Habito externo* — Apresenta um erythema primario nas mãos, e manchas vermelhas no dorso do nariz e faces.

b) *Apparelho digestivo* — Os labios e lingua estão seccos, descorados e gretados. Nada mais de anormal.

c) *Systema nervoso* — Nada se observa de apreciavel.

d) *Apparelho circulatorio* — Pela auscultação revela-se uma insufficiencia mitral. Notam-se œdemas nos membros inferiores.

e) *Apparelho urinario* — Ha oliguria, sendo as urinas muito carregadas.

38.ª OBSERVAÇÃO

15-5-904

HISTORIA

José da Fonte, de 80 annos d'edade, viuvo, pedreiro, hespanhol, residente desde ha muito em Guimarães, freguezia de N. Senhora da Oliveira.

Antecedentes hereditarios — Diz que seu pae tinha a mesma *doença de pelle* que elle.

Commemorativos — Ha um anno, sem motivo algum, appareceu-lhe esta doença; melhorou no outomno e inverno, mas por ter peiorado agora foi obrigado a recolher-se ao hospital.

ESTADO ACTUAL

a) *Habito externo* — A pelle encontra-se secca, rugosa, hyperpigmentada e em descamação nas mãos, pés, pescoço e nariz.

b) *Apparelho digestivo* — Os labios estão seccos e lividos.

A lingua apresenta-se saburrosa, sentindo amargor na bocca. Tem dores no epigastro, pyrosis, nauseas, constipação e flatulencia.

c) *Apparelho respiratorio* — Ha uma bronchite chronica, datando já de ha muitos annos.

d) *Systema nervoso* — Tem dores de cabeça, vertigens, insomnias e cryesthesia.

Ha uma anesthesia da parte externa dos antebraços e pernas. Tem parelysia dos membros superiores e inferiores, e fraqueza muscular geral.

É desmemoriado e desconfiado.

e) *Apparelho visual e auditivo* — É ligeiramente surdo, sentindo nos ouvidos constantes zunidos.

Ha enfraquecimento visual e diploplia.

39.ª OBSERVAÇÃO

HISTORIA

José de Freitas, de 65 annos d'edade, solteiro, residente na freguezia de Fermentões, concelho de Guimarães.

Nada ha de anormal nos antecedentes hereditarios e pessoaes.

Commemorativos — Desde ha muito que é atacado d'esta doença, aggravando-se-lhe na primavera e melhorando nos mezes do frio. Ha um anno, porém, é que lhe appareceram erythemas e os principaes symptomas nervosos.

ESTADO ACTUAL

a) *Habito externo* — A pel'e está vermelha, aspera e em descamação nos antebraços, mãos e pernas.

b) *Apparelho digestivo* — Os labios estão lividos com pontuações roxas. A lingua encontra-se vermelha, lisa e desnudada.

Sente queimores na bocca e epigastro, assim como dores n'esta ultima região e no hypochondrio esquerdo.

Ha crises alternadas de constipação e diarrhêa.

c) *Systema nervoso* — Sente cephalalgias, rachialgias e dores vagas. Dorme mal, tendo ou insomnias ou sonhos extravagantes. Soffre de vertigens.

Ha um grande enfraquecimento intellectual.

d) *Orgãos dos sentidos* — Ha surdez e zumbidos nos ouvidos. Tem uma cataracta no olho esquerdo.

40.ª OBSERVAÇÃO

15-5-904

HISTORIA

Bernardino d'Almeida, de 60 annos d'edade, casado, pedreiro, natural da freguezia de S. Martinho de Candosa, concelho de Guimarães.

Tudo o que diz relativamente a antecedentes é incoherente.

Commemorativos — Começou a apparecer-lhe o mal na primavera de 1903, accusando hoje graves perturbações nervosas. Não bebe vinho.

ESTADO ACTUAL

a) *Habito externo* — Apresenta um erythema dos mais nitidos nas mãos e pés.

b) *Apparelho digestivo* — Os labios estão seccos, pallidos e gretados. O mesmo se dá com a mucosa buccal e a lingua,

achando-se esta despapillada. Não tem fastio, mas consecutivamente ás refeições sente um grande peso no estomago. Accusa regorgitações acidas e prisão de ventre.

c) *Apparelho circulatorio* — O pulso é irregular e frequente (90 p. por minuto).

d) *Systema nervoso* — Sente-se abatido, sem forças, faltam-lhe as ideias; tem dores de cabeça, vertigens, queimor nas mãos e pés, insomnias e sonhos extravagantes.

Accusa muita fraqueza nas pernas; costuma ter caimbras na perna direita.

As suas manifestações mentaes apresentam-se n'um estado muito adiantado de demencia; é incoherente e tem delirio persecutorio.

Veio para o Porto, enviado pelo Dr. Meira para ser observado pelo prof. Alfredo Magalhães. Foi em casa d'este prof. que observei o doente. Durante todo o tempo, dous dias, que esteve aqui, nunca sahiu do quarto, a despeito das maiores instancias para que fosse passear para o jardim. Respondia com difficuldade, recusou os alimentos e, suspeitoso de tudo, prezo da mania persistente que, no meio de phrases desconnexas, sobrenadava sempre, dizia: «O dr. Meira mandou-me para o Porto depois de me ter dado a *bola*, porque em Guimarães já não ha *Campo* santo para mim». Nunca largava uma pequena sacca que trazia com pão de milho e, pertinaz na recusa de alimentos, desconfiando que o quizessem envenenar, recusou alimentar-se a despeito das solicitações de um seu companheiro, pellagroso, como elle vindo de Guimarães. Apresenta-se succumbido por profunda tristeza que, por vezes irrompe n'uma crise de choro. Não conseguiram todos os cuidados attenuar a desconfiança ou

quebrar-lhe a mania e, na terceira noite, fugiu sem que ninguem desse pela fuga, nem mesmo o companheiro que dormia no mesmo quarto. Não se esqueceu todavia de levar um pouco de dinheiro em cobre que elle mesmo tinha posto em cima d'uma meza. Alguns dias depois soubemos que fôra encontrado em Guimarães.

e) *Orgãos dos sentidos* — Sente zumbidos nos ouvidos e tem diploplia.

f) *Apparelho urinario* — Tem pollakiuria, sendo as urinas quasi incolores.

41.ª OBSERVAÇÃO

4-4-904

HISTORIA

M. C. O., de 55 annos d'edade, solteiro, trabalhador de campo, natural de Chorente, concelho de Barcellos.

Antecedentes hereditarios — De seus paes nada consta de extraordinario. Um tio materno morreu doudo, tendo-se fechado n'um quarto, d'onde nunca mais sahiu. Eram 7 irmãos: 4 morreram tuberculosos e um endoideceu aos 22 annos, tendo ataques furiosos e apparecendo morto um anno mais tarde.

Commemorativos — Abusou muito de vinho e aguardente, embriagando-se por vezes. Ha 12 annos que lhe appareceu uma vermelhidão na face dorsal das mãos e em seguida nos pés, apresentando mais tarde descamação furfuracea.

ESTADO ACTUAL

Habito externo—A pelle da região dorsal das mãos, pés e parte inferior das pernas está vermelha, luzidia e escamosa.

a) Apresenta œdemas nos membros inferiores.

b) *Apparelho digestivo* — A mucosa buccal é ischemiada, apresentando manchas violaceas. A lingua acha-se descorada, despapillada e fendida.

Tem bolimia, sede, ardor na bocca e no epigastro, nauseas, flatulencia e diarrheia. Padece de hemorrhoidas.

c) *Apparelho respiratorio e circulatorio*—Ha dyspnea intensa com tosse secca.

A auscultação dos focos cardiacos revela-nos uma lesão do orificio mitral.

O pulso está de harmonia com esta lesão.

d) *Systema nervoso*—Queixa-se de cephalalgias frontaes e dores na columna vertebral.

Tem difficuldade no fallar, incoordenação de ideias e amnesia. De vez em quando sente vertigens que o fazem cahir, sendo sempre a sua marcha vacillante.

Ha fraqueza muscular grande, contrastando com a sua antiga robustez. Tem accessos delirantes, entre os quaes alguns são curiosos; deita-se no chão, berrando muito, deglutindo com força e apertando com violencia a garganta; explica que a comida quer vir de baixo para cima, e forceja por impedil-o. Outras vezes brada desesperadamente «*aqui d'el-rei*», *que as pulgas e os piolhos querem-me comer!* Frequentemente apparece curvado, de cocoras; e extenuado e coberto de suor, grita: *Por amor de Deus tirem-me este tonel que tenho ás costas!*

Notas—Tornamos a observal-o em Julho e Outubro, estando melhor das manifestações cutaneas e peior progressivamente das alterações mentaes.

42.ª OBSERVAÇÃO

5-4-904

HISTORIA

A., de 60 annos d'edade, viuva, moleira, natural de Ponte de Lima, residente em Tamel, concelho de Barcellos.

Aos 23 annos veio para Tamel onde casou. Passados 3 annos appareceu-lhe esta doença pelas manifestações cutaneas, seguindo-se-lhe immediatamente as digestivas. Sómente mais tarde, coincidindo com o aggravamento d'estas ultimas, lhe appareceram perturbações mentaes. Não se recorda de antepassados. Tem cinco filhos, quatro masculinos e um feminino. Um dos rapazes tem a mania da perseguição, outro soffre de mal de Pott lombar; a filha queixa-se de graves pertubações gastricas, parecendo-me ser portadora d'uma tuberculose incipiente.

ESTADO ACTUAL

a) *Habito externo*—A pelle das regiões dorsaes das mãos, antebraços, terço inferior das pernas, pés, fronte e face está erythematisada, coberta de escamas n'umas partes e rugosa nas outras.

b) *Apparelho digestivo*—Os labios estão seccos, cobertos de escamas que ao destacarem-se deixam sangrar muito. A lingua está vermelha, sulcada transversalmente e despapillada nas bordas.

Parece-lhe ter *picos* na bocca e estomago, tendo muita sede, anorexia, dores no hypochondrio esquerdo, calor abdominal, meteorismo e diarrheia, parecendo mesmo haver incontinencia de fezes.

c) *Systema nervoso*—Diz ter dores de cabeça, rachialgias, vertigens, cryesthesia, prurido, sonhos extraordinarios e insomnias. Está muito atacada mentalmente, guardando sempre o maior silencio, conservando-se triste e desconfiada. Tem a mania persecutoria.

d) *Orgãos dos sentidos*—Sente zumbido nos ouvidos e tem enfraquecimento visual com diplopia.

e) *Outros apparelhos*—Ha dyspnea, acceleração de pulso e pollakiuria.

Já ha muitos annos não é assistida.

43.ª OBSERVAÇÃO

5-4-904

HISTORIA

Maria Fernandes, de 35 annos d'edade, casada, vendedora de cebolas, natural de Barcellos.

Antecedentes hereditarios—A mãe morreu de pellagra. Tem

dois tios maternos que egualmente padecem da mesma doença. Uma tia paterna esteve louca durante 5 annos, tendo a megalomania erotica. Uma sua prima tambem esteve louca durante um mez, sem ter nenhuma perturbação cutanea.

Commemorativos—Ha cerca de dois annos, pelo principio de março, começaram-lhe a apparecer erythemas pelas mãos e pés, acompanhados de perturbações digestivas.

O seu alimento principal é o pão de milho.

ESTADO ACTUAL

a) *Habito externo*—A pelle das mãos, pés e face está vermelha e luzidia, tendo escamas amarelladas.

b) *Apparelho digestivo*—Os labios apresentam-se gretados, cheios de suffusões sanguineas. A lingua está secca, sulcada transversalmente e despapillada.

Tem falta de appetite, sede, nauseas e constipação.

c) *Systema nervoso*—Soffre de violentas dores de cabeça, do rachis e dos membros inferiores.

É muito loquaz, parecendo-me de juizo normal, porém as vizinhas disseram que ella era d'um genio diabolico, tendo verdeiras furias.

Dorme mal, tendo muitas insomias.

d) *Outros apparelhos*—O pulso está forte e frequente (100 pulsações por minuto). As micções são muito abundantes, tendo as urinas reacção acida.

É irregularmente menstruada.

44.ª OBSERVAÇÃO

5-4-904

HISTORIA

Anna Eusebia, de 65 annos d'edade, solteira, serviçal, natural da freguezia de Durvães, concelho de Barcellos.

Entrada no hospital a 25 de março de 1904.

Antecedentes hereditarios — Sómente se recorda de ter uma tia materna que morreu de *figadal.*

Antecedentes pessoaes — Aos 10 annos teve sarampo e aos 21 uma pneumonia.

Commemorativos — Indo ha cinco annos servir para uma casa, ahi por varias vezes comeu pão com *saibo.* No anno seguinte appareceu-lhe esta doença com as manifestações cutaneas e digestivas, seguindo-se-lhe mais tarde as nervosas.

ESTADO ACTUAL

a) *Habito externo* — Apresenta um nitido erythema pellagroso desde o punho até ás primeiras articulações inter-phalangianas. Tem œdemas nas pernas.

b) *Apparelho digestivo* — Os labios e lingua estão seccos, gretados, com pontos rôxos. Tem salivação exaggerada e insipida. Inappetencia, sêde, ardencia na bocca, dores no estomago e figado, colicas e constipação renitente.

c) *Systema nervoso* — Soffre de cephalalgias, rachialgias, dores vagas, vertigens, insomnias, cryesthesia e prurido generalisado. Falla pouco, estando sempre muito triste.

d) *Apparelho urinario* — Tem pollakiuria, ardor na bexiga, sendo as urinas alcalinas, de cheiro ammoniacal.

e) *Complicações* — Ha bronchite chronica e lesão cardiaca muito adeantada.

Nota — Está tomando digitalis, agua de Loeches e arrhenal, parecendo melhorar um pouco.

45.ª OBSERVAÇÃO

22-5-904

HISTORIA

João da Silva, filho de Antonio José da Silva e de Maria Thereza, de 73 annos d'edade, viuvo, jornaleiro, natural e residente no logar de Pereira, concelho de Barcellos.

Antecedentes hereditarios e pessoaes — Devido á sua actual amnesia, de nada se recorda.

Commemorativos — Gosta muito de acidos e salgados, tendo por varias vezes comido pão de milho com *saibo*. Não póde precisar a data do apparecimento dos erythemas, sabendo comtudo que já foi ha muitos annos.

ESTADO ACTUAL

a) *Habito externo* — A pelle das mãos, pés e faces encontra-se coberta de erythemas e escamas furfuraceas.

b) *Apparelho digestivo* — Os labios estão seccos, gretados e descorados. A lingua, livida e sulcada no sentido transversal, apresenta uma despapillação nos bordos.

Tem grande queimor na bocca, sentindo violenta sêde, inappetencia e nauseas. O abdomen está muito quente, accusando, á pressão, dores no epigastro e hypochondrio esquerdo. Tem alternativas de diarrheia e constipação.

c) *Apparelho respiratorio e circulatorio* — Ha dyspnea, tosse e expectoração de manhã.

Nota-se uma myocardite muito adeantada. O pulso é fraco e pouco frequente (60 p. por minuto).

d) *Systema nervoso* — Queixa-se de cephalalgias, dores lombares, cryesthesia, frio e formigueiro nos pés, prurido, vertigens e insomnias. Está completamente desmemoriado, soltando por vezes palavras incoherentes, mergulhando logo n'um mutismo e profundo abatimento.

e) *Orgãos dos sentidos* — Ha surdez, enfraquecimento visual e moscas volantes.

f) *Apparelho urinario* — Tem pollakiuria, incontinencia urinaria e alcalinidade ammoniacal.

46.ª OBSERVAÇÃO

4-4-904

HISTORIA

M. T. C., de 45 annos d'edade, viuva, mendiga, natural de Mastim, concelho de Barcellos.

Entrou no hospital d'esta terra em 25 de março de 1904.

Antecedentes hereditarios — Seu pae morreu velho, diz ella, d'uma suffocação. Quanto aos outros parentes não recorda a causa da morte, affirmando porem que nenhum padecia de *figadal.*

Commemorativos — Durante a sua juventude andou de terra em terra, passando mil privações, despresada por todos e comendo sómente caldo e pão milho. Comtudo foi sempre muito saudavel até aos 30 annos, epocha em que, consecutivamente a grandes privações e muitas cargas de sol, lhe appareceu a pellagra por manifestações cutaneas bastante violentas. Estas manifestações tomaram proporções enormes, parecendo comtudo que se vão minorando, tanto que actualmente, em pleno mez de abril, ellas são relativamente pouco importantes. Coincidiu com isto o apparecimento das perturbações digestivas e o inicio das cerebraes.

ESTADO ACTUAL

a) *Habito externo* — A pelle da região dorsal das mãos é ligeiramente erythematisada, apresentando descamação em lamelas e furfuraceas. A epiderme ao nivel das articulações digi-

taes está hypertrophiada e hyperpigmentada. Notam-se œdemas nitidamente pronunciados nos membros inferiores.

b) *Apparelho digestivo* — Os labios e bordas da lingua estão gretados. Sente uma sêde ardente e come com sofireguidão. Tem actualmente nauseas, vomitos, pyrosis, dôr no epigastro e hypochondrio esquerdo, calores no baixo ventre, colicas e grande diarrheia.

c) *Apparelho respiratorio e circulatorio* — Ha dyspnea, e á auscultação ouvem-se sarridos finos nas bases dos pulmões.

d) *Systema nervoso* — Queixa-se de cephalalgias e dores erraticas. Dorme com agitação, dizendo ter sonhos exquisitos mas agradaveis. Conserva-se durante muito tempo n'um mutismo grande, estando melancholica e pensativa. Disse-nos que gostava da vida errante que levava, sentindo-se ali mal, apesar de se alimentar bem, ao passo que lá fóra só a esperava a fome. Nunca teve saudades da familia.

e) *Apparelho genito-urinario* — Desde ha pouco que não é assistida. Teve em tempo abundantes metrorrhagias. Soffre de pollakiuria, especialmente nocturna. As urinas são muito carregadas.

Nota — Tomou digitalis que lhe regularisou e tonificou o coração. Actualmente toma o licor de Fowler.

47.ª OBSERVAÇÃO

9-4-904

HISTORIA

Carolina Rosa, de 39 annos d'idade, casada, lavradeira, natural de Codesal, freguezia de Paredes de Coura.

Antecedentes pessoaes — Desde pequena que tem molestia de pelle, tendo ido a caldas e a banhos do rio. Ha quatro annos teve caimbras de sangue.

Antecedentes hereditarios — Os irmãos teem a mesma doença.

Commemorativos — Alimenta-se de carne e pão milho. O seu padecimento aggrava-se quando se encontra no estado de prenhez.

ESTADO ACTUAL

a) *Habito externo* — Ha um erythema bastante generalisado, edematoso, com uma placa congestiva no lado esquerdo, apanhando a face, nariz e por baixo da palpebra. A pelle das mãos e braços apresentam uma descamação furfuracea e com placas hyperpigmentadas. Identicas exfoliações, diz a doente, teve por todo o corpo e mais accentuadamente no peito.

b) *Apparelho digestivo* — Os labios estão gretados e semeados de vesiculas. A lingua é secca, despapillada e sulcada.

Tem sêde, anorexia, gastralgias e diarrhêa.

c) *Systema nervoso* — Está constantemente sujeita a cephalêas, rachialgias, dôres erraticas e vertigens.

Dá uma explicação interessante sobre o apparecimento d'esta doença.

Na sua opinião isto é causado *por um ar de defuncto, devido a ter conservado na bocca uma thesoura e um pente com que tocou no cadaver de sua sogra.*

48.ª OBSERVAÇÃO

14-4-904

HISTORIA

Rosa Joaquina, de 60 annos d'edade, viuva, mendiga, natural de Ferreira, concelho de Paredes de Coura.

Entrada no hospital a 9-4-904.

Commemorativos — Diz que é o primeiro anno que esta doença lhe apparece, mas isto parece pouco provavel, attendendo á grande violencia dos symptomas. Tem passado innumeras privações, gostando de acidos e salgados e tendo comido, por varias vezes, pão com *saibo*.

ESTADO ACTUAL

a) *Habito externo* — Apresenta erythema na face dorsal das mãos e pés. Na face palmar das mãos notam-se fendas profundas e nos sulcos das articulações phalangiannas.

Veem-se tambem pequenas feridas na parte externa da perna e côxa direita.

b) *Apparelho digestivo* — Os labios veem-se cheios de pontilhados roxos, sangrando muito. A lingua está fendilhada e despapillada.

Tem diarrhêa intensa, nauseas e flatulencia.

Parece haver incontinencia fecal.

c) *Systema nervoso* — Tem cephalalgias, vertigens, calores e ardencia por todo o corpo, prurido e insomnias. Está n'um delirio, agudo.

d) *Apparelho uro-genital* — Tem pollakiuria e ardencia na bexiga. É portadora d'um prolapso extensivo, com descamação furfuracea.

Notas — Esteve tomando uma solução de cacodylato de sodio e sub-nitrato de bismutho com benzo-naphtol.

No dia 1 de maio sahiu do hospital com a nota de curada (?).

49.ª OBSERVAÇÃO

14-4-904

HISTORIA

Maria da Cunha, de 54 annos, solteira, jornaleira, natural de Rezende, concelho de Paredes de Coura.

Entrou no hospital a 12 de abril de 1904.

Commemorativos — Ha 15 annos que padece d'esta doença, tendo-lhe começado pelas manifestações cutaneas, que, no dizer da observada, só lhe appareciam com o sol da primavera. Gosta de salgados e come pão com *saibo*.

ESTADO ACTUAL

a) *Habito externo* — A pelle das mãos, pé e terço inferior das pernas está vermelha, cheia de escamas, que se destacam com facilidade. As unhas encontram-se hypertrophiadas.

b) *Apparelho digestivo* — Os labios e lingua acham-se fendilhados, seccos e fuliginosos.

Tem muita sêde, inappetencia, dôres abdominaes e intensa diarrhêa.

c) *Systema nervoso* — Queixa-se de cephalalgias, prurido, syncopes, enfraquecimento geral, cryesthesia e sonhos pavorosos. Vive n'um adeantado estado de idiotia, sendo quasi sempre incoherente nas suas razões e palavras. Não apresenta, comtudo, nenhuma mania fixa e digna de nota.

d) *Orgãos dos sentidos* — Sente zumbidos nos ouvidos e apresenta uma dacryocystite com blepharite cilio-glandular d'ambos os olhos.

Nota — Tomou cacodylato de sodio e sub-nitrato de bismutho, não lhe produzindo aquelle grande resultado.

Pensava-se em applicar-lhe os ferruginosos, attendendo ao intenso grau de anemia em que se encontrava, não se conseguindo isto, porque no dia 1-5-904, pediu com insistencia alta para dar logar a uma irmã que, na sua opinião, precisava mais do que ella.

50.ª OBSERVAÇÃO

8-4-904

HISTORIA

Luzia da Cunha, de 50 annos, solteira, jornaleira, natural de Rezende, concelho de Paredes de Coura.

Entrou no hospital a 2 de maio de 1904.

Devido ao seu estado de adeantada loucura nada se pôde saber da historia da sua doença.

ESTADO ACTUAL

a) *Habito externo* — A pelle do dorso das mãos e pés encontra-se vermelha, anserina e lusidia.

b) *Apparelho digestivo* — Os labios estão seccos, escamosos e fendilhados, sangrando facilmente.

A lingua, ennegrecida e fuliginosa, acha-se despapillada nas bordas. Apresenta uma stomatite, salivando com abundancia.

Tem muita sêde, fastio, ardencias em toda a parte superior do apparelho digestivo, nauseas, dôres e calores abdominaes, flatulencia e diarrhêa. Ha incontinencia fecal.

c) *Systema nervoso* — Vive n'um completo estado de loucura furiosa. O dormir é agitadissimo, soltando constantemente palavras desconnexas e gritos agudos. Insurge-se contra todo o pessoal, não se submettendo de modo algum ás prescripções do facultativo.

Poucos dias depois da sua entrada no hospital, fugiu em ca-

misa, sendo agarrada á porta onde teve uma violenta altercação, chegando a aggredir algum pessoal. Attendendo á inutilidade da sua estada n'aquella casa e á insistencia com que queria sahir, teve immediatamente alta.

d) *Apparelho uro-genital* — As micções são pouco abundantes e muito frequentes, havendo incontinencia urinaria.

e) *Perturbações trophicas* — De noite está sempre coberta de suores, havendo amyotrophia dos membros.

51.ª OBSERVAÇÃO

HISTORIA

Fructuoso Exposto, de 58 annos d'edade, casado, jornaleiro, natural de Armil, concelho de Fafe.

Antecedentes hereditarios — O pae morreu demente atacado de pellagra. De sua mãe não se recorda.

Antecedentes pessoaes — Em creança teve variola. Aos 20 annos teve febres palustres que o deixaram n'um estado de anemia intensa.

Commemorativos — Diz, isto é pouco verosomil, que só agora deu por esta doença. O certo é que lhe não liga importancia.

Gosta de salgados e acidos, tendo comido pão com *saibo*.

ESTADO ACTUAL

a) *Habito externo* — A pelle das mãos, pés, nariz e palpebras acha-se vermelha, escamosa, lusidia e ardente.

b) *Apparelho digestivo*—Os labios estão seccos e com um pontilhado rôxo; a lingua está despapillada nas bordas, gretada e secca.

Tem ardencia na bocca e epigastro, nauseas, calor no abdomen e diarrhea.

c) *Apparelho circulatorio e respiratorio*—O pulso é regular, fraco e lento (62 pulsações por minuto).

Ha dyspnea d'esforço, tosse com expectoração abundante de manhã.

d) *Systema nervoso*—Doe-lhe constantemente a cabeça e o rachis. Sente vertigens e prurido. Tem insomnias, sonhos extraordinarios e amnesia (passa dois e mais dias sem se recordar de nada do que fez e sem saber o que faz).

É desconfiado e cheio de melancholia. Ha tempos, em seguida a uma violenta altercação por elle provocada, fugiu de casa, abandonando a lavoura, indo para Fafe.

e) *Orgãos dos sentidos*—Dores d'ouvidos e diploplia; quando quer enfiar uma agulha não o consegue por ver sempre dois orificios.

f) *Apparelho urinario*—Pollakiuria e ardencia na bexiga e urethra.

g) *Perturbações trophicas*—Tem suores abundantes.

52.ª OBSERVAÇÃO

19-6-904

HISTORIA

Maria Salgueiro, de 60 annos d'edade, solteira, natural de Alcaleideque, concelho de Condeixa Velha.

Antecedentes hereditarios — Seu pae morreu de pellagra, achando-se demente. Nenhum outro parente morreu d'esta doença.

Commemorativos — Ha annos começou a apparecer-lhe uma vermelhidão nos antebraços, tendo então diarrheia e dores abdominaes. Todos estes symptomas desappareciam com os primeiros frios, voltando de novo com o sol da primavera. Mais tarde appareceram-lhe perturbações nervosas, coincidindo com o aggravamento das manifestações cutaneas.

ESTADO ACTUAL

a) *Habito externo* — A face dorsal das mãos e antebraços, fronte, nariz, região temporal e face dorsal dos pés teem uma coloração rosea, encontrando-se a epiderme destacada, em parte em escamas, em parte furfuracea. As unhas estão hypertrophiadissimas e recurvadas. Apresenta o aspecto d'uma cachexia extrema, dando a impressão de que poucos dias terá de vida.

b) *Apparelho digestivo* — Os labios estão gretados, com suffusões sanguineas; a lingua acha-se fendida, negra e fuliginosa. Tem inappetencia, sêde viva, dores abdominaes, nauseas e diarrheia persistente.

c) *Systema nervoso* — Tem rachialgias, cephalalgias e tonturas, cahindo muitas vezes.

E' d'uma sensibilidade especial para o frio. O seu estado mental tem variado muito. Antigamente tinha a mania de fugir de casa em correrias desordenadas; tem hoje um andar vacillante, cahindo muitas vezes.

A essa data queria suicidar-se, manifestando desejos de afogar-se.

Actualmente está tristonha e é d'uma grande irritabilidade, não tendo já as grandes crises de delirio que então a assaltavam.

d) *Orgãos dos sentidos* — Sente constantemente sinos a tocar; tem enfraquecimento grande da vista.

e) *Outros apparelhos* — O pulso é irregular, fraco e lento (60 p. por minuto).

Tem pollakiuria e incontinencia d'ourinas.

Nota — Somos informados de que esta nossa observada já falleceu, não podendo fixar-se bem a data.

53.ª OBSERVAÇÃO

7-4-904

HISTORIA

José Antonio de Freitas, de 60 annos d'edade, casado, jornaleiro, natural da freguezia de Sobreposta, concelho de Braga.

Antecedentes hereditarios — Seu pae foi um pellagroso, tendo morrido no estado de loucura.

A mãe morreu muito nova, suppomos que de tuberculose.

Antecedentes pessoaes — Teve febres palustres aos 16 annos, e uma blenorrhagia aos 21.

Commemorativos — Gosta de acidos e salgados, tendo por varias vezes comido pão com *saibo*.

Ainda ha poucos annos começou a ser atacada d'esta doença. Conta que em outubro de 1902, consecutivamente a um *fartote* (termo seu) de uvas, teve uma violenta diarrheia, começando immediatamente a apparecerem-lhe perturbações da pelle. Ha um anno manifestaram-se os symptomas nervosos, adquirindo logo uma grande intensidade.

ESTADO ACTUAL

a) *Habito externo* — Apresenta erythemas nas mãos, pés e faces. As pernas acham-se œdemaciadas. A sua côr é amarellada, tendo as mucosas lividas.

b) *Apparelho digestivo* — Os labios estão descorados e cheios de sulcos, assim como a mucosa buccal e a lingua, encontrando-se esta despapillada.

A salivação é exaggerada e insipida.

Ha bolimia, sêde intensa, nauseas, flatulencia, diarrheia e dores em toda a região abdominal, mais violentas no hypochondrio esquerdo.

c) *Apparelhos respiratorio e circulatorio* — A auscultação do coração indica-nos uma myocardite bastante avançada. O pulso encontra-se perfeitamente de harmonia com esta lesão.

Ha dispnea e tosse com expectoração pouco abundante.

d) *Systema nervoso* — Sente cephalalgias, rachialgias e dôres erraticas. Tem uma cryesthesia tão intensa que por varias vezes foge para casa d'uma padeira visinha para se metter dentro do forno.

Sonhos exquisitos, insomnias e frequentes vertigens.

Tem a mania de ser constantemente incommodada por visitas das almas do outro mundo. Ha dias viu uma sua irmã, de ha muito fallecida, n'uma trave do quarto convidando-o para dar um passeio.

Explica a salivação abundante *pela grande quantidade de agua que tem na cabeça.*

e) *Orgãos dos sentidos* — Queixa-se de zumbidos nos ouvidos, parecendo-lhe que tem dentro uma quantidade grande de grillos a cantar.

Tem enfraquecimento visual e diplopia.

f) *Apparelho urinario* — Ha todos os pequenos signaes do brightismo. Tem incontinencia urinaria e ardencia na bexiga e urethra.

O reflexo do joelho encontra-se exaggerado.

54.ª OBSERVAÇÃO

12-5-904

Anna de Souza, de 60 annos d'edade, solteira, jornaleira, natural de Eiras, concelho de Arcos-de-Vez.

Antecedentes hereditarios — Seu pae morreu atacado da *figadal*. Sua mãe morreu victima d'uma febre typhoide.

Antecedentes pessoaes — Aos 20 annos teve uma chlorose que facilmente curou. Em creança julga ter tido sarampo e variola d'aspecto benigno.

Commemorativos — Gosta de salgados e bebidas alcoolicas.

Comeu por varias vezes pão com *saibo*.

Esta doença começou-lhe ha 3 annos, aggravando-se sempre nos mezes de abril e maio.

ESTADO ACTUAL

a) *Habito externo* — Apresenta erythemas nas mãos e pés, destacando-se parte da epiderme em crostas furfuraceas que deixam por baixo uma mancha rosea.

Na face tem a côr normal.

b) *Apparelho digestivo* — Os labios e lingua estão gretados, seccos, e apresentam pontos arroxeados.

Tem salivação abundante e amarga, sêde viva e bolimia.

Soffre de nauseas, diarrhêa, alternando com constipação, do-

res com sensação de queimadura no epigastro, flatulencia e colicas.

c) *Systema nervoso* — Tem cephalalgias, dores erraticas e vertigens. Nada mais de anormal.

d) *Apparelho uro-genital* — Tem pollakiuria, sendo as urinas claras e de reacção acida.

Já ha 15 annos que não é assistida.

HISTORIA

A pellagra em Hespanha

Não é remota a origem da pellagra. A mesma Commissão piemonteza, que foi nomeada no Congresso de Genova e apresentou o seu relatorio no Congresso de Veneza em 1847, a despeito do interesse obsecador que a dominava na sua lucta contra **Balardini**, debalde procurou constatar a existencia do mal em tempos distantes. Não podendo encontrar vestigios para além da epocha em que a cultura do milho se disseminou intensa pelas regiões onde então a endemia assentava arraial, **Demaria**, relator, confessa que «das numerosas e cuidadas investigações feitas nas localidades subalpinas, ne-

nhuma permittiu que se assignalasse á pellagra uma origem anterior aos meados do seculo XVIII». É certo que, constatado o facto, o espirito desnorteante que apaixonava a Commissão no combate contra as doutrinàs de **Balardini**, a levou a procurar uma magra e pueril desforra demandando para a cultura do milho na Italia uma data muito mais antiga. Não vingou resistir á critica este minguado recurso e o que ao final ficou de modo seguro e inabalavel foi o reconhecimento de que á pellagra só se encontrava origem por meados d'aquelle seculo. **Demaria** accrescenta: «talvez alguns casos possam ser um pouco anteriores, sob o nome *d'umore salso* (humor salgado), mas não existe nenhum documento que nos consinta affirma-lo, tanto mais que á Italia subalpina nunca faltaram observadores diligentes, especialmente para as doenças populares e doenças dos campos». «... Em Monbarruzo, que está hoje assolada pela pellagra, existe uma collecção de observações clinicas de dois medicos que ahi exerceram a sua actividade entre 1700 e 1750, e não fornece nenhum indicio que possa relacionar-se com a pellagra».

De facto, as observações mais antigas remontam a 1735 e pertencem ao protomedico de

Castella e medico de Philippe V, **Gaspar Casal.** Foi elle quem primeiro constatou *"uma especie de lepra muito singular„* que se disseminava entre os mais miseraveis dos trabalhadores dos campos, em Oviedo, e, como não achasse em trabalho algum anterior indicios de que fôra conhecida, descreve-a pela primeira vez com o nome vulgar de *Mal de la Rosa*. Mas estas investigações só tiveram curso quando o medico francez **Thiéry,** em 1755, publicou um trabalho sobre a doença e quando em 1762 o **Dr. Juan Garcia Sevillano** deu publicidade á obra posthuma de **Casal.**

Da Hespanha partiu pois a iniciativa; mas se lhe cabe a gloria da revelação, prevenindo-nos da existencia d'um novo flagello, deve-se confessar que subsequentemente, e durante um largo e aspero periodo, se absteve por completo de cooperar na obra que, em especial na Italia, tão intensamente e sem tregoas agitou o mundo medico.

A descoberta de **Casal** tão de molde a hypertrophiar o orgulho castelhano, que não a soube aproveitar, era em 1847 quasi desconhecida de todos os medicos hespanhoes. Só quando **Roussel,** em commissão do governo francez e da Academia de Medicina de Paris, vae dirigir-se á Hespanha a

estudar o *Mal de la Rosa,* é que os brios patrioticos da medicina peninsular se estimulam, arrepiados fortemente pelos clamores de **Mendez Alvaro** no *Boletim de medicina, cirurgia y farmacia.* Tarde e a más horas se exprimia o clinico: *"se um medico hespanhol resolvesse estas questões antes da chegada do professor estrangeiro, collocaria no logar que lhe compete o pavilhão hespanhol„ ... Façamos qualquer cousa por nós mesmos, não deixemos que os estrangeiros venham estudar nossas doenças para ao depois nol-as vir ensinar„.* O estimulo era tardio para que fructificasse. Em sciencia não se improvisa, só o trabalho aturado, persistente, laboriosamente estratificado, prepara e autorisa conclusões e syntheses dominadoras.

Mas não ha esforço que se perca; e, se ao convite dirigido mais especialmente a commover a vaidade nacional do que a interessar a abnegação scientifica, respondem numerosas e largas communicações que nada adeantam sobre a natureza da molestia, d'ellas reverte comtudo um beneficio seguro—apontar a extensão em que dominava a doença inicialmente estudada em Oviedo por **Casal,** e que ora campeava senhora d'uma bem mais larga região. Já em 1826—e é o unico documento que

em Hespanha se encontra desde **Casal** até ao movimento de 1847, juntamente com uma carta do frade erudito **P. Feijóo**, de 2 de dezembro de 1740, escripta a **Casal** a participar-lhe ter visto o Mal de la Rosa na Galliza—o doutor **Eximeno** apontava a sua existencia n'um grande numero de habitantes das povoações do districto d'Alcañiz e de algumas de Daroca, Terruel e Morella. A doença a que elle encontra fundas analogias com a pellagra, pela descripção lida no *Diccionario de Sciencias Medicas,* era vulgarmente conhecida pela designação de *Mal del Higado* (mal de figado). Como resultado de mais de cem observações, approxima o *Mal de la Rosa* e a *Pellagra* do *Mal del Higado*, que descreve, sem todavia estabelecer por completo a identidade. Talvez com o fim de justificar o titulo de *mal do figado* para a endemia que aponta, diz: «Quanto á natureza da doença, sou da opinião dos autores do artigo *Pellagra, (Diccionario Sciencias Medicas);* quer dizer, que se trata de uma gastro-enterite chronica, accrescentando que *o systhema hepatico se encontra tambem n'um estado de phlegmasia, mas uma phlegmasia* ***sui generis,*** *distincta das outras*„.

Cumpre passar uma rapida revista á serie de communicações que a vinda de **Roussel** á peninsula

determinou. A despeito da falta de observações cuidadosamente seguidas que fornecessem dados precisos ao estudo da etiologia, ou mesmo á identificação das varias endemias denunciadas sob nomes tão diversos, algumas conclusões geraes se apuram ainda assim. E não é para estranhar que seja diminuto o resultado de tanto esforço; **Roussel** vinha encontrar n'essa hora em Llanera, por exemplo, um cirurgião que embora nunca lesse nada referente á pellagra, nem por isso deixava de confiar serenamente á actividade solta da lanceta sangradora o cuidado de tudo resolver.

Mendez Alvaro, em uma noticia sobre a pellagra, que faz reverter a 1835, publicada em 1847, descreve as observações que fizera de uma doença espalhada em Villamayor de Santiago, provincia de Cuenca, e que ahi era conhecida pelo nome de *flema salada.* Após a narração do conjuncto de manifestações cutaneas e perturbações cerebraes que apresentavam os doentes, elle nota: «Ainda que a descripção que fez **Casal** do *Mal de la Rosa,* não se ajusta á doença tão exactamente que possa garantir-se como um retrato fiel, entretanto não desconheço as suas analogias, e tão bem, que, quando estudei o cortejo de symptomas, quer ner-

vosos, quer gastro-intestinaes, que acompanham esta doença, logo a considerei como um *Mal de la Rosa* (hoje pellagra), com ligeiras variantes, causadas talvez pelo clima e por outras circumstancias».

Como **Mendez Alvaro**, outros veem trazer o seu subsidio. É **D. Juan Andres Enriques**, que de Formosella escreve sobre uma *doença que reina endemicamente nas populações ribeirinhas do Duero e Tormes.* É conhecida pelo *mal del monte* e ataca indistinctamente os dois sexos. As causas são desconhecidas. Crê que se transmitte hereditariamente como a loucura, porém não a considera contagiosa, e accrescenta ainda: *tenho-a visto unicamente em individuos pobres,* e conclue implorando dos praticos das Asturias ou de outra qualquer região onde o *Mal de la Rosa* exista, que descrevam essa doença, a vêr se era a mesma, e que lhe façam conhecer o processo curativo *para arrancar estas miseraveis victimas a uma morte deploravel.*

Foi esta memoria medica, a despeito da sua insufficiencia, que pela primeira vez deu a conhecer a pellagra na provincia de Zamora, confinante com a nossa de Traz-os-Montes.

Das Asturias accorre o **Dr. Higinio de Campo** encarecendo o *uso dos banhos de mar* como pro-

cesso therapeutico do *Mal de la Rosa,* a que aponta a etiologia em *uma sobrecarga de calorico no sangue.* Posteriormente, em outros trabalhos dados á publicidade desde 1847 a 1861, reforça o seu ponto de vista etiologico, dando-lhe maior desenvolvimento. Assim, escreve: «Os trabalhadores d'esta provincia são sujeitos a uma certa doença que é endemica e que está de tal modo ligada ao trabalho da agricultura, que desde cerca de quatorze annos de clinica não me recordo de a ter observado em nenhuma outra profissão, ainda mesmo quando, não sendo cultivadores, estejam expostos, como estes, ás influencias solares e atmosphericas, e ainda que participem da sua indigencia, da sua má alimentação e lhes falte abrigo». Depois de expôr as causas predisponentes, em que inclue a *estação da primavera, a má qualidade dos alimentos ou a sua insufficiencia* como causadores da chlorose e asthenia, e ainda a violencia dos trabalhos agricolas feitos sob todas as intemperies, refere-se ás causas occasionaes que «são os orvalhos da manhã enxugados sobre a pelle pelos primeiros raios do sol, a influencia d'este astro, as alternativas do frio e do calôr, as mudanças hygrometricas e barometricas subitas, tão frequentes n'esta provincia no

decurso do mesmo dia e mesmo no espaço de uma unica hora». (1)

De todo este exame conclue **Higinio del Campo**, que o *Mal de la Rosa* é a consequencia de uma sobrecarga de calorico no sangue a que estão sujeitos os trabalhadores dos campos de organismo depauperado e expostos violentamente á acção influenciadora dos agentes atmosphericos. Fallando

(1) A influencia do sol e do calor como causa geradora da pellagra, posta pelo **Dr. Higinio del Campo**, teve ao depois outros defensores, como **Landouzy** e **Bouchard**. O facto é que o sol cobrindo e aquecendo toda a terra, devera determinar a pellagra por toda a parte, o que não acontece, felizmente. Demais **Facheris** cita casos entre operarios fiandeiros, que sem estarem expostos ao sol, adquiriram a pellagra, e d'esses casos nós mesmos os encontramos. **Bouchard** attribuia simplesmente á acção dos raios violetas da luz solar a causa do erythema. Ora a verdade é que, se assim fôra, não havia motivo explicante para a periodicidade do mal; tanto no inverno como em qualquer outra estação esses raios deveriam actuar, e muito principalmente seriam energicos no começo do outomno em que os calores são mais ardentes que na primavera. Precisamente o contrario do que acontece com a pellagra, porque não é a intensidade do calor que a determina, mas a má qualidade da alimentação, e exactamente n'essa altura mais frequente e intensa é a adulteração do milho. Não ha que negar a acção dos raios violetas, exercendo uma influencia directa sobre o desenvolvimento do erythema. Mas a influencia demonstrada por **Bouchard** e as experiencias de **Perroud** o que não provam é que essa acção, de todo secundaria, se exerça quando o organismo esteja liberto da intoxicação pelo veneno da pellagra.

N. A.

da prophylaxia, nota que a pellagra afrouxou de violencia com a *diminuição da miseria e a alimentação geral melhorada.*

O doutor **Antonio del Valle,** medico de Gijon, publica no *Boletin de Medicina, cirurgia y farmacia* uma série de artigos capitulados de «Resposta ao questionario que a Academia de Medicina de Paris commetteu a **M. Th. Roussel,** sobre a pellagra». Este trabalho resume-se fundamentalmente na asseveração de que o *Mal de la Rosa,* o *Mal del Higado* e a Pellagra são uma unica e a mesma doença; que a therapeutica desde **Casal** nada progredira; e adduz ainda a affirmação categorica de que *a alimentação não é e não póde ser a causa da pellagra,* da qual o *unico e exclusivo meio de transmissão* é a hereditariedade.

Resaltava emfim a virtude curiosa da fé estranha e absoluta com que o medico garante as suas conclusões sob a auctoridade da propria palavra. No que diz respeito á investigação realisada em nove autopsias, servimo-nos do commentario, resumido e completo, de **Roussel:** «Para a pathogenia e interpretação dos phenomenos este medico estava ainda, em 1848, no ponto em que se encontravam muitos alumnos de **Broussais,** ha 45 annos».

Em 1848, a 23 de março, chega finalmente **Roussel** ás Asturias.

Está em Oviedo, percorre toda essa região em que **Casal** havia observado a endemia, e de novo a encontra, sempre frequente, e sempre nos galerianos do campo. Visita Gijon em companhia do **Dr. del Valle**, e todos os seus estudos são concordantes em identificar o *Mal de la Rosa,* o *Mal del Higado* e a Pellagra, verificando, dorido, o abandono a que a medicina hespanhola tinha votado as pesquizas sobre a causa do mal.

«Acabei de me convencer em Gijon, diz o medico illustre, que o subito brilho dado em Hespanha á questão da pellagra tinha encontrado os clinicos desprevenidos; que nenhuma observação particular tinha sido effectuada de principio a fim; e, se os doentes tinham sido objecto d'um certo exame durante os periodos de exacerbação que os obriga a recorrer á medicina, nunca a sorte d'estes infelizes, a genése occulta dos seus soffrimentos, a investigação das causas de origem, tinha sido objecto d'um estudo aprofundado, baseando-se na apreciação directa dos factos. Creio ainda hoje que, para as Asturias pelo menos, as investigações que eu fiz no concelho de Oviedo, e as minhas visitas no de

Llanera, forneceram os primeiros materiaes d'um estudo etiologico feito no lugar e no meio dos elementos que tornam abominavel a existencia dos miseros pellagrosos. Alli, como já o disse, e as observações consignadas n'esta obra fazem fé, encontrei por toda a parte, com condições variadas quanto á natureza do solo, ao estado das localidades e das habitações, uma fórma identica de alimentação, a mesma que havia encontrado em todos os doentes dos Pyrineus francezes e do Lauraquais, e em quasi todos os das Landes, o uso dominante, algumas vezes exclusivo, do milho».

Mas em 1859 surge o estudo do **dr. Lopo y Batalla,** medico de Santiago. O seu trabalho é como um oasis em meio de toda a litteratura medica hespanhola sobre a pellagra. Das suas observações sobre 64 pellagrosos, que ás aguas sulfurosas de Angeles iam procurar allivio contra a terrivel doença, conclue nitidamente o sabio medico por confirmar a verdade dos resultados obtidos pela medicina italiana e franceza.

Todos os doentes eram operarios agricolas, todos usavam o milho como base essencial da alimentação, e nenhum se nutria de trigo. Salienta o facto eloquente de, em 1853, tendo escasseado a

colheita do trigo e conseguintemente generalisando-se o uso do milho, a pellagra se apresentar com uma intensidade nunca notada nos periodos anteriores. Quanto á therapeutica, logicamente partindo da etiologia, que as suas observações incontestaveis indicavam de valor, estabelece-a **Batalla** impondo por absoluto a abstenção do uso das papas e do pão de milho, substituindo esse alimento por trigo, carne e vinho, e recommenda ainda a pratica dos banhos sulfurosos. Reputa, quando a tempo empregue este tratamento, curavel a doença.

A despeito da maneira conscienciosa e detalhada como **Batalla** fez os seus exames clinicos e o das condições da vida dos doentes, todos elles pobres trabalhadores dos campos, o seu estudo levanta apressadas e quentes contestações dos medicos hespanhoes, que de todo repelliam as ideias etiologicas tão sabiamente sustentadas pelo seu collega.

Os medicos **Perrote y Muñoz** (de Villahor), **Marti** (de Villarejo de Salvanés) e **Calmarza** (de Paracuellos de Xiloca) annunciam a existencia da *flema salada,* que consideram como synonima da pellagra, em toda uma larga região onde não se faz uso do milho como sustento dos trabalhadores

ruraes. É certo que as descripções clinicas que fazem se apoucam e reduzem.

Não tiveram o cuidado que **Batalla** pôz no seu trabalho, e assim logo de começo semearam fundamente a duvida sobre a identidade das doenças que observaram e a pellagra, tão rigorosamente desenhada nos casos medicos que a **Lopo y Batalla** serviram de base para as suas conclusões.

Surge tambem **Costallat** contestando que a *flema salada* seja a pellagra e identificando-a antes com a *acrodynia,* que diz reinar endemica n'essas regiões. A opinião de **Costallat** não é todavia posta de fórma a repellir justificadas duvidas, o que leva **Roussel** a declarar—lastimavel que o dr. **Costallat,** que nega formalmente a identidade das duas epidemias, não tenha estabelecido a sua negativa sobre uma boa descripção e analyses detalhadas.

Esta situação singular, só explicavel por uma leviandade extrema, faz escrever a **Arnould** o periodo que transcrevemos, absolutamente justo na sua ironia—«Para confessar o fundo do nosso pensamento e das nossas impressões, não sabemos nem se estes doentes são pellagrosos, nem se se come milho na região onde os observaram; tal é, para nós, o resultado das luzes projecta-

das pelos auctores hespanhoes sobre esta dupla questão».

Em 1879 o relatorio da Academia de Barcelona, em resposta á Commissão Romana, edita todos os dizeres dos medicos já citados, e nada investiga, nada acrescenta de fundamental e sério á solução do problema. Sem cousa alguma indagar, faz antes do testemunho de **Landouzy** a inexpugnavel *turris eburnea* das conclusões (1).

Da succinta narração feita se conclue, que toda a litteratura medica hespanhola dedicada ao estudo da pellagra creou-se e desenvolveu-se pela emulação patriotica provocada pela missão **Roussel,** e muito parcamente trouxe subsidio de valia á descoberta das causas e natureza do morbo em que com tanta dedicação e altruismo estava empenhada a medicina europêa. Digna é de mencionar-se a resposta á interrogação, singular por ingenua, do medico **Faustino Roël** no seu volumoso tratado que chrismou de «Etiologia de la Pellagra», publicado em Oviedo no anno de 1880. Pergunta infantilmente

(1) Ás conclusões de Landouzy, depois tão bellamente refutadas por Roussel, teremos occasião de nos referir quando esboçarmos a historia da pellagra em França. É ahi que cumpre tratal-as.

o medico escriptor com admiração alheada e compungida: Porque é, perguntamos, que não estimam os estrangeiros em geral e nossos visinhos em particular, o *modesto concurso cooperativo com que os brindamos* para a ampliação do grande edificio scientifico universal?»

Não limpo de ironia, **Arnould**, no seu notavel artigo sobre a pellagra *(Dictionnaire encyclopedique des sciences médicales,* **Dechambre)**, referindo-se ao grosso in-folio de **Roël**, que aqui temos a pejar-nos inutilmente a banca, diz, depois de lastimar que a sua *inexperiencia da lingua de Cervantes* o impeça de tirar todo o lucro da leitura — «mas vi o bastante para constatar com estupefacção que o honrado medico de Oviedo repousa sempre na velha doutrina de **Dalla Bona**, de **Sprengel** e **Henster**, adoptada por **Joseph Franck**, retomada por **Beuvenist** (1857), segundo a qual a pellagra não seria, com muitas outras fórmas e especies morbidas (comprehendendo a variola), senão uma transformação da *lepra!*» e accrescenta logo «tambem, nas observações do auctor, com gravuras em reforço, encontra-se um pouco de tudo, de icthyose, de elephantiasis, de vitiligo, de éphélides, *talvez mesmo de pellagra.* E o snr. **Roël** não é o unico no seu paiz a sustentar

esta larga pathogenia; cita em appoio das suas vistas alguns outros doutrinarios contemporaneos, todos egualmente animosos, e felicita-se *(será este o segredo?)* de vêr assim regenerar a primitiva escola hespanhola — *la primitiva escuela española, basada en la observacion y experiencia clinicas y subordinada a rigidos principios filosoficos exentos de toda a mira especulativa*».

Na verdade é mais do que justificada a ironia de **Arnould**, porque, se exceptuarmos **Lopo y Batalla**, que já citamos quando nos referimos á sua communicação de 1859, parece que em todos os medicos hespanhoes que depois de **Casal** têm tocado no assumpto domina a preoccupação lastimavel de não quererem vêr os trabalhos que fóra do seu paiz intensamente se elaboram.

De **Casal** até hoje não vêem progresso, e, o que é mais, reputam-no impossivel; é o proprio **Faustino Roël** que o escreve com certo orgulho cego: «Fatigados los celosos cultivadores, sospechan su obcecacion, deciden practicar un movimiento regresivo para interrogar al gran naturalista **Gaspar Casal**, intentando asi vislumbrar auroras mas risueñas, horizontes mas anchos, semillas productivas finalmente; pero «*lo escrito, escrito está, segun*

sentencia tan célebre como conocida, e nada de nuevo añadirá á lo dicho».

Depois de **Roël**, o que em Hespanha se ha escripto relativo á pellagra pouco vale. Limita-se tudo a alguns artigos na *Revista de Medicina y Cirurgia Praticas*. Em 1881 um *juicio sobre la obra de Roël* por **Rodriguez Méndez**; em 1884 a observação de um caso de pellagra por **D. Bernardino Torres**; em 1891 um estudo sobre a *Etiologia de la pellagra*, de uma conferencia feita pelo dr. **Mariscal**; em 1902 um trabalho dos drs. **Azua y Valle** e **Gonzalez del Campo** sobre a *Pseudo-pellagra*, e finalmente pelo medico **D. Antonio Porras** um outro estudo.

Em 1903, no 1.º numero dos *Archivos latinos de Medicina y de Biologia*, excellente revista de sciencias em que figuram **Ramon y Cajal**, **Pittaluga**, vem um artigo sobre a pellagra em Hespanha, devido á penna do medico **D. Francisco Huertas.** Inclue uma estatistica que dá como mortos pela pellagra, em 1900, um total de 348 casos, que, segundo o auctor, deve estar longe da verdade por inferior, em consequencia, diz elle, da confusão que lá reina nos serviços nosographicos. O seu criterio sobre a etiologia já não é definitivo. Acostando-se aos casos

que observou em Madrid, não crê que a verdade resida dentro da doutrina maïdica.

É de resto concordante, como vêmos, com quasi toda a litteratura hespanhola. O apoucado de trabalhos que em Hespanha, n'estes ultimos annos, se teem dedicado ao assumpto, explica-o o illustre **Ferran** em uma carta, dizendo: «En la mayoria de las comarcas de España resulta tan rara esta enfermedad, que la immensa mayoria de los medicos la desconocem practicamente, no siendo, portanto, estraño que nuestra literatura profisional resulte pobre en documentos á ella concernientes».

A pellagra em Italia

A Italia, que tão largamente se havia de illustrar no estudo da pellagra, só em 1771 viu surgir a primeira communicação sobre esta doença. Foi auctor d'ella o **Dr. Frapolli**, medico no hospital de Milão. Pouco depois (1775 e 1776) são os drs. **Zenetti** e **Odoardi** que se lhe seguem. O primeiro escreve de Cannobio a denunciar a doença *vulgar-*

mente chamada pellagra, que *desde ha cerca de seis annos se encarniça e se progaga entre os camponezes dos dois sexos, principalmente "entre os mais miseraveis e os mal nutridos„;* **Odoardi** communica no anno seguinte á Academia de Bellune a invasão do *scorbuto alpino* em numerosos cantões d'essa região e do Frioul e Feltrin, conhecido ahi vulgarmente com os nomes de *Pellarina, Scottatura di sole, Calore del fegato, Mal della spienza.*

Já anteriormente **Antonio Pujati,** nas suas lições na Universidade de Padua, fazia conhecer uma doença, semelhante á observada por **Casal** e **Thiery,** que elle encontrara em algumas aldeias do districto de Feltre, conhecida pelo nome de *scorbuto alpino.*

Michel Gherardini em 1780 publica um novo trabalho sobre a doença, e seguidamente **Albera** (1781) e **Videmar** (1784) dão tambem á publicidade estudos sobre a endemia que alastra ameaçadora. É perante este crescer em extensão do mal, aggravando-se successivamente, que o imperador José II manda ao Grande-Conselho do ducado de Milão estabelecer o hospital de Leguano exclusivo para pellagrosos, onde **Gaetano Strambio,** director, devia durante quatro annos de trabalho dedicado, intelligente e consciencioso, recolher as observações ma-

gistraes que ficaram classicas no estudo clinico da pellagra.

Foi ahi, a **Leguano**, que acudiram os medicos estrangeiros a estudar a nova doença.

Seguindo a clinica de **Strambio** e de outros grandes mestres, visitaram a Italia, estudando o mal e publicando as suas observações **Hollen** e **Jansen**, da Escola de Leyde (1785), **Lavacher** de **la Feutrie** da Escola de Paris (1787), **Salomon Titius** alumno de **Frank** (1792) e **Aloysius Careno** (1793).

Em 1789 **Fanzago**, depois de seguir as clinicas de Milão e Pavia, estabelece a identidade absoluta do *escorbuto alpino*, que **Odoardi** approximava do *Mal de la Rosa*, com a pellagra, que, por sua vez, **Strambio** integrava na doença descripta por **Casal**.

Esta identificação provoca novas communicações alargando a area em que a endemia reina. **Soler** constata-a na provincia de Trévisa; **Sartogo** encontra-a com o nome de *scorbuto alpino*, no territorio d'Aviano (1791); **Comini** no valle do Tyrol e nas cercanias de Trento; **Facheris** em Bergamo; **Albioni** no Piemonte; **Buccio, Sabatti, Barguani** e por ultimo **Girelli** na Brescia.

Emfim, apparecia por toda a parte nas provincias do reino de Napoles, quando em 1810 **Giamba-**

tista Marzari publicou o seu trabalho «Ensaio medico-politico sobre a pellagra» com a doutrina etiologica que ficou conhecida sob o nome de zeismo.

Até ahi os estudos memoraveis de **Strombio,** completos como analyse clinica, d'um rigor absoluto e não excedido no exame dos phenomenos, arredavam-se propositadamente do estudo etiologico da doença. Concluia, é certo, por que a «pellagra era devida a um concurso de causas em que a má nutrição era a principal, mas não bastando por si só, como nenhuma das outras, de modo a poder-se considerar isoladamente como a unica causa». De resto na therapeutica, reconhecendo a impotencia medicamentosa, prova como a boa alimentação, independente de qualquer tratamento, basta a trazer melhoras aos accidentes internos. E reconhece como medidas prophylaticas primaciaes, a alimentação, especialmente no que diz respeito ao fabrico do pão, que acha detestavel entre os camponezes, e das papas (pollenta), que reputa nocivas. Mas não estabelece, conscio de que só um conjuncto de causas era determinativo da doença, uma doutrina etiologica com rigor logico e scientifico.

Cabe a **Giambatista Marzani** essa primeira gloria.

A despeito dos contradictores apaixonados, o sabio que durante vinte annos tinha observado e seguido cuidadosamente o estudo dos pellagrosos, estabelece com profundeza conclusões que iam pôr n'um caminho decisivo a etiologia da pellagra.

Excluindo o contagio e a hereditariedade, que pela sua longa observação estavam decididamente fóra de campo, **Marzari** dizia: «Se pois eu consegui provar que ella (a pellagra) nem vem do ar, nem pelas bebidas, terei já provado (pelo methodo exclusivo) que meramente depende da nutrição. Mas esta não é outra senão o milho, sob a fórma de pollenta, entre nós, e de pão, em outros logares, consumido durante todo o inverno sem substancias animaes em proporção notavel. Portanto, este alimento tirado do milho tardio, não maduro, muitas vezes abolorecido na primavera, deve nas circumstancias indicadas, constituir a causa verdadeira e certa da pellagra».

«... Para isso não é preciso dizer, como o annunciava recentemente o estimavel **Facheris**, que a causa da pellagra nasça do regime vegetal, considerando que, se o milho é um vegetal que a produz, o trigo é um outro que não sómente não a produz mas que a previne... Os prisioneiros, os

condemnados a pão e agua, mesmo com todo o cortejo de circumstancias favoraveis, não a adquirem nunca. Visitei-os nas prisões de Trévisa, tomei os informes mais exactos que estendi até Veneza. «Assegurei-me de que não sómente o regime vegetal com o pão de trigo, acompanhado ainda de frio e da inacção, não dá origem á pellagra, mas que esta no começo se cura sob o mesmo regime nas nossas prisões... O regime vegetal não produz a doença na Italia senão quando é constituido pelo milho e quando este é comido nas condições referidas.

«Por grande, todavia, que possa ser o poder d'este alimento para gerar uma determinada molestia, é preciso não pôr de parte as disposições physicas anteriores que tornam o seu desenvolvimento mais prompto e mais facil, entre as quaes a principal é a fraqueza. Os cacheticos, os chloroticos, os convalescentes e as mulheres, estão mais sujeitos por causa disso. As paixões tristes, que enfraquecem; o parto, a creação, que esgota tanto, e faz envelhecer antes do tempo as mães jovens mal alimentadas e ao mesmo tempo condemnadas ao trabalho; os vinhos acidos, os purgantes administrados intempestivamente, sangrias feitas sem criterio,

etc., são outras tantas causas que augmentam a disposição para a pellagra. Mas é preciso declarar uma vez ainda—todas estas causas juntas, sem o alimento vegetal que indiquei, não podem gerar, nem a geram nunca.

Pelo contrario, sem ellas a doença nasce cêdo ou tarde, cresce e mata pela força unica d'este alimento.

«Apresentada esta doutrina, que annuncio com a maior confiança, comprehende-se a razão por que a pellagra é desconhecida na cidade, ainda que seja endemica nos campos adjacentes. A differença entre o alimento do miseravel da cidade e do miseravel do campo explica este segredo. Se este ultimo não vive durante o inverno senão de milho e legumes mal cosidos, o outro, trabalhe ou não, vive de pão de trigo e de carne, come raramente a pollenta e associa-a sempre a substancias animaes, o que basta, para a corrigir e mesmo para a tornar saudavel.

«Todavia, se por uma transformação nos usos ordinarios nós vissemos um trabalhador do campo tomar o alimento da cidade e *vice-versa,* veriamos então a pellagra trocar a cabana rural pela habitação urbana. Até hoje tenho visto e vejo sem-

pre o habitante do campo evitar a pellagra com a ajuda do alimento da cidade. Não vi nunca que a miseria levasse os pobres da cidade ao regimen pellagroso».

É especialmente com a pobreza das substancias azotadas no milho que **Marzari** relaciona toda a justificação etiologica. Com as analyses de **Beccari** e **Fourcroy**, dada a pequena percentagem de gluten achada n'esse cereal, o que o torna bem improprio para a panificação, pela deficiencia na fermentação panica, julgava ter descoberto a causa real da pellagra. E se não apontou decididamente a causal da endemia na sua genesis primeira, nem por isso a **Marzari** se pode negar a clara intuição que viu e denunciou o milho como a causa directa do mal. Tocou realmente o caminho da verdade, que os factos e experiencias posteriores vieram confirmar por absoluto, ampliando.

Tambem poucos livros ha a registrar que, como a obra d'este medico illustre, tão vivas e animadas discussões levantasse. Entre muitos outros, cumpre relembrar **Fanzago** a quem já cabia o serviço valioso de identificar a *pellagra* com o *escorbuto alpino*, e que vem agora, concordante com o ponto de vista de **Marzari**, reclamar a prioridade contra o

anathema lançado sobre o milho. Citando a proposito um trabalho recente do seu collega **Guerreschi**, exprime-se d'este modo: «Elle **(Guerreschi)** nota que os camponezes se nutriam outr'ora do pão chamado de *mistura,* composto de farinha triga, favas, cevada e centeio, emquanto que hoje a sua alimentação quotidiana e unica é o milho, e que o trigo se tornou para elles uma planta exotica e rara; que n'esses tempos mais felizes a pellagra era inteiramente desconhecida, pois que os observadores mais escrupulosos a não descreviam... garante com segurança que sempre que os pellagrosos se lhe apresentaram (e o numero é enorme no espaço de cerca de trinta annos), interrogou constantemente, examinando-os, qual o genero de alimentação diaria, para unanimemente ouvir a resposta — *polenta* e sempre *polenta*... Finalmente constata que no anno de 1813, em que a estação fôra muito irregular, onde a colheita do milho não podera ser secca nem conservada, passara rapidamente ao estado bolorento, a ponto de os cavallos do exercito a recusarem. A consequencia fôra nunca se verem tantos pellagrosos como depois d'essa epocha».

Além de **Fanzago**, muitos outros entraram

n'este torneio sciéntifico trazendo as luzes da sua experiencia e talento.

Cerri, Dalla, Bona, Maris, Allioni, Albera, Bonafons, Bellotti, Mandruzzato, enchem todo o periodo que decorre até á publicação do trabalho de **Balardini,** inspirando-se em pontos de vista diversos sobre a etiologia da pellagra, mas concorrendo para que a questão fosse mais e mais aprofundada.

É em 1844, no Congresso de Milão, que **Balardini,** como medico delegado da Brescia, lê o resumo do seu celebre trabalho, no anno seguinte publicado desenvolvidamente, nos *Annali universali di medicine.*

Foi uma data prodromica a registrar na historia da pellagra. É certo que o Congresso adopta as conclusões da commissão, absolutamente oppostas á doutrina de **Balardini,** como ao depois (1846) no Congresso de Genova e ainda no relatorio da commissão piemonteza, apresentado em 1847 no Congresso de Veneza; mas nada d'isso conseguiu destruir a precisão e o rigor scientifico com que o illustre medico fizera as suas observações. O zeismo adquirira com este trabalho uma robustez scientifica contra a qual tinham de fracassar todas as criticas, tunto mais que, em grande parte, arredando-se do

verdadeiro campo da sciencia, ellas se fundavam em pretendidos *interesses da agricultura italiana*. D'este criterio partilhava o **Dr. Trompeo**, que foi ao depois o presidente da Commissão piemonteza em que **Demaria** era relator, e que, appoiando-se em **Strambio, Maris, Cerri** e **Bonafons**, dizia, negando a influencia do milho na origem da pellagra, que esse modo de ver era perigoso para a agricultura, porque elle *privaria do cereal mais fecundo e mais util os habitantes do campo*.

E todavia, facto curioso, **Strambio**, como já vimos, reconhecia na pessima alimentação dos camponezes, pela pollenta e o pão, a causa principal da doença. Com elle e todos os anti-zeistas, a mesma commissão piemonteza se vê forçada a dizer: «A commissão não desconhece a importancia da causa assignalada por **Balardini**, ainda que ella tende a crer que o milho é uma causa poderosissima geradora da pellagra, menos pelo facto de trazer á economia uma diminuta quantidade de principios alimentares, do que pelos principios irritantes que com elle se introduzem».

O certo é que toda a controversia que a obra de **Balardini** levantou, dividindo os homens de sciencia, foi fecunda e benefica.

Marzari accusara decididamente o milho como a causa determinante, os factos seguramente lh'o indicaram, e attribuia a origem, precisamente como agora a Commissão, á pobrissima quantidade de substancias azotadas existentes n'esse cereal.

Balardini, accentuando o rigor da doutrina, especificava não só as condições em que o milho se tornava apto para gerar a pellagra, como ia mais alem, até ao ponto de indicar o agente toxico causal no *Sporisorium maïdis*. É certo que lhe faltaram trabalhos experimentaes aperfeiçoados, e que a lacuna se aponta da não reproducção experimental da pellagra, o que seria concludente. Esta ordem de trabalhos, em que ao depois se veio a constituir toda a gloria de **Lombroso** no estudo d'essa doença, não eram possiveis na epocha em que o illustre **Balardini** fez as suas observações. Toda a sua doutrina se firmava, mordendo bem os factos, n'esta resumida synthese: A pellagra era uma doença recente, generalisada com a diffusão do uso do milho como base alimentar das populações agricolas; que a doença, nos seus periodos iniciaes, quando os estragos não eram ainda profundos, cessava logo que o milho fosse retirado dos alimentos do doente; que a causa estava no *verderamo*, adulteração do milho

produzida por uma imperfeita maturação, frequente nos climas em que a pellagra existe, principalmente nos annos frios e chuvosos. O milho, planta exotica, é muito avido de humidade, que lhe modifica as qualidades physicas e chimicas pela pullulação d'um fungo especifico — *Sporisorium maïdis*. (1)

A doutrina tão rigorosamente posta pelo notavel medico de Brescia, estabeleceu então alicerces definitivos, que a haviam de tornar victoriosa apezar dos rudes combates que ainda soffreu. Em 1855, o Instituto da Lombardia dá o premio ao trabalho de **Lussana** e **Frua**, decididos partidarios de **Balardini**. Pelo seu lado, no anno seguinte, **Carlo Morelli** publica o notavel volume em que arrosta energicamente com a doutrina maidica, titulado «A pellagra nas suas relações medicas e sociaes». Laboriosamente architectado com uma dialetica especiosa e eloquente, não repousa todavia na observação rigorosa dos factos.

Vem depois **Benvenisti** (1857-63), que enfilei-

(1) **Antonini** referindo-se ao trabalho de **Balardini**, «L'Igiene dell' agricoltore italiano in relazioni specialmente alla Pellagra», diz: N'elle ha tanta sciencia, e quasi adivinhação, dado o estado da sciencia do tempo, que nenhuma das conclusões de **Balardini** e dos seus conselhos hygienicos se podem ainda actualmente impugnar.

*

rando ao lado dos que combatem a theoria maïdica, lança por sua vez a doutrina ephemera que encontra como causas geradoras da pellagra todas as circumstancias debilitantes do organismo, quando implantando-se n'um *fundo elephantiasico ou leproso,* que a antiga lepra devera deixar após si nas regiões comprehendidas entre 43º e 46º de latitude. **Benvenisti** de resto confessa a ligeira observação que fez dos pellagrosos, sendo todo o seu trabalho exclusivamente nécroscopico. De resto o relacionar a pellagra com a lepra não é doutrina original de **Benvenisti.** Já **Gaspar Casal,** como vimos, quando pela primeira vez descreve o *Mal de la Rosa,* lhe chama *uma especie de lepra muito singular.* **Sauvages** pelo seu lado classificava-a entre as variedades de lepra, e **Della Bonna** assim o acreditou e sustentou, tendo-a confundido com a elephantiasis dos gregos. **Lalesque** tambem queria que fosse uma degenerescencia da antiga lepra, e esta opinião insustentavel achou modernamente um defensor illustre no illustre sabio **Zambaco Pacha.** É de estranhar realmente a intervenção do notavel leprologo, que, pelos seus memoraveis trabalhos sobre a lepra, parece devia estar longe de confundir as duas tão dessemelhantes doenças. De facto na pellagra nunca se encontram

os lepromas, as mutilações espontaneas, o mal perfurante, as placas anesthesicas, a desapparição quasi completa do pello da face, etc. Emquanto que a pellagra surge periodicamente, na primavera, para em seguida desapparecer quando o milho da primeira colheita, bem sazonado, principia a entrar na alimentação, a lepra, ao contrario, uma vez declarada, não mais abandona a sua desgraçada victima; é incuravel, emquanto que a pellagra, nos primeiros gráos pelo menos, é absolutamente curavel. São em absoluto inconfundiveis.

Em 1859 **Lussana** publica um novo trabalho, «Estudos praticos sobre a pellagra», em que evidenceia quanto é nullo o esforço de **Morelli** para occultar a verdade com o deslumbramento d'um estylo bello e facil. Elle mostra como o illustre medico florentino a despeito da sua absoluta disposição, *á priori,* de repellir o milho como causa efficiente da pellagra, se vê constantemente reduzido a indicar o mesmo milho como constituindo a base essencial da alimentação das populações atacadas. Depois de transcrever de **Morelli** semi-confissões como esta--«Não se conhecem actualmente senão duas condições etiologicas muito importantes: a existencia da doença exclusivamente entre os cam-

ponezes e o seu desenvolvimento nos individuos d'esta classe que se nutrem ou de milho ou d'um *outro alimento insufficiente e pouco abundante*», **Lussana** com uma dezena de transcripções mostra como **Morelli** sempre que se vê forçado a especificar a qualidade d'esse *alimento insufficiente e pouco abundante,* não cita outro que não seja o milho.

No anno de 1861 **Manassei** apresentou á sociedade de medicina «Conferenza medica de Roma» um relatorio em que annunciava a existencia da pellagra na Palestrina, onde a nutrição dos habitantes era quasi exclusivamente constituida pelo milho. Logo no anno immediato publica-se a carta que o vice-reitor da Universidade de Modena, **dr. Vacca,** dirige a **Balardini.** Esse documento notavel demonstra como a planicie de Massa, durante muito tempo indemne de pellagra, é rapidamente invadida pela endemia, tão depressa se modificam as condições economicas da população laboriosa, sobre quem caira a miseria com a ruina absoluta da vinha pelo phyloxera.

Surgem em 1869 as primeiras communicações de **Lombroso.** A theoria maïdica vae definitivamente constituir-se n'um corpo de doutrina rigorosa, já vagamente apercebida por **Marzari** e affirmada com

segurança por **Balardini** e **Roussel**. Os resultados dos trabalhos de **Lombroso** reservamo-los para o capitulo da etiologia com o desenvolvimento que se lhes deve. Aqui importa apenas registar que, corroborando em absoluto a verdade posta por **Balardini**, affirma ser realmente nas alterações do milho que reside a causa geradora da pellagra. Um erro se commettia porem, qual o de fazer do *Sporisorium maïdis* o agente etiologico especifico, quando as observações de **Lombroso** o levam antes a crêr o *penicillium glaucum* como o verdadeiro agente toxico, não propriamente por si, sendo como é inoffensivo, mas pelo veneno que no milho se gera por fermentação de que o *penicillium* é naturalmente o o agente.

A série de experiencias realisadas por **Lombroso**, em homens, e especialmente em animaes, collocaram decididamente as investigações sobre a etiologia pellagrosa n'um terreno seguro. É assim que já em 1880, no Congresso de Genova, a doutrina da intoxicação qne o illustre professor de Turim tão elevadamente defende, obteve uma consagração unanime, ainda mal perdidos os echos do juizo desfavoravel com que em 1875 o Instituto lombardo a recebera.

As opiniões de **Lombroso**, largamente sustentadas por **Falcone, Pietro Santo** e **Manassei** n'esse Congresso de Genova, destruiram triumphantemente todas as hypotheses etiologicas, e bem diversas ellas eram. Desde então para cá esta orientação positiva não tem cessado de affirmar-se e confirmar-se.

Um inquerito da «Direcção di Agricultura», realisado em 1878-9, constata a existencia, ao tempo, de cerca de 100:000 pellagrosos. Successivas providencias officiaes e um grande desenvolvimento da beneficencia publica e particular teem vindo correspondendo ao esforço dos medicos italianos na obra de uma prophylaxia concordante com a doutrina da intoxicação.

Hoje contam-se por dezenas os nomes de medicos illustres que continuamente lançam a publico novos e valiosos subsidios para o conhecimento da doença.

Nos dois ultimos Congressos a que mais de uma vez teremos occasião de nos referir, o de Padua (1899) e o de Bollogna (1902), são innumeras as memorias e relatorios. N'este segundo foi presente um trabalho de **Ceni**, sustentando com experiencias proprias, a etiologia inficiosa da pellagra.

E já posteriormente, em 1902 e 1904 publicou novas pesquizas sustentando esse criterio, sobre o qual o Congresso se não pronunciou decisivamente, é certo, mas que a despeito das replicas que provocou de **Devoto, Di Pietro, Gosio,** etc., nem por isso deixou de merecer um enthusiastico encorajamento ao sabio investigador.

Cumpre registrar bem este raro exemplo que offerece a medicina italiana, trabalhando permanentemente, com intelligente abnegação, no estudo e combate de uma doença que só elege os condemnados párias da agricultura.

No capitulo da prophylaxia apreciaremos toda a energia d'essa dedicação notavel.

A Pellagra em França

De 1812 a 1829 o dr. **Hameau,** medico em Teste de Buch, teve occasião de observar casos de uma *doença nova,* que ficou rubricada com o nome de *doença de Teste,* fazendo communicação d'ella n'aquelle ultimo anno em 4 de maio á sociedade Real de Medicina de Bordeaux.

Tratava-se, dizia, «d'uma *doença da pelle* que julgava pouco conhecida e que ameaçava toda a população das cercanias de Teste. Publicada esta memoria no «Jornal de Medicina Pratica», ella mereceu immediatamente, pelos symptomas descriptos, o commentario do dr. **Dupuch-Lapointe**, que verificou depressa analogias com a *pellagra*, pelas descripções estudadas nos auctores italianos.

Os drs. **Gintrac** e **Bonnet**, afoitando-se mais, reconhecem não simples analogias, mas uma perfeita identidade entre as duas doenças. **Lalesque**, que tambem em Teste estudara a nova modalidade morbida, publica uma memoria, que, com o trabalho de **Hameau** tinha de merecer um premio das auctoridades departamentaes interessadas no estudo do assumpto.

Novas observações de **Ardusset Beyris**, que acabavam de encontrar nas Landes a endemia, estabelecem definitivamente, com o dr. **Artand**, que a *doença de Teste* é a *pellagra* dos lombardos.

Em 1830 **Bierre** de Bismont lê á Academia das Sciencias uma monographia ácerca da pellagra e da loucura pellagrosa.

Mas o certo é que, fóra da Gironda, nenhuma importancia se dera ao acontecimento; é alli ape-

nas que se interessam, encarregando o dr. **Léon Marchand** d'um estudo geral sobre o importante thema.

D'este trabalho, que consumiu alguns annos de investigação, resulta a *Memoria* de **Marchand** lida a 15 de julho de 1843 na Academia de Medicina de Paris. Constata-se a existencia da pellagra em mais de vinte communas da Gironda, e só no districto de Linye calcula-se em mais de cem o numero dos pellagrosos.

Em 1842 **Th. Roussel** publica a sua primeira observação sobre a pellagra.

É então que se accentua este movimento medico e, como de surpreza, surgem immensas communicações de casos de pellagra sporadica, relatados por **Devergie, Gibert, Cazenave, Becquerel, Bernardel, Marotte, Cahen, Mêrier, Beau,** etc. Na sua maioria os casos observados por estes auctores, foram mais tarde descriptos por **Roussel** como de falsa pellagra.

Em 1845 apparece a obra de **Roussel** *"La Pellagre, son origine, ses progrés, son existence en France, ses causes et son traitement curatif et preservatif„*. Este trabalho, contemporaneo da obra de **Balardini,** fundamentando-se na pesquiza que, não só em

França, mas na Itália e na Hespanha, tinha emprehendido o notavel medico, era um poderoso documento em defesa da theoria zeista que, como já succedera em Italia, ia levantar em França uma viva discussão entre os especialistas.

Com vigor e grande lucidez, n'uma nova viagem de estudo, **Roussel** vae adquirindo laborioso material para em 1866 publicar o seu *Traité de la pellagre et des pseudo-pellagres,* livro que ficou classico e que o Instituto de França premiou. A despeito das contraditas que provocou o enorme esforço de **Roussel,** e por bem illustres que fossem os seus adversarios, nem por isso esse tratado deixou de constituir um alicerce seguro do alto edificio que ia erguer-se. Com raro escrupulo, inteira isempção e penetrante sagacidade, o sabio illustre sustenta e torna bem evidentes as verdades que **Balardini,** quasi ao mesmo tempo, sustentava ante o mundo medico da Italia.

E não eram obscuros os nomes dos seus antagonistas, como **Billod,** por exemplo, esforçando-se por demonstrar que a pellagra é unicamente um mal da miseria e algumas vezes uma consequencia da loucura. Contra esta confusão levantou-se energica a voz de **Roussel.**

É certo que a miseria provoca a pellagra, mas só uma especial miseria, a que obriga numerosas populações a alimentarem-se quasi que exclusivamente, com milho de infima qualidade. E quanto á loucura considerada como uma causa geradora da pellagra, é bem transparente o equivoco. É a pellagra que determina a loucura; e esta é quasi sempre, senão sempre, o termo final da doença. Os phenomenos gastricos e exanthematicos podem recidivar, e geralmente assim succede, durante o periodo evolutivo do delirio pellagroso, mas este existe sempre, como os demais symptomas referidos, dentro do quadro rigorosamente systematisado da doença. Como **Billod**, sob o mesmo ponto de vista, apresentaram trabalhos **Boillorger** (1847) **Cazeneuve** (1851), descrevendo alguns d'esses casos de pellagra *provocada* pela loucura.

Landouzy, o sabio professor e director da Escola de Medicina de Reims, em licções celebres e no tractado «De la pellagre sporadique» combate a doutrina maïdica, sustentando que a pellagra esporadica está absolutamente disseminada por regiões em que o milho não faz parte da alimentação commum. Procura estabelecer uma identidade entre a

pellagra esporadica, a endemica e a loucura pellagrosa, e refere á insolação a causa occasional da doença que encontra terreno predisposto, diz, na hereditariedade, na miseria, na alimentação inferior e nas paixões tristes.

Roussel provou sufficientemente, como os casos sobre que **Landouzy** firmava toda a sua argumentação não eram de modo algum casos de pellagra e o futuro veio confirmar o criterio de **Rousssel**. Esses casos que então por toda a parte surgiram bem constatados, desappareceram por completo logo que um mais perfeito conhecimento da doença auctorisou os medicos a um mais rigoroso diagnostico.

Hoje não se conhecem casos de pellagra esporadica—é uma verdade.

Muitos outros clinicos vieram trazer subsidios importantes a estes estudos, ampliando e valorisando a litteratura franceza.

Costallat (1856-57) verifica a existencia da pellagra, simultaneamente indicada por **Verdoux, Duplan, Pedebidon e Lacoste** nas regiões pyrenaicas, demonstrando com dados irrefutaveis a rigorosa intimidade entre a manifestação endemica e a alimentação pelo milho verderamado. Em 1858 os tra-

balhos de **Costallat** constituem a base d'um relatorio ao Conselho d'Hygiene dos Altos-Pyreneus de que é auctor **Dominique Duplan** que combate rudemente a doutrina zeista, provocando uma replica vigorosa de **Costallat**.

Na lucta contra a etiologia maïdica figuraram ainda **Bouchard** com as *Recherches sur la pellagre*, **Hardy** com as *Leçons sur la pellagre*, e tantos outros, entre os quaes ha ainda a especialisar **d'Archambault**, com as suas observações notaveis—que mais tarde elle mesmo havia de condemnar.

Entre outros trabalhos dedicados ao estudo d'esta doença pelos medicos francezes, cumpre citar algumas theses inauguraes defendidas perante a Faculdade de Medicina de Paris, como a de **Du Condu** (1858), **Dangreilh** (1861) e ainda muito modernamente, em 1903, a de **Ky. Cecconi**, sob o titulo *Érythèmes pellagreux et érithèmes pellagroides*.

Vê-se que esta exhuberancia scientifica a proposito da pellagra, tão notavel no periodo que decorre entre 1845 e 1875, diminue consideravelmente depois e quasi que desapparece, em contraste com o movimento italiano cada vez mais intenso e profundo. A razão é de certa maneira simples, e em flagrante se pode surprehender, lendo o soberbo

artigo que **Arnould** consagra, no *Dictionnaire encyclopedique des sciences médicales,* de **Dechambre,** á nossa doença; é que a pellagra já não existe em França. Essa endemia, que com tanta violencia fere a Italia, e hoje tão vulgar é entre nós, fugiu definitivamente d'aquelle solo, batida por uma bella evolução social que foi operando uma justa melhoria economica entre as populações até ahi assoladas pelo temeroso flagello.

A pellagra nas provincias danubianas

Na Roumania, como nos outros paizes latinos, existe tambem a pellagra. Cultiva-se lá intensamente o milho, que constitue, quasi d'um modo exclusivo, a unica alimentação das classes menos abastadas.

Em 1858 o dr. **Julius Theodori** sustenta na sua these inaugural, ante a Universidade de Berlim, apoiando-se nas observações de seu pae, medico em Roman, e nas de outros clinicos da região, a existencia da pellagra na Moldavia, contrariando a affirmativa anterior de **Gintrac** que dizia ser ahi abso-

lutamente desconhecida a doença, não obstante em toda a Moldo-Valachia ser o milho a base essencial da alimentação. Já em 1847 o medico francez **Caillat** tinha garantido, demonstrando-o, que a endemia estava naturalizada no paiz.

Em 1882 o professor **Felix** apresentava ao Congresso internacional de Genova um estudo, entre outros, sobre a prophylaxia pellagrosa, tendo publicado em 1847, n'uma revista medica de Bucarest, uma observação bem documentada sobre certo caso de pellagra.

O professor **Sutzo**, medico alienista, encontra e descreve entre os loucos o delirio pellagroso e o dr. **Antonin**, de Berlast, em 1887 produz ainda uma monographia.

Desde então para cá multiplicam-se estes subsidios. É o professor **Marinesco**, que faz estudos sobre as lesões da pellagra na cellula nervosa; **Babes** e **Sion**, sobre a anatomia pathologica nervosa; **Luca**, a proposito da pellagra nas creanças; **Manicatide**, sobre a ethiologia pellagrosa; **Maldaresco**, que ensaia a estrychnina no tratamento da doença, e tantos outros procurando contribuir para o estudo do terrivel morbo.

No *Dictionnaire encyclopédique des sciences médi-*

cales, de Dechambre, alem do artigo de **Arnoud,** conhecemos ainda outro, com o titulo *Région danubienne,* do professor **Obedenaro**, que dá a pellagra como existindo na Roumania.

Em 1900 o dr. **Neagoe** publica os seus trabalhos sobre a especialidade que, de resto, não foram os ultimos acerca da endemia.

Lá, como na Italia, vê-se que o mundo medico está ardentemente empenhado no combate contra o flagello, que fustiga rudemente os miserrimos trabalhadores.

A Pellagra em Portugal

Não obstante a larga actividade que vimos dispender em estudos sobre a pellagra e durante tão longo tempo, a medicina no nosso paiz parece ter notado a existencia do mal só muito tardiamente.

Não sabemos de nenhum documento remoto que nos auctorise a julgar conhecida dos nossos medicos a endemia, quando ella nos batia ás portas denunciada embora pelo estudioso e erudito frade

Feijoo, quando a dá como acclimada na Galliza (1740), e pelo dr. **Enriques**, de Formosella, quando a constata em algumas localidades de Zamora, provincia confinante com a nossa de Traz-os-Montes (1847).

Mas, se aos facultativos portuguezes de então passaram sem importancia ou de todo ignoradas as noticias da nova doença, e se as mesmas discussões depois levantadas parece não terem despertado o menor echo para aquem das fronteiras, o facto é de todo natural e facilmente explicado pelo despreso a que na epocha, como quasi sempre, foram votadas entre nós as sciencias medicas.

O que ainda assim mal se comprehende, e muito menos se desculpa, é que só muito tarde se viesse a dar pela existencia d'uma endemia que reina assoladora em todos os cantos de uma provincia, *a mais densa de todas*, e onde a população dos trabalhadores agricolas, alimentando-se quasi que exclusivamente de milho, arrasta uma vida miseravel sem par.

Tanto mais é para notar o facto, quanto é certo que toda essa região é rica de hospitaes, thermas e aguas medicinaes em exploração, possuindo ainda uma larga costa maritima, cheia de

*

praias balneares, refugios que necessariamente haviam de ser frequentados por esta especie muito curiosa de doentes *do figado*.

Como quer que seja, não soffre contestação que só muito modernamente se descobriu entre nós esta calamidade publica, sendo aliás de era bem distante o uso do milho como fundo da alimentação dos pobres e longinqua tambem a miseria crescente do operario agricola.

O prof. **Bombarda** regista já este facto estranho, e mais recentemente o psychiatra **Julio de Mattos**, no 2.º volume d'«Os alienados nos Tribunaes», explica a ausencia de loucos pellagrosos, durante o largo periodo de 20 annos, no manicomio do Conde Ferreira, por serem geralmente desconhecidos dos medicos os symptomas de ordem nervosa, sobretudo os psychicos.

O mesmo erythema pellagroso, considerado por alguns tratadistas como uma dermatose essencial, não podia ser facilmente dignosticado, sendo como são muito mal conhecidas n'este paiz, quanto á sua etiologia e aos symptomas, as doenças da pelle.

Póde ainda abordar-se outra interpretação, se tivermos por muito moderna a endemia, derivada

do adensar da população e do successivo progredir do mal estar economico geral. Em nosso modo de ver, não parece porém que seja assim, e melhor colhem os argumentos anteriores, que explicam a anomalia, em boa logica, pela ignorancia dos clinicos. A crescente miseria, essa deve justificar a diffusão da pellagra, que hoje alastra não só por todo o Minho, mas ainda por outras provincias.

Seja como fôr, nas nossas investigações, que foram cuidadas e cheias de minucia, encontramos o primeiro diagnostico de pellagra em Portugal feito pelo dr. Avelino Germano da **Costa Freitas**, no hospital de Guimarães, em 1866.

Em 1896 o director do Hospital de Rilhafolles publicava na *Revista Portugueza de Medicina e Cirurgia Praticas* um artigo sobre a pellagra, dado ainda a lume em separata.

É o relatorio d'um caso de loucura pellagrosa, n'um individuo de Barcellos, enviado pelas auctoridades e pelos medicos de Villa de Conde, para ser devidamente observado no manicomio de Rilhafolles.

N'este extenso relatorio, que é o primeiro trabalho que entre nós se publicou sobre pellagra, conforme recentemente o revindicou o seu auctor na «Medicina contemporanea» a proposito de uns

artigos do « Independente » de Guimarães, refere-se ainda a outro doente que lhe foi enviado de Barcellos pelo dr. Antonio **Martins** de Souza **Lima** com o diagnostico presumido de pellagra.

Este illustre facultativo, que alli exerce clinica ha largos annos, de ha muito vem diagnosticando com todo o rigor a doença, quer nos individuos que recorrem á hospitalisação e consulta externa do hospital de Barcellos, quer na sua vasta clinica civil.

É curiosa a transcripção, feita pelo prof. **Bombarda** d'uma carta do dr. **Costa Maia,** de Villa do Conde, em que este medico se pronuncia pela raridade extrema da pellagra. E achamol-a curiosa porque ella não concorda nem com as nossas informações, nem, como já o accentuava o prof. **Bombarda,** com as que lhe foram fornecidas por outros collegas.

No caso estudado por este professor, se é certo que não apparecem alterações digestivas, que o quadro symptomatologico devia comprehender, e que nós tão frequentemente encontramos, elle é todavia bem typico e incontestavel.

As manifestações exanthematicas e psychopathicas são claras. O erythema terminou a sua evo-

lução, mas persistem as manchas cicatriciaes caracteristicas. Quanto á anormalidade mental, ella é em absoluto concordante com as descripções classicas da loucura pellagrosa. O mutismo, a incoherencia das ideias, a melancolia, e os impulsos aggressivos explodindo a cada primavera.

Intepretando esta exacerbação periodica, escreve o auctor:

«Ha ainda um elemento de diagnostico, não pertencente á fórma mental, mas á marcha da doença. São as recrudescencias da primavera, que veem claramente apontadas no nosso caso. Têm-se tentado interpretar pela acção do sol sobre a pelle, de modo que o exanthema appareceria de preferencia sobre as partes descobertas. Sem o sol não ha pellagra, chega a proferir um auctor. Mas a verdade é que as recrudescencias não só affectam as alterações cutaneas, mas o conjuncto da doença com os seus symptomas mentaes, dermicos e gastro-intestinaes. A interpretação é pois erronea.

«Eu ligaria antes essas recrudescencias a alguma coisa da evolução do parasita, que provavelmente se desenvolve no milho posto em celleiro e é a causa da doença. A erupção cutanea não seria senão um reflexo trophico da doença que teria a

sua séde principal no systema nervoso. As lesões medullares encontradas fortalecem esta opinião. É claro que a preferencia da séde do exhantema não dependeria senão da marcha centripta das dystrophias, como succede n'outras intoxicações—o saturnismo, por exemplo. Se ha influencia da irradiação solar é apenas adjuvante. A prova está em que algumas vezes, como no nosso caso, as alterações da pelle se desenvolvem em todas as regiões, mesmo as mais abrigadas». (1)

Termina a communicação procurando mostrar como a fórma da loucura pellagrosa se identifica fundamentalmente com a doença mental descripta por **Kahlbaum** com o nome de *catatonia* e que, não tendo vingado em psychiatria, resuscitou como diz o prof. **Bombarda**, no que tem de fundamental, sob o titulo de *confusão mental* dos auctores francezes, e *demencia primitiva* dos allemães.

---

(1) Já em uma nota, quando nos referimos aos trabalhos do dr. **Higinio de Campos**, vimos a inanidade da acção solar, que por vezes tem sido considerado como causa geradora da pellagra. E citamos então, entre argumentos d'outra ordem, o facto constatado por **Facheris** de ter encontrado a pellagra entre operarios fiandeiros que trabalhavam sempre protegidos da acção solar. Nas nossas observações ha de resto varios casos como o de **Facheris**.

N. A.

Não devo terminar estas rapidas linhas de referencia sem notar que o prof. **Bombarda** aponta a gravidade que reveste a existencia da endemia pellagroide no nosso paiz. «A sua importancia, diz elle, sob o ponto de vista das condições hygienicas das classes trabalhadoras não póde ser excedida. A pellagra é doença de alimentação (o milho *verderamado*) e é doença dos pobres. Tanto basta para que nos esforcemos para que saia das trevas em que n'este paiz se envolve». Depois d'esta communicação, e a despeito de então serem já muito vulgares os diagnosticos de pellagra em alguns dos hospitaes do Minho, accrescendo a frequencia cada vez mais numerosa dos pellagrosos nas clinicas particulares dos dous centros onde mais intensa ella se manifesta, Guimarães e Barcellos, e ainda nas thermas, principalmente em Caldellas e nas Taypas, raros são os medicos que se consagram á observação d'esta interessante individualidade nosographica. Seguindo a ordem chronologica, apparece-nos em julho de 1899 o dr. Manoel **Gomes Barreto** a defender na Escola Medico-Cirurgica de Lisboa a sua dissertação inaugural com um estudo que designou de «Breves Considerações sobre a Pellagra».

Repousa este trabalho essencialmente em quinze

observações do auctor e quatro do dr. **Gimenes** feitas em Hespanha.

Ás primeiras devemos confessar que faltam indicações detalhadas, que seriam importantes, desde que o auctor pretendia refutar a etiologia maïdica a que, decididamente não encontra valor algum no momento em que ella é menos controvertida. Superfluo seria encarecer, em investigações d'esta natureza, quanto vale a descripção muito detalhada das lesões e o conhecimento do regimen alimentar e do regimen de trabalho das populações affectadas.

Entende o auctor que a pellagra é uma doença inficiosa, e em abono d'este criterio refuta os primitivos trabalhos experimentaes de **Lombroso** e **Antonini**, encostando-se um pouco a **C. Strambio** e baseando-se nas observações proprias; põe em duvida a origem moderna da pellagra; lembra ainda os casos esporadicos e os anotados por outros auctores, de apparecer pellagra onde o milho não entra como base essencial e dominante na alimentação, e approxima das doenças inficiosas a pathogenia e a therapeutica.

N'esta obra, que faz resurgir todo o antigo arsenal dos argumentos gastos pelos medicos que inutilmente procuraram invalidar a doutrina etiologica

maïdica, ha por vezes algumas inexactidões, uteis aos contradictores do zeismo, como por exemplo, a de se attribuir a **Roussel** o ter observado a *Flema salada* na Castella Velha e attribuir-lhe ainda o que a **Costallat** pertence, isto é, a identificação da endemia, denunciada pelo dr. **Mendez-Alvaro**, com a *acrodynia;* outra, e não insignificante, é classificar **Giambatista Mazzari** de simples *theorisador,* esquecendo os seus vinte annos de trabalhos seguidos de observação clinica, que precederam o superior estudo em que pela primeira vez, com um talento incontestavel, se apresenta uma doutrina etiologica fundada em um criterio scientifico.

No que diz respeito á importancia do argumento contra o zeismo, com a hypothese de que a pellagra e o milho não devem ser contemporaneos, elle é sem valor. Está em absoluto desaccordo com todas as indagações feitas. Vimos já a maneira como sobre este assumpto conclue o relatorio da Commissão piemonteza no Congresso de 1847, sendo de resto composta só por adversarios da doutrina maïdica. A pellagra só se constatou na epocha em que a generalisação da cultura do milho, veio, por assim dizer, operar uma revolução consideravel na vida agricola de certas regiões. A

razão de que são raros os casos de pellagra na America e na Africa, onde o milho se cultiva muito, serve apenas, dadas as especiaes condições climatericas, a corroborar as razões e factos experimentaes da etiologia zeista. Os motivos tirados da therapeutica para a conclusão de que a pellagra é uma doença inficiosa, não nos parecem concludentes em sua penuria. Bem ao contrario, da therapeutica derivam razões que nos auctorisam a incluir a pellagra no quadro das doenças toxicas. O facto da applicação do sulfato de cobre como cauterio sobre a zona erythematosa não dá direito ás pretendidas conclusões. O que não consente duvidas é que d'essa applicação não resulta o desapparecimento da lesão. O erythema manifesta-se ou dissipa-se da mesma maneira indifferentemente, applique-se ou não o sulfato de cobre, o caso é que se dêem ou não as condições necessarias para que a intoxicação tenha logar; e quando os estragos são violentos, porque a intoxicação é profunda, persistem os mesmos stygmas indeleveis até á morte, a despeito do uso mais cuidado e inutil do sulfato de cobre. Como disse **Videmer**, a repetição dos accidentes depende do regresso do doente á acção das causas da doença.

Quanto aos casos de *pellagra esporadica,* inutil é

relembrar que o argumento perdeu toda a importancia. Hoje não se registram casos de pellagra esporadica. Os que n'esse periodo de discussão e com tanta frequencia se contaram, levantando tantos clamores, tiveram de ser reconhecidos como positivos erros de diagnostico, uns pelos mesmos auctores das communicações, outros pelas observações de clinicos experimentados no estudo da endemia.

A syphilis, o alcoolismo, a tuberculose, etc., contribuiram para essa confusão, felizmente de ha muito desfeita.

Após este trabalho rapido e despreoccupado, não se encontra na nossa litteratura medica nenhuma outra noticia referente á pellagra, além d'um artigo do prof. **Alfredo de Magalhães,** na *Gazeta Medica do Porto,* em 1901, em que se faz a observação clinica d'um caso que o auctor teve occasião de tratar no Alemtejo, e que descreve nos termos seguintes: «Em abril d'este anno fui consultado por M. P. que conheci em Grandola, a proposito d'um erythema que o persegue annualmente pela primavera, interessando todas as regiões directamente expostas á acção do sol. Pondo de parte a acrodynia, doença mais grave e creio que desco-

nhecida em Portugal, mesmo rara nos paizes em que já se manifestou — e refiro-me á acrodynia por não saber d'outra entidade morbida tão afim do erythema pellagroide — impoz-se-me desde logo o diagnostico da pellagra perante a concomitancia de symptomas geraes de ordem digestiva e nervosa, como gastralgia, vomitos, diarrhêa, cephalalgia, vertigens, depressão mental, que todos os annos se repetem com uma regularidade perfeita. Durante o outomno e principio do inverno a pelle descama-se exfollia-se, reveste a physionomia particular da cutis anserina, e pelas successivas recidivas torna-se luzidia, bronzeada, extremamente sensivel. O meu doente é feitor d'uma casa importante de lavoura, tem 45 annos de edade, é robusto, de temperamento nervoso; nunca soffreu privações de nenhuma especie. Na região não é conhecido o pão de milho.» (1)

Seguidamente e n'um rapido escorço define a

(1) O proprio auctor d'esta communicação, que hoje conhece bem a doença, ao passo que n'aquella epocha muito poucos casos tinha podido observar, segundo nos confessou, põe hoje francamente em duvida o seu diagnostico, pouco inclinado a admittir casos esporadicos de pellagra.

doença, faz a critica das principaes theorias etiologicas e pathogenicas de maior voga, insurgindo-se particularmente contra a do *sporisorium maïdis,* e a titulo de curiosidade e reconstituição da historia medica portugueza, referindo-se ao *Ensaio dermosographico ou succinta e systematica descripção das doenças cutaneas conforme os principios e observações dos doutores Willian e Bateman,* publicado em 1820 por **Bernardino Antonio Gomes**, transcreve d'esta obra *notavel pela riqueza do glossario* uma descripção summaria e condensada, mas deveras exacta, de pellagra. (1)

No 2.o volume de «Os alienados nos Tribunaes», publicado em 1903, o dr. **Julio de Mattos** dá-nos ainda a observação de um certo caso de

(1) Vem muito a proposito aqui recordal-a:

Malhas psoriacas indolentes, annualmente recorrentes pela primavera e fenecentes com o verão, acompanhadas de debilidade geral e intermittente, de tendencia a diarrhéa e de transpiração mal cheirosa, aggravadas ás vezes pôr salsugem superveniente, e seguidas, no decurso de annos, de pulso tardo, e symptomas gastricos ou nervosos commumente fataes. Situação na cara, peito, costas das mãos, peitos dos pés e quaesquer partes descobertas e expostas ao sol. Descamação seguida de mancha mais branca que a pelle circumvisinha e lisa. Remedios: ainda mal conhecidos. São uteis os quinados, e topicamente nata, banhos de sôro de leite, fugir dos raios do sol, dieta e regimen corroborante.

loucura pellagrosa em certo individuo do logar da Portella, freguezia de Cabanamaior, enviado pelo poder judicial ao Conselho Medico-Legal d'esta cidade, para um exame no manicomio, aconselhado pelos peritos da comarca que primeiro o haviam examinado e que, embora constatassem a erupção pellagrosa, não souberam relacional-a com o estado mental do arguido.

Este relatorio encerra para nós um facto bem confirmativo da acção que sobre os enfermos pellagrosos exerce a substituição da nutrição maïdica por alimentos variados e sadios, ainda quando, como aqui, se trate de um doente em tão adiantado gráo de evolução.

Quando este homem entrou em observação no hospital, já não apresentava o erythema que os primeiros peritos haviam notado. O estado de depressão em que elle se encontrava, o mutismo absoluto e o abandono melancolico não diziam no emtanto sobre a sua natureza e relações com a intoxicação maïdica. É certo que pelas indicações dos primeiros peritos e pela marcha da doença havia a conjecturar-se de um caso caracteristico de loucura pellagrosa. Para varrer todas as duvidas o dr. **Julio de Mattos** contou com dois factos que deveriam dar-se:

as melhoras do doente mercê d'uma nova alimentação sadia, e o apparecimento do erythema na epocha propria, pois a despeito da modificação alimentar, estando a doença n'um gráo tão avançado, não era de crêr que elle deixasse de surgir novamente. E surgiu na realidade, mas para se dissipar rapidamente, como era natural. Nos periodos que transcrevemos do relatorio a evidencia é flagrante: «Como conjecturamos, o erythema pellagroso voltou em março d'este anno, occupando as regiões de eleição: face dorsal das mãos e dos pés. Ao mesmo tempo houve uns dias de diarrhêa, a que succederam outros de constipação. Foi muito rapida a evolução d'este exanthema, que no espaço de uma semana entrou na phase de descamação».

Em meiados de 1904 publicam-se quatro artigos no jornal noticioso o «Independente», de Guimarães, subordinados ao titulo «A Pellagra» e devidos ao quartanista da Escola Medica do Porto **João de Meira**.

O intuito do auctor não me obrigaria a esta referencia, se não fossem as considerações que esses artigos provocaram da parte do prof. **Bombarda** na «Medicina Contemporanea».

O fim do articulista, como elle proprio o de-

clara, era interessar e esclarecer os parochos do seu concelho na resposta a uma circular que a Camara de Guimarães fizera distribuir para realisar o censo dos pellagrosos da região. «Estas informações dos parochos, diz **João de Meira** em carta dirigida ao prof. **Bombarda**, seriam valiosos, porque permittiriam chamar os individuos denunciados a um exame directo verificando na realidade se elles eram pellagrosos. Ora succedeu que muitas das respostas dadas pelos parochos eram insufficientes e não revelavam o cuidado que a materia realmente merecia. Para lhes chamar a attenção e o interesse foi que resolvi escrever no «Independente» os artigos subordinados á epigraphe *Pellagra*».

Não sendo artigos scientificos, embora inspirados na intenção, digna de todo o applauso, de colligir observações e documentos, não são de estranhar alguns erros de certo vulto, como o conferir ao *Sporisorium maïdis* exclusivamente a causa efficiente da doença e o de exaggerar o valor prophylactico dos fornos de **Tadoli**.

E todavia veem de ha mais de trinta annos os trabalhos de **Lombroso** a demonstrar o erro de **Balardini**.

O que é digno de nota é a ausencia de rectifi-

cação nas longas linhas com que «A Medicina Contemporanea» acompanha a transcripção do artigo. Parece-nos, sem espirito de censura, que a correcção se impunha essencialmente, desde que as circumstancias especiaes da polemica n'um periodo scientifico podiam implicar cumplicidade ou solidariedade de vistas na maneira de interpretar o problema, tanto mais quanto é effectivo o interesse do prof. **Bombarda** pelo assumpto que o levou a considerar a publicação transcripta como *o depoimento mais notavel e mais decisivo que ainda se fez entre nós na questão da pellagra.*

Pelo que respeita ás minhas investigações pessoaes, na impossibilidade de estendel-as a todo o paiz mau grado ter emprehendido algumas excursões como, por exemplo, a Condeixa, onde acompanhei o prof. **Alfredo de Magalhães** em estudo sobre a pellagra, que realmente lá fomos encontrar, vi-me forçado a reduzir todo o inquerito á provincia do Minho, ou antes a parte d'ella, circumscrevendo-me aos grandes centros pellagrogicos, que assim os considero — de Guimarães, Barcellos, Paredes de Coura, Amarante e Braga.

Um dos obstaculos a mais funda indagação, é o estado cahotico em que muitos hospitaes teem o

*

seu archivo. Em alguns quasi que nem existe, e noutros está de tal modo baralhado que é impossivel utilisa-lo.

Outro facto extremamente curioso que quero registrar aqui, colhido em Amarante, Guimarães e outras terras minhotas, é o do numero notavel de mancebos isemptos do serviço militar, por motivo de *dermatoses,* rubrica vaga que sem duvida para nós encobre muitas vezes a pellagra.

É interessante, porque significa o desconhecimento da natureza e evolução da doença por parte dos mesmos medicos que determinavam a isempção em presença da pellagra. E não é sem proposito relembrar, que **Lombroso** aconselha precisamente, como meio prophylactico, que os filhos d'estes enfermos sejam de preferencia chamados ao exercito. Com elle um sem numero de observadores lembram egualmente o mesmo meio, verificando como no serviço militar se curam os pellagrosos, quando n'uma phase relativamente pouco avançada, pelas simples mudança de alimentos. Entre nós porem tem-se pensado muito ao invez, seguindo-se uma pratica opposta.

Foi, como já dissemos, em 1866 e no hospital

de Guimarães, que o dr. Avelino **Costa Freitas** diagnosticou a pellagra pela primeira vez.

Não existe n'este hospital registro codificador para alem de 1877; mas existem as tabellas que, pacientemente manuseadas, nos põem ao corrente da doença nos annos de 1866 e 1867, como se vê do quadro seguinte:

Casos de pellagra observados pelo Dr. COSTA FREITAS no Hospital de Guimarães

Anno	Mez	Dia	Nome	Edade	Estado	Naturalidade	Profissão
1866	Maio	9	Domingos d'Oliveira . . .	73	viuvo	S. Jorge de Selho	mendigo
»	»	11	Maria da Silva	22	s.	» »	moleira
»	»	10	Anna da Costa	27	»	Bostelhas	fiandeira
»	Agosto	18	Domingos d'Oliveira . . .	73	viuvo	S. Jorge de Selho	mendigo
»	Outubro	2	Manoel Joaquim	30	—	Guimarães	?
»	»	10	Antonio da Silva	22	—	»	moleiro
1867	Abril	23	Maria Rosa	74	—	»	mendiga
»	Maio	3	Francisco d'Arago. . . .	38	—	»	cabaneiro
»	Julho	12	Maria Fernandes	42	c.	»	fiandeira
»	»	13	Manoel da Silva	47	»	»	jornaleiro
»	»	»	Maria Barbara.	19	s.	»	jornaleira
»	»	20	João Luiz.	56	c.	»	jornaleiro
»	Setemb.	16	Maria Rosa	60	—	»	»

Depois d'esta data, que coincide com a retirada do dr. **Avelino de Freitas**, decorre um espaço de dez annos sem que o registro do hospital accuse a pellagra.

Em 1877 porém apparece de novo, contando-se, 1 caso em abril, 4 em maio e 2 em junho.

Desde então nunca mais deixa de figurar nas tabellas hospitalares, notando-se sempre nos mezes de abril, maio e junho, a quadra predilecta, isto é, na primavera, o periodo electivo da sua disseminação.

Em 1878 acodem dous casos ao hospital, 1 em maio, e 1 em junho.

Em 1879, 1 no fim de março, 7 em maio, 2 em junho e 1 em julho.

Em 1880, 1 em março, 2 em abril, 2 em maio, 5 em junho.

Em 1881, em abril 5, maio 1, junho 3 e 1 ainda em novembro.

Em 1882, em fevereiro 1, maio 2, junho 3 e novembro 1.

Em 1883, 1 em março, 2 em abril, 2 em maio e 1 em junho.

Em 1884, em janeiro 1, maio 3, junho 2 e em julho 1.

Em 1885 em abril 1, em junho 3, em julho 1, em setembro 1.

Em 1886, abril 1, agosto 1, novembro 1.

Em 1887, março 1, abril 1, maio 3, junho 1.

Em 1888, março 1, abril 3, maio 2, setembro 1.

Em 1889, maio 1, dezembro 1.

Em 1890, março 1, abril 1, junho 2, setembro 1.

Em 1891, fevereiro 2, março 1.

Em 1892, janeiro 1, abril 3.

Em 1893, março 1.

Em 1894, fevereiro 1, março 5, abril 2, maio 2, junho 3, julho 2, novembro 1.

Em 1895 e 96, nenhum caso.

Em 1897, março 1, abril 5, maio 3, julho 2, agosto 1, setembro 1, outubro 1.

Em 1898, março 8, junho 4, julho 2.

Em 1899, março 1, abril 1, julho 3, outubro 1.

Em 1900, maio 1, julho 1.

Em 1901, fevereiro 2, março 1, abril 3, maio 3, julho 2, agosto 1.

Em 1902, abril 1, maio 2, agosto 1, setembro 1, outubro 1.

Em 1903, janeiro 2, março 2, abril 4, maio 5, junho 1, julho 1, agosto 3.

Em 1904, fevereiro 1, março 2, abril 2, maio 19, junho, 13, julho 2, agosto 2, setembro 3, outubro 8, novembro 5.

Como se vê, n'este ultimo anno os numeros sobem notavelmente. De todas estas notas só ha a verificar a intensidade com qne a endemia revive na primavera e a preferencia triste que ella concede ás classes menos favorecidas da fortuna.

O maior numero d'estes doentes é de trabalhadores do campo, pedreiros e mendigos, dando tambem seu contingente em quantidade algumas profissões, como as de tecelagem, tinturaria e domestica, que por sua natureza não são muito influenciadas pela acção dos raios solares.

É de impressionar e de muito surprehender como de subito o movimento hospitalar de Guimarães accusa no anno de 1904 uma cifra enorme de pellagrosos em contraste flagrante com as cifras anteriores. Comprehender-se-ia, se houvesse a registrar um excepcional facto determinante como o que, por exemplo, em 1862 o professor **Vacca**, vice-reitor da Universidade de Modéna, communica em carta a **Balardini**. Falla da sua terra natal, Massa-

Carrara, que por muito tempo considerara immune d'esta praga e onde repentinamente viu surgir e alastrar a doença. É que as condições economicas d'essa população já pobre, que se alimentava quasi que exclusivamente de milho, tinham-se aggravado tremendamente com a total ruina dos vinhedos.

Já referimos como o dr. **Guesseschi** notara a diffusão ameaçadora da pellagra, após o anno rigoroso de 1813, nas populações de Colorno, com a colheita de milho de pessima qualidade.

Ha consequencia n'estes acontecimentos de analyse facil.

Não assim para o caso estranho do Hospital de Guimarães, que terá talvez uma explicação natural, a qual não nos foi dado lobrigar. Nem houve má colheita de cereaes, nem se operou qualquer perturbação assignalavel na vida economica dos povos da região, onde sensivelmente reinam as antigas circumstancias sociaes.

Comprehende-se até certo ponto a alta numerica por um maior e recente cuidado na investigação d'estes doentes no concelho, mas isso ainda não explica o insignificante movimento hospitalar dos annos anteriores, nem a cifra elevada a que agora subitamente ascendeu em opposição ao hospital de

Barcellos, onde se mantem ha tantos annos uma media regular. Haverá uma circumstancia muito singular da localidade que justifique a subita devastação?

O certo é que pela estatistica hospitalar parece deduzir-se que a endemia se apresenta agora sob uma forma violenta, na verdade inexplicavel.

Como já vimos no começo d'este capitulo referente a Portugal, uma das razões porque a pellagra tem sido pouco estudada, é esta ter sido considerada por muito tempo uma doença da pelle, ou sejam manifestações cutaneas do erythema pellagroso. E sendo este grupo nosographico bastante ignorado da generalidade dos clinicos, explica-se até certo ponto a grande pobreza de dados que se encontra em muitos hospitaes e thermas, embora installados no centro de verdadeiros fócos pellagrosos. Tive occasião de verificar que assim era, e que sob o titulo generico e vago de *dermatose* se registram muitos casos de pellagra.

Esta confusão não permitte que se possam tirar conclusões rigorosas dos numeros que as tabellas fornecem, nem tampouco consente que se aproveite o movimento das thermas, onde acodem

em massa os pellagrosos das regiões proximas (1). A ausencia de um censo rigoroso feito pelas auctoridades, absolutamente indifferentes a estas questões fundamentaes de saude publica, aggrava a difficuldade, tornando-a quasi que insuperavel.

O diagnostico da pellagra no hospital de Barcellos vem sendo feito desde 1888.

N'esse anno, em dezembro, registra-se apenas 1 caso em um mendigo.

Em 1889 registra-se outro, ainda n'um mendigo, que entrou em janeiro, e morreu no hospital n'esse mesmo mez, tendo estado apenas sete dias hospitalisado.

Em 1890, dois casos, 1 em junho, 1 em novembro. São dois jornaleiros dos quaes falleceu 1, pouco depois de um mez de hospitalisação.

Em 1891, 1 em abril, 1 em maio, 2 em junho e 1 em setembro. Ha a notar que o caso de abril é um dos que figuram em junho. Trata-se de certa costureira que recolhe novamente para tratamento. Os outros tres casos são dois jornaleiros e uma mendiga.

(1) Este facto transparece da resposta que o dr. **Oliveira Castro** envia ao inquerito feito sobre a pellagra para o futuro Congresso de medicina internacional em Lisboa.

Em 1892, julho 1, e junho 1. Um alfaiate e um jornaleiro.

Em 1893 e 94 não se registra caso algum.

Em 1895, março 1, abril 2, junho 1, julho 1, agosto 1, setembro 1. São cinco jornaleiros, uma mendiga e a mesma costureira que já vimos entrar duas vezes no anno de 1891 para tratamento.

Em 1896, abril 1, maio 1, julho 2. São dois jornaleiros, a mesma costureira que volta e uma tecedeira.

Em 1897, janeiro 1, março 3, abril 1, maio 1, junho 3, julho 1. São seis jornaleiros, uma mendiga, uma serviçal e a mesma costureira e tecedeira do anno anterior.

Em 1898, março 2, abril 1, julho 2, outubro 1. São quatro jornaleiros e a mesma costureira que entra duas vezes em março e julho. Esta doente repousa, de cada vez que entra para tratar-se, cerca de um mez.

Em 1899, fevereiro 2, março 2, maio 1, junho 1. São quatro jornaleiros e duas costureiras, uma d'ellas é a doente dos annos anteriores.

Em 1900, março 1, maio 1. Estas entradas referem-se á infeliz costureira, que por fim morre de pellagra, no hospital, em junho d'esse anno.

Em 1901, março 1, setembro, 1. São dois jornaleiros.

Em 1902, abril 2, maio 2, junho 2, julho 2, agosto 1. Todos jornaleiros.

Em 1903, janeiro 1, fevereiro 1, abril 1, maio 1, dezembro 1. D'estes cinco casos tres são jornaleiros, um é padeiro e outro é mendigo. Dos jornaleiros morre um, que apparece já na hospitalisação de 1899.

Em 1904, janeiro 1, fevereiro 1, abril 2, junho 2. Quatro jornaleiros, dois mendigos e um padeiro.

Na consulta de banco do hospital de Barcellos figuram ainda nos annos de 1902-1904, vinte e nove casos, quasi todos em mulheres residentes na villa, tecedeiras, mulheres de recados e creadas.

D'esta estatistica da consulta do banco não deve concluir-se que haja qualquer predilecção da pellagra pelo sexo feminino. A razão é por certo outra: como esses doentes residem na villa, proximo do hospital, é-lhes facil aproveitar a consulta, interdicta aos pobres jornaleiros, escravos de trabalhos dos campos. Do mesmo modo se comprehende que á hospitalisação acudam de preferencia as mulheres, não só porque o homem, a quem compete o encargo de sustentar toda a familia, a custo

póde abandonar a sua faina, como ainda pelo facto, que observei sempre, de o nosso aldeão ligar pequena importancia ás manifestações exanthematicas, não relacionando nunca com ellas as outras perturbações graves. Só em ultimo caso é que o infeliz recorre ao hospital, e sempre sob a constante preoccupação do lar.

A relativa insignificancia dos numeros que fornece o registro hospitalar encontra n'estas mesmas razões uma causa justificativa. Foi-me dado constatar isto pelos informes que colhi dos clinicos mais afamados d'esse vasto concelho de Barcellos.

A predominancia das mulheres pellagrosas na hospitalisação é ainda mais eloquentemente evidenciada pelos dados que obtivemos no hospital de Amarante, referidos apenas aos annos de 1899 a 1904.

1901, em julho 1 caso n'uma tecedeira.

1902, em abril 1, junho 2, julho 1, agosto 1. Trata-se d'uma costureira, uma jornaleira, uma padeira e duas creadas.

Como se vê, são sempre mulheres.

No que toca a edade, apesar de não transcrevermos para aqui todos os dados colhidos, por simplificação d'esta resenha, devemos notar o facto bem

nitido de quasi não haver predilecção nenhuma a registar-se. Encontra-se a pellagra indistinctamente desde as primeiras edades até ás mais avançadas, sendo talvez mais frequente dos 30 aos 50 annos.

Se recorrermos ao hospital de Paredes de Coura, outro foco pellagrogico importante, veremos da mesma maneira confirmarem-se todas estas constatações.

Effectivamente, o diagnostico de pellagra é lançado ahi pela primeira vez em 1887 pelo medico José **Miranda Guedes**.

Foi n'um lavrador de 60 annos de edade, que entra em maio d'esse anno, retirando-se melhorado pouco depois.

Ha um interregno até 1902 e de novo começa a notar-se pelas tabellas a affluencia de pellagrosos:

1902, em junho 1 e em julho 1. São duas mulheres, uma tecedeira, uma jornaleira.

1903, em março 1, abril 1, junho 1. Tres mulheres, uma lavadeira, uma jornaleira e uma creada.

1904, em abril 2, maio 4. Tres jornaleiras, uma lavradeira, uma mendiga e um lavrador.

O caso de março de 1903, era uma jornaleira de 25 annos, Maria Rosa Alves, de S. Martinho de Coura, que vem a fallecer no hospital em maio

d'esse mesmo anno, offerecendo, o que é rarissimo, generalisação completa do erythema a todo o corpo.

Como se vê, continua a frequencia hospitalar a circumscrever-se quasi que só ás mulheres, não correspondendo todavia o numero de doentes internados ao desenvolvimento da endemia na região.

Isto, que para nós não offerece duvida e se reputa mesmo incontestavel, evidenceia-se ainda, se folhearmos o archivo do hospital de S. Marcos, na cidade de Braga.

Inutil procurar ahi outros casos que não sejam os dois seguintes: Em abril de 1902, entra no hospital uma creada de 30 annos de edade, Delphina de Jesus, da freguezia de Fonte Arcada, concelho da Povoa de Lanhoso, sahindo em maio do mesmo anno curada das manifestações locaes e melhorada no estado geral; em maio de 1904, uma outra mulher, Alexandrina Maria Leite, de 60 annos de edade, da freguezia de Mosteiró, concelho de Vieira, entra e sahe no mez de maio no mesmo estado.

Resalta a indigencia de casos n'um hospital que acampa precisamente na capital do Minho, cidade completamente cercada de pellagra, como o

demonstram os notaveis focos de Barcellos, Guimarães, Povoa de Lanhoso, etc.

E não se imagine que esta carencia de elementos possa ser corrigida pelo inquerito que o prof. **Bombarda** iniciou para o Congresso internacional de medicina em Lisboa sobre a pellagra de que é relator o prof. **Alfredo de Magalhães**, que de ha muito vem estudando a endemia e a cuja gentileza devemos o ter podido folhear rapidamente os informes já colhidos.

Estranha-se logo, d'uma maneira frisante, a falta de observação dos facultativos do Minho, em flagrante contraste com a dos medicos do sul que, todos elles, respondem negativamente, por não terem encontrado a pellagra na sua clinica. Estas respostas são quasi que sempre concordantes com a alimentação que, nas regiões d'onde procedem, usam as populações pobres e trabalhadoras, dominando o trigo, o centeio, os vegetaes.

Do norte ha as respostas affirmativas do dr. **Oliveira Castro**, que fallando de Caldellas, onde passa alguns mezes todos os annos, dá como endemica e intensa a pellagra ahi, onde affluem para tratamento thermal, doentes de diversos concelhos. O dr. José de **Souza Coelho** diz que ha 30 annos

vem tratando de pellagrosos em Santo Thyrso. Considera a pellagra como esporadica, com o que não concordamos, e accrescenta parecer-lhe ser mais frequente no sexo feminino e dos 30 aos 60 annos. De Rezende escreve o clinico Manoel Ribeiro da **Costa e Almeida** declarando ter observado alguns casos d'uma doença que não affirma ser a pellagra, mas que se apresenta sempre na primavera; apparecem-lhe tres a quatro doentes por anno, adultos, entre os 18 e 30 annos e de ambos os sexos; o alimento vulgar e predominante é o milho. Do Marco de Canavezes o dr. José de Barros e **Silva Carneiro** constata cerca de trinta casos de pellagra em individuos dos dois sexos, e de edades comprehendidas entre os 30 e os 70 annos. Ainda uma nota do dr. **Antonio Paredes** regista em Goes, no anno de 1867 ou 68, varios casos da doença relacionados com o uso do milho avariado.

Emfim, de toda a nossa investigação, que não pudemos levar mais longe, até ás regiões do Alto Minho, onde suspeitamos e com muita probabilidade, se deva tambem encontrar a endemia em larga escala, resulta que esta provincia é rudemente castigada pelo flagello, e que de modo algum devemos confiar nos dados hospitalares para con-

*

cluir da sua intensidade e incremento. Os nossos doentes observados são todos d'essas mesmas localidades, e poucos, muito poucos, tinham procurado o hospital, quer pelas apertadas condições de vida que não lh'o consentiam, quer ainda, como dissemos já, por não julgarem, em geral, de gravidade as manifestações do morbo.

O facto bem positivo e concordante com a affirmativa de todos os observadores dos demais paizes, é ser nos mezes da primavera que o mal mais se pronuncia, e tambem a predilecção da doença pelas classes mais indigentes que teem no milho a sua quasi que exclusiva alimentação.

Ha a corroborar ainda o aspecto grave que apresenta a generalisação da endemia pellagrosa n'estas regiões, o inquerito feito pelo municipio de Guimarães, no anno findo (1904) em que se aponta como sendo mais de tresentos os pellagrosos do concelho.

Não cremos, a despeito de tudo, que a endemia se circumscreva ao Minho.

Alem dos casos que em nossas observações incluimos de Condeixa, a resposta de Rezende, Marco de Canavezes e Goes ao inquerito pellagrogico, mostra bem quanto são logicas e rasoaveis estas previsões.

N'uma parte da Beira, Traz-os-Montes e Douro, onde emfim o milho constitue o fundo alimentar dos camponezes, ha todo o motivo para suspeitar da existencia da pellagra endemica.

ETIOLOGIA
PATHOGENIA

Cumpre estabelecer previamente, no que importa ao estudo d'este capitulo — por sua natureza ainda hoje tão debatido e tão calorosas discussões levantando nos grandes centros de actividade medica de toda a Italia — que os subsidios proprios com que o abordamos são todos de ordem exclusivamente clinica. Tratando-se d'uma doença que tem por assim dizer adstricto o quadro das suas manifestações a periodos determinados de tempo, e encontrando-se os individuos affectados em aldeias distantes, impossivel nos foi, no espaço de tempo de que dispozemos, levar mais longe o nosso trabalho completando-o com investigações de ordem experimental.

Cumpria-nos primeiramente o estudo clinico, e foi este precisamente o que as circumstancias nos permittiram fazer.

Com as nossas observações, com a analyse critica dos trabalhos laboratoriaes, memoraveis, de **Lombroso, Antonini, Gosio, Di Pietro, Marzocchi, Ferrati** e **Ceni**, e ainda com a immensa obra subsidiaria de toda uma litteratura que o estudo da pellagra naturalmente creou, elaboramos este capitulo, que largamente poderá ser controvertido.

Comprehende-se a importancia d'elle, quando especialmente attentemos em que a prophylaxia, essencial consequencia logica e pratica que dos estudos medicos se deve reclamar, está de facto n'uma estreita relação, derivante e intima, das conclusões etiologicas que se estabelecerem.

Já vimos rapidamente, no tracejado esboço da «Historia da Pellagra», que uma infinidade de doutrinas vieram, umas após outras, succedendo-se a explicar as causas determinativas d'esta endemia. Como surgiam creando logo adeptos apaixonados, anciosos por topar uma origem decisiva, assim se dissipavam ao soprar d'uma nova ideia levantada, em que, muitas vezes, nem só razões de ordem scientifica serviam á construcção doutrinaria.

Este estado anarchico, em todos os tempos caracteristico das primeiras tentativas, vae-se em seguida estratificando successivamente, de modo a aplainar um solido caminho por onde será legitimo romper assegurando criterios de maior robustez e vida. Ao titubeamento das primeiras horas roto aqui e além por uma fisgada de luz, virá o progresso incessante das sciencias orientar e alentar esforços novos.

Foi de facto a grande evolução que no estudo das sciencias medicas se operou, trazendo ao labutar especulativo de nossos dias a base positiva do experimentalismo, que imprimiu uma feição racional aos trabalhos que celebrisaram **Lombroso** e que notabilisam hoje toda a pleiada dos seus continuadores.

Accumulam-se e entrechocam-se de principio os criterios etiologicos affirmados. A pellagra é *uma variedade da lepra,* como o insinuava **Casal** e mais tarde **Dalla Bonna, Sauvage** e ainda o illustre leprologo **Zambaco Pachá;** é *um syndroma,* como pretenderam **Winternitz, Besnier** e **Doyon;** *é o resultado da acção d'um miasma que por sua intervenção modificára notavelmente os caracteres das doenças em geral, produzindo estados pathologicos novos,* como as-

segurava d'**Alioni**; *é uma doença antiga transformada e aggravada pela miseria,* como pretendeu **Zechinelli**; *é uma transformação da syphilis,* como queria **Calderini**; *é uma dermatose resultante do calor solar,* como o propunham **Nardi** e muitos outros; *é a resultante da falta de vinho e do uso das carnes salgadas,* como deduzia **Jacopo Penadi**; *é um logico derivado da miseria,* como **Zachinelli** e tantos outros pretenderam e pretendem.

E todas estas doutrinas, que tiveram a sua epocha e defensores notaveis, foram gerando a confusão e dividindo os investigadores desnorteados pela paixão, despidos de serenidade.

Quando **Marzari**, após vinte annos de trabalho clinico, vem decididamente accusar o milho como causa da pellagra, uma rude hostilidade recebe os esforços do observador que lucidamente via entreluzir a verdade.

Mas tinhamos chegado ao momento em que a concepção dos *micro-organismos* como causa efficiente das doenças principiava a fructificar chamando para este campo de observação feliz a actividade dos investigadores. Se é certo que, no que á pellagra se refere, não deram então resultados apreciaveis os trabalhos feitos n'este sentido por **Cuboni**,

Paltrauf, Majjochi, etc., esta orientação trouxe especialmente o beneficio de chamar a attenção para o estudo laboratorial, que devia vir a completar a doutrina *zeista,* então formulada por **Balardini** em Italia e **Roussel** em França.

É d'este momento que data uma hypothese de valor nas pesquizas etiologicas, hoje sanccionada pela generalidade dos auctores.

Estabeleceu-se o principio resultante da observação de todos os medicos, rigorosamente constatado por toda a parte, a despeito das contradictas que de começo foram provocadas por interesses de caracter economico rapidamente dissipadas:—*Ha uma intima relação entre o milho e a pellagra.*

De facto, afóra a investigação historica, que mostrava nitidamente que a endemia era coeva da cultura maïdica nas diversas regiões da Europa onde hoje existe, um outro derivante facto resultava, como entre nós resulta, e é, que a pellagra só se encontra nas populações que se alimentam essencialmente de milho.

Accrescente-se ainda, que a colorir intensamente esta nota, resaltava de uma transparencia perfeita a circumstancia de serem eleitos da doença os individuos mais pobres e miseraveis. Elles eram, e

quasi que só elles, os salariados do campo e os pequenos lavradores que, da mesma forma vivem uma vida de privações, alimentando-se apenas de pão de milho. Isto é entre nós harmonico com as observações de quasi todos os medicos estrangeiros. Ainda não encontramos um pellagroso em regiões onde o milho não constitua a base alimentar, como n'uma grande parte de Traz-os-Montes que percorri, e onde o centeio era, por si só, para os pobres trabalhadores o seu magro sustento. Da mesma maneira, como das minhas observações resulta e das notas hospitalares, os affectados pertencem quasi exclusivamente á classe dos jornaleiros agricolas e aos indigentes do campo.

É certo que na these que já citamos do dr. **Gomes Barretto**, defendida na Escola Medica de Lisboa, se apresenta um numero de casos diagnosticados de pellagra, em que os individuos estudados se alimentariam de trigo ou centeio. Devo notar, contraditando estes diagnosticos, talvez rapidamente feitos para um trabalho a que nem sempre se dedica toda a attenção, e que muitas vezes é elaborado apressadamente sob a urgencia do tempo, que essas observações não legitimam semelhantes conclusões na verdade audaciosas. De resto não foi só

entre nós que se procurou negar esta estreita e indiscutivel relação entre a pellagra e o milho, hoje absolutamente acceite pelos mesmos adversarios da theoria da intoxicação, como **Ceni**, que é o mais illustre campeão da doutrina inficiosa. Já **Landouzy**, **Billod** e muitos outros, como os medicos hespanhoes **Marti**, **Calmarza**, **Perrote y Munoz** etc., pretenderam ter descoberto a doença em localidades em que não se faz uso do milho. Sem recordarmos agora como o dr. **Lopo y Batalla**, medico em Santiago, contraria os seus conterraneos, mostrando como em 1853, pela falta excepcional de trigo e consequente generalisação do uso do milho, se deu um notavel e intenso desenvolvimento da pellagra, basta-nos dizer sómente, que **Roussel** provou até á evidencia como eram erroneas as observações de **Landouzy**. No que á affirmativa dos medicos hespanhoes se refere, temos de resto o depoimento de **Costallat**, frisando a confusão com a *acrodynia*, que elle dizia reinar então endemica n'essa região hespanhola que visitou.

É certo que ainda se argumentou contra esta relação entre o milho e a pellagra, não negando serem todos os pellagrosos alimentados com esse cereal, mas enumerando as multiplas regiões em

que o milho se cultiva e onde a miseria medra, sem todavia se poder constatar a existencia da endemia.

O facto era exacto, reclamando apenas uma explicação que de modo algum poderia contradizer estes outros factos verdadeiros, averiguados:— A apparição da pellagra acompanha de perto a usança do milho na alimentaçao; onde ella existe come-se este cereal, ao passo que nunca se encontra onde essa graminea é desconhecida. Demais, seria necessario que a explicação viesse concordante com a quantidade enorme de observações registradas, como a já referida do dr. **Lopo y Batalla**, relativa á endemia em 1853 com o subito consumo do milho; com a do dr. **Barcella** de Baragliano, que viu entrar a pellagra, até ahi desconhecida, com a introducção do mesmo cereal; com a do dr. **Zantedeschi**, que constatou este facto expressivo de vêr em Bovejeno desapparecer a pellagra em 1816 e 17 porque uma alta no preço do milho obrigou os habitantes a substitui-lo por batatas e legumes de toda a especie; emfim, era necessario uma explicação que mostrasse as causas porque em determinadas regiões onde o milho é de cultivo e uso permanente se não encontra a pellagra; mas essa explicação não poderia deixar de ser tambem concor-

dante com estes outros phenomenos que enumeramos, e com tantos mais que por dispensaveis deixamos de expor, todos convergentes a situar a causa da pellagra na alimentação maïdica.

Uma attenção mais profunda fazia de resto entrar em consideração com outros dados colhidos, de natureza e molde a vir resolver-nos essa objecção levantada, confirmando e pondo em seguro caminho o criterio que só na pratica alimentar do milho via a origem da nova e aterradora doença.

Notou-se, e nós pudemos averiguar que assim era, que após um anno muito chuvoso, em que o milho amadureceu mal, a pellagra irrompe violenta na primavera. De longe vinha este conhecimento: **Guerreschi**, que **Marzari** cita, constatara já o facto de em 1813, em que a estação correra humida, agreste e rude, o milho mal secco passar rapidamente ao estado bolorento, resultando logo, d'um modo estranho, uma alta na cifra dos pellagrosos. Em Vilachiara, o dr. **Simoni**, conta, por sua vez, como uma saraivada nos principios do estio de 1847 arrasara por completo as colheitas, e que semeado rapidamente milho, já tão tarde, os pobres aldeãos, obrigados a nutrirem-se d'elle, foram immediatamente acomettidos da pellagra.

Ora de tudo isto, e do facto de n'essas regiões citadas, como a America e o norte d'Africa, onde se cultiva o milho, não existir a pellagra, só resultava com clareza outra verdade: *é o milho que produz, mas em determinadas condições, a pellagra.*

Sendo o milho uma planta exotica na Europa, cultivando-se em condições climatericas muito diversas das suas originarias, poderia crêr-se que as qualidades d'elle se houvessem modificado de modo a poderem determinar aqui os phenomenos morbidos que nas regiões quentes da sua naturalidade não podia provocar. A isto respondia-se ainda com o exemplo de pequenas localidades europeas, onde a despeito d'essa cultura, nunca se registrara um só caso de pellagra.

E, por vezes, assim era.

É aqui que a clara visão de **Balardini** surprehende a verdadeira razão etiologica.

Já não havia duvida de que o milho tivesse uma intima relação com a pellagra. A questão nova a debater-se era saber qual o motivo determinante d'ella.

Muitos queriam que estivesse na *pobreza dos elementos azotados,* argumentando ainda com o facto de os eleitos da doença serem aldeãos, cujo labor

obrigava a uma violenta actividade muscular. Esta hypothese justificavam-na constatando uma pellagra menos intensa nos individuos que, na alimentação, juntavam ao milho a carne, o que estava de resto em perfeita concordancia com os principios assentes da physiologia.

O certo é que, se a insufficiencia do azoto podesse ser a causa da pellagra, não se encontraria razão que explicasse a não extensão d'ella a paizes onde realmente nunca existiu e onde as populações se alimentam com substancias menos azotadas ainda.

Na maior parte da Asia, mas particularmente na China, India e Java, em geral os *amarellos* quasi que só se nutrem de arroz. Na Europa mesmo, a maioria dos camponezes alimentam-se predilectamente de vegetaes.

Em opposição aos physiologistas, cita **Lombroso** a **Beketoff**, quando diz que elles exaggeram as suas conclusões sobre os alimentos, por não terem entrado em consideração com o facto das immensas populações que vivem, e bem, sem seguirem as normas por elles consideradas indispensaveis. Os dentes do homem não são de carnivoros, nem o é o intestino, que tem de cumprimento apenas seis vezes a altura; demais o alimento carne não é tão

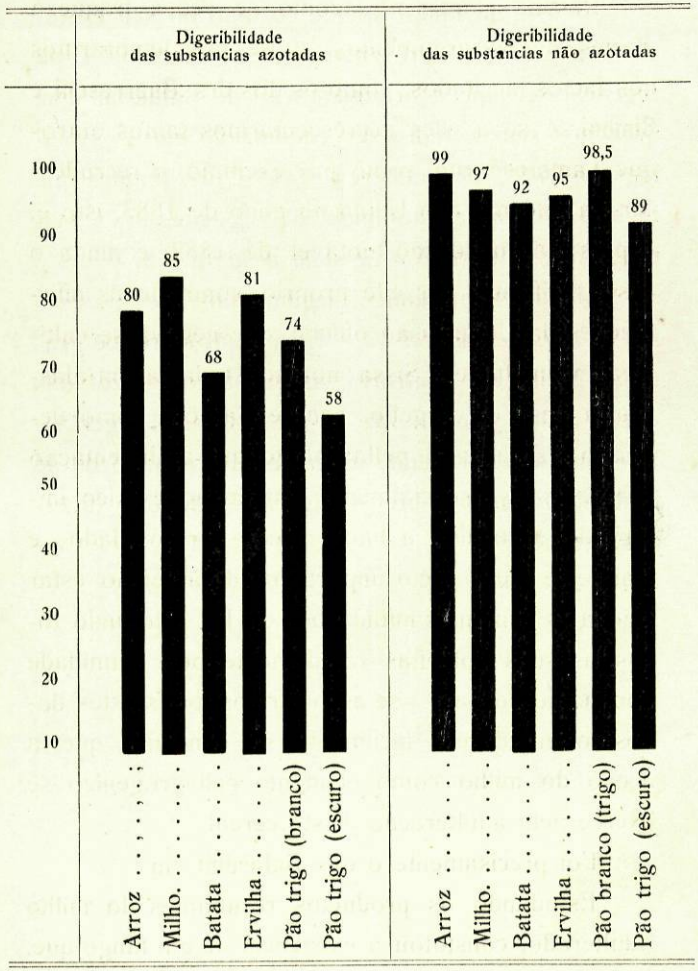
geral como se crê, é mais excepção do que regra: se o inglez come 100 gr. ao dia, o francez nas cidades, consome apenas 358 gr. Se este uso fosse mais generalisado, acabaria por encontrar um obstaculo insuperavel na falta da mesma carne, porque os animaes domesticos vão diminuindo todos os dias, e se a Europa fosse dada ao consumo d'ella, não tocaria aos habitantes senão 400 gr. por cabeça n'um anno».

Que não se pode attribuir a causa da pellagra a essa pretextada falta de azoto no milho, conclue-se logicamente do conhecimento de populações enormes alimentando-se com substancias, n'este particular, mais pobres ainda que o milho. Já **Rochard** em o livro *Les ressources alimentaires de la France* notava que os robustos cavadores das vinhas de Niévre apenas comiam carne uma vez por anno, e os de Marvan só duas vezes.

Não era na falta de elementos azotados, mas sim *no uso exclusivo do milho*, que estava a causa de todo o mal. Tal a doutrina. Contra esta hypothese argumentaram concludentemente os minuciosos inqueritos de **Lombroso**. Em muitas localidades visitadas pelo investigador illustre e por tantos outros, demonstrou-se a existencia da pellagra, sendo em-

bora o uso do milho doente cortado no seu exclusivismo pelo de outros alimentos accessorios. É de registrar-se aqui a argumentação de **Calderini**, que nota nos seus estudos ter encontrado entre os pellagrosas 8 $^{0}/_{00}$ de mulheres e 41 $^{0}/_{00}$ de homens que ingeriam carne ao domingo, 87 $^{0}/_{00}$ leite, 17 $^{0}/_{00}$ vinho, 33 $^{0}/_{00}$ trigo *(Notizie sulla pellagra,* 1877).

Ainda se pretendeu argumentar que o *milho era de difficil digestibilidade.* Esta razão porem é gratuita. Muito ao contrario, as substancias azotadas que o milho contem são as de mais facil digestão. É o que se deprehende nitidamente dos quadros de **Dietrich** e **König** sobre a digeribilidade dos diversos cereaes.


Digeribilidade das substancias azotadas
Digeribilidade das substancias não azotadas
100
90
80
70
60
50
40
30
20
10
80
85
68
81
74
58
99
97
92
95
98,5
89
Arroz
Milho
Batata
Ervilha
Pão trigo (branco)
Pão trigo (escuro)
Arroz
Milho
Batata
Ervilha
Pão branco (trigo)
Pão trigo (escuro)

Resalta claramente, como se vê, a fraqueza d'estes novos argumentos. E se nos lembrarmos dos factos já citados, como os dos drs. **Guerreschi** e **Simoni**, e se a elles accrescentarmos tantos outros que **Lambroso** cita, como por exemplo, o recrudescer da endemia em Udina no anno de 1883, isto é, depois da inundação notavel de 1882, e ainda o caso verificado por elle proprio, contrario ás affirmações da Commissão official, que negava se cultivasse o milho em Sissa, notando todavia um alastrar intenso do flagello, sem esclarecer, como depois o fez o illustre pellagrologo, que a alimentação ahi se fazia essencialmente com milho exotico importado e vendido a baixo preço por avariado; e mais este outro facto importante, de a região estar sujeita ás continuas inundações do Pó, alterando todas as suas colheitas rapidamente pela humidade dominante no paiz—se associarmos todos estes dados orientadores, facilmente se concluirá que a acção do milho como elemento pellagrogenico se exerce pela adulteração d'este cereal.

Foi precisamente o que **Balardini** viu.

Estudando os productos resultantes do milho adulterado, constatou a existencia de um fungo que, com **Césati**, denominou *sporisorium maïdis*. Obteve-o

artificialmente expondo o milho colhido de fresco, dentro de um sacco, á acção da humidade; com elle realizou estudos experimentaes em homens, notando, como manifestações demonstrativas, a sensação de ardencia nas fauces e no esophago, catarrho gastrico e diarrheia; nas gallinhas em que continuou as experiencias observou queda das pennas e um emagrecimento completo. Era, pois, em sua opinião o microorganismo que baptisou a verdadeira causa da pellagra.

O estudo desenvolvido e profundo dos microorganismos que se desenvolvem no milho adulterado foi então objecto de analyses minuciosas, e por elle veio a provar-se que não era o *sporisorium maïdis* a causa determinante da endemia, mas sim outras especies.

Lombroso, cujos trabalhos notaveis se tornaram classicos no estudo d'esta doença, é o primeiro a contestar que e *sporisorium maïdis* seja o agente pellagrogenico. Esta especie apresenta-se no milho manchando o sulco embryonal com uma côr esverdeada; mostra-se á analyse microscopica em globulos esphericos, eguaes, muito reduzidos e transparentes, separando-se ao menor attricto, por

vezes misturados a raros filamentos — *sporidus acruginosis, minimis, acqualibus, soro erumpentibus.*

Mas o sabio italiano não póde concordar que esteja aqui a causa do mal, e assim. diz: «Não é este fungo a origem da pellagra, porque elle é rarissimo, tanto que durante muitos annos na Lombardia não encontrei outros exemplares alem de tres grãos guardados cuidadosamente nos herbarios de dois botanicos; demais o proprio **Balardini** não o achou em annos chuvosos. Ora uma alteração do milho que deve causar uma doença tão vulgar como a pellagra, tem de ser generalisadissima, e nunca uma raridade de gabinete. Não que o *sporisorium maïdis* não exista, mas é provavel que esteja confundido com o *penicillium,* com o qual tem semelhanças microscopicas ou, segundo **Monti** e **Tirelli,** com o *Mucor racemosus*».

Realmente assim devia concluir-se dos trabalhos que, iniciados por **Lombroso** em 1870, não deixaram de ser continuados, e d'elles vamos dar uma ideia resumida.

Microorganismos do milho adulterado

Lombroso encontrou:

I — Nos ***Grãos avariados.***

1 — *Penicillium.* Micellio entrelaçado de filamentos septados, dos quaes surgem pedunculos com numerosas cadeias d'esporos nas extremidades, á maneira de flores. Produzem o pó esverdeado que se observa na maioria dos grãos.

2 — *Oidium lactis maïdis.* Filamentos fructiferos, simples, direitos, incolores. Cadeia d'esporos, curtos, cilindricos, de 0m,0077 a 0m,0108 de comprimento, nas extremidades. Desenvolve-se a 19o.

3 — *Eurotium herbariorum.* Especialmente no grão exotico importado e que durante a viagem soffreu avarias.

4 — *Aspergillus glaucus.* Encontrado nas mesmas condições do *penicillium.*

5 — *Sparothricum maïdis.* Variedade nova do *iphmiceto* do genero *sporothricum,* tambem encontrado pelo prof. **Garovaglio** em 1873.

II — Nas ***Farinhas.***

1.—Bacillos de cellulas diminutissimas, cylindricas, comprimento de 1 a 3 μ., largura $^1/_2$ μ. Reproduzem-se por segmentação e apparecem isolados ou reunidos aos 2 ou 3. Movimentos activos vibratorios e de natação. Coram-se fortemente com a solução alcoolica de violeta de methylo, com todos os productos de anilinas e com hematoxilina mesmo diluida. Resistem a 90º de temperatura.

2.—Bacillos finissimos, muito frequentes, muito curtos, separados ou em cadeias, largura approximada a 0m,0003 e comprimento maximo de 0m,001. Coram-se com as anilinas. Variedade do *bacterium termo.*

3.—*Bacterium termo* propriamente dito. Comprimento 1,5 μ., e 0,5 a 0,8 μ. de largura.

4.—Bacillos de 3 a 7 μ. de comprimento e 0,4 μ. de largura. Terminam muitas vezes nas extremidades em grossos esporos (0,8 μ.) á maneira de botões. Muitas vezes livres. *Bacillus tremulus.* Não tem reacções caracteristicas.

5.—*Diplococcus* de 0,0003 μ. de diametro em pequena quantidade e *micrococcus* abundantes, de 0,0008 μ. de diametro. Encontram-se estas formas

na putrefacção das substancias organicas e em pães de milho são (1).

III — Nos ***Pães.***

O pão foi preparado com uma farinha de milho perfeitamente sã, o que se verificou n'um rigoroso exame ao microscopio. Á sahida do forno um novo exame revelou apenas a existencia dos *bacterium maïdis* ou *mesentericus,* numerosos, e ainda mais, passados 2, 3 ou 4 dias.

Postos estes mesmos pães n'uma camara muito humida, apresentavam, depois de 8 a 10 dias, muitas manchas azues e amarellas. Examinadas estas pelos professores **Maitirolo** e **Gibelli**, verificou-se constarem de:

1.—*Rhysopus nigricans Ehrenberg.*

2.—*Mucor Stolonifer.* Micellio e esporangios muito numerosos.

3.—*Eurotium aspergülus glaucus.*

4.—*Aspergillus glaucus.* Micellio e conidias abundantes.

(1) É de notar que em algumas farinhas se encontra só o *bacterium maïdis;* n'outras divisam-se todas estas formas reunidas.

5.—*Bacterium maïdis*,

6.—Encontra-se tambem um micellio abundante e filamentos septados. Não se tendo feito experiencias de cultura, torna-se impossivel determinar a que especie pertence o dito micellio. Talvez a um Pyromiceto.

Necessario é constatar a frequencia do *bacterium maïdis* na farinha sã, e a coincidencia das varias formas bactericas nos pães e farinhas do milho alterado. Estes pães serviram para experiencias nos cães.

As indagações d'outros analystas dão os seguintes resultados:

—O dr. **Cattaneo** encontrou no milho alterado estas especies: *Penicillium glaucum* (Link), *Mucor racemosus* (Catt), *Bothristis vulgaris* (Frico), *Rhisopus nigricans* (Ehr.), *Sporothricum nigrum* (Eug.), o *Coremium vulgare* (Corda), o *Aspergillus michaelius* e o *Eurotium herbariorum*.

—**Cuboni** achou em amostras de farinha e milho alterados, o *Saccharomyces mycoderma*, e, por uma vez, um grande desenvolvimento de *Sarcina ventriculi*. A sua attenção fixou-se principalmente sobre o *bacterium maïdis*.

Já em 1881 **Maioechi** tinha encontrado no mi-

lho (alterado ou normal) schizomicetos granulosos, muito moveis, a que chamava *Bacterium maïdis,* e que julgou encontrar no sangue de sete enfermos pellagrosos do primeiro estado.

—**Cuboni** continua estas pesquizas encontrando aquella bacteria em grande quantidade no milho alterado. Assignalou-a com o nome de *Bacterium maïdis,* semelhante ao *B. termo,* mas que resiste a temperaturas elevadas. D'uma serie comparativa d'investigações feitas em individuos sãos e 40 doentes pellagrosos, conclue serem as fezes dos primeiros menos ricas de bacterias do que as dos ultimos. Conteem as fezes dos pellagrosos quasi só uma especie—o *Bacterium maïdis*—que, introduzida na *pollenta* avariada, topa no intestino condicções favoraveis ao seu desenvolvimento, multiplica-se muito, produzindo assim uma verdadeira micose intestinal.

—**Paltauf,** n'um trabalho feito com **Heider,** estudou mais exactamente os caracteres d'esta bacteria.

Eis as suas observações: comprimento de 2 a 3 μ., mais raro de 4 a 5. As formas mais pequenas têm extremidades arredondadas e são muito activas. Aggrupam-se 2 a 2 e algumas vezes 4 a 4. Em condicções especiaes formam longas fileiras.

Estes bastonetes tomam todos os corantes usuaes de anilina e, pronunciadamente o azul de methylena. Desenvolvem-se á temperatura habitual, e são muito avidos d'oxygenio. Dão esporos, e as suas culturas em placas de galatina mostram, ao fim de 24 e 36 horas, colonias superficiaes, circulares, de contorno irregularmente lobado.

Sobre a batata forma-se uma membrana um pouco granulosa engenhosamente fimbriada.

Na cultura d'agar, em tubos inclinados, e no sôro sanguineo, forma-se uma membrana de finas pregas que cobre toda a superficie e inferiormente nada na agua de condensação. Sobre a farinha do milho submettido á cosedura desenvolve-se uma membrana branco-acinzentada.

Desenvolvem-se tambem os bacillos no pão, nas farinhas de feijões e d'ervilhas, adquirindo uma consistencia pastosa depois da fluidificação lenta.

Do conjuncto d'estes caracteres deduziu **Paltauf** a identidade d'este bacillo com o disseminadissimo bacillo da batata *(Kartofel bacillus,* chamado tambem *bacillus mesentericus vulgatus)*. Examinando as fezes dos pellagrosos, notou que, em 15 doentes, só n'um se encontrava o *Bacterium maïdis,* concluindo, em opposição a **Cuboni**, que a presença

d'esta bacteria nas fezes dos pallagrosos não é um facto constante.

—**Heider** sobre os bacillos do milho e sobre os productos chimicos a que dão origem procedeu a minuciosos estudos biologicos no laboratorio do prof. **Ludwig**, em Vienna.

Com uma longa serie d'experiencias comparativas foram determinadas as substancias nutritivas que favorecem o desenvolvimento do bacillo, e a influencia exercida pelos diversos materiaes azotados e carbonados.

Este agente é aerobio; o meio nutritivo mais favoravoral é, como para muitos schizomicetos, levemente alcalino; todavia resiste nos meios neutros e ainda nos ligeiramente acidos. Os albuminoides são atacados pelo bacillo, deixando um residuo no qual **Heider** encontrou ammoniaco em grande quantidade, vestigios d'hydrogenio sulfurado e uma amina. Faltam os productos d'uma verdadeira putrefacção: iodol, escatol e phenol.

Nos hydratos de carbono tem a propriedade de saccarificar o amido. O leite é consideravelmente alterado pelo *B. Maïdis,* que coagula a caseïna, acidificando-o.

Da maneira como o *B. Maïdis* se comporta

com a albumina, com o amido e com o assucar, conclue **Heider** que se pode admittir que o bacillo possa alterar o grão de milho quando submettido á influencia d'uma certa humidade e de uma alta temperatura.

—**Bordoni Affreduzzi e Sttolenghi** constataram que esta bacteria, assim como o identico *B. von Kartoffel,* não se desenvolve apenas nas batatas incompletamente esterilisadas, mas ainda na *polenta,* onde mais facilmente resiste á esterilisação. Com effeito esterilisando duas vezes a *polenta* no autoclave durante meia hora, a duas athmospheras, e deixando-a depois no thermostato a 37º, ao fim do terceiro dia reconhece-se ainda o desenvolvimento do *B. von Kartoffel,* que só é impedido depois d'uma terceira esterilisação.

A *polenta* esterilisada e infectada seguidamente pelo *B. von Kartoffel,* ou, sem previa esterilisação, mas conservada em camara humida, cobre-se, no thermostato, d'uma camada finissima de côr cinzenta sobre a qual se observam miudas pregas que vão sempre augmentando. No fim do quinto dia as pregas formam uma membrana d'aspecto esponjoso e, ao cabo de vinte a trinta dias a *polenta* está transformada, n'uma massa mais ou menos densa, côr

de café com leite. Depois, não a conservando durante mezes no thermostato, não torna a mudar.

Pelos trabalhos dos illustres bacteriologistas citados foi ainda constatada a existencia do *B. von Kartoffel* entre os micro-organismos mais abundantes que se encontram nas fezes dos animaes alimentados com *pollenta* em que tinha sido cultivado o mesmo micro-organismo. Tal bacillo encontra-se tambem nas fezes normaes de cães e nas fezes diarrheicas. Fica assim desfeita a importancia que **Cuboni** pretende attribuir á existencia do bacillo nas fezes dos pellagrosos.

—**Monti** e **Tirelli** fizeram nove experiencias no laboratorio do prof. **Polgi** em farinhas de milho alterado propositadamente, farinhas moidas com precauções antisepticas e praticando as culturas pelos processos de **Koch** e **Esmarch.**

Encontraram os seguintes micro-organismos:

1 — *Penicillium glaucum,* já descoberto por **Lombroso** nos grãos avariados;

2 — *Mucor racemosus,* isolado por meio de culturas pelo processo de **Koch.** Forma primeiramente vegetações de uma côr parda.

O micellio tem filamentos finos, incolores, segmentados. Os esporoforos são ramificados e de

$^1/_2$ a 1^{cm} de altura. Os esporangios são amarello-escuros e teem um diametro 50 a 55 micras. Vegeta bem em todos os meios nutritivos e liquefaz a gelatina.

O micellio segmenta-se na profundidade da gelatina, formando cadeias, e apresenta o aspecto de saccharomyces. Nas velhas culturas observam-se tambem corpos com grossa membrana e com protoplasma contendo gottas oleosas.

A semelhança entre o *Sporisorium maidis* de **Balardini** e as velhas culturas em gelatina do *Mucor racemosus,* notada por **Monti** e **Tirelli,** levou estes prof. a aventar a hypotese de que o *Sporisorium* de **Balardini** seja uma forma de vegetação do *Mucor racemosus.*

3 — Existe uma outra mucoracea muito frequente no milho alterado. Micellio branco e depois cinzento. Os esporangios têm uma côr quasi negra. Diametro 120-150 μ. Esporos de formas irregulares, de 8 a 10 μ. Desenvolve-se rapidamente e liquefaz a gelatina. É provavel que seja o *Physopus nigricans* de **Ehremberg.**

4—Embora menos frequente, um outro phomiceto de micellio vegetativo branco, foi reconhecido nas experiencias citadas.

Tem esporoforos altos e, com toda a verosemelhança, dizem **Monti** e **Tirelli**, é identico ao *Sterigmaldo cystis nigra* de **Van Thiegem.**

5 — *Sacharomyces* espherico branco. Elementos redondos, isolados ou reunidos em pequenas cadeias, 5 a 8 micromill. de diametro.

Estes elomentos são incolores, tem membrana fina e transparente, protoplasma granuloso, no meio do qual apparecem, nas velhas culturas, gottas gordurosas.

Nas culturas em gelatina as colonias isoladas são brancas, redondas, de contornos nitidos. Nas culturas por penetração o desenvolvimento é grande á superficie e quasi nullo em profundidade. Especialmente caracteristicas são as culturas em gelatina, onde se obtem uma vegetação branca. O desenvolvimento tambem é consideravel na batata, e as colonias teem um aspecto semelhante ao das de gelatina. Nas soluções saccharinas o *Saccharomyces sphericus albus* desenvolve-se, dando origem a uma turvação do material nutritivo, sem a formação de pellicula superficial.

6 — Desenvolve-se rapidamente um outro bacillo, semelhante ao precedente, aerobio, d'esporos ovaes, liquefazendo a gelatina. As colonias isoladas

nas culturas de gelatina, são brancas á superficie, vistas a olho nú; amplificadas um pouco, parecem escuras e circumdadas d'uma corôa de celhas. As colonias desenvolvidas parecem estrellas, e apresentam um circulo claro do qual partem numerosos raios. Em volta a gelatina é rapidamente liquefeita.

Nas culturas por penetração ha um notavel desenvolvimento superficial em forma d'uma colonia branca. Liquefaz-se rapidamente a gelatina.

7—É frequente um *micrococus* alaranjado que consta d'elementos reunidos em grandes grupos.

Nas culturas de gelatina as colonias são visiveis a olho nú, depois de 24 horas. As colonias superficiaes liquefazem a gelatina, apresentando uma coloração amarello-alaranjada.

Nas culturas por penetração na gelatina, forma-se uma zooglea amarello-alaranjada emquanto se liquefaz a gelatina subjacente. Nas culturas disseminadas em agar formam-se colonias, primeiramente redondas, opacas, de côr branco-amarellada; em seguida estas colonias tornam-se irregulares. A uma fraca ampliação as colonias apparecem irregularmente granulosas. As culturas dão cheiro desagradavel, como um fermento alterado.

As sementeiras em batata são muito caracteris-

ticas, e formam colonias circumscriptas d'um alaranjado intenso, finamente granulosas.

8—Verifica-se a existencia d'um outro *micrococcus*, semelhante ao precedente pelo aspecto microscopico, porem differente na côr lactea que toma quando em grandes massas. É constituido por grossos elementos redondos, de diametro ligeiramente variavel, reunidos dois a dois ou em cacho.

Nas culturas disseminadas em gelatina apparecem as colonias isoladas, profundas, ao cabo de 24 horas, em forma de pontos brancos visiveis a olho nú. Com uma ligeira ampliação, apparecem de branco-cinzento, redondas, de margens irregulares. As colonias superficiaes liquefazem a gelatina, formando pequenas taças. Sobre o fundo da taça recolhe-se um sedimento branco.

Nas culturas por penetração, em gelatina, já depois das 24 horas, começa o desenvolvimento, com liquefação, da taça de gelatina. As colonias suspensas turvam a gelatina liquefeita, apparece uma zooglea branca á superficie e um sedimento no fundo.

Este microccoco vegeta no agar, formando um extracto branco, opaco, com margens irregulares.

9—Apparece no milho alterado um outro microorganismo muito caracteristico e muito frequente. É constituido por grossos elementos redondos. A vegetação é visivel ao fim de 48 horas. As colonias profundas apparecem em forma de pontos brancos, e as superficiaes, que liquefazem a gelatina, offerecem graciosos anneis brancos com um ponto branco no centro. Com uma fraca amplificação, as colonias profundas apparecem amarello-escuras no centro, mais claras á peripheria e com margens irregulares; as superficiaes, com annel peripherico branco-amarellado sobre a orla de gelatina liquefeita.

É notavel o desenvolvimento na cultura por penetração, em gelatina; em superficie obtem-se uma colonia branco-amarellada de margens entrecortadas.

Na cultura em estria, no agar, apparece uma vegetação branco-cremosa com margens irregularmente lobadas e superficie granulosa; na de penetração, forma uma vegetação da mesma côr, mas de anneis concentricos muito caracteristicos.

10—Pelos mesmos prof. foi isolada uma outra especie de grossos elementos e comprimento variavel. Alguns d'esses elementos são bacterias

curtas, de forma quasi oval; outros são bastonetes mais ou menos compridos. Não foi observada a formação d'esporos.

Nas culturas disseminadas em placas de gelatina, este bacillo forma colonias redondas, brancas a olho nú, amarello-escuras e granulosas no centro e com um circulo escuro á peripheria.

Estas colonias têm contornos dentados ou raiados no centro. As que irrompem á superficie tem botões brancos.

A cultura por penetração em gelatina dá origem ao desenvolvimento de colonias em forma de prego, com a cabeça muito semelhante ao pneumo-bacillo de Friedländer. Tem de commum com este microorganismo a propriedade d'escurecer a gelatina, ao fim d'um certo tempo. Desenvolve tambem bolhas de gaz, especialmente na gelatina contendo glucosides e glycerina. Não liquefaz nunca a gelatina.

No agar dá colonias analogas ás que se observam na gelatina.

Sobre a batata forma um estrato branco, luzente, humido, com margens lobadas. Forma tambem bolhas de gaz.

Differe do microorganismo de Friedländer porque se desenvolve mais rapidamente e porque, na

batata, produz colonias que já não são brancas-amarelladas. Alem d'isso, desenvolve na cultura um cheiro desagradavel, forte, e bolhas de gaz, parecendo por varios outros caracteres um bacillo de putrefacção.

Este microorganismo é tambem pathogenico para os coelhos. Obtem-se mediante a cultura disseminada do milho e pela inoculação d'emulsões do mesmo cereal.

11 — *Bacillo citreo*. Bastonetes de vario comprimento. Não produz esporos e degenera facilmente.

Na cultura disseminada em gelatina, ao fim de 24 horas, ainda não são visiveis as colonias a olho nú. Só com uma lente se podem distinguir em forma de gottinhas redondas, a principio perfeitamente transparentes e depois amarellas. Ao fim de 4 ou 5 dias, com uma pequena ampliação, apparecem em forma de gottas amarello-escuras perfeitamente redondas, com margens nitidas. Teem um diametro de cerca de 210-230 micromill. As colonias superficiaes são redondas, teem um diametro variavel de 1 a 5 mill. A sua cor é amarello-esverdeada e, a olho nu, apparecem compactas; com pequena amplificação, apresentam-se granulosas, de côr amarello-escura e margens irregulares.

A gelatina liquefaz-se lentamente sob as colonias superficiaes.

Nas culturas por penetração, em gelatina, forma-se um annel branco-esverdeado em torno do ponto de penetração ao fim de 24 horas.

Em seguida apresenta uma bella vegetação superficial amarello-esverdeada, densa, redonda, sob a qual se liquefaz, lentamente, a gelatina. O desenvolvimento é minimo ao longo do canal de penetração.

No agar obtem-se um grande desenvolvimento superficial d'uma vegetação amarello-esverdeada, compacta, e na batata, colonias circumscriptas amarello-citrinas.

12—*Bacillo fluorescente aureo.* Bastonetes curtos, muitas vezes em grupos de 2 ou 3; é movel, não dá esporos nem llquefaz a gelatina. As colonias isoladas profundas apparecem, nas culturas disseminadas em gelatina, sob a forma de pontos opacos de cor amarella.

Na cultura por penetração em gelatina forma-se: á superficie uma colonia amarello-dourada; em profundidade a vegetação é minima e tem a forma d'um tenue veu.

A gelatina na profundidade adquire uma bella fluorescencia verde.

No agar apparecem lindas colonias amarellas, mas a fluorescencia é menos saliente.

13 — *Bacillo fluorescente.* Consta de pequenos bastonetes com as extremidades arredondadas, muitas vezes reunidas em grupo, outras em serie. Não foi observada a formação d'esporos.

Nas culturas disseminadas em gelatina as colonias profundas são redondas, brancas a olho nu; a um pequeno augmento são amarello-claras e apparecem cobertas de granulos, como areia. Nas de penetração forma-se á superficie uma vegetação branco-amarellada; na parte profunda do canal de penetração o desenvolvimento é pouco consideravel e na parte mais alta apparece um tenue veu.

As culturas no agar são semelhantes ás da gelatina.

Este bacillo desenvolve-se optimamente á temperatura do meio ambiente.

14 — *Bacillo fluorescente liquefaciente.* Bastonetes moveis, rectos ou curvos, algumas vezes reunidos em montão.

Ao fim de 24 horas, disseminado n'uma cultura

de gelatina, forma colonias em forma de pequenos pontos esbranquiçados de margens irregulares.

A gelatina adquire uma bella fluorescencia amarello-esverdeada intensa.

Nas culturas por penetração ha, ao fim 24 horas, um tenue desenvolvimento branco, finamente pontuado ao longo do canal, emquanto que na superficie se forma um pequeno funil no fundo do qual se deposita um estrato branco. A gelatina liquefeita adquire uma florescencia verde.

No agar forma-se um estrato denso e irregular, branco-cinzento á superficie, ao passo que o meio nutritivo toma a côr verde.

De todos os trabalhos sobre a pesquiza dos micro-organismos que se desenvolvem no milho, que ficam resumidamente extractados, conclue-se não ser apenas uma especie, mas muitas as que se criam e desenvolvem no milho alterado. Entre ellas, porém, predomina o *penicillium,* o *eurotium herb.,* o *espora verticilloide,* o *Kartoffel bacillo* ou *mesentericus vulgatus,* e o *thermo B.* Todas são por si inoffensivas ao ho-

mem, mas dão origem a processos de decomposição no cereal.

O *Mucor racemosus* e o *rhysopus nigricans* devem participar do processo fermentativo do milho. Os sacharomicetos estão associados ao facto da notavel quantidade de substancias amylaceas e assucaradas susceptiveis de fermentação que o milho contem. A presença de bacillos da putrefacção com os caracteres do *thermo B.*, indica ainda que ao processo fermentativo se associa o putrefactivo. Por outro lado, a presença de bacterias analogas ás que se encontram nas aguas impuras, deve fazer crêr que o milho foi recolhido alagado pelas chuvas e pelos orvalhos.

Reconhecendo-se que são estes os micro-organismos que vegetam no cereal e o alteram, ponderando que por si elles não exercem nenhuma acção importante sobre o homem, pois que são inoffensivos, resta investigar a natureza chimica e a acção physiologica dos productos por elles formados.

Indagações chimicas sobre o milho alterado

Lombroso, de collaboração com **Dupré**, procedeu a pesquizas muito acuradas procurando estabelecer

a natureza d'aquellas substancias. Submetteu a uma immersão de alcool a 90.º milho avariado. O grão mudou de côr. De branco que era, pouco a pouco passou a vermelho, côr que mais se accentuou com a immersão prolongada, tingindo tambem o alcool. De modo diverso se comportava o milho são. Decorridos dois mezes de immersão, a côr não se alterava, e o mesmo alcool adquiriu apenas um tom amarello-citrino.

Tratado o grão alterado do mesmo modo pela potassa, a epiderme de principio tomava uma côr avermelhada e o liquido ia seguidamente escurecendo e emittia um pronunciado cheire de milho decomposto. Estas modificações accentuavam-se tanto mais rapidamente quanto mais alterado era o grão. Neutralisando o liquido com acido sulfurico ou tartarico produz-se um precipitado em flocos, côr de café carregado e com o mesmo caracteristico cheiro. O precipitado é soluvel no alcool deluido e insoluvel no ether e na agua.

Identicas reacções se obtêm quando substituimos o grão pela farinha ou pão d'esse cereal avariado. Outros são os resultados, se a farinha e o pão procederem de milho de boa qualidade. A coloração é n'este caso amarello-citrina.

Da tintura de milho alterado extrahiram tres substancias diversas:

1. ***Oleo de milho alterado***—Liquido á tempetura ordinaria, côr vermelha, sabor extremamente acre e amargo e cheiro a milho alterado. Soluvel no alcool e no ether, insoluvel na agua em que sobrenada. Neutro aos papeis reagentes, resinifica-se ao ar. Com o iodo, chloreto de platina e outras soluções de saes metallicos, não dá precipitado. Com a potassa ou benzina precipita em amarello claro. No papel deixa mancha oleosa.

Esta substancia é a parte oleosa do milho modificada por uma materia vermelha, que se póde separar da solução etherea pela potassa caustica.

2. ***Pellagrozeina*** (Substancia toxica do milho) —Côr vermelha-escura, consistencia viscosa, sabor amargo e nauseante, neutro ao tornesol. Soluvel no alcool diluido, e insoluvel no alcool absoluto. Este ultimo reagente precipita-a sob a forma de flocos amarellos, facilmente soluveis pela simples addição de algumas gottas de agua distillada. Insoluvel no ether. Pela solução do iodo no iodeto de potassio forma-se um precipitado flocoso, que tratado pelo acido sulfurico diluido se separa. Pelo chloreto de platina precipita em flocos amarellos.

Pelo sulfato de cobre forma-se um precipitado verde, que ao fim de algum tempo se transforma em oxidulo. É soluvel no acido acetico e nas soluções de potassa caustica, na qual se precipita pelo addicionamento do acido sulfurico. Tratada por agua em abundancia, divide-se em duas partes; uma insoluvel, que se precipita sob a fórma de um pó escuro e amorpho, a outra soluvel e de côr amarella clara. Esta substancia, a que **Lombroso** deu o nome de *pellagrozeina,* é um veneno muito activo.

3. ***Substancia glutinosa do milho alterado*** — Isola-se pelo ether. É uma massa que pela acção do ar se torna d'uma dureza cornea. Soluvel no alcool diluido e nas soluções de potassa. Insoluvel na agua, alcool absoluto e benzina. Funde pelo calor e arde com chamma branca, emittindo o cheiro da *pollenta* queimada. Se submettermos milho são a identico tratamento, os resultados obtidos demonstrarão evidentemente como são caracteristicas do milho adulterado as substancias que vimos a descrever. São tambem tres as substancias que se isolam, mas caracterisadas por propriedades diversas. A primeira é soluvel no ether, de côr amarello ambar em vez de vermelho, sem o sabor acre e

amargo do oleo vermelho do milho alterado, e não precipitando pela benzina. Tem emfim as propriedades naturaes do oleo commum do milho.

A segunda, que é amarella, não dá o precipitado flocoso que observamos no tratamento pelo iodeto de potassio, nem precipita pelo alcool absoluto, nem pela potassa.

A terceira é em tudo analoga ao que **Lombroso** classificou de *substancia glutinosa do milho alterado.*

Nota ainda o sabio professor as analogias que se encontram entre as substancias extrahidas do milho alterado e as que se obtem no tratamento do centeio com cravagem.

Realmente, umas e outras são soluveis na potassa, que toma uma côr vermelho escuro. Obtido este soluto alcalino, ou se trate do milho alterado ou do centeio com cravagem, precipita pelo acido sulfurico, dando n'um caso a *pellagroseina* e n'outro a ergotina. No centeio com cravagem, como no milho alterado, existe em grande quantidade um pigmento vermelho. Da tintura de qualquer d'estas substancias, precipita-se, tratando-a pela agua, uma substancia escura, pulverulenta, neutra e toxica; e do mesmo modo de ambas ellas se isola um oleo acre.

E, como as experiencias physiologicas o de-

monstram, a substancia toxica do milho é, como a ergotina, venenosa, mas actuando lentamente quando não seja ministrada em grandes quantidades.

—**Erba.** Continuando os trabalhos de **Lombroso** e **Dupré,** este auctor aperfeiçoou o methodo extractivo das mesmas substancias. Fez fermentar milho em grande quantidade, tendo o cuidado de o ter em contacto com a agua, em toneis cheios d'este liquido até um terço, e revolveu o grão todos os dias. Este, passou pouco a pouco pela fermentação acetica, alcoolica, lactica e putrida. Chegado a este ponto, era lavado e secco. A forma não estava alterada, mas a côr tinha-se modificado, apresentando um tom escuro de amarello sujo. O embryão, que tomara uma côr amarello-intensa, continha muito mais oleo do que o normal; e a parte amylacea, que se córara de um branco cinzento, mostrava-se menos compacta, desaggregando-se facilmente, como se fôra privada do perisperma. Ao exame microscopico encontraram-se abundantemente os *aspergillus,* o *eurotium herb., vibrioni* e *oidium lactis.* Secco o milho até perder 24 % do peso, submetteu-se á moagem, e a farinha foi então tratada pelo alcool a 40º, para extrahir-lhe as substancias soluveis. Distillada a tintura a banho-maria, obteve-se:

a) Uma substancia oleosa, de sabor acre e amargo, soluvel no alcool absoluto e diluido, facilmente precipitavel pela benzina e resinificando ao ar. É a *oleoresina de milho alterado,* absolutamente semelhante ao *oleo vermelho de milho alterado* de **Lombroso.**

b) Substancia extractiva com cheiro e sabor da ergotina, amarissima, soluvel na agua e no alcool, muito hydratada e insoluvel no alcool absoluto. É analoga ao extracto alcoolico a que **Lombroso** deu o nome de *pellagroseina.*

c) Substancia resinoide insoluvel na agua fervente a despeito de amollecer; carboniza pelo acido sulfurico anhydro e é atacada pela potassa e soda causticas. Os hydrocarbonetos não tem acção sobre ella. Sem sabor nem cheiro quando completamente separada do oleo. Corresponde precisamente á *substancia glutinosa do milho.*

d) Tratando de novo os residuos, já tratados pelo alcool, com a agua distillada, obtem-se ainda uma tintura aquosa, que pela evaporisação deixa um extracto absolutamente isempto de materia feculenta, cheiro a ergotina, insoluvel nos hydrocarbonetos — é o *extracto aquoso do milho alterado.*

Submettidos os embryões de milho alterado a um tratamento analogo, depois de convenientemente triturados, apenas se obteve um oleo, coagulavel a 19º, e o extracto alcoolico em pequena quantidade. Não se obtem nem o extracto nem a resina.

O pão de milho com môfo, soffrendo já a fermentação lactica, submettido a egual tratamento, dá identicos resultados, apenas com maior abundancia de oleo.

O milho são, sujeito a estes mesmos methodos, dá uma diminuta quantidade de oleo e quasi que nenhum extracto alcoolico. Isto é tão notavel, quanto é certo que **Erba** conseguiu 800 gr. de pellagroseina e 3 kg. de oleo, trabalhando sobre 15 l. de tintura preparada com 100 kg. de milho alterado.

—**Brugnatelli.** Analysando o oleo e o extracto alcoolico, este prof. constatou a existencia de uma substancia de sabor muito amargo, azotada, e que dava productos alcalinos quando distillada com a cal sodada,

Reagia, formando um precipitado *amarello,* com o acido picrico, com o iodeto de bismutho e potassa, com o phospho-tunguestato de soda ou com o platino-cyaneto de potassio; amarello esverdeado com o phospho-molybdato de soda; branco com o

iodeto de cadmio, e vermelho com o acido iodo-iodidrico. Reacções proprias de um alcaloide. As propriedades d'este *alcaloide* resumem-se: Soluvel na agua, alcool e ether. Após a solução, o alcool e o ether offerecem reacção alcalina. O acido sulfurico põe-no em liberdade; exposto á acção de vapores nitrosos, dá reacção azul, e juntando-lhe um pouco de bromo, adquire uma côr violacea persistente. Esta reacção corada, bem como as demais já apontadas, com o acido iodo-iodidrico, picrico, etc. constitue um caracter differencial entre a strychnina e esta substancia alcaloidica que é o extracto alcoolico.

Deve-se notar, que nas reacções coradas varia a intensidade da côr obtida conforme é mais ou menos rica em môfo a substancia que se analysou; assim poderia dar-se uma confusão com as reacções da strychnina, se não nos lembrassemos da impossibilidade d'esse erro, pelo facto de a strychnina ser absolutamente insoluvel no oleo e no alcool. **Berthelot** demonstrou isto mesmo, notando que d'este extracto nunca se podia obter a chinolina, e que não se conseguia obter crystallisado o *alcaloide,* o que não succederia se se tratasse da strychnina.

Submettido milho são a um tratamento identico, os resultados foram absolutamente diversos. Formou-se uma substancia amarella insipida, que não precipitava com o acido iodo-iodidrico nem com o alcool absoluto, e que, tratada pelo açido sulfurico, apenas libertava um liquido soluvel no ether.

—**Pellogio.** Este professor tambem procedeu a experiencias sobre o milho alterado, conseguindo isolar uma substancia amarga e, segundo elle, crystallisavel, que lhe deu as seguintes reacções: Precipitado branco com o bicarbonato de sodio, com o acido phospho-molibdico, com o bichloreto de mercurio e com o trichloreto d'ouro; amarello com a solução de iodo no acido iodidrico; amarellado com o acido picrico; branco amarellado com o bichloreto de platina. Esta substancia provocava phenomenos paralyticos *(Milano. Rendiconto Istituto Lombardo, 1876).*

—**Gosio** e **Ferrati.** No Congresso de Bolonha de 1902, **Gosio** apresentou um relatorio acerca dos *Progressos dos estudos sobre a etiologia da pellagra.* N'esse trabalho, que é valioso, vem a exposição das pesquizas a que procedeu com **Ferrati.** O seu exame partiu d'este principio: a um mal especifico cor-

responde sempre um agente especifico, tendo sempre em conta que muitas doenças são no fundo resultado d'um processo fermentativo especifico, analogo á fermentação alcoolica, que é o resultado da acção especifica dos blastomicetos sobre o assucar. Recorreu a culturas puras para o estudo da fermentação especifica que prepara os venenos da pellagra. De entre a infinidade dos microorganismos que o milho alterado contem, escolheu o *penicillium glaucum,* por ser o que mais abundantemente se encontra.

Fez experiencias, que pouco resultado deram, n'elle mesmo e em animaes, com culturas do penicillio, depois do que dirigiu a investigação para os venenos formados, merecendo-lhe especialmente attenção os productos que isolou e crystallisou em parte e que pertencem ao grupo dos phenoes. Seguidamente, com **Ferrati,** procedeu a algumas experiencias toxicologicas sobre cães, utilisando culturas puras com o penicillio no milho. Os symptomas observados indicavam bem a presença de um toxico especifico.

Continuaram as experiencias na investigação chimica da natureza do veneno. Um facto notavel se lhes offereceu—o de encontrarem sempre uma

correspondencia entre o indice da toxidade e o indice da reacção phenolica. As experiencias physiologicas, feitas simultaneamente com phenoes de serie e constituição chimica bem definida (resorcina, acido phenico, etc.), reproduziram symptomas semelhantes. D'onde **Gosio** conclue, que é um phenol o toxico que se desenvolve no milho com a germinação dos penicillios. É opportuno lembrar que **Marzocchi** e **Antonini** demonstraram a existencia e diffusão de substancias phenolicas entre o milho de localidades pellagrosas.

—**Di Pietro.** O illustre professor da Universidade de Roma emprehendeu trabalhos que relatou ao Congresso de Bolonha em 1902. Uma grande parte das suas investigações estão de accordo com os pontos de vista de **Gosio**, e d'ellas resultou a existencia de venenos originados nos penicillios, que estes venenos têm uma acção conjuncta, que não existem em todas as variedades de penicillios e que o maximo da producção do toxico coincide com a phase de esporulação. Mas se n'este particular não contradiz **Gosio**, o que é estar de accordo com elle na fundamental etiologia, não acontece assim quanto á natureza do toxico. Ao contrario de **Gosio** e **Ferratti**, não crê que sejam os phenoes, antes crê que

o agente pellagrogenico seja o *penicillium glaucum*, por um glucoside proprio que elabora e que elle ainda não conseguiu caracterisar.

Experiencias bacteriologicas e physiologicas

Do que não resta duvida, como conclusão de todos estes trabalhos, é que a causa da pellagra reside nos toxicos que se formam no milho alterado molecularmente por micro-organismos, que são por si de todo inoffensivos. Se a natureza do toxico offerece ainda duvidas e dá margem a novos trabalhos, o facto que acima apontamos é que se mostra indiscutivel.

Que o *penicillium* é por si inoffensivo, demonstram-o tambem as experiencias de **Lombroso** em 1871. Subministrou meio gramma de esporos de *penicillium glaucum* a tres pessoas, sem que podesse observar-lhes alteração alguma. Inoculou-o em si mesmo, em injecção subcutanea, resultando-lhe apenas uma leve inflammação local. Dous ratos, nutridos durante vinte dias com *penicillium glaucum*, ex-

traido do milho, emagreceram, é certo, mas sem apresentar nenhum symptoma de pellagra.

Experiencias semelhantes de **Grohe**, que injectou nas veias de cães esporos de *penicillium* e de *aspergillus*, chegam á mesma conclusão. Só causam damno quando produzem embolias, de resto não se fazem sentir.

Com o *oidium lactis* acontece rigorosamente o mesmo, apesar de **Erba** ter notado no seu laboratorio que elle acompanha sempre as mais nitidas fermentações do milho, que são as que determinam mais facilmente a fórma convulsiva da pellagra. Mas se o *oidium lactis* por si não provoca nenhuma alteração morbida apreciavel, já assim não é com as substancias extractivas do milho inficionado por elle. Estas, ao contrario, determinam phenomenos analogos aos que se observam nos casos de pellagra com a forma paralytica e convulsiva. Experiencias de **Lombroso** e **Ottolengni** o demonstram. No laboratorio do prof. **Giacosa**, com a cooperação do dr. **Soave**, procedeu-se ás experienciss operando d'esta maneira: Espalharam-se á superficie de 1 kg. de *polenta* esterilizada, e cortada em fatias, colonias de *oidium lactis*, obtidas de culturas puras em caldo. Ao fim de seis dias notava-se, no thermos-

tato a 37º, sobre toda a superficie um pó de côr branco-cinzenta, adherente, um pouco viscoso, com os caracteres do *oidium lactis*.

Ao setimo dia procedeu-se ao tratamente pelo alcool da *polenta* inficionada; este alcool havia sido previamente rectificado e distillado com acido tartarico. O kilogramma de *polenta* reduzido a uma massa pastosa ferveu em cerca de litro e meio de alcool durante doze horas. Filtrou-se, distillou-se a maior parte do alcool, evaporando-se ainda o resto a banho-maria. Multiplicaram-se as filtrações seguidamente até separar por completo as gorduras que se depositavam, e assim se obtiveram 70 gr. de extracto liquido, transparente, de côr castanho-clara. Cada gramma de extracto correspondia a 14gr.,28 de *polenta,* e com elle, applicando-o em injecções subcutaneas em rãs, coelhos e caviás, fizeram-se experiencias que resumimos seguidamente.

A dose mortal d'este extracto correspondia a 14 por 1000 gr. de peso das rãs, 18 para os caviás e 33 para os coelhos.

4 rãs, 3 caviás e 1 coelho morreram depois de se lhes ter manifestado paralysia sensitiva e motora.

Os que não morreram apresentaram pheno-

menos paralyticos sensoriaes e motores, que depois e lentamente foram desapparecendo.

Em 4 rãs observaram contracções tonicas, morrendo duas d'ellas em estado tectânico (opistotono) continuando-se com a rigidez cadaverica.

Na autopsia notou-se: em tres rãs rigidez cadaverica antecipada, e no coelho retardada; coração parado em diastole nos tres caviás, no coelho e em duas rãs, e em systole nas duas rãs que tinham apresentado manifestações tetanicas; ecchymoses na face interna das extremidades, nos interstícios musculares em duas rãs; infiltração sanguinea no tecido cellular subcutaneo abdominal em dous caviás, correspondendo ás regiões onde foram feitas as injecções e espalhando-se a distancia; hemorrhagias na cavidade abdominal em tres rãs e em um caviá.

Da mesma maneira qne com o *oïdium lactis*, se conclue com o *bacterium maïdis* que por muito tempo foi motivo de preoccupação para os pellagrologos. Esta preoccupação porem desfez-se desde que se estabeleceu a identificação entre elle e o *mesentericus vulgatus* ou o *Kartoffel-bacillus*.

Além de que, só o facto da sua não predominancia exclusiva, mesmo nas fezes, era já de molde a

levar-nos a presumir que fosse indirecta qualquer influencia que podesse exercer, como o *oïdium*, como o *penicillium*, pela alteração que determinava no milho, transformando-lhe o parenchyma em substancia toxica.

Foi realmente isto o que **Paltauf** claramente evidenciou, fazendo injecções subcutaneas de cultura novas e antigas em gelatina e caldo, em caviás, coelhos e ratos. Em nenhum se manifestou o menor symptoma d'uma acção infectiva. Concluiam contrariamente a isso as experiencias que fez com o extracto alcoolico de farinha de milho alterado com o *bacterium maïdis* e permanecendo durante tres mezes no thermostato a 35º. Do mesmo modo que, nas experiencias de **Lombroso** com o extracto alcoolico do milho alterado, **Paltauf** inoculando em ratos brancos $^1/_2$ c. c. de extracto, viu que a acção do veneno era rapida; matava em duas horas exercendo uma acção narcotica e paralysante. Nas rãs 1 c. c. de extracto provocava apenas um enfraquecimento passageiro. Evaporado o alcool, para não se entrar em conta com a acção que poderia exercer, viu repetirem-se os phenomenos paralysantes, a respiração tornar-se lenta e entrecortada, tremor nas extremidades, paralysia e morte.

O extracto de identicas culturas, na batata e na *polenta*, actuaram do mesmo modo. Este facto servia ainda, pela prova physiologica, a identificar o *B. maïdis* e o *Kartoffel B.*

Foram feitas por **Lombroso**, **Bordini-Uffreduzzi** e **Ottolenghi** outras experiencias, em mais larga escala e sobre animaes mais corpulentos; concluiam elles ao fim dos seus trabalhos: Um animal nutrido com culturas em *polenta* do 1.º e 2.º dia ou do 6.º e 7.º, lentamente habituava-se ao alimento, manifestando-se-lhe apenas diarrheia que pouco a pouco diminue. As culturas do 3.º, 4.º e 5.º dias são recusadas tenazmente pelo animal, o que se explica pelo cheiro forte e activo que tem n'esse periodo. Os effeitos resumem-se na diarrheia que surge quasi sempre e em vomitos tambem. Na sensibilidade e motilidade nada se constatou de anormal. O peso diminuiu. As temperaturas apresentaram oscillações normaes; nos primeiros dias observaram em dous animaes uma elevação de 0º,5.

Fizeram culturas no pão commum, que muito pouco se desenvolveram, alimentando-se com ellas dous cães durante quinze dias, sem chegarem a qualquer resultado apreciavel.

Resolveram então ensaiar a acção do extracto

alcoolico de culturas antigas (com mais de 25 dias) na *polenta*.

Applicaram-o por via hypodermica na região dorsal, em tres cães, na proporção de 5, 10 e 25 $^{0}/_{00}$ do peso do animal. Os dous cães que tinham sido injectados com maior quantidade de extracto, morreram ao segundo dia depois de apresentarem este quadro symptomatologico: Paralysia nas extremidades posteriores, tremores constantes, depressão geral accentuando-se cada vez mais intensa, perda gradual dos movimentos voluntarios, paralysia total das extremidades posteriores, pupillas dilatadas, leve elevação de temperatura, augmento do rhythmo respiratorio e das pulsações cardiacas, diarrheia sanguinolenta, insensibilidade e impossibilidade de reagir aos diversos excitamentos, agonia muito prolongada e morte. Na autopsia encontrava-se edema sanguineo na região hypogastrica e extravasão no baço.

O cão injectado com a menor quantidade do extracto alcoolico offereceu exactamente os mesmos symptomas, mas, depois do segundo dia, começou a melhorar, mantendo-se porem durante algumas semanas a paralysia nas extremidades posteriores e a diarrheia; este cão diminuiu de peso.

Injecções intravenosas do extracto, na proporção de 5 $^{0}/_{00}$, determinaram os mesmos symptomas e a morte, mais rapidamente ainda, a dous cães. Injectando nas rãs, por via hypodermica, extracto em proporção correspondente, todas ellas morreram com symptomas paralysantes ao fim de tres horas, manifestando-se-lhes logo após a injecção uma infiltração sanguinea (ecchymose diffusa) na face interna das coxas e região hypogastrica.

Operando identicamente com extracto de *polenta* só em injecções intravenosas a 10 $^{0}/_{00}$, e subcutaneas a 20 $^{0}/_{00}$, reconheceu-se que eram por completo inoffensivas.

Por todos os modos chegou-se sempre á mesma conclusão. Isto é, o *bacterium maïdis,* como o *oïdium lactis* e como o *penicillium,* evidenceia-se absolutamente incapaz de produzir qualquer acção nociva, mas, como aquelles, produz transformações no milho que o tornam eminentemente toxico. As ptomainas que o *bacterium maïdis* desenvolve no milho caracterisam pois o envenenamento que produzem, por uma notavel acção paralysante.

Como **Heider** e **Paltauf, Bordini-Uffreduzzi** e **Ottolenghi** tinham unicamente a concluir que a pellagra era uma intoxicação produzida pelos venenos

que desenvolvem no milho certos microorganismos por si só inoffensivos para o homem.

É este facto que as experiencias physiologicas, bem systematisadas por **Lombroso**, põem nitidamente. Elle opera com o extracto alcoolico ou pellagrozeina, oleo de milho alterado, extracto aquoso do milho alterado e com o alcaloide extrahido, multiplicando as experiencias em varios animaes.

A — Experiencias com o extracto alcoolico, ou pellagrozeina.

Operou sobre rãs, aves, roedores, gatos e cães.

Nas *Rãs* — Foram numerosas as experiencias. Ao fim de meia hora, depois de ministrado o toxico, appareciam convulsões clonicas; decorridos 56 m. havia exagero dos reflexos e uma diminuição notavel dos movimentos cardiacos; ao fim de duas horas diminuiam sempre os movimentos do coração, apparecendo o tetano, que se ia accentuando até á morte.

Algumas vezes, ao fim do primeiro quarto de hora, as rãs tomavam na agua a posição vertical; voltadas sobre a meza não se endireitavam e os membros posteriores eram presos de contracções

fibrilares; passada meia hora observava-se uma verdadeira narcose, insensibilidade perfeita, resistindo aos mais energicos estimulantes; depois de tres quartos d'hora vinham as convulsões tonicas e excitabilidade reflexa accentuada; ao fim de uma hora accessos tetanicos, e decorridas 3 horas a morte.

Uma observação rigorosa que se registrou foi a grande differença que se nota segundo se empregam pequenas ou grandes doses e conforme as substancias são preparadas em agosto ou setembro. Com doses minimas 20, 25 até 75 centigrammas, o tetano manifesta-se em mais de 90 %, especialmente quando postas na agua quente, e é precedido de paresia unilateral mais ou menos extensa, sobrevindo a morte dentro de meia hora a 25 horas e ás vezes quasi immediatamente.

Com doses mais elevadas, os symptomas nunca foram graves. **Lombroso** porem attribue este facto á maior actividade de preparações de agosto sobre as dos mezes frios. Accentua muito nitidamente a influencia das temperaturas, com algumas experiencias por elle feitas, aquecendo ou arrefecendo a agua.

Assim, diz: «a mesma dose de $0_g,05$ á tempe-

ratura de + 3º provocava só salto incompleto ou exaggero do movimento reflexo, mas com retardamento de 24 horas. Acontecia o mesmo, mas com menor retardamento (de 2 horas) quando se collocavam os animaes á temperatura de 8º. Á temperatura de 32º a 36º davam-se phenomenos tetanicos e mortaes em poucos minutos, quer com aquella minima dose, quer com sangue de animaes pellagrozeinados». Compara com as rãs não envenenadas, e vê que na agua a + 3º estas ficavam torpidas, rigidas, a ponto de lhes custar fazer o salto; agilissimas a 32º e 36º tornavam-se flacidas decorrido um certo tempo, mas nenhuma se tetanisava ou morria. De 38º a 42º morriam com fórma tetanica e subita.

A dose minima que deu a morte foi de 1 centigramma por cada 14 gr. de peso do animal collocado na agua tepida (1g,5 por kilo); a dose maxima tolerada sem produzir a morte foi de 0g,5 por 12 g. de peso do animal (2g,5 por kilo).

Nos gallinaceos, conclue-se da sua pouca sensibilidade para o extracto. Só morriam com doses elevadas. Foram precisas 10 g. de extracto por cada kilo, ministradas por injecção hypodermica, para que sobreviesse a morte.

Dóses minimas não produziam nenhum resul-

tado ou quando muito um aturdimento, recusa de alimentos, diarrheia e escara nos tecidos. A morte por tetano nunca a observou. Apenas em um caso houve narcose, nauseas, dyspnea, paresia e morte com previas convulsões tonicas e em um outro só torpôr e paresia.

Subministrado pela bocca na quantidade de 27 g. em 5 dias, apenas obteve uma diminuição de peso, dyspnea, nauseas e no ultimo dia diarrhea profusa e repetida com leve augmento de temperatura.

Em um *pombo*, com a dóse de 4 g. por kilo, veio a morte dentro em 5 horas com consulsões clonicas precedidas de narcose, somnolencia e abaixamento de temperatura.

Em um *falcão*, com a dóse de 2 g. por kilo, veio rapida a morte, com narcose e convulsões clonicas e tonicas.

Nos *roedores*, as experiencias foram mais numerosas.

Os ratos supportavam, sem manifestar nenhuma reacção, a dóse de 12 g. por kilo, quando subministrada pela bocca, mas por injecções sub-cutaneas essa mesma dose determinava phenomenos notaveis. Repugnancia pela alimentação, de começo,

e mais tarde paralysia dos membros posteriores com contracções unilateraes, obrigando-os a tombarem para a direita e outras vezes a andar para traz; depois, paralysias completas e abaixamento de temperatura. Não apparecem aqui as convulsões clonicas e tonicas que, todavia, observou em outros ratos intoxicados com menor dose (2g,8 por kilo). Em alguns, inoculados com dóses mais elevadas, só lhes constatou somnolencia, abaixamento de temperatura e finalmente paralysias. A morte sobrevem em média entre 1, 3, 5, 7 e 12 horas. O córte revelou hyperemia da pia mater, do figado, rins, espinal medulla e em um dos pulmões. Em um caso havia amollecimento espinal.

Nos caviás a dose mortal, minima, foi de de 2 g. por kilo. Em alguns sobrevieram immediatamente paralysias e narcose; e em 3, sobre 6, convulsões tetanicas seguidas e algumas vezes mesmo precedidas de paralysias. Morreram alguns ao fim de 45 a 75 minutos, outros só passadas 3 a 4 horas e um só ao fim de 12. O frio não accelera a acção toxica, mas parece-lhe que favorece os phenomenos tetanicos, do mesmo modo que o calor favorece os narcoticos, sem todavia impedir o tetano.

Nos *gatos* a experiencia limitou-se a um unico

caso, em que inoculou 1g,4 por kilo de peso, em injecção subcutanea, e que determinou a morte ao fim de 10 horas. De principio manifestou-se a immobilidade, recusa de alimentos e rigidez nos membros posteriores. Ao fim de 3 horas surgiu o tetano precedido de tremores, exaggero de sensibilidade, 2o de augmento na temperatura, e, decorridas duas horas, narcose.

Nos *cães* foram admiraveis os resultados. Injectadas 2 g. por kilo, observou ao fim de meia a 1 hora, vomitos repetidos; passadas cerca de 2 horas, contracturas nos membros posteriores, pupilla dilatada mas mobil, exaggero da sensibilidade e do movimento reflexo; depois de 2 horas, tetano geral, abaixamento da temperatura, augmento da respiração e acceleração do pulso. A seguir a cada accesso tetanico, o cão perde o equilibrio. Passadas 3 horas retarda-se a respiração, vêm as convulsões clonicas, paralysia e a morte após um accessso tetanico. Esta terminação n'um cão só veio 4 horas depois e n'um outro passadas 11 horas.

Com a dose de 2g, 5 por kilo, não observou os vomitos, mas um estado de desassocego; passada uma hora e um quarto appareceram ligeiras contracções tetanicas, que ao fim de 2 horas eram vio-

lentas, provocadas por um simples sopro na face, temperatura e pulso augmentados assim como os movimentos respiratorios, que tinham quintuplicado; depois de 2 horas e 3 quartos diminuem os accessos tetanicos, que cessam passadas 6 horas; decorridas 19 horas, morre com convulsões clonicas apresentando uma diminuição de peso de mais de um kilo.

As experiencias repetidas accusam sempre identico resultado. O frio não influe na marcha da intoxicação, como vimos que influia para as rãs. As preparações de novembro e setembro tambem só provocam n'estes mammiferos phenomenos narcoticos.

A autopsia mostra hyperemia nas meninges, thalamos opticos, massa cinzenta da espinal medulla correspondendo á tumefacção dorsal, ou amollecimento da região lombar; em dous cães muitas manchas ecchymoticas nos pulmões e congestão do figado e n'um só hyperemia no encephalo.

B — Experiencias com oleo de milho alterado.

Lombroso principia por notar que na oleo-resina do milho alterado é necessario distinguir quatro

preparações: a de julho e agosto, amarissima, côr escura de chocolate, cheiro activo (obtido de milho levado até á fermentação putrida); a de setembro, menos corada e amarga mas, com cheiro mais putrido (obtido com milho imperfeitamente alterado); o oleo de pão de milho amarello, que se condensa a 19º; e o extracto dos embryões. Foram com estes diversos oleos as experiencias que fez.

1 — Oleo de milho alterado

Batráchios. Em rans, fez mais de cem experiencias. O tetano appareceu na proporção de 50 % sempre que empregou as preparações mais activas do oleo. Vinha, em media, passadas 3 horas e meia da injecção, e o maximo tempo a manifestar-se nunca passou de 10, nem o minimo de 1 hora, com a dóse de 1g ou 0,g75 para o peso de 18 a 35g do animal. Este tetano em 5 % era precedido de paralysias dos dous ou de um dos membros inferiores, em 10 % de narcose, em 2,5 % acompanhado de paralysias dos membros inferiores e só raramente era completo e se manifestava espontaneo.

Em 30 % não observou tetano, mas constatou

um exaggero do movimento reflexo e salto incompleto.

Em 20 % apenas houve narcose seguida sempre da morte, sem phenomenos tetanicos. A morte vinha entre 1 a 11 horas e meia. A mesma preparação ministrada no mez de dezembro e em um quarto á temperatura de + 8º, e nas mesmas dóses, determinava unicamente phenomenos muito benignos e retardados, tendo, em uma só experiencia, apparecido o tetano incompleto, 18 horas depois da injecção e a morte apparente, passadas 30 horas. Como estas experiencias trouxessem a **Lombroso** a suspeita de que a temperatura influia, reduzindo os symptomas venenosos, procedeu a novas experiencias que esclarecessem o facto.

Viu que assim era, porque deitando as rans em agua á temperatura de 5º a 9º, injectadas com a mesma dose de oleo, nunca se lhes manifestou o tetano, apenas o salto era incompleto e a morte apparente notava-se só depois de 24 horas, emquanto que nas mesmas outras condições, mas com a agua a 32º, o tetano e a morte apparente vieram ao fim de 2 horas. Retiradas d'esta agua, a morte apparente surgia depois de 34 horas, e a morte real só decorridas 48 horas, emquanto que, postas na agua

fria, uma sobreviveu 3 dias e outra só teve morte apparente.

A acção do oleo de milho alterado determina sobre o coração identicos phenomenos aos do extracto alcoolico, isto é, diminuição das pulsações cardiacas ao fim de $^1/_2$ hora, melhor 1 hora depois, o que se accentua sómente com os phenomenos tetanicos. Os movimentos do coração não diminuem ou só muito pouco com a applicação local.

Tirado o encephalo a uma ran injectada com 1 g. de oleo, o tetano surgiu decorrido approximadamente o mesmo tempo que para as outras. Destruidas porções de medulla, não se observaram as convulsões tetanicas do lado correspondente, surgindo todavia do lado onde a medulla estava intacta.

O tetano manifestou-se sempre nos membros em que se conservaram as communicações nervosas, ainda mesmo tirando-lhes a basal.

O sangue e urina dos animaes envenenados com o extracto alcoolico ou com o oleo, injectado nas rãs, davam logar ao tetano, ainda quando pertencendo a um animal que não o tinha manifestado.

Gallinaceos. Uma gallinha não apresentou symptomas motores notaveis, apesar de após a injecção subcutanea do oleo, ficar torpida e immovel todo o

dia e com diarrhêa. Estes phenomenos reproduziram-se em outra experiencia.

Ministrado pela via digestiva, o oleo é muito menos activo. Impedia apenas o accrescimo ou obrigava a diminuir o peso do animal.

Em um outro caso, insistindo nas doses, observou alguns symptomas que attingiam a motilidade, eczema na crista e barbas, elevação dos pés até á altura das azas e diarrhêa, que de resto notava-se em todos; augmento de peso nos dias em que não lhe administrava oleo, e perda nos outros. A temperatura augmentou geralmente a principio, mas em alguns dias constatou um abaixamento de $^{6}/_{10}$ de grao. Morreram todos com uma forma typhosa paralytica, apresentando algumas d'ellas hemorrhagias intestinaes.

Mammiferos. Em 4 ratos, na dose de 5 g. produziu abaixamento de temperatura, somno, paresia, contracção dos membros posteriores e em um só, a morte. Em um gato, na dose de 4g,9 por kilo, manifestou-se repugnancia pelos alimentos e photophobia; com 6 g. por kilo, de novo sitophobia, paresia, horror á luz e morte ao fim de dous dias com perda de 40 $^{0}/_{0}$ do peso. Em uma cadella, sob a injecção de 20 gr. produziram-se convulsões toni-

cas e clonicas dos membros e paresia; passadas tres horas já havia só uma maior irritabilidade reflexa, ligeiro augmento de temperatura e da respiração, mydriase, grandes sobresaltos e recusa de alimento. Um dia depois, falta de agilidade no salto em virtude rigidez dos membros, e diminuição de peso. Com 30 g., notou-se em uma outra experiencia apenas torpor, rigidez dos membros e falta de appetite.

Conclue **Lombroso**: «Evidentemente o oleo reproduz, mas em proporções menores, os phenonos do extracto alcoolico; mais actividade a temperatura elevada, nos animaes carnivoros, menor nos gallinaceos; narcose que precede ou segue o tetano ou, melhor, a tetania».

2 — Experiencias com oleo de pão de milho amarello e com môfo

Reproduzem-se os mesmos symptomas observados nas experiencias com o oleo de milho alterado no maximo grao.

3 — Experiencias com extracto do embryão do milho alterado

Da mesma maneira o oleo obtido dos embryões do milho alterado, reproduz analogos phenomenos, mas são precisas maiores doses e as manifestações vem mais retardadas.

4 — Experiencias com oleo de milho oxydado

O oleo oxydado *(rançoso)* de milho nas experiencias apenas demonstrou que varia segundo a qualidade do milho de que foi extrahido. Em alguns casos determinou realmente phenomenos toxicos, diminuição de peso, augmento thermico e morte, mas no maior numero de casos apenas notou um torpor passageiro.

C — Extracto aquoso de milho alterado.

O extracto aquoso tem uma acção analoga, ainda que menos poderosa, á do extracto alcoolico. Nas râs, com a dose maxima de 0g,70 a 0g,75 para o peso de 20 g. do animal, provocava paresia dos membros posteriores, especialmente d'um lado, pe-

quenas contracções fibrilares, narcose e morte ao fim de tres quartos de hora. Em dose um pouco inferior repetem-se estes symptomas, mas mais retardados. Com a dose de 0g,05 nenhum phenomeno notou, quando o animal é mergulhado em agua fria. Na agua quente a 35º morreu uma rã. Nos gatos a dose de 5 g. por kilo causa vomitos, narcose e diminuição de peso. Augmentando a dose até 8 g. a morte dá-se dentro de meia hora, com convulsões clonicas primeiro e depois convulsões tonicas. Á autopsia encontrou-lhe adipose renal, figado hyperemiado, abscesso no logar da injecção. Em um outro achou hyperemia na base do cerebello e ecchymoses nos pulmões.

Nos cães, os phenomenos foram os mesmos. Ministrado pela bocca, o extracto aquoso não provocava manifestações apreciaveis, mas por injecção subcutanea eram muito nitidos os symptomas. Na dose de 3 g. por kilo, recusa de alimentos, narcose e photophobia; subindo a dose a 5 g., a morte sobrevinha dentro de 14 horas. De cinco experiencias feitas, em 4 houve sempre photophobia, paralysia dos movimentos, tremores, mydriase, vomitos e proximo do fim, perda de sensibilidade; em dois, houve convulsões clonicas seguindo-se a paresia; em tres, os

membros anteriores contraidos e rigidos; em um, sêde viva; em outro, surdez precedendo a completa perda da intelligencia; em todos, aversão pelos alimentos e diminuição de temperatura de 2º a 8º.

D — Experiencias com o alcaloide do milho alterado.

Extrahida do oleo a substancia alcaloidica e injectados 2 milligrammas em rãs, vinha o tetano dentro de 20 a 30 minutos.

Vê-se como actua mais rapidamente, pois nas experiencias anteriores nunca se manifestava o tetano antes de 2 ou 3 horas. As pulsações cardiacas não diminuiam quasi nada ou mesmo talvez nada, diz **Lombroso**, pela rapidez com que se estabelece a intoxicação.

Os residuos da substancia maïdica depois de extrahido o alcaloide, são tambem venenosos, o que deve significar que no milho não é elle a unica substancia venenosa.

Resta concluir.

Das experiencias de **Lombroso, Grohe, Paltauf, Bordoni-Uffreduzzi, Ottolenghi, Gosio, Di Pietri,** etc., estabelece-se rigorosamente que os micro-organismos que se desenvolvem no milho *(penicillium, oidium lactis, aspergillus, bacterium maïdis* identificado com o *mesentericus vulgatus* ou *Kartoffel bacillus*, etc.) são por si incapazes de directamente determinar os symptomas pellagrosos. Mas as experiencias d'esses e d'outros trabalhadores demonstram que esses micro-organismos, desenvolvendo-se no milho, alteram a sua composição mollecular, transformando as substancias albuminoides em substancias gordas e substancias toxicas.

A analyse chimica e experiencias physiologicas assim o demonstram.

Que não é uma só d'essas especies, exclusivamente, a determinadora das alterações no milho, evidenceia-se tambem d'esse conjuncto de experiencias que extractamos.

Que o *bacterium maïdis* não tem o valor que Cuboni lhe quiz dar, como causa directa da pellagra, resulta eloquentemente dos factos observados. Elle existe, é certo, nas farinhas e pães de milho alterado, mas existe tambem quer no milho são

quer no proprio intestino. Não foi encontrado nas culturas de sangue dos pellagrosos mais graves, nem tão pouco se encontrou na pelle erythematosa e nas visceras dos cães alimentados com o milho alterado. Os resultados em contrario explicam-se pela falta de precauções na extracção do sangue e urinas, porque sempre que se procedeu com esses cuidados, cauterizando a epiderme com um ferro rubro, nunca o sangue tirado d'ahi revelou esses micro-organismos. De resto, injecções com culturas de *bacterium maïdis* no sôro de sangue esterilizado, ou com sangue de thyphoso-pellagroso, não provocam senão phenomenos febris, explicaveis pelas substancias pyrogeneas que ha em quasi todas as culturas. Apezar de muito repetidas estas experiencias, nenhum observador notou os symptomas da pellagra: a diminuição de peso, quasi que brusca em contraste com uma rapida subida de temperatura; os phenomenos cutaneos, musculares e nervosos que nos cães se manifestam quando alimentados com milho alterado.

Taes phenomenos febris fizeram crêr a alguns auctores na acção especifica de certos micro-organismos, confundindo estas intoxicações pelas culturas com os phenomenos pellagrosos.

Esta doutrina parasitaria é todavia insustentavel.

A pellagra jamais se manifestou repentinamente; foi sempre necessario o uso repetido do milho alterado para que ella irrompesse, bastando para que as melhoras, a cura mesmo se dê, a simples substituição alimentar, sem outra qualquer intervenção, o que não se dá com nenhuma outra doença parasitaria. Nas intoxicações chronicas do alcool e do mercurio, subministrados em pequenas dóses, vê-se inopinadamente desapparecer as manifestações com a suspensão da substancia toxica. Uma doença zymotica tem uma marcha progressiva, não cortada por intermittencias, e jamais se detem completamente com a simples mudança de alimentos. Em geral offerecem sempre um augmento de temperatura bem mais notavel, e uma tendencia pronunciada de eleição para um dado tecido ou orgão.

Resumindo—*a pellagra é resultante de uma intoxicação produzida pelos venenos que um certo numero de especies de cogumelos desenvolvem no milho, alterando-lhe as substancias albuminoides.*

A persistencia com que se encontra no milho quatro ou cinco d'esses micro-organismos, explica-

nos ainda a tendencia para a putrefacção d'este cereal.

A perda que o grão experimenta em riqueza alimentar activa indirectamente os progressos da intoxicação pelo enfraquecimento do organismo.

A despeito de todos os factos de ordem clinica, bacteriologica, chimica e physiologica se congregarem d'esta maneira para estabelecer como acquisição positiva a doutrina etiologica da intoxicação pellagrosa, ainda ha raros defensores da infecção especifica. No Congresso de 1902 em Bolonha teve esta opinião uma defeza brilhante nos trabalhos de **Ceni.** O illustre medico apresentou o resultado dos seus trabalhos affirmando a especificidade dos agentes pellagrogenicos, que diz ter isolado dos orgãos internos dos cadaveres pellagrosos.

São, segundo **Ceni**, o *Aspergillus Fumigatus* e *Aspergillus Flavescens,* que se desenvolvem no milho e entrando no organismo com este alimento, encontram-se em optimas condições para elaborarem productos toxicos.

Diz, ainda, que o milho inficcionado d'estes germens offerece propriedades pathogenicas mesmo superiores ás d'esses germens em cultura pura. Esta exaltação virulenta dos germens, pela sua entrada

no organismo associado ao milho em que se criam, tem para **Ceni** uma importancia muito especial porque, diz elle, parece que esta propriedade falta aos outros parasitas que commumente se desenvolvem no milho avariado.

Affirma ter isolado os *aspergillus,* obtendo-os em culturas puras dos orgãos internos dos iudividuos mortos com pellagra. Argumenta com os resultados que obteve em investigações cadavericas. De 70 autopsias que fez, 42 eram de individuos que nem pelos dados clinicos nem pelos anammesticos podiam considerar-se pellagrosos; 28, ao contrario, eram evidentemente victimas d'essa doença. N'estes 28 as pesquizas culturaes foram quasi sempre positivas, isto é, em 23 encontrou o *Aspergillus fumigatus* e *A. flavescens,* e nos outros 42 cadaveres foram sempre negativos os resultados, não conseguindo isolar dos orgãos internos nenhum parasita digno de importancia. Approxima ainda, para acentuar a influencia d'estes parasitas na etiologia da pellagra, o facto de o maximo desenvolvimento na sua evolução biologica se dar, para o *Aspergillus Fumigatus* na primavera e para o *Aspergillus Flavescens* no outomno.

Ceni não abandonou os seus trabalhos. Em

1903 publica de collaboração com **Carlo Besta** *I penicilli n'ell'etiologia e patogenesi della pellagra,* concluindo pela existencia de duas variedades de *penicillium glaucum,* com acção pathogenica diversa, determinando: uma, phenomenos de excitação neuro-muscular (exaggero de reflexo, tremor geral, estado espasmodico dos musculos); a outra, phenomenos de caracter depressivo, abatimento geral, relaxamento muscular com diminuição de tonus, etc. Crê que assim seja pela acção que exercem os toxicos postos em liberdade, no tubo gastro-enterico, pelos *penicillium.* Nota todavia que os *Aspergillus* são muito mais activos.

Em 1904 publica ainda duas outras communicações tendentes a robustecer os trabalhos iniciados. São *"Le proprietá tossiche dell'Aspergillus fumigatus* e *Nuove ricerche sulla pellagra nei polli* nas quaes conclue que o *Aspergillus fumigatus* elabora dois principios toxicos: um de caracter convulsivo e tetanisante, soluvel no alcool; outro não convulsivo nem tetanisante e insoluvel no alcool. Observa que as gallinhas alimentadas com milho avariado apresentam symptomas typicos da pellagra chronica e aguda, e que nos casos agudos a morte é sempre determinada pelos *aspergillus.*

Os trabalhos de **Ceni** encontraram, porém, réplicas vivas entre os congressistas de 1902.

Entre muitos outros, **Di Pietro** nota como as suas proprias experiencias, feitas tambem com *Aspergillus* ministrados por via gastrica, nunca forneceram symptomas de infecção nem de intoxicação. Sustenta que o *Aspergillus,* ingerido por essa via e sem que se tenham creado predisposições artificiaes, é impotente para se tornar pathogenico. Nota ainda que **Ceni** nem sempre encontrou esses *Aspergillus* nos orgãos internos dos cadaveres e que, mesmo nos casos positivos, se poderia crêr que tivesse havido uma diffusão de esporulos, nos estados agonicos, do intestino para os varios orgãos internos, tanto mais plausivel isto quanto é certo nunca nos falla de micellios mas apenas de esporulos. Lembra tambem o facto de serem inoffensivas as inoculações do sangue dos pellagrosos. De tudo conclue sempre que a pellagra é uma intoxicação.

Determinada a causa da pellagra resta vêr rapidamente quaes as condicções que directa ou indirectamente actuam no desenvolvimento d'esta doença.

Estações e sol — Das observações de todos resalta indiscutivel o ser na primavera que as manifestações pellagrosas irrompem mais violentas, desenvolvendo-se muito depressa, de modo a chegarem ao fastigio no estio, para depois declinarem e por vezes desapparecerem no inverno.

Pelo seu lado, o sol, a que, como já dissemos, se quiz attribuir uma importancia absoluta na origem do erythema, não tem acção tão larga. Em as nossas observações e nos dados hospitalares que recolhemos figuram muitos individuos que, pela sua profissão, não soffrem uma persistente ou intensa exposição aos raios solares, e todavia, apresentavam phenomenos erythematicos caracteristicos.

É que realmente o erythema apparece só por virtude da intoxicação, ainda que a acção exercida pelos raios violetas sem duvida favorece o seu desenvolvimento.

Clima—Este exerce uma acção indirecta, favorecendo ou contrariando a maturação e conservação do milho. É o que explica não existir a pellagra em varias regiões, como a Africa, onde o milho representa um importante papel na alimentação.

Sexos e edades—Apesar do facto já notado, quando fizemos a *Historia da pellagra em Portugal,* de ser de mulheres a maior affluencia de doentes aos hospitaes, não ha motivo nenhum para que se julgue este sexo predisposto especialmente para a pellagra. Isto evidenceia-se pelas estatisticas de todos os observadores, e nós já expuzemos os motivos que justificam esta differença numerica.

Quanto á influencia das edades, ha realmente a estabelecer certas predilecções facilmente explicaveis. É certo que a pellagra se encontra em todas as edades, mas muito raramente nas creanças a ammamentar, devendo n'estas attribuir-se a intoxicação á passagem do toxico no leite ou ao costume, infelizmente vulgar entre nós, de n'esse periodo as mães illudirem a fome das creanças ministrando-lhes alimentos de todo improprios. Os adultos são os mais affectados, o que bem se comprehende pelos numerosos casos de enfraquecimento organico originado em outras doenças chronicas e mesmo no alcoolismo, quebrando-lhes a resistencia.

Constituição—Os debeis são naturalmente menos poupados do que os dotados de constituição forte.

Alcoolismo—Parece, e isto comprehende-se, que os alcoolicos são mais attingidos pela pellagra. Alguns medicos hespanhoes chegaram até a pretender que o alcool fosse a causa da pellagra. Este modo de ver erroneo assentou na abundancia de pellagrosos alcoolicos que encontraram, sem todavia se lembrarem de que nas regiões onde a aguardente é obtida pela distillação de cereaes, usando-se milho adulterado, essa aguardente vehicularía os venenos soluveis do milho, tornando-se naturalmente capaz de causar o envenenamento pellagroso.

Doenças anteriores—Todas as causas que contribuam para enfraquecer o organismo, deixando-o depauperado, tornam mais apto o individuo a succumbir á intoxicação. Alguns auctores notam que durante a prenhez e o aleitamento as mulheres contrahem facilmente a doença.

Profissões—Sendo a pellagra resultado da alimentação, todos, independentemente dos misteres que exerçam, serão atacados pela doença logo que soffram esse vicio alimentar.

Mas do que não ha duvida é que em Portugal, como nos outros paizes, os recrutados pela pellagra

são na sua maioria trabalhadores agricolas. É na sua miseria, que os condemna a uma alimentação nociva, que deve procurar-se a razão d'este facto.

Contagio—Na pellagra não ha contagio. Está nitidamente demonstrado. Fizeram-se todas as tentativas para inocular esta doença com o sangue e a saliva sem se obterem resultados.

Hereditariedade—Muitos auctores, e illustres, sustentaram a hereditariedade da pellagra. Das nossas observações, alguns factos podem levar a concluir d'essa maneira. Nos doentes que examinamos na Povoa de Lanhoso é facil encontrar-se a doença estendida a toda a familia e ainda conhecida nos antepassados. Em Barcellos o mesmo succede.

Attentando todavia com cuidado, topa-se outra e mais natural explicação. Comprehende-se que individuos sujeitos ao mesmo condicionalismo, expostos á mesma causa, manifestem semelhantes e eguaes phenomenos. E ahi está toda a verdade.

É raro, completamente raro, encontrar-se, nós não topamos um unico caso, creança com pellagra no periodo do aleitamento. E os que tem sido excepcionalmente apontados, devem ligar-se ao uso bem

conhecido de, durante esse periodo, as mães entrecortarem a alimentação lactea com outro alimento, que provavelmente será o milho. Esta pratica é corrente.

Os descendentes de pellagrosos têm effectivamente, pela pobreza organica que herdam, uma natural tendencia para serem vencidos facilmente pela acção do toxico.

São em geral anemicos e de um caracter apatico. Os degenerados tambem avultam prodigiosamente na prole dos pellagrosos. **Lombroso** nota nos filhos d'estes desgraçados uma predisposição para a microcephalia, ausencia do systema piloso, atrophia dos orgãos genitaes e hypertrophia dos ganglios abdominaes.

No trabalho valioso de **Cesare Agostini**, «La Pellagra nell' Umbria», que devo á amabilidade do prof. **Badaloni**, comprova-se terrivelmente esta lastimavel fatalidade hereditaria.

Poucas palavras só, chegados ao fim d'este capitulo, para esboçar as linhas predominantes da pathogenia da pellagra.

De toda a doutrina exposta e documentada, quer na *Historia da Pellagra*, quer na *Etiologia*, se vê e conclue que o milho alterado actua sobre o organismo pelos venenos activissimos que desenvolve. Não conhecemos ainda completamente o arranjo molecular d'essas substancias toxicas, nem a maneira intima como ellas actuam e se geram no organismo.

Doença toxica, tem, como o geral das intoxicações, uma affinidade especialmente viva para o systema nervoso. Este facto demonstra-o a clinica, pela predominancia e gravidade dos phenomenos nervosos e psychicos, sobre todos os demais, e demonstra-o a anatomia pathologica, pelas lesões que constantemente surprehende na medula.

Sobre o processo de eliminação do veneno, apenas nos é dado relacionar o que os symptomas clinicos indicam, interpretando-os, sem nada estabelecer de positivo.

Pela chronicidade da doença, e demora que os doentes soffrem antes de chegar á cura, após a suspensão da substancia toxica na sua alimentação,

parece dever-se admittir que o veneno se elimina muito lentamente. Por outro lado, a quasi generalidade dos phenomenos ás mucosas e á pelle, leva-nos a suppor que ellas são vias eliminatorias.

Com os conhecimentos actuaes apenas isto é dado concluir de seguro, apezar do desconhecimento sobre a natureza e processo evolutivo do veneno, mas, pelo somatorio de todos os factos clinicos, bacteriologicos, chimicos, psysiologicos e anatomo-pathologicos, não resta duvida: — *a pellagra é uma doença toxica produzida pelos venenos que se formam no milho adulterado.*

SYMPTOMATOLOGIA

Tractando-se de uma intoxicação chronica, como a da pellagra, comprehende-se que a doença não offereça em sua evolução cyclos rigorosos como os que caracterizam em regra as doenças inficiosas geraes.

Dependentes as manifestações morbidas da introducção do toxico, da sua quantidade e do espaço de tempo da sua acção, teem que repetir-se uma e tantas vezes, com os mesmos caracteres, quantas forem as vezes que o veneno seja ingerido, para se evolarem com a suspensão do toxico, ou para, dada uma pratica insistente e continua, os phenomenos tomarem por ultimo uma modalidade final prevista.

Emfim, não ha *phases cyclicas* nos symptomas da pellagra, mas ha uma successão de estados ca-

racteristicos do progresso da intoxicação, quando não se estorve a entrada continua do veneno.

De começo ella é mesmo intermittente, os phenomenos evidenceiam-se principalmente na primavera, quando o toxico se produz mais abundante, para depois de repetidas acções toxicas, tornar-se remittente. É assim que nos primeiros annos facilmente se podem deter por completo os effeitos do toxico com uma simples mudança de regimen alimentar. Só no ultimo estado, quando a cachexia pellagrosa se manifestou, é que independentemente de novas propinações a doença seguirá a sua marcha, já então fatal. Nos primeiros periodos porém, não só quando uma vitalidade organica robusta resiste á influencia do veneno, como ainda pela intervenção de cuidados alimentares proprios, o mal é sempre dominavel, bastando para isso suspender o uso do milho avariado, Este facto foi estabelecido rigorosamente: por **Marzori**, quando faz notar que sob o regimen alimentar dos presidiarios se curavam muitos pellagrosos; por **Lombroso**, quando aconselha a preferencia que deve dar-se-lhes para o serviço militar, e, emfim, por todos os clinicos que têm verificado como os primeiros accidentes são facil-

mente jugulados pela simples suspensão do toxico e uma rasoavel alimentação.

Sempre que os doentes, pela pobreza physiologica geral, tantas vezes consolidada pela herança não apressem a acção intoxicante do milho avariado, e que se detenha o uso do toxico antes de se repetirem muito os desarranjos nervosos, a pellagra é uma doença curavel e na sua marcha não contrariará nem inverterá os estados symptomaticos que vamos esboçar, correspondentes ao grao mais ou menos profundo da intoxicação.

Manifestações primarias—Em geral escapam muitas vezes, quasi sempre, os primeiros symptomas da pellagra. E, nos nossos casos, este periodo inicial só o registamos pelos informes dos doentes. Nos hospitalisados sobretudo, faltam por completo estas observações, e mesmo, por identico motivo, na clinica particular, só muito rara e excepcionalmente são observados pelos medicos. Isto comprehende-se, se nos lembrarmos que as classes em que o mal recruta exclusivameute as suas victimas, pelas exigencias da vida, condicções apertadas de meios e insufficiente cultura, só em ultima e de-

sesperada situação é que recorrem aos serviços medicos.

É por isso que as perturbações gastro-intestinaes e o erythema são o mais das vezes, senão sempre, os primeiros phenomenos que *de visu* o medico apprehende. E todavia não são elles os iniciaes.

A intoxicação manifesta-se sempre e de começo por uma especie de preguiça, langor, inappetencia para o trabalho, desprendimento, abandono completo, tristeza, vertigens, zumbidos nos ouvidos, rachialgias e insomnias.

N'este periodo algumas anormalidades se notam já na funcção digestiva, como a sensação de seccura na bocca e garganta, uma falta de appetite notavel ou, ao contrario, uma bolimia accentuada, ardencia aguda no estomago e por vezes diarrhêa. Estas desordens devem ser, em parte, como **Roussel** pretende, de ordem nervosa; havendo em apoio d'esta interpretação ainda o facto de na sua maioria serem communs ás grandes nevroses, mas tambem se comprehende que algumas sejam, senão provocadas totalmente, pelo menos auxiliadas pela acção local irritante do toxico.

O erythema falta quasi sempre n'este periodo

e pode vir só muito mais tarde, mas a lingua apresenta já uma côr vermelha muito intensa, engorgitada e fendida caprichosamente. Estes symptomas accentuam-se depois mais violentamente.

Pellagra confirmada — (1.º GRAU).—Tenha-se ou não manifestado já o erythema, durante os accidentes que descrevemos, e que correspondem ao inicio da intoxicação, estes phenomenos em geral passam e o doente volta de novo ao estado de saude. Quando o erythema surge com as manifestações primarias descriptas, ellas são em geral mais graves, porque isto corresponde já a uma violenta intoxicação.

Repetida esta, as perturbações digestivas vêm mais aggravadas e n'este caso só rarissimas vezes deixam de apparecer concomitantemente os phenomenos exanthematicos, embora existam quasi sempre n'este periodo, pois ainda que se tenham demorado surgem então implacaveis.

N'este grao de intoxicação nota-se já grande enfraquecimento de forças em todos os doentes, enfraquecimento que irá progressivamente augmentando. Elles são realmente já n'esta altura quasi todos anemicos.

A temperatura é sempre normal, salvo qualquer complicação.

As funcções genitaes deprimem-se, chegando mesmo a desapparecer de todo. É vulgar a atrophia dos testiculos (1) e a impotencia, e, nas mulheres, encontra-se a leucorrhea (2) e não raras vezes dá-se o aborto.

A circulação é normal. O sangue, que tem sido cuidadosamente estudado, não offerece modificações apreciaveis. **Lussana** e **Fua** concluiam porque a albumina do sôro dos pellagrosos tinha precisamente os mesmos caracteres do sôro do sangue das pessoas affectadas por falta de nutrição, e que o exame comparado do sangue nas diversas doenças mostrava uma grande analogia entre o dos pellagrosos e o dos nevropathas. **Lussana** dizia ainda que a albumina amorpha era em menor percentagem. Estas conclusões não foram todavia confirmadas; ao contrario, trabalhos posteriores dão como não alterados os elementos figurados do sangue. Chimicamente apenas se notou uma diminuição de phosphatos.

Em resumo: n'este primeiro grao, os sympto-

(1) Observação n.º 26.

(2) » n.os 8, 13, 14 e 20.

mas caracteristicos são de ordem *digestiva*, *exanthematica* e *nervosa*.

Perturbações digestivas — Na bocca as mucosas tomam uma côr vermelha viva, ás vezes são seccas, apresentando numerosas ulcerações da lingua, e apparece em alguns casos uma especie de erupção aphtosa ou vesicular (1), ha um exaggero da secreção salivar, com um gosto desagradavel, amargo, insipido ou salgado (2), e sente-se um calor desusado e irritante. A salivação abundante que muitas vezes sobrevem sem lesões da mucosa lingual, prova que este ptyalismo não é aqui senão provocado pela acção do veneno, quer sobre as glandulas, quer sobre os centros nervosos. Umas vezes as mucosas são d'um vermelho vivo, as gengivas sangram facilmente e a lingua está ulcerada (3), outras apresentam-se seccas e com ulcerações (4),

(1) Observações n.os 3, 13, 47 e 51.

(2) » n.os 3, 4, 6, 8, 9, 10, 12, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 29, 31, 35, 44, 53, e 54.

(3) » n.os 5, 7, 11, 14, 22, 24, 29, 30 e 36.

(4) » n.os 4, 8, 9, 16, 24, 25, 28, 31, 32, 33, 35, 38, 42, 47 e 54.

os labios estão lividos e sulcados e a lingua despapillada (1).

Declara-se diarrheia (2) ou constipação (3), ou uma e outra alternadamente (4). A constipação é talvez mais frequente nos começos, mas logo que a intoxicação se accentua é a diarrheia que se torna mais vulgar.

Esta diarrheia não se confunde todavia com a que se manifesta quando a intoxicação levou o doente ao 2.o ou 3.o grau. É *dysenteriforme,* as fezes são muco-sanguinolentas, expulsas com colicas e tenesmo, semelhantemente ás que por vezes se observam nos envenenamentos pelo phosphoro e arsenico.

No segundo periodo ao contrario, o aspecto das fezes é mais seroso. A pollakiuria é muito frequente (5), ha tambem ás vezes polyuria (6).

(1) Observações n.os 6, 8, 9, 10, 12, 13, 15, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 25, 27, 31, 32, 33, 34, 35, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 52 e 53.

(2) » n.os 1, 13, 16, 18, 19, 20, 25, 29, 30, 34, 35, 41, 42, 46, 47, 51 e 53.

(3) » n.os 3, 6, 8, 10, 14, 15, 17, 23, 27, 28, 31, 33, 38, 43 e 44.

(4) n.os 5, 9, 11, 12, 21, 22, 24, 26 32, 36, 39, 45 e 54.

(5) » n.os 2, 3, 5, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23 24, 26, 27, 28, 29, 31, 32 34, 35, 36, 40, 42, 44, 45, 46, 48, 50 52 e 54.

(6) » n.os 3, 18, 21, 26 e 43.

Manifestam-se dores violentas na região epigastrica (1), e, nos pellagrosos alcoolicos, vomitos.

Erythema—Surge sempre na primavera, por vezes mesmo em fevereiro, mas nunca depois de junho. Julgou-se, **Bouchard** assim o pretendeu, que o sol só por si era a causa d'esta manifestação cutanea. Algumas observações de **Facheris** e **Lussana,** outras muitas observações nossas (2), bem como as notas hospitalares a que me referi já, demonstram a existencia da pellagra em muitos individuos que pela natureza da sua profissão trabalham fóra da acção constante do sol.

Todavia **Perrond** demonstra perfeitamente a verdade da hypothese que **Charcot** em 1859 aventara, isto é, da grande influencia que na producção do erythema exercem os raios violetas. Não é no entanto, deve-se concluir isto dos factos, absolutamente indispensavel a sua acção intensa para que elle se manifeste. Concorre poderosamente, é certo,

(1) Observações n.os 3, 6, 8, 9, 10, 11, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 31, 33, 34, 38, 39, 41, 42, 44, 45, 46, 50, 53 e 54.

(2) » n.os 1, 4, 6, 8, 9, 13, 15 17, 22, 24, 28, 30, 34, 42, e 44.

e d'ahi o papel exclusivo que durante tanto tempo lhe quizeram dar. Devemos ainda lembrar que se registram muitos casos de pellagra sem erythema pellagroso (1).

De principio, como de resto em todos os erythemas, forma-se uma mancha avermelhada com œdema e prurido que se irrita sob a acção solar (2).

As regiões eleitas são a face dorsal das mãos e dos pés, ás vezes a face e ainda o peito. Em casos muito raros, estende-se a outras regiões.

Decorridos alguns dias sobre estas primeiras manifestações, principiam a formar-se bolhas dispersas, de varias dimensões, agrupando-se por vezes até se fundirem em largas placas, cheias de um liquido turvo amarellado ou sanguinolento. Outras vezes a epiderme torna-se rugosa e fende-se; em seguida começa a rasgar-se e vae caíndo aos fragmentos como escamas seccas (3). Quando se formam as bolhas, èsta descamação é sempre precedida da queda das crostas.

---

(1) Observações n.os 26 e 35.

(2) » n.os 1, 3, 6, 23, 28 e 37.

(3) » n.os 3, 4, 5, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 27, 28, 30, 33, 34, 36, 38, 40, 42, 43, 44, 47, 48, 50, 51, 52, 53 e 54.

Seguidamente á desaggregação da epiderme, desapparecem o prurido e o ardor. O tegumento fica muito fino, liso e de um vermelho escuro.

Após varias recidivas, a queda da epiderme faz-se, não em escamas, mas em lamelas espessas.

Quando a doença é já profunda e chegou ao segundo gráo, a pelle torna-se dura, rugosa, gretada, friavel e escura, aspecto que alguns comparam á casca do carvalho. A epiderme da pelle dos dedos lichenifica-se e torna-se aspera.

A sensibilidade diminue talvez um pouco e a elasticidade desapparece depois de algumas recidivas. Produzem-se então frequentemente excoriações dolorosas (1), que **Roussel** não attribue de modo nenhum á pellagra. O que é muito vulgar é encontrarem-se, logo após a queda da epiderme, ulcerações superficiaes, especialmente nos membros. O erythema, como a doença, surge na primavera e desapparece ao cabo d'alguns mezes para apparecer de novo na mesma epocha do anno seguinte.

Muitas vezes quasi que é elle só o symptoma apreciavel para o diagnostico, sem querermos com isto dizer que faltem completamente as perturbações

(1) Observação n.º 48.

digestivas e nervosas que são em alguns casos os unicos phenomenos a observar.

A origem do erythema, não podendo absoluta e exclusivamente attribuir-se á acção dos raios solares, encontra uma boa explicação na opinião do dr. **George Procopius**, que o attribue á eliminação do toxico pela pelle. **Lussana** e **Frua** notaram que nos pellagrosos a exhalação cutanea se faz lentamente e que o suor é menos acido, experiencias que **George Procopius** repetiu e confirmou completamente.

Perturbações nervosas—O mais notavel dos accidentes d'esta ordem é a *vertigem pellagrosa* (1). Os doentes sentem como que um peso na cabeça e uma força que os impelle para deante. Esta sensação de peso cephalico é atormentadora e é a ella que cedem nas quedas para a frente, tão vulgares n'este periodo.

Têem frequentemente cephalalgias (2), que lhes provocam insomnias rebeldes. (3) O somno é agi-

(1) Observações n.os 1, 3, 4, 5, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 16 17, 18, 20, 21, 24, 26, 27, 30, 31, 33, 34, 35, 36, 39, 40, 41, 42, 44, 47, 48, 49, 51, 52, 53 e 54.

(2) » n.os Todos os observados.

(3) » n.os 12, 13, 30, 34, 38, 40 e 48.

tado (1), e alguns queixam-se de uma sensação de queimadura na planta dos pés (2) e palma das mãos. (3) Muitas vezes a insomnia alterna-se com somnos agitados por sonhos extravagantes e pesadellos. (4) São vulgares a rachialgia, a sciatica e as dores erraticas. (5)

Apresentam diversas perturbações sensoriaes, principalmente da visão, independentes do obscurecimento da vista quando se produzem as vertigens. A amblyopia, (6) a diplopia, (7) a hemeralopia e o daltonismo encontram-se muitas vezes nos pellagrosos. A dilatação pupillar é tambem frequente. É vulgarissima entre os pellagrosos por nós observados uma aguda sensação de frio — cryesthesia.

Sentem muitas vezes um ardor ao urinar na

(1) Observações n.os 2, 5, 8, 11, 14, 18, 22, 25, 26, 31, 38, 46, 47 49 e 54.

(2) » n.os 1, 9, 10, 13, 14, 16, 21, 22, 24, 27, 29, 30, 31, 33, 34, 36, 40 e 45.

(3) » n.os 23, 26, 30, 36, e 40.

(4) » n.os 3, 4, 6, 9, 11, 12, 15, 16, 18, 20, 21, 23, 26, 27, 28, 33, 35, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 48, 56, 53.

(5) » n.os 1, 5, 9, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 28, 29, 31, 36, 39, 44, 45, 46, 47, 48, 51, 52, 53 e 54.

(6) » n.o 3.

(7) » n.os 3, 10, 11, 13, 15, 18, 22, 27, 29, 30, 34, 36, 38, 40, 42, 51, e 53.

bexiga; (1) as urinas geralmente acidas, são por vezes alcalinas (2) com a urêa muito diminuida, algumas vezes albuminosas. (3) Não é raro mesmo haver uma nephrite. (4)

2.º GRAU.—N'este segundo grau, se bem que todos os symptomas caracteristicos do primeiro se aggravem, (anormalidades digestivas, erythema e perturbações nervosas), elle caracterisa-se essencialmente por symptomas novos em que dominam as affecções nervosas.

O estado de depauperamento crese, a anemia é mais profunda (5) e o enfraquecimento muscular é tal que o trabalho torna-se de todo impossivel.

Engrossa a pelle das mãos e do rosto, cobrindo-se de uma epiderme dura, rugosa, sulcada e de uma côr escura, amarello sujo.

Na primavera, quando o erythema vae apparecer, annuncia-o uma côr avermelhada.

A estomatite torna-se mais violenta, a saliva

---

(1) Observações n.os 1, 8, 9, 21, 22, 25, 26, 27, 28, 29, 35, 44, 48, 51, e 53.

(2) » n.os 19, 44, 45.

(3) » n.os 3 e 25.

(4) » n.os 25 e 53.

(5) » n.os 18, 23, 26, 29, 30, 33, 36, 40, 41 e 46.

corre da bocca constante e involuntariamente. São então mais bastas as ulcerações das mucosas (1).

A diarrheia, muito constante, é por vezes sanguinolenta, mas quasi sempre serosa. Quando persiste muito tempo, prepara a cachexia que é, afinal, o terminus.

São, não obstante, os phenomenos de ordem nervosa os que n'esta altura dominam e se impõem.

A tristeza, tão caracteristica d'estes infelizes, torna-se pesada. Fazem-se sombrios, apathicos, desprendidos de tudo e de todas as affeições mais caras. (2) Apaga-se-lhes a intelligencia pouco a pouco, as vertigens muitiplicam-se e a marcha, incerta e cambaleante, é como a dos ebrios (3).

O somno é agitado, as cephalalgias apoquentam-os constantemente e as dores da espinha dorsal exacerbam-se; irradiando, produzem caimbras nos membros, principalmente nos inferiores, que cada vez mais enfraquecem, prognosticando a paralysia que se avizinha.

(1) Observações n.os 17 e 20.

(2) » n.os 1, 5, 6, 9, 11, 12, 13, 26, 28, 36, 40, 42, 44 45, 46, 51, e 52.

(3) » n.os 17, 31, 34, 40, 41, 45, 48, 49, 50, e 52.

Teem por vezes accesos epileptiformes (1), em que não perdem por completo o sentido das coisas. Cahem desamparados para traz, depois de se sentirem arrastados em todos os sentidos e sem poderem impedir a queda a despeito de todos os esforços. Invade-os o aspecto da senilidade, teem o andar indeciso, cambaleante e o tremulo dos membros.

A tristeza taciturna evoluciona pouco a pouco para uma melancolia com estupor, cortado por accessos agudos de mania (2) com furias desesperadas para o assassinio e o suicidio (3). Muitas vezes, sem mesmo se manifestar a melancolia, surgem estes accessos, que fornecem, não em pequena escala, subsidios para a criminalidade (4).

E é de notar que não raramente, muito especialmente nos casos em que o erythema pellagroso não foi diagnosticado, passando todos os outros symptomas, por periodicos e ás vezes fugazes, sem

(1) Observações n.os 6, 21 e 22.
(2) » n.os 21, 29, 36 e 47.
(3) » n.os 5, 9 e 14.
(4) » n.os Observações do dr. **Julio de Mattos** e do Prof. **Bombarda** a que nos referimos na *Historia da Pellagra*.

conhecimento dos medicos peritos, os delinquentes pellagrosos, actuando sob a sua nevrose, são considerados responsaveis ante os tribunaes. Este facto, por si só, deveria impôr um especial escrupulo nos exames medico-legaes, quando os accusados fossem de regiões em que a pellagra é endemica, como acontece nas partes mais densas do nosso paiz.

3.º GRAU.—N'este periodo, depois de muitas vezes se repetirem os phenomenos já descriptos, quando a impregnação toxica cavou profundamente a economia, e sem que desappareçam todos esses symptomas apontados, surgem outros novos, dominando o quadro morbido: São a *cachexia* (1), as *paralysias* (2) e a *demencia*. (3)

A anemia dos doentes, augmentando sempre, arrasta-os a essa phase superior de empobrecimento physiologico, que se chama cachexia. Acompanhando esta ruina o enfraquecimento muscular accentua-se. Os membros inferiores são dotados de paraplegia, algumas vezes mesmo surgem outras

(1) Observações n.os 16, 25, 31, 45 49 e 50.
(2) » n.os 34 e 38.
(3) » n.os 16 17, 25, 31. 34, 40, 41, 42, 48, 49 e 50.

paralysias, como a dos membros superiores e a incontinencia das materias fecaes e da urina. (1)

Ha uma depressão notavel da sensibilidade, mas nunca anesthesia.

São ainda frequentes os accessos epileptiformes. (2)

Apparecem manchas ecchymoticas no corpo e membros, mas algumas vezes occulta-as o erythema, que é aspero e rugoso.

A diarrhêa torna-se quasi constante, (3) é serosa, muito fluida e rebelde a todo o tratamento; não provoca dores. Persiste quasi sempre até á morte, accelerando de resto esse termo que se approxima pelo marasmo em que cahem os doentes, quando uma outra doença intercorrente não vem apressar esta conclusão fatal.

Em muitos casos esta phase morbida é apenas reconhecida pelos progressos da cachexia e das perturbações psychicas.

Typho pellagroso—Pode observar-se n'este periodo um estado febril de aspecto typhoide que

(1) Observações n.os 9, 17, 21, 22, 25, 29, 42, 45, 48, 50, 52, e 53.
(2) » n.os 6, 21 e 22.
(3) » n.os 25. 48, 49, 50 e 52.

nós nunca encontramos. Os doentes em extrema prostração acham-se em decubito dorsal, a lingua secca e fuliginosa, febre continua, pulso pequeno e irregular, alternando com pulsações filiformes, transpiração fétida. Formam-se escharas do decubito dada a adynamia profunda do paciente.

É a este quadro que alguns auctores chamam *typho pellagroso*, se bem que não se trate em verdade nem d'um typho nem d'uma febre typhoide. É uma manifestação aguda da intoxicação, certamente aggravada por infecções secundarias. Não tem a marcha regular caracteristica das infecções eberthianas, e só as simula por aspectos exteriores muito superficiaes. As autopsias teem evidenciado nos casos de *typho pellagroso* a ausencia de lesões proprias da febre typhoide.

Querem alguns todavia considerar este estado como uma complicação muitas vezes devida ao bacillo d'Eberth e sobretudo á flóra microbiana dos intestinos, sem acção pathogenica no individuo normal mas capaz de assumir uma especial virulencia ou face da decadencia organica dos pellagrosos cacheticos.

A febre typhoide surge por vezes nos pellagrosos; pois é notavel que ella se prolonga menos

e é menos grave do que a manifestação febril designada pela rubrica de typho pellagroso.

Assim o constata **George Procopius**, que teve occasião de observar este accidente agudo da pellagra, assim como dois casos de febre typhoide que embora se dessem em pellagrosos inveterados evolutiram quasi que normalmente.

O termo do typho pellagroso é por via de regra a morte.

Loucura pellagrosa—Vimos como logo de inicio se manifestam modificações notaveis no caracter e na intelligencia do doente. Com os progressos da intoxicação, mais se vão accentuando os symptomas nervosos, de modo que, já no segundo grau, ainda que esta classificação por graus não seja muito rigorosa, são por assim dizer elles que dominam a scena. Inicia-se uma tristeza taciturna e uma apathia que se aggrava successivamente, conduzindo á melancolia profunda, de tal modo que estes desgraçados se desprendem de tudo, a tudo são indifferentes, nada comprehendem e cahem por vezes no mais completo mutismo [1] recusando os

(1) Observações n.os 1, 5, 6, 9, 11, 12, 13, 26, 28, 36, 40, 42, 44, 45, 46, 81, e 52.

alimentos. (1) Esta melancolia, que é em certos individuos acompanhada de estupor, póde irromper em accessos de mania aguda, surgindo bruscamente sem causa apparente, ou sob influencia d'uma insolação, ou por outros motivos moraes, como uma exaltação, um desgosto, nem sempre de importancia, muitas vezes mesmo banaes, arrastando n'um furioso impulso para a violencia de um attentado ou, mais vulgarmente, para o suicidio, que é com frequencia uma preoccupação obsediante. (2)

Então nota-se que o louco pellagroso tem uma especial tendencia para o afogamento (3), chegando a consumal-o onde quer que se lhe depare um regato, um poço, um charco, um simples ribeiro onde mal se comprehenderia a possibilidade de o fazer. Prostra-se de bruços no chão, na ancia de libertar-se d'uma vida insupportavel, buscando refrigerio, como se o abrazasse um fogo infernal, na primeira agua que encontre. De facto quiz explicar-se esta attracção dos pellagrosos para a agua n'uma sensação de ardencia dolorosa, mas **Roussel** aventa que estes hydromaniacos talvez prefiram a morte pela agua,

(1) Observação n.º 40.
(2) » n.ºs 5, 9, 14, 21, 29, 36, 40, 42, 47, 50 e 53.
(3) » n.º 9 e 14.

por mais suave, menos difficil, mais consentanea com o seu estado de depressão. **Lombroso** attribue a uma modificação particular da retina o vivo prazer que elles experimentam em face da superficie espelhenta da agua.

Estes symptomas manifestam-se na primavera, como de resto todas os demais, mas em geral já para o fim da estação e durante o estio ainda.

A loucura pellagrosa pode dar-se com *delirio agudo* ou *delirio chronico*.

Em geral este delirio agudo, mais frequente nos alcoolicos, apparece no decurso do delirio chronico; em alguns casos porem irrompe até em estado de saude apparente. Quando tal se dá, o mais natural é terem passado despercebidas as primeiras perturbações, que quasi sempre se annunciam por uma alteração do caracter com facil sobreexcitação.

Quando sobrevem no decurso do delirio chronico, o doente até então tranquillo e apathico, principia a revelar uma inquietação tenaz, fixado obstinadamente a uma ideia que o tortura; tem impulsos de fuga que o arrastam á vagabundagem, até que, de repente, em uma furia desesperada é levado imperiosamente ao suicidio e ao assassinio. (Casos do dr. **Julio de Mattos** e do prof. **Bombarda).**

As manias de perseguição (1) e religiosa são tambem frequentes, assim como a rejeição pertinaz dos alimentos (2).

No delirio chronico nota-se de principio a melancolia, com inercia, morosidade de ideiação, tristeza profunda, com estupor. Depois vem a demencia, que se pronuncia especialmente no ultimo grao da doença, concomitante com as paralysias e a cachexia.

O que se torna caracteristico n'esta loucura pellagrosa é a extrema tristeza e a tendencia, como vimos, para o suicidio; de resto é absolutamente confundivel com certas formas vulgares de alienação e especialmente com a melancolia commum. Para assentar no diagnostico é pois essencial conhecer e pesquizar rigorosamente todo o quadro symptomatico para ser apreciado em conjuncto.

Esta loucura é curavel, principalmente o delirio agudo, que bruscamente irrompe n'uma mentalidade apparentemente hygida. Mas quando as lesões dos centros nervosos são consideraveis, a cura

(1) Observações n.os 40, 42, 50 e 53.

(2) » n.o 40.

é por assim dizer impossivel, e as perturbações psychicas tornam o prognostico particularmente grave.

Outros symptomas; modalidades da doença e suas divisões—Tem-se verificado nos pellagrosos a frequencia da dyspepsia e da gastralgia que persistem ainda no inverno, depois de se terem dissipado as demais manifestações. A dyspepsia é sempre flatulenta e dolorosa. Muitas vezes precede de longa data os symptomas caracteristicos da pellagra. Assim succede nos individuos que não apresentam durante a intoxicação maïdica a efflorescencia erythematosa. É já o envenenamento pelo milho adulterado; mas as outras perturbações e em especial o erythema, não apparecem durante muito tempo, ou até deixam de apparecer, faltando assim a denuncia irrefragravel da doença. A estes raros casos sem erythema chamou-se impropriamente, *pellagra sine pellagra*.

As gastralgias são tambem vulgares, mas em geral mais tardias, e não contemporaneas das outras mauifestações. O succo gastrico é na maioria dos casos hypoacido nos pellagrosos, o que prova que a sensação de ardor por elles experimentada

no estomago não é de origem hyperacida, mas antes de natureza nervosa.

Outro facto, e tão importante que serviu até para a classificação das modalidades, é a frequencia da myelite pellagrosa, que embora associada ordinariamente aos outros symptomas domina o quadro, quando existe, pela sua gravidade. A paraplegia é sempre precedida pelo esgotamento muscular dos membros inferiores; estabelece-se não d'uma maneira subita, mas lenta e insidiosamente com signaes prodromicos. Os reflexos são em regra exaggerados (1), embora mais tarde diminuam ou se extingam (2). Abre a scena uma paresia que pouco a pouco dá logar á paraplegia; o relaxamento dos esphincteres é então frequente (3). N'esta myelite nota-se a circumstancia especial de haver quasi ausencia de perturbações de sensibilidade; differe das myelites vulgares e tambem se não confunde com o tabes, pois não tem nem as dores fulgurantes nem as crises gastricas, faltando-lhe ainda a desegualdade pupillar e a ataxia motriz com o sabido cortejo de alterações sensitivas.

(1) Observações n.os 11, 22, 28 e 53.

(2) » n.os 14 e 26.

(3) » n.os 9, 12, 21, 22, 25, 29, 42, 45, 49, 50, 52 e 53.

É de notar, tanto mais que ao caso não se referem os trabalhos da especialidade, a frequencia com que nos pellagrosos da região minhota que observamos, se encontra a pollakiuria. É tão constante que poucos foram aquelles que estudamos em que esse phenomeno não se constatou com evidencia (1).

Das perturbações nos orgãos dos sentidos deve tambem apontar-se, como a mais vulgar, a diplopia. Não é, como das nossas observações resalta, a unica. Os phenomenos auditivos, a ausencia do olfacto, do paladar, visões, etc., topam-se muitas vezes nos pellagrosos que estudamos, mas nenhuma é como a diplopia, tão frequente e constante.

O fendilhado da mucosa da bocca e da lingua é tão geral, que até se apresenta nos pellagrosos que ainda não manifestaram os phenomenos erythematicos. Nunca vimos o *typho pellagroso* nem a *myelite pellagrosa*.

Uma outra perturbação de ordem nervosa, quasi constante em todos os nossos pellagrosos,

(1) Observações n.os 2, 3, 5, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 31, 32, 34, 35, 36, 40, 42, 44, 45, 46, 48, 50, 52 e 54.

é a cryesthesia (1). É tão intensa por vezes essa sensação de frio que, como na observação n.º 53, o doente procura refugiar-se dentro de um forno para aquecer-se. A observada n.º 52, de Condeixa, encontramol-a sob um sol ardente, a tiritar debaixo de pesadas roupas.

Fundamentando-se nos phenomenos atraz descriptos, teem apresentado os auctores varias divisões da pellagra que, no fundo, só correspondem a graos ou phases da doença. Como a velha e justa sentença *não ha doenças mas ha doentes* se impõe, e como no caso d'esta intoxicação os caracteres são por vezes tão differenciados, quiz-se seriar as formas mais vulgares n'uma classificação de todo o ponto empirica, só justificada pela predominancia d'um ou d'outro symptoma sobre os demais ou na ausencia de alguns d'elles. Entre essas classificações, que muitas são, revivem ainda a de **Lombroso** e a de **Neusser** (2); mas, estabelecendo-se em semelhante

(1) Observações n.os 1, 2, 5, 8' 9, 10, 11, 12, 13, 14 16 17, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 31, 35, 38, 42, 44, 45, e 53.

(2) **Lombroso** divide: 1.º pellagra que predispõe á loucura; 2.º pellagra que predispõe á hydromania; 3.º pellagra com vertigens; 4.º pellagra caracterisada pela bolimia; 5.º pellagra caracterisada pela descamação; 6.º pellagra caracterisada pela tendencia em andar para traz.

criterio a base toxonomica, julgamos que a proposta pelo dr. **George Procopius** é a que melhor satisfaz á realidade dos factos:

1.º—Forma gastro-intestinal (comprehendendo a forma diarrheica de **Guangiroli**);

2.º—Forma nervosa com mania;

3.º—Forma nervosa com paralysia (myelite pellagrosa);

4.º—Pellagra *sine* pellagra;

Typho pellagroso, considerando antes esta forma como uma simples complicação.

Neusser dividiu assim: 1.º pellagra com alteração da intelligencia; 2.º typo da esclarose lateral amyotrophica; 3.º forma meningitica; 4.º forma semelhante á tetania; 5.º forma gastro-intestinal; 6.º forma caracterisada pela degenerescencia e a atrophia dos orgãos; 7.º forma semelhante á doença d'Addison; 8.º simples dermatose; 9.º pellagra sine pellagra.

ANATOMIA PATHOLOGICA

Ao encetar este capitulo, mais uma vez devemos accentuar que vimos apenas armados com os subsidios que o exame macroscopico das observações clinicas nos proporcionou.

Circumstancias varias, que omittimos, não permittiram que as analyses clinicas fossem seguidas das pesquizas necropsicas. As experiencias sobre animaes, via claramente indicada a quem se propõe concluir alguma coisa de novo em tão delicado assumpto, não puderam ser tentadas tambem por um sem numero de difficuldades invenciveis.

De resto cumpre-nos confessar que na execução do tentamen nos suggestionamos pela declaração de **Lombroso**: «Escassa foi a colheita da anatomia pathologica nos animaes submettidos ás nos-

sas experiencias, salvo no que respeita a hyperemias cerebraes e aos catarrhos agudos intestinaes, que são tão frequentes nas infecções e nos envenenamentos.»

É certo que o sabio professor reconhece que nos animaes o morbo decorre agudamente e não vae alem do incipiente estadio da acção primaria, ao passo que no homem a intoxicação attinge outro desenvolvimento, pelo melhor tratamento dietetico, pelos medicamentos, etc.

Como quer que seja, a verdade é que o insigne tratadista da pellagra não encontrou nas suas experiencias sobre animaes, afóra as lesões citadas, «de resto frequentes nas infecções e nos envenenamentos» nada que ao exame histologico mereça relato por caracteristico. As alterações do systema nervoso central, especialmente da medulla, tão frequentes no homem, são delicadissimas e difficeis de descobrir nos animaes. Essas alterações, observou **Vassale**, são, mesmo no homem, mais de natureza histo-chimica do que histologica. Assim é licito admittir.

Com effeito, havendo no vasto campo da symptomatologia factos que não podem ser satisfatoriamente explicados pelo exame das lesões anatomo-

pathologicas, como, por exemplo, as variadissimas nevroses em que ellas faltam por completo na analyse microscopica, necessario se torna recorrer, como observa **Vassale**, a subsidios mais intimos que a histo-chimica fornece.

Impunha-se-nos pois esta analyse das lesões anatomo-pathologicas, que a histologia só por si não pode explicar, principalmente sobre a medulla, que deve ter para o veneno pellagroso, como de resto para outros toxicos, uma electividade especial. Na impossibilidade manifesta, não já de realisar experiencias sobre os diversos feixes medullares, mas de verificar os resultados obtidos por **Vassale** e que tanta luz derramam n'este capitulo da endemia pellagrosa, não podia deixar de ser esta parte da nossa dissertação mais do que uma resenha das lesões vulgares anatomo-pathologicas, que em seus tratados ou tabellas apresentam notaveis pellagrologos, taes como **Belmondo, Lombroso, Fabus, Verga**, etc. e que se explicam, apesar de apparentemente contradictorias, por motivos de ordem etiologica.

Encephalo e meningeas — **Lombroso**, em 113 exames necroscopicos, observou com muita constancia a opacidade lactea da pia-mater e a hypertrophia da pia-mater e da arachnoidêa. Mais raro apparece nas tabellas das suas observações a hypertrophia da dura-mater, meningea que frequentemente se encontra adherente á taboa interna do craneo. Esta adherencia foi tambem notada 21 vezes por **Verga** em 41 autopsias. As meningeas apresentam-se a miudo carregadas d'exudatos e, 24 vezes em 113, o enchephalo está œdemaciado. Identicas anomalias foram encontradas por **Nardi, Fanzago** e **Strambio,** etc. O cerebro ora se vê hyperemiado, ora anemiado.

Estas lesões são pois inconstantes e nada têm de caracteristicas, a não ser, como observa **Marinesco,** que constatemos que, alem da pellagra, não se conhece actualmente nenhum estado pathologico em que a alteração invada a totalidade das cellulas cerebraes.

O exame microscopico revelou a existencia de adiposidade e pigmentação nos vasos cerebraes. A pigmentação é frequentemente muito abundante nas cellulas ganglionares do grande sympathico.

Nas meningeas espinaes os resultados obtidos são menos inconstantes. Só uma vez as meningeas estavam normaes, **Belmond**, tab. XVI). A opacidade a hypertrophia das membranas apparecem mais frequentemente. Em 71 observações feitas por **Tonini** e **Belmondo** registam-se 30 vezes as membranas adherentes entre si com hyperemia. Os osteomas são communs na arachnoidêa; nos mesmos 71 casos veem-se 30 vezes. Nem sempre nas pesquizas necroscopicas das meningeas espinaes, se encontra a hyperemia; muitas vezes, embora em menor proporção, as membranas estão anemiadas.

Finalmente a hemorrhagia sub-arachnoidêa, que é uma das lesões mais raras da espinal-medulla, encontra-se, ainda que muito raramente, nos resultados obtidos por **Tonini**.

As cellulas somatochromas são mais profundamente alteradas do que as cellulas caryochromas. A substancia chromatica é atacada por formas differentes; ou a chromatolyse é parcial ou o corpo da cellula, sem substancia chromatica, se assemelha a vidro despolido. A desigualdade da substancia chromatica explica a formação das manchas coloridas ou incolores que se observam no interior da cellula.

Medulla—Mais importantes, pela sua vulgaridade, são as lesões anatomo-pathologicas da medulla-espinal. As pesquizas anatomicas da medulla feitas por **Belmondo** em um grande numero de casos clinicos e que **Lombroso** apresenta em resumo nas suas tabellas, revelam caracteres quasi constantes. Assim, em geral nos cadaveres de pellagrosos, ou a morte seja devida ao typho pellagroso, ou á insufficiencia myocardica, ou á septicemia, etc., constata-se com uma notavel persistencia a atrophia pigmentar das cellulas ganglionares. Em maior ou menor grau, quasi sempre na região dorsal, pode dizer-se permanente. Não devem tambem, pela sua ainda que menor insistencia, passar despercebidas as lesões que apparecem nos feixes pyramidaes cruzados, no feixe de **Goll** e no feixe de **Burdach**. Estas lesões, degenerescencias ou escleroses, separadas ou simultaneas, surgem muitas vezes na colheita necroscopica de **Belmondo**, nos casos citados. A degenerescencia ataca quasi sempre a porção interna e media do feixe de **Goll** e a zona radicular do feixe de **Burdach**. A esclerose apparece com menos insistencia e é em regra limitada aos feixes pyramidaes. Segundo **Belmondo** e **Tonini**, esta esclerose que apparece vulgarmente na pellagra, não é depen-

dente das lesões cerebraes, isto é, o processo morbido é primitivo nas regiões cervicaes e dorsaes. Um grande numero de vezes ha myelite aguda que, diz **Belmondo**, consiste n'uma abundante infiltração de leucocytos na medulla e uma grande dilatação dos vasos que se apresentavam cheios de sangue.

Lombroso resumindo os trabalhos dos pellagrologos sobre as lesões espinaes encontradas nos cadaveres dos pellagrosos, assignala a assymetria das duas metades do eixo espinal, o amollecimento medullar e a anemia.

A assymetria diz especialmente respeito ás duas metades do eixo cinzento, e foi observada o maior numero de vezes em limitadas zonas de medullas amollecidas; mas de facto apparece tambem em medullas de consistencia normal. Verificou-se a diminuição do eixo cinzento na extremidade superior dos dois segmentos dorsal e lombar.

O amollecimento foi reconhecido em grande numero de casos, 22 vezes em 53, no segmento dorsal; tambem não é raro que o segmento cervical se mostre amollecido. O amollecimento medullar é acampanhado sempre d'um certo grau de edema.

A anemia é mais frequente na substancia nervosa do que nas membranas.

O exame microscopico feito por **Tonnini** em varios pellagrosos revelou-lhe grande *pigmentação* nas cellulas dos cornos anteriores e posteriores; no maior numero de casos o nucleo apparecia com os contornos mal definidos ou granuloso. Ás vezes nota-se a atrophia da cellula nos segmentos lombares, cervicaes ou dorsaes. **Tonnini** verificou como **Belmondo,** duas vezes a degenerescencia dos cordões lateraes; **Tuczek** em diversos casos reconheceu pigmentação ou atrophia dos cordões espinaes.

Uma discussão importante se tem suscitado sobre a origem das lesões microscopicas da medulla, lesões tão importantes como as do encephalo.

Serão as lesões da substancia cinzenta cerebral e do eixo espinal, primitivas na pellagra, e as alterações da substancia branca e dos nervos periphericos, de menor frequencia, secundarias ás das cellulas nervosas, ou, pelo contrario, as alterações da medulla succedem-se ás da polynevrite? A primeira d'estas opiniões é sustentada, entre outros, por **Marinesco,** e combatida por **Righetti** que affirma que a alteração das raizes posteriores põe de parte

a ideia d'um processo endogeneo. Por outro lado a clinica mostra que as psychoses pellagrosas são quasi sempre anteriores ás paralysias.

Os *nervos* periphericos são com raridade alterados. Algumas vezes as raizes posteriores rachidianas são envolvidas por uma zona de tecido granuloso formado pelas cellulas plasmaticas, pelos elementos endotheliaes e por pequenas cellulas redondas com um nucleo **(Babès).**

Observou-se tambem a degenerescencia das fibras nervosas. As alterações nos nervos periphericos consistem apenas, segundo **Babès,** n'uma tumefacção ligeira devida á embebição serosa.

Ha nos ganglios espinaes fibras nervosas em via de formação que rodeiam as cellulas; estas cellulas são pouco alteradas. Os ganglios do grande sympatico revelam a existencia de muitas cellulas estrelladas.

Pelle—O estudo das alterações do involucro cutaneo chamou desde o principio, como não podia deixar de ser, as attenções dos pellagrologos. Nas alterações cutaneas, que deram o nome á doença (pelle agra), considerada inicialmente como uma dermatose, recahiram de preferencia os estudos

pellagrogicos quer sob o ponto de vista macroscopico quer histologico. O exame da pelle revestiu um interesse superior até á hora em que a doença, já capitulada de geral, fez derivar para o systema nervoso, e em especial para a medulla, a attenção dos estudiosos.

A hyperpigmentação, o espessamento da epiderme, principalmente ao nivel das articulações digitaes, a descamação lamellar e furfuracea, e a vermelhidão intensa no dorso das mãos em particular e, em geral, nas partes descobertas, são para o clinico indicios reveladores, senão caracteristicos, da existencia da pellagra.

O erythema dos pellagrosos *(mal de la rosa,* dos Hespanhoes, *pellagra* dos Italianos), caracteristico n'estas manifestações anatomo-pathologicas, foi já sufficientemente assignalado dentro dos casos clinicos que apresentámos. É uma mancha vermelha e brilhante, que apparece geralmente na região dorsal das mãos.

Diz **Babes** que o erythema dos pellagrosos tem uma origem tropho-nevrotica; nas suas pesquizas sobre a pelle dos pellagrosos encontrou elle um exudato seroso, alguns leucocytos e uma substancia

particular, homogenea e metachromatica, provavelmente serosa.

A analyse microscopica revela ainda uma proliferação do epithelio, e a camada cornea apresenta um processo d'hyperkeratinisação; uma notavel pigmentação amarella existe nas camadas profundas do epithelio.

As glandulas sudoriparas são mais abundantes em cellulas e conteem granulações metachromaticas; as glandulas sebaceas são dilatadas e revelam muitas vezes colonias de diplobacterias. As glandulas são cercadas por um foco de tecido granuloso diffundido.

O prof. **Griffini** fez o estudo histologico da pelle de tres pellagrosos. Observou no primeiro uma hypertrophia do estracto corneo, uma abundantissima descamação e uma grande actividade reproductora no reticulo malpighiano; no segundo a esclerose dos vasos da papilla e da derme; no terceiro finalmente a esclerose da papilla e da derme é menor, a derme offerece caracteres identicos ao connectivo das paredes dos vasos, é manifesta a atrophia do estrato corneo em resultado do achatamento das cellulas e da pouca actividade reproductora do reticulo malpighiano.

De resto, estas escamas irregulares, variaveis na sua espessura e dimensões, furfuraceas, são semelhantes ás observadas no sarampo, na escarlatina e ainda na psoriasis e na ichtyose.

Tubo digestivo—As observações feitas sobre a lingua dos pellagrosos accusam mui frequentemente a existencia d'hyperemia, vesiculas e ulcerações. Nos casos clinicos que observámos a congestão intensa apresentou-se, é certo, algumas vezes; mas o descoramento repete-se com mais constancia nos nossos exames. A mucosa labial é hyperemiada na primavera e anemiada no outomno; em alguns doentes vimos crostas que ao despegar-se, faziam sangrar os labios. A pharynge apresenta os mesmos caracteres da bocca. As lesões do estomago são inconstantes. **Lombroso** encontrou algumas vezes a hyperemia e o adelgaçamento da sua tunica muscular; podem existir ou não ulcerações da mucosa.

O intestino é frequentemente hyperemiado e apresenta o adelgaçamento da tunica muscular e ulcerações, tanto no jejuno como no ileon. Estas ulcerações tambem se encontraram no recto.

O adelgaçamento, sempre acompanhado pela

côr amarellada da parede, não é continuo; está distribuido por placas ao longo do jejuno e do ileon, terminando geralmente a 0m,1 do cocum. A sua transparencia chega por vezes a ser tal, diz **Toussié**, que é possivel ler um jornal atravez d'elle. **Labus** chega a considerar esta lesão como sendo o *criterio anatomo-pathologico* da pellagra. Os pellagrologos modernos não vão tão longe; em todo o caso consideram esta lesão como constante.

Coração — São importantes as lesões do coração. Nas 113 observações de **Lombroso** a que já nos referimos, são vulgares o augmento de volume, a atrophia e a facil lacerabilidade. A atrophia que a analyse microscopica revelou sem contestação, é acompanhada de pigmentação das fibras musculares e de intervallos ou lacunas que separam as fibras.

A atrophia pode dizer-se constante nos pellagrosos que foram examinados por **Lombroso**; deve ligar-se, como a degenerescencia calcarea e pigmentar, á senilidade precoce e explica o facto vulgar da fraca energia cardiaca, nos pellagrosos, de que resultam os edemas parciaes, que observámos em alguns casos. Nas investigações necroscopicas de

Lombroso foram constatados edemas cerebraes, pulmonares e pericardicos; as sincopes e as palpitações podem ter a mesma explicação.

O augmento de volume do coração é, na maior parte dos casos, dependente da maior flacidez das paredes degeneradas e nunca d'um excesso de nutrição. Este facto é comprovado pelas observações de **Lombroso** em que se verifica um peso menos do que normal em corações muito volumosos. Em 26 corações, apenas 2 excediam, e em muito pouco, a media normal e apenas 5 eram pouco inferiores; os restantes, como se pode verificar nas suas tabellas, estavam muito abaixo da media ordinaria. Póde concluir-se pois com **Lombroso** que, mesmo macroscopicamente, o coração está atrophiado no maior numero de pellagrosos e só raras vezes se observa a hypertrophia. A atrophia do coração e das outras visceras afinal, deve explicar-se pela velhice ou pela longa duração da doença e, algumas vezes, pela miseria; porem no maior numero de casos é produzida pela acção directa e irritante do toxico. A degenerescencia gordurosa, encontrada menos frequentemente do que a atrophia, explica-se pela acção do veneno. A adiposidade não depende da qualidade especial da alimentação.

Pulmões—Frequencia de pleurisias, edemas, emphysemas e hyperemia. Estas lesões foram encontradas em quasi todos os impaludados da Lombardia. A colheita anatomo-pathologica de **Lombroso** contém um grande numero de pneumonias caseosas que foram confundidas com a tuberculose. Nota o mesmo professor que a tuberculose, ao passo que é frequente nos pellagrosos do Trentino, é, pelo contrario, rara nos impaludados da Lombardia. No relato d'uma autopsia que temos presente d'um pellagroso que morreu em Guimarães e que devemos á amabilidade do prof. **Souza Junior**, que fez o exame necroscopico, nota-se um edema abundante e tuberculose generalisada com séde predominante no lobulo superior a que corresponde na superficie externa uma longa cicatriz.

Figado—O augmento de volume do figado é a lesão que mais frequentemente apparece; 27 vezes em 39, nas observações de **Lombroso**; na autopsia a que já nos referimos apresenta-se, pelo contrario o figado muito pequeno com a capsula muito fibrosa. A atrophia tambem é frequente. O figado é quasi sempre amarello, friavel. O peso é em regra inferior ao normal. Frequente adiposidade na pe-

ripheria do figado, a congestão do centro e algumas vezes a pigmentação.

Baço—Na autopsia citada o baço é muito pequeno, esclerosado tanto na capsula como nas trabeculas conjunctivas. A atrophia do baço predomina sobre a hypertrophia n'um grande numero de casos.

Rins—Poucas vezes os rins são normaes. O maior numero de vezes atrophicos, e cirrhoticos outras, em menor numero, adiposos. Em 52 casos, 42 vezes o seu peso era inferior ao peso normal. Notou-se tambem uma grande differença de peso entre um e outro rim. A degenerescencia adiposa do epithelio dos canaliculos renaes apparecia quasi sempre acompanhada de esclerose no tecido connectivo interstícial. **Gianelli**, citado por **Lombroso**, refere que encontrou frequentemente as lesões renaes em cadaveres de pellagrosos, sob a forma de nephrite chronica, principalmente parenchymatosa. **Vassale** mostrou recentemente a sua frequencia.

Musculos—A musculatura é umas vezes atrophiada, outras normal, e só raramente se encontra parcialmente adiposa. **Lombroso** cita apenas dois ca-

sos de degenerescencia adiposa dos musculos; n'um, circumscripta aos musculos peitoraes, no outro, apenas nos musculos dos membros inferiores.

Esqueleto— Uma circumstancia notavel é a fragilidade de certos ossos, das costellas principalmente. Nas suas autopsias, **Lombroso** diz encontral-a frequentemente sem que nas outras partes do esqueleto haja alteração. **Strambio** notou tambem «o esterno de côr vermelho-escura e tão molle que se dobrava facilmente em todos os sentidos». Já tinha sido assignalado o facto da grande difficuldade com que consolidam as fracturas nos pellagrosos.

Os caracteres anotomo-pathologicos que temos descripto em resumo, fazendo sobresahir aquelles que pela sua constancia podem lançar alguma luz sobre a symptomatologia da pellagra, são de quatro ordens principaes.

1.ª *Irritações seguidas d'exudatos e hyperemias.* Foram observadas nas meningeas do encephalo quasi sempre hyperemias e frequentemente exudatos; na pelle e no figado, no intestino e, principalmente tambem, nas membranas da medulla, hyperemias.

2.ª *Atrophia.* As atrophias encontram-se frequentemente nas visceras: no coração, nos rins, no baço, no figado, intestinos e pulmões. D'estas a mais importante é a atrophia escura do coração.

3.ª *Adiposidade.* Como vimos é vulgar nos rins, no figado, no coração, embora com pouca frequencia, e nos vasos cerebraes. A adiposidade muscular apparece circumscripta aos peitoraes ou aos musculos dos membros inferiores.

4.ª *Degenerescencia pigmentar.* Pigmentação dos vasos cerebraes e do grande sympathico revelada pelo exame microscopico; a atrophia pigmentar das cellulas ganglionares, dos cordões espinaes, é caracteristica. A atrophia escura do coração é uma atrophia com pigmentação. Emfim observou-se, ainda que raramente, a pigmentação geral das differentes visceras.

O conjuncto das lesões anatomo-pathologicas que, muito syntheticamente, aqui deixamos apontadas é contraditorio, o que tem induzido a negar-se-lhes importancia. Com effeito, ora se encontram atrophias, como a do coração, ora a analyse necroscopica revela a hypertrophia d'esta viscera; se por um lado se nota o adelgaçamento da

tunica muscular, por outro, e não raras vezes, reconhecemos a sua hypertrophia; e assim para o cerebro, para a medulla, para os intestinos, umas vezes anemiados outras hyperemicos. As contradicções, suppõe **Lombroso**, são apenas apparentes. Remontando das lesões anatomo-pathologicas á causa que as produz, os resultados são concordantes com a natureza d'essa causa, intensamente toxica como já exposemos no capitulo da Etiologia.

Trata-se d'uma intoxicação chronica cujos effeitos são, como em tantas outras, successivamente differentes. Os estados primarios d'essas intoxicações são hyperemicos e acompanhados pelo processo inflamatorio, emquanto que nos estados secundarios se nota a atrophia e a adiposidade. Observa **Lombroso** que as perturbações anatomicas que acabamos d'enunciar confundem-se essencialmente com as que se encontram nas diversas intoxicações bem conhecidas, taes como o phosphorismo, hydrargyrismo e alcoolismo. As lesões anatomo-pathologicas da pellagra, insiste ainda o mesmo professor, approximam-se notavelmente das do alcoolismo. N'uma e n'outra intoxicação as lesões não passam da hyperemia quando o envenenamento

foi agudo e a morte vem prematuramente; se a morte sobrevem ao cabo de longos annos, em resultado d'uma intoxicação lenta, o exame revela a existencia de lesões atrophicas e de escleroses.

DIAGNOSTICO
E PROGNOSTICO

Não é facil fazer um diagnostico seguro da pellagra se bem que, correntemente, elle se estabeleça nos locaes em que a doença é endemica.

Durante muito tempo quiz-se fazer da celebre triada—perturbações mentaes, digestivas e cutaneas—o caracter distinctivo da pellagra. Não ha nada menos verdadeiro

Se é certo que, geralmente, coexistem estes symptomas, não raro deixam de se mostrar simultaneamente. O proprio erythema, manifestação cutanea tão generalisada e que, como adiante veremos, se pode distinguir entre outras dermatoses, falta algumas vezes. Os doentes das observações 19.ª e 26.ª são a confirmação do asserto. N'esses casos, aliás indiscutiveis, de pellagra, não apparece, *na*

epocha das observações, o famoso erythema, ao passo que a symptomatologia nervosa e digestiva accusa já alterações graves.

Na observação 37.ª o erythema está perfeitamente caracterisado e a colheita symptomatica é abundante no que respeita ao apparelho, digestivo mas no systema nervoso cousa alguma se nota de importante; todavia este é, como os antecedentes, um caso averiguado de pellagra.

Não coexistindo estes symptomas, quasi caracteristicos no seu conjuncto, muito menos os outros que o vasto quadro symptomatico apresenta, nos poderão servir para fixar d'uma maneira definitiva o typo morbido da endemia pellagrosa.

Alem d'isso as variadas lesões anatomicas da pellagra, quer sejam os accidentes cutaneos facilmente perceptiveis, quer se trate das que podem ser apenas reveladas por um exame clinico mais profundo, não são elementos sufficientes para o diagnostico. Mesmo *post-mortem*, observa **Julio Arnould** no seu lucidissimo artigo sobre a pellagra, «a significação das lesões ou seja pela sua maneira de ser ou seja pela sua localisação é ainda hoje muito pouco rigorosa, por isso mesmo que é elementar e geral: *esclorose* quer dizer inflammação chronica e

não alcoolismo nem pellagra; *adiposidade* significa nutrição regressiva e nada revela sobre a causa d'essa nutrição».

A etiologia da doença não vem resolver definitivamente o problema do diagnostico, se bem que o conhecimento das causas a faça classificar no grande quadro das intoxicações. Sem o conhecimento e distincção dos factores que produziram a doença, apezar do exame clinico e anatomo-pathologico, o diagnostico da pellagra, como de resto o de outras especies morbidas, seria consideravelmente compromettido.

Se a difficuldade é manifesta quando tratamos de apresentar um *quadro typico* da doença, já assim não acontece, se pretendermos, attendendo ao desenvolvimento da endemia, á epocha e ordem de apparição dos symptomas e aos commemorativos em cada caso clinico, estabelecer o *diagnostico differencial.*

Insiste **Roussel,** no seu tratado sobre a pellagra, no diagnostico differencial entre ella e o alcoolismo, o hydrargyrismo e a intoxicação arsenical; e principalmente entre a pellagra e o alcoolismo.

Este diagnostico é facil d'estabelecer. O alcoolismo e a pellagra são semelhantes, é certo, nos ul-

timos periodos das suas respectivas evoluções. Trata-se, afinal, de dous toxicos cuja acção lenta conduz ao mesmo resultado — a cachexia, consecutiva de resto a muitas doenças que atacaram profundamente os systemas nervoso e digestivo. Nas phases agudas, isto é no principio da intoxicação, a differença é bem patente. O erythema que é regra na pellagra é excepcional no alcoolismo; a dyspepsia dos bebedores, acompanhada de dipsomania, de pituitas, de constipação, são manifestações caracteristicas do alcoolismo e que não se encontram nos pellagrosos. Pelo contrario, o peso da cabeça dos pellagrosos raro se nota nos individuos atacados d'alcoolismo. É certo que o *delirium tremens* dos alcoolicos está muitas vezes ligado á loucura pellagrosa que se manifesta mais facilmente nos bebedores.

Mas n'este caso ha differenças grandes entre os caracteres dos dois delirios. Ao passo que o entorpecimento e a tendencia ao suicidio, quasi sempre pela agua, caracterisam a loucura pellagrosa, o delirio dos alcoolicos manifesta-se por allucinações extremamente moveis. É classico que os alcoolicos são atormentados por imagens da mais grosseira lubricidade, o que não acontece com os loucos pellagrosos. As perturbações do movimento offerecem

tambem caracteres differenciaes bem accentuados; ao contrario do que succede nos alcoolicos, não ha nos pellagrosos senão diminuição de forças, nada traduzindo, como succede nos primeiros, falta de precisão dos movimentos. Finalmente, em caso de duvida, teremos de recorrer á epocha da apparição dos symptomas e á sua evolução, devendo-se recordar comtudo que alguns auctores constatam o facto curioso do recrudescimento dos accessos de *delirium tremens* na volta da primavera.

Como veremos, o uso das bebidas alcoolicas faz parte da prophylaxia da pellagra; mas o seu abuso deve crear uma depressão accidental do organismo, debilitando os meios de defeza e favorecendo, conseguintemente, o apparecimento da intoxicação pellagrogenica. As duas intoxicações, de resto, é provavel que tenham affinidade se attendermos á região em que, porventura, tenha de se estabelecer o diagnostico differencial. Será ainda o exame clinico e os commemorativos da doença que, em ultima analyse, decidirão, pois é difficil marcar uma linha da separação mais profunda, taes são as analogias reciprocas entre a pellagra e o alcoolismo. As duas intoxicações passam egualmente pelos mesmos estados na invasão do organismo, apresentando

portanto o mesmo quadro symptomatico e finalisando n'um estado cachetico que nem de leve recorda a sua origem.

Com o *hydrargyrismo* é difficil estabelecer-se a confusão. Não ha semelhança alguma entre a intoxicação mercurial e a pellagra.

O envenenamento produzido pelo mercurio é caracterisado por uma salivação abundante, dentes abalados, insomnia, inappetencia, estomatite, etc. Nada ha no quadro da symptomatologia da pellagra que nos possa induzir á confusão.

O mesmo succede com a *intoxicação arsenical,* sempre acompanhada de angina chronica, erupções vesiculosas e accessos asthmaticos. Trata-se, é claro, de estabelecer o diagnostico differencial entre a pellagra e estas intoxicações chronicas. O hydrargyrismo e o arsenicismo no seu estado agudo não podem dar margem a confusões.

Ha uma doença, analoga á pellagra, que é produzida pelos trigos avariados. É a *acrodynia,* chamada tambem *erythema endemico.*

Esta doença, ainda algumas vezes confundida com a pellagra, é caracterisada por dores nos membros inferiores, contracções, e manchas ery-

thematosas nas extremidades, estendendo-se até á raiz dos membros e mesmo até ao tronco.

D'esta summaria descripção resalta a analogia symptomatica entre a acrodynia e a pellagra. Todavia ellas differem sufficientemente para que possam ser confundidas.

A primeira differença está na localisação do erythema, na sua côr mais escura e no seu caracter vesiculoso nas extremidades. O erythema na acrodynia estende-se para a raiz dos membros e vae até ao tronco, ao passo que o erythema pellagroso occupa sómente as partes descobertas do corpo, que estão expostas á acção dos raios solares.

Na pellagra são raras as dores e contracções dos membros e geralmente pouco accentuadas se existem, emquanto que na acrodynia são symptomas caracteristicos, não faltam nunca e são da maior intensidade.

As perturbações digestivas teem caracteres differentes. A sensação de queimor, tão vulgar na pellagra, falta na acrodynia. A gravidade das perturbações digestivas é menos importante na acrodynia. As perturbações nervosas, loucuras, paralysias, etc., não apparecem na acrodynia.

É pois facil o diagnostico, desde que o exame clinico se faça attentamente, não sendo mesmo necessario assignar a alimentação como caracter distinctivo entre as duas doenças, para provar que existe entre ellas uma differença essencial.

O *ergotismo gangrenoso*, caracterisado pela gangrena nas extremidades, não póde, por isso mesmo, ser confundido com a pellagra.

O *ergotismo convulsivo* (doença do formigueiro) póde offerecer difficuldades ao diagnostico, sempre que se desconheça a causa da doença. Com effeito, o *ergotismo* é acompanhado, em certas epidemias, dos symptomas mais vulgares da pellagra; tumefacção das extremidades, erupções visiculosas ou pustulosas das mesmas regiões, diarrhêas frequentes, bolimia, etc.

Geralmente porem, o *formigueiro* falta ou é menos importante na pellagra do que no ergotismo; na pellagra o exanthema tem habitualmente o caracter d'erythema, emquanto que no ergotismo tem o aspecto d'uma erupção vesiculosa; as convulsões são generalisadas no ergotismo convulsivo.

O *lathyrismo* ou intoxicação devida a algumas leguminosas toxicas do genero *Lathyrus*, é caracterisado por dores nos rins, dores e formigueiros nos

membros inferiores, contracções musculares, exaggero dos reflexos rotulianos. A intelligencia não é alterada. Como se vê, este quadro symptomatico differe muito da pellagra.

Os *cogumellos venenosos* são origem d'uma intoxicação aguda caracterisada por perturbações gastro-intestinaes, cephalalgias, suores viscosos, manchas violaceas da pelle, pulso filiforme, etc. Faltam por completo as perturbações nervosas. Não ha, pelos symptomas apresentados, difficuldade em estabelecer o diagnostico differencial.

A *intoxicação alimentar pelas carnes alteradas* é uma intoxicação aguda cujas perturbações digestivas são — lingua pastosa, nauseas, vomitos, gastralgias; as perturbações nervosas cifram-se n'um desfallecimento com tendencia para a syncope, cephalalgia e zunidos dos ouvidos. Para complemento da triada pellagrosa não falta o erythema, que apparece sob a fórma urticaria, escarlatinosa, etc.

Qual a differença? O caracter agudo da intoxicação, inteiramente opposto á chronicidade da pellagra, e ainda o exame minucioso de cada um dos symptomas que, em globo, poderiam induzir em confusões.

Para terminar, convem fixar as differenças que

existem entre o *erythema pellagroso* e outras manifestações cutaneas.

A sua localisação habitual sobre as partes descobertas, a sua apparição na primavera, e os caracteres que já descrevemos n'outra parte, permittem distinguil-o dos outros exanthemas.

Assim a *ichthyose* distingue-se do erythema pellagroso pelo seu aspecto nacarado. A ichthyose é uma doença incuravel, data da primeira infancia, manifesta-se sobre o tronco, não atacando as extremidades; o erythema pellagroso é periodico e quasi sempre apparece nas partes descobertas.

O *calor radiante e a luz solar* são a causa d'um *erythema* que se observa egualmente nas partes expostas do corpo. É de côr vermelha, acompanhado de vesiculas e de phlyctenas, não podendo portanto ser confundido com o erythema pellagroso.

As *erupções profissionaes* podem, momentaneamente, ser tomadas pelo erythema pellagroso, confusão que desapparece, se considerarmos a localisação, caracteres, modo d'apparição e causa provocadora. As outras erupções cutaneas teem qualidades proprias, não sendo difficil fazer a distincção.

Resumindo:

Tentou-se estabelecer o diagnostico differencial da pellagra e de algumas das principaes doenças que pelo conjuncto dos symptomas, observados *grosso modo*, poderiam dar logar a confusões. Essa symptomatologia deve ser sempre considerada em detalhe, principalmente no que respeita a intoxicações de caracter chronico. Nas de caracter agudo, como são as provenientes da alteração de substancias alimentares, o seu aspecto typhoide ou choleriforme só muito remotamente póde parecer-se com a pellagra. Em todo o caso é preciso ter sempre em vista, como dissemos ao abrir este capitulo, a epocha d'apparição dos symptomas, a sua ordem de successão e, finalmente, os commemorativos, que esclarecem muito.

O prognostico da pellagra relaciona-se, como é natural, com o periodo da doença. É facil a cura no primeiro grau. No segundo é mais difficil e deixa vestigios — a intelligencia fica sempre enfraquecida.

No terceiro grau é raro obter-se uma cúra completa. Um estado adeantado de cachexia faz com que as melhoras sejam lentas e difficeis. No caso de typho pellagroso a cura é rara.

As recidivas são inevitaveis, logo que persista a causa, e póde dizer-se que, quasi sempre, aggravam a prognose.

O prognostico da pellagra depende pois do grau da doença e da situação economica do doente. Um pellagroso que não possa melhorar as suas condicções alimentares está exposto ás recidivas e por conseguinte sujeito a um prognostico funesto.

TRATAMENTO

Estabelecida já rigorosamente a natureza toxica da pellagra, pela acção que sobre o organismo exercem os venenos do milho adulterado, e reconhecido que as condicções economicas das populações onde reina a endemia não consentem o abandono do milho como base essencial da alimentação, toda a esperança de cura pelo tratamento se reduz e apouca, deixando só o recurso prophylactico que, de resto, é logicamente *o melhor remedio.*

Deve-se em verdade duvidar dos resultados a colher com o melhor dos tratamentos, desde que se estabeleça esta premissa terrivel—*os desgraçados a quem a pellagra lançou a garra não podem modificar o regimen alimentar que os envenena e mata.*

Não quer isto dizer que os recursos therapeuticos sejam por absoluto impotentes a dominar e vencer a doença, quando esta não tenha ainda cavado fundo o desarranjo organico; mas a acção d'essa cura só se opera em condições determinadas,

sendo a primeira, e essencial que é, suspender o uso continuo do toxico. Ora se isto se pode conseguir substituindo a forçada alimentação habitual por alimentos bons e sadios, durante o periodo mais ou menos curto do tratamento, os pellagrosos curados logo regressarão, pela fatalidade d'um determinismo economico, ás mesmas anteriores condições alimentares.

D'esta maneira, uma serie successiva de intoxicações, curadas e logo repetidas, é a unica esperança que resta de todo o tratamento, até que, gasto o organismo pela continua acção do veneno, se torna, impotente e nulla a reacção do contraveneno. N'este fatalismo a justificação da phrase de **Calmarza**: «Triste é dizel-o, mas não posso deixar de confessar com **Strambio**, nunca vi curar um só individuo com os preparados pharmaceuticos».

No fundo é esta a verdade.

Comprehende-se como no tempo se transformaram as indicações therapeuticas segundo a evolução por que foram passando os criterios interpretantes da etiologia da pellagra.

Fazer aqui a historia d'essa evolução seria superfluo. Os remedios, e isto basta, correspondiam ao criterio preconcebido da causal morbida,

então como hoje, só com a differença fundamental de que a etiologia já não é um problema, sem dados positivos, á mercê mais ou menos phantastica de medicos imaginosos.

Posto com rigôr que a pellagra é um envenenamento, cumpria procurar um contra-veneno. É claro que a condicção primaria é, naturalmente, deter o uso do toxico, pratica essencial em toda a intoxicação. E no nosso caso, esta simples providencia, quando o mal não alcançou um alto grau, é por si em geral bastante.

Lombroso, que orientado d'esta maneira fez largas experiencias, procurando esse contra-veneno indispensavel, chegou a resultados notaveis, que foram confirmados ainda pelos trabalhos e experiencias de **Marenghi, De-Orchi, Alpago**, etc.

Depois de ensaiar innumeras substancias, reconheceu que só o chloreto de sodio e o acido arsenioso tinham uma acção therapeutica notavel.

O chloreto de sodio, applicado em fricções, exercia uma influencia poderosa sempre que se tratava de pellagrosos ainda creanças, porque activava as funcções da pelle na eliminação dos venenos. Nos adultos, porem, a sua influencia é quasi nulla. Este resultado deve-se naturalmente explicar

porque n'estes ultimos o morbo está já radicado profundamente.

O chloreto de sodio é, pois, o medicamento por excellencia, sempre que se trate de creanças. Para os adultos é o acido arsenioso a medicação mais propria, considerado por **Lombroso** e muitos outros medicos, como absoluto contra-veneno nas intoxicações pellagrosas.

Pretende mesmo **Lombroso**, robustecido em seu pensar pelas confirmantes experiencias de **Marenghi**, **De-Orchi** e **Alpago**, que a acção curativa do acido arsenioso é tão poderosa que, ainda quando o doente só modifique a alimentação substituindo o milho alterado pelo milho são, a cura se realisará. Todavia **Lombroso** confessa: «Não só não pretendo com o meu methodo tractar radicalmente a pellagra, mas reconheço mesmo que os pellagrosos medicamentados com o acido arsenioso, quando recahem em nova intoxicação sem se haverem prevenido a tempo tomando novas doses de arsenicaes, não só se expoem ás recidivas mas até ao aggravamento completo do mal.»

Todo o tratamento fundamental da pellagra se reduz d'esta maneira á acção therapeutica de dois medicamentos — chloreto de sodio e acido arsenioso.

Os resultados, como se conclue do trabalho clinico e experimental de muitos medicos, são realmente apreciaveis, se bem que a cura só representa aqui um beneficio passageiro porque os doentes regressando ás condições anteriores, de novo se intoxicarão.

Lombroso nota o abuso que em geral os medicos novos fazem dos compostos do ferro no tratamento dos pellagrosos. Depois de firmemente mostrar que o ferro é impotente para determinar a cura, e relembrando os inconvenientes que de seu uso resultam, como provocar exacerbações intestinaes e augmento de palpitações cardiacas, indica comtudo a sua influencia benefica nos casos de complicação como a anemia palustre.

Em geral um tratamento tonico é absolutamente necessario, e deve sempre preferir-se a quina, que quando associada ao arsenico exerce uma acção util modificando o estado anemico dos pellagrosos.

O uso dos purgantes, que se impõe nos casos de constipação, deve ser meticuloso, porque nos doentes fracos torna-se um perigo o abuso d'essa medicação.

Para as diarrhêas, que são tão frequentes, os preparados opiaceos teem a melhor das indicações,

por actuarem ainda sobre a gastralgia, que é vulgar. Ha toda a conveniencia na associação de antisepticos intestinaes, de modo a prevêr nos pellagrosos depauperados que os microorganismos existentes no intestino se não tornem perigosos.

Na hypothese do doente ser de natureza syphilitica o uso do mercurio impõe-se, devendo todavia preferir-se o cacodylato de mercurio. Quando haja uma depressão muscular notavel, aconselha o prof. **Maldarescu** o uso da estrychnina, e nos casos de dyspepsia os cuidados alimentares proprios. Tambem no caso de typhos pellagrosos o regimen alimentar deve ser rigorosamente lacteo.

Os banhos têm sido preconisados por muitos auctores, se bem que um grande numero de medicos têm posto em duvida os beneficios d'essa therapeutica. Ainda assim, na Roumania, Italia, Hespanha e mesmo em Portugal, os doentes affluem ao uso dos banhos sulfurosos e maritimos, parecendo, segundo a opinião d'alguns, que estes ultimos exercem realmente uma acção util.

O dr. **Talaseseu** empregou o sôro physiologico em injecções subcutaneas. Os effeitos são todavia restrictos, dando, como é natural, uma acção estimulante ainda apreciavel.

O que ha afinal a concluir da pratica de todos os medicos e investigadores, é que os recursos pharmaceuticos são bem minguados contra a intoxicação pellagrosa, e que a base de todo o tratamento tem de repousar no regimen de alimentação. Isto se infere dos mesmos dizeres de **Lombroso.** A influencia do chloreto de sodio e arsenicaes, que elle tanto preconisa, tem no fundo uma acção benefica limitada, pois que não impede as recidivas fataes que o uso do milho adulterado ha-de necessariamente provocar. N'esta situação, o criterio seguro é procurar na prophylaxia a extincção do flagello.

Nos casos de loucura pellagrosa não ha indicações especiaes a registar, afóra as de uso no tratamento dos loucos em geral.

Babès imaginou obter um tratamento proficuo pela applicação d'um sôro extrahido do sangue dos pellagrosos curados. Esta tentativa não deu resultado, e dispensa-nos de mais larga referencia. O grande mestre **Lombroso** n'uma carta dizia-nos: *"La cura seroterapica é un vano sogno„*.

Resta tão só ter esperanças na acção prophylactica.

PROPHYLAXIA INDIVIDUAL E COLLECTIVA

SOLUÇÃO DO PROBLEMA EM PORTUGAL

Considerações geraes

Sem de abrupto tombar na justiça dos que, armados com uma serie innumera de factos indestructiveis, demonstram residir na organisação economico-politica a origem da maioria dos males de que enferma a pobre humanidade, ainda assim não nos é dado fugir de reconhecer, seguro e rapido, que é essencialmente ao miseravel viver economico de certas populações agricolas, que se deve a existencia da pellagra. No nosso, como em outros paizes onde a doença se acclimatou, o facto é incontestavel por evidente.

Vimos como unanimemente e do começo mais remoto todos os observadores ahi filiaram, com

mais ou menos clareza, a causa real do flagello. E todos aquelles que só obscuramente o constataram, não foi porque os não ferira bem o facto de só n'esse pária da rude vida agricola vingar o mal. Elles o notaram sempre, ainda quando mais mysteriosa e desconhecida se lhes apresentava a etiologia da doença. Hoje nem sequer nos é dado crer haja uma duvida. Aos mais renitentes, se acaso os houve, já chegou a hora de encontrarem a sua *estrada de Damasco*.

De sempre, a observação, o estudo criterioso, a analyse cuidadosa dos factos, patenteou n'essa especial miseria toda a origem da endemia que estudamos. Não ha pois que discutir a affirmação cathegorica de que ella perdura como vicio d'uma viciosa organisação economica. Ora quando assim é, quando tanto trabalho dedicado põe claro e nitido o facto, ao homem que invoca a sciencia só é dado concluir, por fatal e irremediavel, que o desapparecimento do mal só é possivel na transformação completa e funda da dynamica economica que lhe deu razão de ser.

Deixando em absoluto de ponderar o criterio ou interesses dos que porventura se julgarem affron-

tados, a conclusão serenamente tirada só pode ser essa (1).

Assente com rigor este principio verdadeiro, podem n'esta altura vir discutir-nos se á funcção medica lhe é dado *ir além d'esse terminus*. É possivel ver surgir então todo o exercito de nescios que aos *homens de Estado* querem lançar o encargo de todas as providencias (2).

Mas por orgulho, justo orgulho profissional, e pelo respeito em que temos as nossas prerogativas

---

(1) Não se julgue rara a orientação que leva scientistas a subordinarem as suas conclusões scientificas a interesses estranhos, de legitimidade mais ou menos contestavel. Assim actuou, por exemplo, a Commissão piemonteza no Cong. de Veneza de 1847. Entre nós a pratica d'esta doutrina é tambem vulgar. Ainda proximamente, para não fallarmos agora das conclusões a que chegou uma Commissão official encarregada de estudar a cultura do arroz, lembramos as portarias do Ministro das Obras Publicas, inspiradas em varios interesses muito discutiveis e tendentes a annullar as medidas tomadas em beneficio da saude publica pela Inspecção Geral dos Serviços Sanitarios do Reino. Como se vê . . .

(2) Em dias de crise aguda, quando o paiz sem pão importava tanto trigo, que todo o resto do nosso oiro se drenou para o estrangeiro, um estadista, Thomaz Ribeiro, impressionado pelo desequilibrio da balança commercial, veio a publico propagar uma ideia sua, reputada salvadora. Todo o remedio consistia em que a população portugueza abandonasse o uso do trigo pelo do pão de milho, que era excellente. Este o elixir! Não o ouviram, não quizeram ouvir a eloquencia do estadista, transformado em Pedro Eremita, empenhado n'uma cruzada pela *bróa*. E recolheu-se ao silencio, com a sua ideia, o *pobre homem de Estado*.

civicas, não somos dos que de barato abdicam de intervir, nem dos que alegremente sacodem um direito que é simultaneamente um dever a cumprir-se.

Arnould commentando a conclusão prophylactica a que chega a Commissão italiana do inquerito de 1879 — *melhorar as condicções do operario agricola e a introducção de carne e vinho no regime alimentar* — interroga: «O conselho é perfeito, mas como pôl-o em pratica com o *estado actual da propriedade n'estas regiões e com os systemas de economia agricola* contra os quaes nada podem aquelles que os soffrem?»; e logo accrescenta, que não se embrenhará n'esse terreno delicado onde a questão de hygiene se complica com a questão social.

O illustre medico não quer enredar-se no problema, precisamente quando vê a Hygiene topar o cume em que mais se nobilita e eleva. Mas quando o proclama, elle, medico d'uma nação que extinguiu a pellagra, não consegue esconder a sua qualidade de cidadão d'um grande paiz.

Como na ballada ao archanjo rebelde lhe é interdicto occultar-se de todo e sempre se denuncia. **Arnould**, logo depois de dizer que não pode ir mais além, escreve, em periodos curtos, concisamente,

como na sua patria o flagello se extingiu. E narra-o, resumido, com esta eloquencia:

«Em França, onde a divisão da propriedade consente ao aldeão que adquira uma individualidade, a pellagra desappareceu das Landes. Como se conseguiu isso? Fazendo d'um deserto pantanoso um paiz fertil e rico, quer pela exploração dos pinheiros maritimos, quer pela cultura dos cereaes superiores e mesmo da vinha, tornada possivel com os maravilhosos trabalhos de drenagem que são a gloria da administração d'esta região. O sezonismo tambem se extinguiu, o que é sempre uma felicidade e não deixa de ser uma garantia mais contra a pellagra. Cultiva-se ainda o milho, escreve-me o meu excellente amigo **Morache**, e consome-se mesmo, mas este producto é em parte absorvido pelo gado, e, se ainda se come, a nutrição faz-se essencialmente com o trigo e cereaes superiores, leguminosas, e, emfim com a carne e o vinho. O aldeão das Landes come carne varias vezes por semana e bebe, senão vinho de primeira qualidade, pelo menos uma bebida acoolica feita com môsto, passas e assucar de milho. Uma boa parte do milho é transformada em assucar em varias fabricas e serve para *fabricar* (eis uma grande indiscreção) o vinho

de Bordeaux que se exporta para toda a parte. As Landes teem os seus caminhos de ferro.»

É bem, e é precisamente porque o exemplo se mostra cortante em sua eloquencia, que o cumpre utilizar — actuando.

O principio de que ao medico cumpre deter-se, só porque topa attritos com theorias e programmas de *economistas e politicos*, é um absurdo simplesmente monstruoso. Se assim não fôra, á profissão medica, longe de caber nobreza, só seria dado aspirar a um resumido e claro artigo no codigo penal, como flagrante violadora dos principios economicos que Malthus soberanamente estabelece para uso e garantia dos que dominam. E todavia foi precisamente aos naturalistas que coube a honra de destruir pela base toda a architectura que o economista inglez edificou em amaldiçoadas horas de pesadello.

Mesmo sem reverter a **Comte**, não seria ardua tarefa demonstrar como para o sociologo, visto o problema alargar de extensão, elle é, e por isso mesmo, mais dependente e necessitado de subsidios. E tambem não accrescia em difficuldades provar, sem a invocação do Mestre, como mais directa, indispensavel e insubstituivel a sciencia medica entrará

predominante em toda a equação social. E cada vez maior ambito de predominio se lhe abre, como consequencia natural d'uma mais segura interpretação de todas as funcções humanas.

A causa efficiente das degenerescencias repousa, um longo estudo e experiencia scientifica o demonstra, no condicionalismo mesologico que preside á evolução do individuo. Toda a perturbação no seu evolutir biologico, como moral, tem assim, e indestructivelmente hoje, uma mesma e unica origem. Congregam-se, são factores actuando reciprocamente um sobre o outro, penetrando-se. E só ao medico é dado estudar e prescrever, no exercicio da sua grande funcção de hygienista social, a operatoria na disposição do meio, modificando-o racionalmente, apropriando-o, de modo a mondar e por ultimo de todo varrer a anormalidade perturbadora. A elle o encargo primacial n'esse problema architectonico do progresso, surprehendente e allucinador dos mais bellos espiritos—uma sociedade racional e scientifica.

Todas as questões fundamentaes, religiosa, do crime, da tuberculose, alcoolismo, pellagra, sezonismo e tantas outras que aguilhoam o viver de uma sociedade condemnada, só têm a sua determinante

no mesmo condicionalismo etiologico d'essa sociedade. O remedio é refundir de cima a baixo, e então ao medico pertence o logar culminante na obra a fazer.

D'esta maneira interpretando, com rigor e methodo scientifico, não caberia n'este capitulo outro estudo que não fosse o da *prophylaxia da pellagra*, como unico recurso inadiavel. E para que evidentemente concluam os mais cegos que assim é, e que só d'este modo pode ser, já mostramos a inanidade dos esforços tendentes á cura e ocioso é querer provar a da inefficacia do exercicio da mais larga e inconcebivel beneficencia (1).

* * *

Prophylaxia

Contrariamente á opinião de **Billod**, guia-nos n'este estudo a certeza de que o Futuro é sempre bom. Diz o illustre scientista, n'uma aguda inspira-

(1) Demonstrar a impotencia da caridade seria sobremaneira obnoxio. O christianismo, que a trouxe por unico invento original, encontrou a ruina precisamente na impotencia de tão pobre meio. É these demonstrada. Falhou como systema resolutivo da questão social por isso mesmo que o seu principio basilar era essencialmente falho.

N. A.

ção de pessimismo, *que não ha remedio radical contra o pauperismo, e que a pellagra constitue um mal que se pode limitar e attenuar mas para o qual não existe um remedio seguro.*

Todo o nosso acerto ou desacerto alveja precisamente a concluir de modo inverso, impetuosamente arrastados pelo estudo e observação de tudo quanto concorre a tornar claro um problema que, parece-nos, está posto d'uma maneira cortante e nitida.

A prophylaxia da pellagra, como de toda a doença, tem que repousar, a dentro do criterio scientifico, no conhecimento perfeito das causas que a determinam. A etiologia é pois a sua base necessaria e indispensavel, mas não sufficiente por si só.

É o milho, dil-o a observação e o methodo experimental, que por suas alterações envenena e mata as populações agricolas que d'esse cereal avariado fazem a base essencial da sua alimentação. Assim seja, e assim é.

Mas reconhecida toda a linha desenvolvente, desde começo até ao terminus em que esse alimento se transforma n'um poder toxico fatal, e reconhecida bem e claramente pela experiencia, a improficuidade da vulgarisação d'essa verdade adquirida,

resta saber por que estranha anomalia o cereal avariado, de que se conhece o poder toxico, não soffre no consumo e, ao contrario, mais se espalha e alarga nas populações indigentes. Isto é, saber quaes as causas fataes que lhe determinam um gasto crescente a despeito da inferior qualidade e reconhecida acção toxica.

A razão d'esse estranho phenomeno de teratologia social póde-nos ser fornecida, esquecendo por agora as conclusões a que chegou no seu inquerito o illustre pellagrologo **Antonini**, por todos os economistas que desde **Malthus** veem proclamando como axioma mathematico a fatal *lei da miseria*, como indispensavel correcção á natalidade crescente, a garantir a *lei natural* que rege o desenvolvimento da população e subsistencias. Este mesmo deve ser o criterio que inspira **Billod** quando proclama não haver remedio para o pauperismo, e, em derivante, a pellagra como um mal que não se póde extinguir.

O argumento não é para deixar sem replica n'uma hora em que toda a velha comprehensão economica, batida rudemente no mais fundo dos seus alicerces, quando já lhe estalam todos os travejamentos, encontra no esquecido e mudo canto

do nosso paiz defensores illustres da *allucinação iudividualista*. Importa desfiar por completo o argumento, porque se a causa originaria da pellagra se implanta funda e solida n'uma miseria physiologica, cria-se e desenvolve-se n'um sub-solo de miseria social que a fatalidade do regimen economico determina consequentemente.

Por uma revivescencia doentia da lei de **Malthus**, muito sabio, philosopho e economista, procura ainda n'este instante, a golpes de torcida logica, demonstrar o *irremediavel* d'um systema transitorio, correspondente a um estadio evolutivo do progresso humano — é o *irremediavel* das leis organicas fundamentaes da natureza.

É assim que **Gabriel Giroud**, no seu estudo de arithmetica e economia «Population et subsistances», anima a gasta doutrina do saxão, vulgarisando o criterio individualista, tão bellamente expresso na fórma litteraria de N.

Todo o arranjo arithmetico dos numeros, todos os dados estatisticos, toda a algebra malabar de **Giroud**, é para concluir sorridente — não ha que comer, o remedio é não nascer. Dil-o despejadamente assim: *La terre ne nourissait que les deux tiers*

de ses habitants (1) e, em derivante, *le remède a été tudiqué par des economistes, des philosophes, des savants. C'est la diminution de la natalité.*

«Não ignoro, escreve, que intelligentes melhoramentos poderiam augmentar os productos. Mas a população cresce então e excede depressa o augmento momentaneo das subsistencias. É por isso que a introducção dos adubos chimicos, a mechanica agricola e a exploração dos novos terrenos incultos trouxeram um augmento de que os beneficios a custo se tem feito sentir, porque têm sido immediatamente aniquilados por um accrescimo de popução.»

A affirmativa é singelamente formulada *a priori*. Contra ella clama o ensino da historia, a estatistica, os factos accumulados dia a dia, a experiencia, a deducção scientifica; mas é necessario reduzil-a,

(1) Com os mesmos abundantes numeros de **Giroud** era facil provar-lhe que, só o consumo inutil de cereaes feito pelas cavalgaduras do exercito bastava a supprir o terço, que elle nos diz faltar, para que todos nós podessemos viver sem bençãos á guerra e as epidemias libertadoras, que nos arredam os concorrentes ao pão. Sem fallar dos campos de forragens que essas alimarias inutilizam para melhor producção, pode-se *à priori* garantir-lhe que só o terreno fornecedor de palha para os exercitos, seria bem demasiado para o sustento e engorda de todos os economistas do mundo, havidos e por haver.

discutindo e evidenciando, pois que a affirmativa gratuita toca no intimo d'este problema medico que só encontra em ultima conclusão como prophylaxia contra a pellagra, esta causa simples e justa — dar de comer.

Se não é aqui opportuno rasgar até ao fundo a phantasia immoral constituinte da doutrina malthusiana, pela qual o vicio e a miseria seriam um *mal fatal e necessario*, cumpre todavia condensar rapidamente as sem-razões da doutrina cruel e anti-scientifica com que esgrimem os notaveis discipulos do duro economista bretão.

Agglomeram-se innumeros os factos e razões reductoras da doutrina malthusiana. Sobre o não se haver realisado no desenvolvimento progressivo da população a hypothese fundamental do economista, que queria como lei dominadora a rapida multiplicação das populações em desequilibrio cada vez mais violento com a producção das subsistencias, a estatistica bem ao contrario garante precisamente o phenomeno inverso. Na França e na Belgica, por exemplo, o facto accentuou-se tão cortante, que **Yves Guyot** não duvidou inverter a lei de **Malthus**, affirmando que a riqueza se desenvolvia n'uma razão geometrica, emquanto que a popula-

ção só crescia n'uma razão arithmetica. Depois uma observação criteriosa integrou com justiça as causas da miseria, da carestia, da guerra e de todos os cataclysmos sociaes, como a resultante da organisação social viciosa, e nunca como meio natural preventivo ou repressivo d'um excesso de população. Já **Spenser**, acreditando no facto mais que contravertido d'um excesso de pressão da população sobre as subsistencias, considerava-o como transitorio, um periodo marcante de evolução que se realiza e passa, porque, a mesma civilisação na sua progressiva ascendencia determina uma diminuição notavel da fecundidade. Este o criterio que emprestou a **Rodrigues de Freitas** a phrase synthetica da perfeição ideal da especie—*quando o homem fôr só um nervo*... É o principio rigoroso de **Carey**, constatando a fecundidade crescente das especies animaes e vegetaes segundo a ordem decrescente da sua perfeição.

Loria, com acuidade segura, põe o facto d'um excesso de população como simples phenomeno historico modificavel em nova e differenciavel organisação economica. É este de resto o facto que **Malon**, como vimos, patenteia na historia contempo-

ranea do seu paiz, facto previsto por **Louis Blanc** no periodo culminante da sua propaganda socialista.

Isto que assim é, e que **Achille Guillard** julgou exprimir integralmente pela *lei da equação geral das subsistencias,* que ao depois **Levasseur** completou, subordinando o crescimento da população ao sommatorio das suas necessidades e dos seus meios de existencia, é a ruina da phantasia malthusiana, deificadora do pauperismo que, ao contrario da opinião de **Billod**, é um mal transitorio, extinguivel.

Mas a miseria existe, e é n'essa miseria que se implanta e cria radiculas vigorosas o flagello da pellagra. Invade, n'uma tortura dantesca os rotos, humidos, insalubres casebres do aldeão. Apossa-se do pobre galeriano; destroe-lhe toda a belleza deformando-lhe o corpo com as manchas rubras a descarnarem a pelle que se desorganiza; rouba-lhe a força que é toda a sua vida, esgotando-lhe os musculos pelos espasmos nervosos; a intelligencia apaga-se-lhe pelas lesões do cortex cerebral; e, sarcasmo horrivel, prolonga o soffrimento, dando a espaços mentidas tregoas, para voltar, refeita a sanha, mais grave, mais impiedosa, até que atira o pária vencido para as convulsões tetanicas e para os furores do delirio.

Ora pelo inquerito do illustre **Antonini** resulta que toda esta desgraça immensa só tem origem na situação economica das populações onde a endemia acampa. Este facto, notado de resto em todos os tempos por quasi todos os medicos que estudaram o mal, sae nitido das respostas que obteve a indagação cuidada e séria a que o pellagrologo notavel deu origem.

É assim que nas dezenove provincias consultadas em que na Italia reinava a doença, se conclue com estes numeros esmagadores: Em 13 consome-se o milho estrangeiro adulterado, sem que a adulteração, a despeito de ser conhecida dos camponezes, annulle o gasto d'esse cereal, tão precaria é a vida economica d'essas populações; em 8, a producção do milho não chega para as necessidades do gasto; em 14 cultiva-se o milho serodio, em que a maturação é sempre imperfeita; em 10, não só o milho serodio, mas o mesmo da primeira colheita não realiza a maturação completa, e o cereal é secco só pelos meios naturaes que nos annos chuvosos são insufficientes; demais, em quasi todas as localidades se constata a indigencia das habitações, humidas e insalubres, admiravelmente dispostas para

o desenvolvimento das adulterações do milho, em grão e farinha.

Extractamos só muito resumidamente as illações d'esse inquerito, porque é inutil alongar um quadro de funda miseria conhecida. Como **Arnould, Antonini** reconhece que a pellagra é um mal que deve extinguir-se, e, em face das desoladoras conclusões a que chega, invoca, cheio de fé, ardentemente, para que se cumpra essa obra de justiça, *o sentimento de amor pelo proximo e o do moderno espirito de solidariedade humana.*

Só alli é que encontra e espera toda a acção prophylactica.

* * *

Para estudarmos este assumpto reverteremos á Italia, o paiz onde, como em nenhum outro, se tem largamente desenvolvido e experimentado os meios prophylacticos indicados como seguros e decisivos, muito principalmente depois do Gongresso de Padua, em 1899, onde **Antonini** apresentou o seu relatorio documentado largamente com o inquerito a que já nos referimos, e que, sem duvida, larga in-

fluencia exerceu sobre a intensa actividade com que lá modernamente se combate a pellagra.

São tres os criterios dominantes nos systemas preconizados apaixonadamente como prophylaxia segura para que o mal se extinga.

O PRIMEIRO, crendo sómente na acção governativa como recurso decisivo, exige a adopção de medidas legislativas que façam substituir a cultura do milho pela d'outros cereaes, supprimindo por completo as sementeiras d'esse grão.

Seria sem duvida este um remedio completo, mas não tão facil de cumprir como é de formular. Envolvia modificar fundo toda a modalidade economica de vastas populações que na cultura d'esse cereal, o mais barato e productivo, gastam todo o labor d'uma vida de trabalho continuo. Mas contestam: A substituição por outra especie de graminea, nem sempre possivel pela natureza dos terrenos, poderia, muito ao contrario do que se desejava, só trazer um accrescimo de pobreza. Se em algumas localidades essa transformação no trabalho agricola é possivel, sem grandes transtornos e até com vantagens para a população, em muitas outras ella é quasi irrealisavel. Independente da natureza dos terrenos favoraveis para a cultura maidica, ha que en-

trar em consideração necessariamente ponderavel com os parcos subsidios economicos de que dispõem povos indigentes a quem uma diminuição na productividade da terra seria uma condemnação irremediavel. Deante d'estas difficuldades serias, recorrem então ao mesmo Estado para que, na impossibilidade de obstar á cultura, fiscalize rigorosamente de modo que o milho adulterado não possa consummir-se. A pobreza de tão fraco meio é tão evidente que não exige larguezas de critica para a repulsar. Sem fallarmos da despeza grande d'essa fiscalisação, basta só notar a impossibilidade de se exercer nos campos, á *cóca* em todos os casebres dos aldeãos que, como o demonstra o inquerito de **Antonini**, comem o milho adulterado com o pleno conhecimento d'essa adulteração, mas porque é o unico alimento que a miseria lhes consente.

A desacreditada e falha acção do Estado em tão magna questão é bem conhecida, para que inspire confiança, muito principalmente quando as medidas reclamadas são, como as que vimos pondo, tão complexas e de realisação difficil. Que lhe cumpre intervir, não ha duvida, o que resta é saber como e de que maneira para que se torne fructuosa essa intervenção.

Não se póde dizer que o mundo official de Italia se tenha absolutamente abstido de tocar no problema, mas os resultados é que decisivamente não correspondem.

Em setembro de 1878 a Direcção d'Agricultura, então na dependencia do Ministerio do Interior, fez um inquerito sobre a pellagra e, como conclusões ultimas, estabelecia o dever imprescindivel do governo intervir na sua prophylaxia realizando—*o saneamento das habitações ruraes;* a *purificação das aguas; impedindo o commercio e uso do milho alterado; promovendo, emfim, por meio de premios, a instituição de sociedades philantropicas que cuidassem dos pellagrosos.*

Para tão largo programma é inutil ir procurar ao orçamento do tempo a mais modesta verba. Nada lá se encontrará. Tudo se resumiu n'uma affirmação platonica de principios . . . e boas intenções.

Foram precisos dez annos de campanha parlamentar, por parte da esquerda republicana e socialista, para que umas magras 100:000 liras fossem consagradas a uma obra d'esta importancia.

E todavia a sanha endemica do flagello era tal, que na Lombardia, onde em 1770 quasi se desconhecia, levantavam-se rapidamente como um espe-

ctro estes numeros: 1839, 20:000 pellagrosos; 1856, 38:000; 1879, 40:000.

Em 1885 encontramos nos *Annali di Agricoltura del Ministero di Agricoltura, Industria e Commercio* um volumoso trabalho sobre a pellagra na Italia que aponta como medidas necessarias as seguintes:

a) *Alimentação* — 1.º — Excluir o milho alterado da alimentação;
2.º — Promover a installação de fornos economicos para o fabrico do pão e a de exsiccadores para a sazonação artificial do milho; o uso de carnes de preço modico, como a de cavallo, coelho, etc., na alimentação dos aldeãos;
3.º — Promover o estabelecimento de cozinhas economicas;

b) *Habitação* — Tomar conhecimento das condicções hygienicas das casas ruraes e impôr-lhes, sendo necessario, o saneamento nos termos da lei.

c) *Aguas* — Promover o abastecimento de aguas salubres, ou o uso dos meios indispensaveis para tornar potaveis as que o não forem.

d) *Hygiene de pessoas e cousas* — Promover, mediante premios em favor das familias dos camponezes, que se mantenha a maior limpeza da casa, dos objectos e das pessoas.

Aconselhava ainda uma larga propaganda por folhetos e conferencias para vulgarisar as causas da pellagra e os seus perigos, recommendando o principio associativo para o estabelecimento de fornos economicos.

De tudo isto, porem, apenas se cumpriu, e modestamente, a parte relativa á propaganda, distribuindo-se o opusculo de **C. Lombroso,** «Come s'impedisce e si cura la Pellagra», e o trabalho dos drs. **Luigi Alpago Novello** «Il granoturco e la pellagra».

De resto já a celebre lei **Grimaldi,** de 1884, deixava de cumprir-se no que largamente instituia de proficuo. D'essas providencias avultavam a dos artigos 1.º, 2.º e 6.º como acção beneficente do Estado nos soccorros aos pellagrosos. É assim como segue:

> «Artigo 1.º O Municipio, Commissão agraria, Administração de Obras Pias e outras entidades moraes, Associações de beneficencia e soccorros mutuos poderão obter o concurso pecuniario do Ministerio da Agricultura para as despezas de instituição
>
> *a)* de exsiccadores para a sazonação artificial do milho;
>
> *b)* de fornos economicos.
>
> «O concurso governativo não poderá ir alem de

metade da despeza na implantação de cada exsiccador ou forno.

«Artigo 2.º Para obter o concurso supradito devem ser excluidos todos os meios de especulação de lucro privado no exercicio de taes instituições.

«Artigo 6.º O ministro concederá tambem subsidios especiaes ás cozinhas economicas que se instituirem e exerçam em beneficio das classes agricolas, e ainda a outras instituições com o fim de combater a causa da pellagra.

Mas a lei **Grimaldi**, estendendo mais largamente as vistas, não circumscrevia a tão parcos meios a acção do Estado. Regularisava a cultura, o commercio e importação do milho, como remedio essencial, embora na pratica se annulle e restrinja todo o espirito que dictara e concebera codificação tão ampla, para atrophiadamente se limitar ao velho, insufficiente e quasi pueril processo do exercicio d'uma beneficencia e subsidios que, pela sua mesquinhez, mais apoucam a seriedade de intuitos dos que em si possuem a governação publica.

É este facto doloroso que faz dizer a **Antonini**: «Por certo não se acaba a pellagra com as cosinhas, locandas e pellagrosarios; elles porão obstaculo ás recidivas, talvez, mas a causa do mal per-

manece inalteravel, porque as providencias radicaes contra a pellagra devem visar a cultura do milho, evitando-se a importação e commercio do grão avariado; e a transformar o systema da rotina agraria.

No Congresso de Padua uma das *ordens do dia* que mais vivas e acaloradas discussões levantou foi a dos drs. **Loriga, Stefani** e **Antonini**, inspirada precisamente no principio que reputa uma utopia a pretensão de extinguir o mal sem que se decretem medidas de são criterio legislativo a prohibir, de modo absoluto a cultura do milho das *restivas* (serodio), e apenas auctorisando a cultura do milho temporão nos terrenos e climas proprios. Esta audaciosa declaração, arcando de frente com o problema, ergueu logo a hostilidade de todos os que tinham largos interesses ligados á exploração agricola. Em nome da Liberdade levantaram os seus clamores os representantes dos interesses dos proprietarios da terra e dos cultivadores do milho.

Não é de estranhar que assim fosse, porque assim tem sido sempre. Invocando a Liberdade, por uma egoista comprehensão do abstracto do termo, mil vezes se tem perturbado a evolução natural das coisas. Que admira que agora o roto argumento

fosse jogado na defesa de interesses arreigados e periclitantes?!

Mas o prestigio da razão é ainda tão poderoso para a grande multidão dos que viciosamente traduzem a extensão do symbolo, que no mesmo Congresso de Padua se ouviu, a par dos protestos contra a ordem do dia, a prophetica declaração de que semelhante alvitre jamais seria acolhido no parlamento.

Os que assim prophetisavam apegavam-se ao exemplo d'um longo passado. Julgavam eternamente perduravel essa anomalia que na organisação das sociedades e na escolha do pessoal do Estado, violenta quasi sempre as prescripções definidas, o criterio scientifico que a selecção natural em sociologia concretisa.

Mas a evolução consciente da nossa especie opera-se vertiginosa, modificando com rapidez todas as condições sociaes, pelo chamamento á vida politica e social das grandes massas proletarias, até agora inhibidas de intervir fortemente na evolução consciente e progressiva dos povos.

Credaro, em 1896, discutindo na Camara italiana a verba que o governo propunha de 48:000 liras como auxilio aos pellagrosos, fallou sobre a

misera participação dos aldeãos na vida politica. «Elles, disse, delegam a administração dos seus mais vitaes interesses nos senhores, mas a acção destes em beneficio d'elles é fructo d'um sentimento ainda oscillante e duvidoso; por isso não tem adquirido uma força impulsiva que os conduza a uma acção seria. É uma benevolencia platonica; 48:000 liras de subsidio correspondem a 45 centimos por pellagroso. Este capitulo do orçamento deveria intitular-se: *Esmola aos aldeãos*. Mas os aldeãos não têm necessidade de esmolas, reclamam do Estado os seus direitos, porque cumprem os seus deveres para com elle». E reclama em seu nome reformas tributarias, colonisação interna e melhoramentos hygienicos.

Passados poucos annos, e dois apenas depois das previsões feitas no Congresso de Padua, o senador **Cabasola**, a 10 de junho de 1901, apresentava uma proposta de lei codificando a doutrina da *ordem do dia* dos drs. **Loriga, Stefani** e **Antonini**. E um outro projecto, de que era relator o prof. **Tamburini**, do Conselho Superior de Sanidade, foi apresentado e ficou em estudo nas commissões, juntamente com aquelle, mais largo e profundo que era proposto pelo Comité de Udina.

Esta intervenção parlamentar, marcando decididamente uma nova orientação, explica-a **Antonini** como resultando da organisação das populações agricolas e das outras classes operarias, com as quaes as classes dominantes se vêem forçadas a transigir, para impedirem uma agitação poderosa que sem duvida, em seu criterio, partiria das multidões agrarias. Expliaca-o ainda pela acção concordante desenvolvida pelo Comité Interprovincial permanente, presidido e secretariado por **Perissutti** e **Cantarutti**, que tem dado unidade, nas reclamações de providencias legislativas, a todas as Commissões provinciaes contra a pellagra, exigindo uma legislação de accordo com os principios etiologicos da doutrina lombrosiana da intoxicação.

Como se vê, gastos tantos esforços, o primeiro systema prophylactico contra a pellagra parece abrir brecha nas classes governativas da Italia, e é a elle decididamente, por concordancia rigorosa com a etiologia da endemia, que o triumpho decisivo se assegura. As difficuldades são todavia enormes, porque de certa maneira ha que desviar d'um caminho, ha muito trilhado, aquelles que as condições sociaes fizeram interessados em que se não modifique a dynamica economica geradora da sua fortuna.

E as leis prohibitivas da cultura do milho, por si só, sem se alterarem as condições de vida economica das populações agricolas, serão uma ficção.

O *segundo* criterio que orienta a prophylaxia, é o que, reputando quasi impraticavel a acção decisiva do Estado na reorganisação economica da vida dos aldeãos, e impraticavel tambem a prohibição e fiscalisação das culturas, crê estar na beneficencia publica e particular o remedio mais feliz. Ainda concordante com a etiologia toxica, entende-se que a prophylaxia se deverá encontrar em instituições destinadas a modificar a alimentação das populações invadidas.

Antes da expôr e examinar as diversas instituições preconisadas para prevenir e curar a pellagra, conforme o grao da sua evolução, uma primeira e fundamental objecção occorre immediatamente. Sem nos determos a compendiar toda a serie de argumentos que se condensam a levantar suspeita sobre os resultados da beneficencia em geral, cumpre desde já estabelecer esta verdade evidente — no que á pellagra se refere, estas instituições não pensam em cortar a causa do mal, mas antes em attenual-a, reprimindo e combatendo os seus effeitos.

É a concepção d'um empirismo estreito em conflicto com o criterio positivo, a que hoje se tem de subordinar toda a politica, por logico resultado das acquisições rigorosas da sciencia; porque não se comprehende que depois de tão prodigioso accumular de verdades conquistadas, se aggrave constantemente a marcha transitoria d'uma evolução que é fatal, em homenagem a principios gastos, que tiveram a vida fugaz d'uma passada necessidade historica.

No fundo, o que anima os preconisadores da beneficencia, é ainda a ideia de caridade, essa velharia metaphysica que deu vida, viveu e morreu com o christianismo, quando elle surgiu no desenvolvimento das sociedades, para, por logica evolução, se tornar mais tarde incompativel com as ideias que se elaboraram, e transformar-se em factor maximo de desequilibrio universal.

Não somos d'aquelles que *a priori* e segundo as *leis preestabelecidas* marcam todo o processo evolutivo, porque a multipla e complexa serie de causas, immensas e variadas, actuam constantemente em todo o evolutir. Mas, e por isso mesmo, comprehendemos que entre todas essas causas ha elementos fundamentaes determinadores que cumpre

não contrariar, dando existencia a um principio em conflicto com o estado mental d'uma epocha, e em derivante aguçar as arestas contra-reaccionaes da evolução.

O rigor scientifico obriga a este sectarismo, que não é estreito, em homenagem a principios perfeitamente demonstrados e inatacaveis. Porque a verdade é que, subsistindo a causa efficiente, o mal durará sempre e o exercicio da beneficencia na attenuação dos effeitos serve maravilhosamente de argumento explorado na bocca dos que governam, para explicar a sua inercia interesseira e criminosa e illudir os desprevenidos. Apouca as energias dos que logicamente caminham, divide-lhes as forças, quebra-lhes o *élan*.

Não quer isto dizer, e d'ahi precisamente a gravidade do perigo, que de momento todas essas instituições não apparentem resultados reaes beneficos, mas é precisamente n'esses resultados beneficos, illusorios, porque são passageiros, que está o mal.

Quando **Antonini**, o illustre pellagrologo, apertado pelas circumstancias, appella para esse recurso, não se esquece de clamar: «Por certo não acaba a pellagra com as cosinhas economicas, lo-

candas e pellagrosarios». Infelizmente, e ao contrario da sua clara visão, ha quem só n'esses fracos meios faça consistir toda a prophylaxia.

Antonini estuda largamente todas essas instituições contra a pellagra que de ha vinte annos se vêm organisando em Italia. Como conclusão maxima elle nota a falta de unidade a dar acção concordante a essa obra de beneficencia. Vê que de resto só o governo poderia imprimir essa unidade indispensavel, ainda que apoiando-se na assistencia particular, que facilmente acudiria, como vem acudindo, com o seu palliativo.

De todas as instituições em vigor — *locandas sanitarias, pellagrosarios e cosinhas economicas* — prefere as *locandas*. Não que estas sejam capazes de extinguir a doença, mas porque julga ser esse o processo de maior viabilidade. Que a *locanda* não é um meio de cura, é o mesmo sabio que o confessa; e que os seus resultados são modestos, dizem-no eloquentemente os doentes melhorados que ahi tornam com o mal aggravado.

Segundo o seu criterio, a funcção verdadeira da *locanda* é muito outra. Teria principalmente o papel de registo, avisando da existencia da pellagra, descrevendo os doentes e a sua miseria. Seria es-

pecialmente um orgão de propaganda e registo em favor d'esses infelizes, de modo a elucidar e orientar a opinião para ella exigir as medidas governativas indispensaveis.

A *locanda* funcciona reunindo em cada freguezia, durante um periodo de quarenta a cincoenta dias por anno, os pellagrosos do local, fornecendo-lhes diariamente uma ou mais refeições sob a vigilancia d'uma commissão.

É na provincia de Bergamo que se tem popularisado esta instituição. Os seus resultados podem resumir-se no seguinte:

Em 1884-85 surgiram e espalharam-se logo por mais de 80 communas. De todas estas só em 16, no segundo lustro, augmenta o numero dos pellagrosos (alienados), e nas restantes a pellagra estacionou, diminuiu ou extinguiu-se; isto é, não entraram mais alienados pellagrosos no manicomio, e no mesmo periodo, nas sessenta e uma communas em que não existiam *locandas*, registaram-se alienados pela primeira vez. D'aqui a conclusão que pelo menos as *locandas* têm a relativa vantagem de reter as manifestações mais graves da pellagra e impedir que a doença alastre.

Em 1896 funccionam 36 *locandas*, tratando 1:138

pellagrosos n'um total de 44:107 dias, o que dá a media para cada pellagroso de 38,91 dias.

Em 1889 subiram a 44, tratando 1:201 pellagrosos, n'um sommatorio de 49:145 dias. Para esta despeza concorreu a Commissão Provincial da Pellagra com o subsidio de 12:624 liras, que foi metade do importe total das despezas.

De 1884 a 1897 sobe até 82 o numero de *locandas*, tratando 12:395 pellagrosos, n'um sommatorio de 411:058 dias, o que dá a media para cada pellagroso de 33,16 dias.

Tudo isto com a despeza de 221:161,60 liras, para a qual contribuiram o Cons. Prov. Pel. com 89:265,77 L., as Communas com 77:108,11 L., os particulares com 3.040,25 L. e os Institutos de Beneficencia Publica com 57:747,47 L.

Melhoradas quantitavamente as dietas em 1898, a despeza mais subiu, pois deu a media de 60 centimos por cada adulto; e todavia a dieta era abundante e de optima qualidade:—200 g. de pão trigo; carne de vacca sem osso cosida, 100 gr.; sopa com 100 gr. de massa, meia semea e 100 gr. de hortaliça, e vinho $^1/_4$ de litro.

Em Padua tambem as *locandas* se estabeleceram em grande quantidade. Do relatorio do dr.

D'Ancona, seu fundador na região, apresentado ao Cong. de 1892 extractamos estes dados: as *locandas* principiam em 1892 em numero de tres, para em 1896 se elevarem a dezeseis e por ultimo a vinte. Em 1896 são tratados 1:199 pellagrosos, n'uma media de sessenta dias para cada um, trinta em abril e trinta em novembro.

De 1:129 pellagrosos registam-se — 276 curados, o que dá uma media de 24,4 %; 438 melhorados, isto é, 27,8 %; e 101 estacionarios, o que corresponde a uma percentagem de 8,9.

Foram tratados:	durante	quatro	annos	— 99
»	»	tres	»	— 162
»	»	dois	»	— 374
»	»	um	»	— 483

A media das curas teve a sua maxima no primeiro anno com a percentagem de 33,6, e o seu minimo no quarto anno com 20,2 %.

Nas melhoras a percentagem maxima é no 1.º anno de 40,1, e o minimo no quinto anno de 18,1.

A despeito de todos estes numeros é o mesmo dr. **D'Ancona** que diz n'esse Cong. de Padua: «*Não é licito tirar por agora corollarios*, ainda que sempre

interessantes para quem quizer instruir-se sobre o poder curativo das *locandas sanitarias*».

Comtudo parece resaltar claramente do relatorio de Padua que a acção das *locandas* se torna mais proficua para os pellagrosos infantis. Assim se conclue dos numeros n'elle referidos — de 416 pessoas tratadas, até aos dez annos de edade, são dadas por curadas 112, o que representa uma percentagem de 26,2, ao passo que não excede 25,4 % a media geral para todas as edades.

Ha ainda uma outra affirmação que cumpre registrar, e é que as curas se operam especialmente nos individuos anteriormente dados como melhorados. É assim que o relatorio explica, por exemplo, o accrescimo de curados no 2.º periodo de 1898 sobre os resultados obtidos no primeiro.

Realmente no 1.º periodo os curados eram apenas 64, e 227 os melhorados. Mas na 2.ª epocha d'esse mesmo anno os curados sobem a 338, e são principalmente do 1.º periodo.

Ainda em favor da influencia exercida pelas *locandas*, nota o referido relatorio que tem diminuido o numero de mentecaptos pellagrosos, quer no manicomio provincial de Udina quer no de Triseli, após a experiencia de alguns annos d'este regimen.

Prissutti e **Cantarutti** dizem no seu trabalho, que todos os medicos das aldeias são concordes em reconhecer e declarar que este systema é realmente efficaz para tratar directamente os pellagrosos e para combater e prevenir a pellagra nas suas ameaças e nas suas primeiras manifestações.

Concluem reclamando os beneficios de todas as obras conducentes a reprimir o morbo, e referem-se ainda ás *locandas* nos seguintes termos: «As *locandas sanitarias* estão tambem em notavel prosperidade desde o Congresso de Padua, e o favor obtido por esta previdente instituição é devido ás reaes vantagens verificadas nos doentes admittidos á cura dietetica, como resulta dos frequentes relatorios recebidos pelo Comité, e muito principalmente pela notavel diminuição dos maniacos pellagrosos, nas communas em que ellas funccionam.

Outro typo d'estas instituições prophylacticas é o *pellagrosario,* que muitos aconselham e reputam de muito superiores resultados praticos.

Como modelo, o melhor e mais largamente lançado, é o *pellagrosario* de Inzago, onde apenas se admittem individuos dos 12 aos 24 annos que por hereditariedade ou caracteres somaticos são

candidatos á pellagra. Ahi os internados executam trabalhos agricolas e industriaes, e recebem a par d'uma instrucção elementar e profissional o ensino dos preceitos hygienicos, ministrados em curso regular.

Em dez annos recolheu, segundo o relatorio do dr. **Frithz**, um total de 798 pellagrosos, sendo 404 mulheres e 394 homens, numeros que julga relativamente baixos em confronto com os 3:000 que a provincia de Milão conta.

Em Veneza ha tambem um *pellagrosario,* mas de acção mais restricta. Diverge inteiramente do de Inzago e pode-se dizer que quasi é um substituitivo das *locandas*, recebendo indistinctamente os doentes de qualquer região. É por isso que **Gris** os distingue assim, quando se refere ás vantagens dos *pellagrosarios* sobre as *locandas:* «A *locanda* actua sobre um raio limitado emquanto que o *pellagrosario,* quer pela qualidade da sua frequencia — doentes graves que não podem ir diariamente á *locanda* — quer pela maior capacidade de acceitação, para uma provincia inteira, se torna quasi uma instituição hospitalar».

Resta-nos fallar das *cozinhas economicas.* **Antonini,** transcrevendo do dr. **Rezzara** o essencial do

seu trabalho sobre as *cozinhas,* precede-o d'estas considerações criticas:

«Como o *pellagrosario* representa um grao de differenciação mais elevado do que a *locanda sanitaria,* a *cozinha economica* pode-se, n'uma outra orientação, considerar como um primeiro passo de prophylaxia individual, pois que a ella não só podem vir os verdadeiros pellagrosos e os predispostos, mas toda a população agricola.

Não existe, e é logico, nenhum antagonismo entre a formação de *cozinhas economicas, locandas sanitarias* e *pellagrosarios.*

Cada uma d'estas instituições concorre para melhorar o pellagroso e subtrahil-o á alimentação do milho avariado. O prof. **Rezzara,** de Bergamo, occupou-se d'um modo especial do estudo das *cozinhas economicas* com relação á pellagra; do seu inquerito extrahimos estes dados interessantes como argumento:

«O tratamento da doença por meio das *cozinhas economicas* começou em 1881 em Padua, 1884 em Bergamo, 1886 em Modena, 1887 Milão, 1893 Brescia, 1895 Udina e Vellumo, 1896 Veneza, 1897 Vicencia.

«Certo é que independentemente dos impulsos

vindos da Provincia, surgiram *cozinhas economicas* antes e depois, em varias cidades, burgos e aldeias, quer para tratar directa e exclusivamente os pellagrosos, quer associando a estes, no beneficio d'uma melhor alimentação, os pobres, os necessitados e os filhos dos asylos.

«Quando chegar o dia em que a administração provincial reconheça o dever de fomentar por todos os meios o tratamento dos pellagrosos, especialmente visando a prevenir o aggravamento e alastramento do mal, as *cozinhas economicas* multiplicar-se-hão, e o municpio, os institutos de beneficencia, as associações e os particulares accederão ao convite de contribuirem com subsidios, fixos ou variaveis, para a fundação de novas *cozinhas* e para o desenvolvimento das já existentes.

«Porem nem todas as commissões provinciaes para o tratamento da pellagra dão auxilio ás *cozinhas economicas*. Algumas, como as de Veneza, Treviso, Udina e Ferrara, favorecem exclusivamente a *locanda sanitaria;* Milão o *pellagrosario* de Inzago. Como não especifica o destino da somma dada annualmente pelo Conselho á Commissão provincial? Modena, que tambem tem dispendido com o tratamento da pellagra a quantia de 58:362,79 liras,

exige que se não applique a menor quantia em favor das *cozinhas economicas*.

«A Commissão provincial de Bergamo, de 1884 a 1897, tem visto com enthusiasmo que aos seus appellos acudiram particulares e instituições sollicitas e generosas.

«As *cozinhas*, que eram 8 em 1883, subiram pouco a pouco a 80, e, sem incluir pão, carne e vinho, que algumas d'ellas tambem forneciam, as rações de sopa distribuidas até 1896 foram 77:722.572, com uma despeza total de 745.920,77 liras, pagando os consumidores 276.348,05 L., as communas 50.924.46 L., os particulares 91.979,34 L., os institutos locaes de beneficencia 268.485,47 L. e a Commissão provincial 58.383,45 L.

«Padua, que fundou 27 *cozinhas economicas*, tem distribuido para despezas de creação e sustento d'ellas 17.437,35 L.; Rovigo 2.800 L.; Brescia, onde ha 18 *cozinhas*, 9.900 L.; Vicencia, que iniciou o tratamento só em maio de 1897, 313,36 L. para uma *cozinha*, e ainda Udina, 100 L. para outra.

As *cozinhas economicas* visam emfim a ministrar alimentos mais baratos aos indigentes, restringindo o gasto do consumidor mediante subsidios das cor-

porações officiaes, de beneficencia e ainda dos particulares.

O terceiro processo prophylactico anti-pellagroso representa de certa maneira uma tendencia eclectica e é de momento o que maior numero de suffragios conta.

Em rigorosa concordancia com a doutrina etiologica lombrosiana da intoxicação maïdica quer a eliminação do milho das *restivas* por uma legislação prohibitiva. Reclama do Estado toda a série de medidas já reconhecidas como essenciaes pelas mesmas corporações publicas que officialmente teem estudado o assumpto; mas, porque reconhece que n'este programma está o maximo das providencias possiveis, e sabendo toda a complexidade que envolve obra de tanto folego, reputa-a de demorada realisação, pelo pêrro machinismo funccional do Estado, incapaz de bolsar obra integra, d'um jacto; entende mais que se deve, durante esse periodo transitorio de reclamações, aproveitar as instituições de beneficencia, impotentes para uma cura radical, mas efficazes contra a disseminação da endemia e beneficas ainda por protelarem ou impedirem os symptomas mais graves.

Inclina-se para este criterio a maioria dos medicos, convencidos de que a pratica o impõe, provada como está a impossibilidade de arrancar ás classes governativas obra que não seja fraccionaria.

Alguns, como o dr. **Gris** no congresso de 1902, entendem mesmo que ainda não está estabelecido o motivo determinante da escolha dos melhores meios prophylacticos. Esperam essa conclusão dos trabalhos dos futuros Congressos, chamando a attenção dos congressistas para o estudo de toda a serie de medidas propostas, resumidas n'este quadro: « Leis restrictivas sobre a cultura, commercio e moagem do milho; fornos exsiccadores; aleitamento dos filhos dos pellagrosos; monte-pios; municipalisação da panificação; troca do milho alterado; substituição pelo trigo; socialismo; propaganda e até construcção de poços ».

O relatorio do dr. **Gris**, sobre o qual se pronunciou o Congresso votando a *ordem do dia* proposta pelo dr. **Rezzara**, procura ainda demonstrar a necessidade da existencia simultanea das *locandas* e *pellagrosarios*, que mutuamente se completam. As razões que adduz nascem naturalmente da funcção differencial que cada um d'esses meios deve exercer.

A *locanda* deverá, sobre ter o encargo da esta-

tistica, fornecer remedios e alimentação uniforme para todos, que deve ser lá mesmo consumida, não admittindo senão os doentes menos gravemente atacados e existentes na região.

Quanto ao *pellagrosario,* elle attenderá ao regimen dietetico necessario em qualquer grao da doença, e cumpre-lhe receber os pellagrosos de toda e qualquer localidade, seja qual fôr o adiantamento do mal. **Strambio** considera mesmo o *pellagrosario* como a unica providencia prophylactica util, pois que os beneficios da *locanda* são duvidosos, attendendo a que uma unica alimentação diaria, egual para todos, medida e pouco variada e muitas vezes mesmo impropria para todos os typos de pellagrosos, se prova insufficiente na cura. Este facto é a justificação das numerosas recidivas na população das *locandas* frequentadas por todos os indigentes.

Mas o dr. **Gris** reconhece e fundamenta a necessidade das duas instituições. Affirma que os loucos vêm principalmente dos individuos que não podem utilisar-se das *locandas* por muito distantes. Que a *locanda* trataria todos os que podem e precisam de trabalhar pela familia, e que aos *pellagrosarios* acudiriam os mais gravemente affectados. O *pellagrosario* seria pois o complemento da *locanda,*

bastando talvez um por cada provincia, mas esse indispensavel, porque é evidente a improficuidade das *locandas* sem *pellagrosario*.

O congresso, após este relatorio e sua discussão, approvou a *ordem do dia* redigida por **Rezzara** n'estes termos: «O Congresso reconhece que se deve animar toda a iniciativa de creação de *pellagrosarios* e *locandas* como meios prophylacticos da pellagra, pois que o processo fundamental de tratamento é a boa alimentação; a opção pela *locanda* ou pelo *pellagrosario* é subordinada ás condições do doente, circumstancias locaes e condições economicas das provincias; faz votos por que para esta obra concorram a Provincia, a Communa, Obras Pias e mais beneficencia particular».

Todavia é este mesmo Congresso que reclama imperiosamente do Estado a sua intervenção com medidas fundamentaes e decisivas.

É, como se vê, o espirito que domina toda a sua actividade, conquistar a interferencia governativa, estimulando a par e passo todas as outras iniciativas que podem ao menos servir de palliativo, emquanto não chega a hora das resoluções decisivas.

* * *

Afastando-se profundamente d'estes criterios que n'uma vaga sentimentalidade procuram pela caridade a varinha magica que ha-de limpar da pellagra os miseros condemnados dos campos, **Lombroso** despreza todos estes recursos inuteis a que nem sequer dedica uma linha na sua magistral obra «Tratatto profilattico e clinico della Pellagra.»

Outra ideia o guia.

Não se desvaira ante o appello que, por uma regressão a velhos preconceitos metaphysicos, é lançado por toda a parte, pregando a abnegação e o amor pelo proximo; mas tambem não é aberta, clara e decisivamente, como cumpria á sua auctoridade, que o sabio illustre reclama as necessarias medidas, impostas por esse sentimento positivo, que a moderna consciencia apregoa, de solidariedade humana.

Com o rigor de arestas cortantes, que o habito analytico lhe imprimiu dentro do laboratorio, circumscreve o problema ao estudo da etiologia para indagar os meios prophylacticos, naturalmente racionaes.

Mas, como veremos, impulsivamente será levado a arcar de mais longe com o problema.

Não será sómente circumscrevendo-se ás linhas etiologicas, mas ponderando cumulativamente as forças economicas em conflicto dentro do problema, que se poderá lobrigar a almejada solução.

Se apenas se attendesse a razões de etiologia, tudo se limitaria, pelos processos dos fornos, exsiccadores e armazenagem propria, a combater a adulteração do milho, robustecendo por cautella este esforço, com medidas fiscaes que impedissem o milho adulterado de entrar no consumo.

É realmente n'este sentido que **Lombroso** desenvolve o largo capitulo que em sua obra dedica á prophylaxia, concluindo pela serie de expedientes que seriam capazes de travar o flagello:

a) Substituir o milho por outra cultura, conforme os climas, ou pelas especies mais temporãs d'esse cereal.

Cita a proposito a opinião d'um agronomo, que dá como de mais largos resultados economicos para os agricultores a plantação da batata, por exemplo.

A mesma ideia sorri a **Antonini** quando diz que são os mesmos interesses economicos que hão

de operar na evolução agricola a extincção da pellagra. Esperançado na moderna theoria da assimilação do azoto livre sob a acção solar, reputa isso facil e está convencido da fatal substituição do milho por culturas mais ricas.

b) Nas regiões onde as chuvas são frequentes e imprevistas, no tempo das colheitas, construir eiras de pedra com alpendres lateraes, para onde rapidamente se recolha o grão, e onde elle deva ser protegido, antes e depois de desfolhado, ao pôr do sol.

c) Empregar, o que é aliás pratico por economico, as machinas de desgranar.

d) Modificar o systema de armazenagem de modo a impedir a humidade e a fermentação. Á sua modificação, utilisando o systema de **Devaux**, attribue **Lombroso** o facto de entre os irlandezes não haver pellagra (1).

e) Desviar o milho da alimentação humana para os empregos industriaes, como a distillação

(1) Estas cautellas na armazenagem do milho deveriam ser impostas aos mesmos navios em que o cereal exotico é transportado. Conta **Lombroso** que a recrudescencia da pellagra em 1853, na Italia, se deveu á importação do milho de Odessa que se alterou na viagem por motivo dos temporaes que accidentaram o transporte.

alcoolica, assucar, etc., e ainda para a alimentação dos animaes.

f) Offerecer premios a quem descubra meios de tornar util á alimentação ou á industria o milho serodio alterado, sem lhe elevar o preço além do usual para o milho bom.

Estabelecer premios ainda áquelles que tenham introduzido nos campos, em larga escala, a therapeutica da pellagra.

g) Crear leis contra a venda e moagem do milho alterado.

h) Panificar economicamente pelas cooperativas entre os camponezes.

i) Tratar o grão pela cal viva, durante 24 horas a 120º R., como se faz no Mexico.

j) Logo ás primeiras manifestações nervosas ou gastricas da pellagra, tratar os adultos pelo acido arsenioso e as creanças pelo chloreto de sodio.

k) Quando a miseria obrigue de todo ao uso do milho alterado, restará só, diz **Lombroso**, ***promover a emigração para as terras mais afortunadas do sul ou para a America.*** Nota que essa vasante de indigentes, fugindo ao perigo da doença,

ainda opera beneficamente sobre os que ficam determinando a alta dos salarios.

l) Que os filhos dos pellagrosos e os pellagrosos curados devem ser de preferencia encorporados no exercito ou aconselhados a emigrar para logares immunes da pellagra.

m) Diffundir noções prophylacticas e therapeuticas pelas populações agricolas.

Em todo esse importante capitulo que o sabio professor de Turim dedica á prophylaxia da pellagra, preconisam-se particularmente os melhoramentos nos processos agricolas mais modernos, capazes de por si realisar a extincção da endemia.

Comprehende-se realmente a larga influencia benefica que esses melhoramentos poderiam exercer.

A moagem, por exemplo, deveria ser interdicta aos velhos moinhos, para ser absolutamente operada pelos moinhos de cylindros. Esta vantagem é manifesta, se nos lembrarmos, que o dr. **Mariani**, de Bergamo, n'uma serie de experiencias rigorosissimas, demonstrou que o veneno do milho, na moagem pelos cylindros, se elimina quasi totalmente. Affirma mesmo, que na moagem do milho, quando pouco avariado, por este systema, se póde ser seguro de que a farinha fica expurgada do veneno

pellagrogenico, emquanto que na moagem vulgar, e principalmente pela adjunção de agua, a farinha se torna um dos maiores factores generalisantes da doença.

Mas é especialmente aos *exsiccadores* e processos de armazenagem que **Lombroso** dedica a sua attenção. Justifica-se, conhecidas as apertadas condições em que vivem os proletarios do campo, sabendo-se que muitas e muitas vezes, aguilhoados pela necessidade, desgranam o milho antes do tempo e o moem precocemente; que cultivam esse pessimo grão das restivas (serodio), que nunca soffre a maturação perfeita, e que os casebres humidos não permittem arrecadal-o de modo a prevenir o mofo e a fermentação.

Lombroso estuda uma extensa serie de typos de exsiccadores, que classifica methodicamente, e de systemas de armazenagem.

O engenheiro **Zoppette**, n'um relatorio presente em 1883 ao Conselho Superior de Agricultura, concluia que todos os quatorze systemas de exsiccadores destinados a operar a sazonação artificial do milho davam optimo resultado, mas merecia-lhe uma particular attenção o systema de **Cochard**, para

pequenas porções de grão, e o de **Boltri** e **Ghilandi** para a exsiccação de grandes massas de cereal.

Pouco importa a descripção de todos esses systemas, que mais ou menos se assemelham. O de **Cochard** faz lembrar a exsiccação artificial dos cereaes proposta pelo engenheiro **Taddei**, e muito recommendado por **Lombroso**. Resume-se afinal no tratamento do grão pelo ar quente, que atravessando successivamente as suas camadas, arrasta toda a humidade. Um systema de valvulas impede a elevação da temperatura além do grao conveniente, e a aspiração do ar humido faz-se ainda com aproveitamento do calor dos productos da combustão, postos por meio de tubos apropriados em relação com os ventiladores.

Em Bergamo estão já em uso e com certa largueza os exsiccadores, em geral pertencentes a grandes agricultores, que nos annos de chuva consentem aos pequenos lavradores, mediante retribuição, a exsiccação das suas colheitas.

Nas actas do 2.º «Congresso pellagrogico italiano» reunido em Bologna em 1902, não encontramos referencias importantes a estes processos prophylacticos, registrando-se pelo contrario numerosos relatorios sobre os beneficios dos *pellagrosarios, lo-*

candas e cozinhas, que em nosso criterio, insignificante recurso prophylactico prestam.

Apenas no seu longo e notavel trabalho os drs. **Perissutte** e **Canttaruti** recommendam o emprego de fornos que permittam substituir a *pollenta* pelo pão. D'esta providencia entendem que resultaria uma importantissima diminuição da pellagra. Quanto aos exsiccadores, deve-se propagar o seu uso, dadas as difficuldades de impedir a cultura do milho, onde reside toda a causa da molestia.

N'este mesmo Congresso, e com identico fim, o dr. **Pietro Lucca** sustenta a necessidade da municipalisação da industria panificia.

No 1.º Congresso, no anno de 1899, em Padua, o dr. **Alessandro Orchi** defende a instituição de fornos cooperativistas ruraes, aconselhando tambem que no pão de milho entre pelo menos um quinto de centeio ou trigo e que seja convenientemente salgado.

Conclue pela seguinte ordem do dia que o Congresso vota: «Os fornos ruraes para a fabricação do pão para os aldeãos são uma instituição optima para a prophylaxia da pellagra, e é recommendavel a sua acção quando as condições locaes se prestem».

Vê-se pela leitura d'esses relatorios, que esta confiança nos fornos deriva da reconhecida inferioridade da *pollenta,* que é o alimento usual do camponez italiano.

No nosso paiz já assim não é. O milho entre nós é panificado, e é assim que elle entra na alimentação, quasi exclusivamente maïdica, dos operarios agricolas da maior parte do norte. É certo comtudo que essa panificação é má, sendo o pão muito humido, muitas vezes *ardido (pão do saibo),* excessivamente fermentado, e frequentemente coberto de bolôr.

Lombroso não deixa de considerar os meios expostos como os de maior e mais radical alcance prophylactico, para impedir no milho as adulterações toxicas de que elle é, infelizmente e a despeito de todos os cuidados, tão susceptivel.

É assim que diz: «Tenho insistido sobre os exsiccadores, porque ha 30 annos que vejo n'elles o meio prophylactico mais efficaz contra a pellagra.

Ora, apezar de todas as recentes más condições economicas e meteorologicas, que só teem alimentado o exodo dos campos, o numero dos pellagrosos foi diminuindo á medida que se foram instal-

lando os exsiccadores e multiplicando e aperfeiçoando os fornos.

D'uma bella estatistica de **Miraglia**, que tem a gloria de haver inaugurado esta nova lucta hygienica com toda a força de que podia dispor o ministro da Agricultura e Commercio, resulta que os novos exsiccadores introduzidos n'este decennio sommam 141, distribuidos assim: provincia de Milão, 32—Cremona, 29—Rovigo, 18—Pavia, 14—Travisa, 11—Veneza, 11—Brescia, 7—Padua, 7—Verona, 4 Belluno, 2—Mantua, Torino, Vicenza, Reggio, Emilia, Modena, Lucca, 1 em cada».

É obsecado por esta ideia, muito sua, que procura nas estatisticas necroscopicas uma prova do decrescimento da doença.

Todavia, depois de enumerar as multiplas difficuldades que a generalisação dos exsiccadores e fornos encontra, e de ver assim na pratica levantarem-se tantas arestas e empecilhos á realisação da obra, **Lombroso** reconhece que só resta, com desespero... menear a cabeça descontente.

O motivo real d'este quebrar de nervos será outro, talvez aquelle que fez escrever a **Antonini**: «A discussão cathedratica e os decretos governativos, tudo quanto se conquistou no campo scienti-

fico e social, não tem alterado as condições e o desenvolvimento da endemia, que continua a encarniçar-se e a povoar hospitaes e manicomios, semeando na população agricola, não só do Val de Pó, mas na Umbria, na Roumania, Toscana e no Lacio a miseria organica e a degenerescencia».

* * *

Ao terminar estas rapidas notas, que esboçam a orientação prophylactica de **Lombroso**, seja-nos consentido transcrever os curtos periodos com que elle abre o trabalho a que nos temos referido.

D'esses dizeres transparece bem a sua ironia á maneira de **Arnould**, a proposito dos *perdularios* conselhos prophylacticos com que a sabedoria official *quer* soffocar a endemia.

Mas seja-nos tambem permittido pôr em duvida a possibilidade d'essa regeneração dos processos agricolas preconizada pelo mestre italiano — não por lhe contestarmos a efficacia, mas porque, e fundamentalmente, ella padece do mesmo mal originario.

Toda essa revolução da industria rural, in-

troduzindo aperfeiçoamentos que de resto a civilisação de hoje reclama, é impossivel ao pobre escravo da terra, condemnado e miseravel. Ella é sim possivel, aos grandes proprietarios, mas nas suas mãos será ainda um elemento de servidão a agrilhoar o forçado.

Não se conclua ligeiramente que quem escreve estas linhas commette a heresia de combater os progressos da machina, mas faça-se-lhe a justiça de reconhecer que não lhe escapa despercebido o grande desequilibrio entre o desenvolvimento maravilhoso da industria moderna e a lenta evolução moral das classes dominantes, n'este periodo transitorio, quando mais e mais se avisinha a hora tragica por **Henri Heine** annunciada.

Diz **Lombroso**: «Dados estes factos, que tão intimamente convergem para demonstrar a origem da pellagra no uso do milho avariado, facilmente se deduz uma prophylaxia segura. Dizer, com effeito, como muitos pretendem, ao aldeão, que para evitar a pellagra precisa de comer bem e beber melhor, é affirmar uma verdade certamente, mas uma verdade inutil, damnosa mesmo, e que antes se poderia considerar uma cruel ironia. O indigente a quem nós os mestres damos este conselho, não o pode pôr

em pratica, e, se podesse, não esperaria de certo, pela nossa licção. D'esta ideia preconcebida e diffusa procede um grandissimo prejuizo, e aquelles infelizes perdem a unica via de valor para se precaverem do mal, e, uma vez feridos, abandonam todo o pensamento de cura, sabendo que a unica, a da boa alimentação, não está ao seu alcance, de maneira que em muitos paizes onde tenho andado a estudar os pellagrosos, vi que os medicos da região ignoram mesmo a existencia dos doentes da sua aldeia, os que recorriam ao soccorro, não da sciencia medica, mas da esmola publica e do padre».

* * *

Comprehende-se, exposto o principio que guia a acção prophylactica, que a escolha dos seus recursos é realmente dependente d'um conjuncto de condições economicas e politicas, de circumstancias especiaes e diversas para os differentes paizes e para as diversas regiões.

Que as *locandas* e *pellagrosarios* são de todo impotentes para varrer por completo e para sempre a endemia, é obvio; uma pratica de mais de vinte annos em Italia, e a consagração da doutrina etiologica lombrosiana, obrigam a esta conclusão logica. Todos esses meios preconisados com maiores ou menores vantagens são palliativos, um compasso de espera, um interregno apenas, na marcha da doença. O mesmo systema de cura que **Lombroso** aconselha pelos arsenicaes, é egualmente impotente, da mesma maneira um palliativo, porque o pobre pellagroso, ainda que curado, lá regressa á condemnada vida de indigencia a que o amarra uma situação economica desastrosa. E então, quando de novo actuar o veneno sobre o seu organismo já experimentado pela doença, a recidiva será muito mais violenta, até que, ao cabo de tantas *locandas* e tantas curas, d'uma derradeira vez, o delirio, a loucura, libertarão o misero *largamente protegido pela beneficencia.*

A verdade é esta só, e todos a comprehendem, todos a encontram: sem se modificarem as condições de vida das populações affectadas, erguendo-as da miseria que as submerge, tudo é inutil. A prophylaxia está aqui. Ao termo d'esta analyse, pas-

sada rapidamente a revista critica de todos os recursos provados, assim é forçoso concluir.

É um axioma incontroverso: a pellagra tem que subsistir emquanto durar o regimen economico que condemna os camponezes a uma miseria aguda e brutal, e emquanto uma funda transformação economica não alterar por completo todas as condições da sua existencia malaventurada.

* * *

Solução do problema em Portugal

É uma questão de alta hygiene publica. Assim, comprehende-se facilmente que qualquer solução que se busque para o nosso paiz tem que integrar-se no problema economico nacional... que está em equação.

É no grande, no maximo todo, que deve encorporar-se esta face importantissima da vida portugueza, e d'ella por sua vez e em derivante só poderá esperar-se o accrescimo de riqueza publica,

porque entrará na productividade geral uma legião de invalidos, incapazes de reacção, impotentes para todo o esforço, para uma decidida energia.

Anselmo de Andrade, no «Portugal Economico», estudando os nossos terrenos incultos em parallelo com os demais paizes da Europa, conclue: «Do que fica escripto pode-se inferir, que a extensão dos nossos incultos e maninhos deve ser hoje de 3.800:000 hectares approximadamente, o que representa ainda 44 % da superficie do paiz. D'esta maneira ainda hoje se não pode tirar ao reino o logar, que elle, por muitos e complicados motivos, tem desde muito tempo marcado, com triste e singular notoriedade, na carta geographica das terras incultas da Europa».

Mais longe, no mesmo livro, diz o publicista, ao referir-se á nossa producção agricola: «Quando se lêem as estatisticas do nosso commercio, são profundamente melancolicas as impressões que esta leitura nos deixa, ao vêr-se que n'um paiz de tão variadas aptidões culturaes como o nosso, e onde a industria fabril não constitue occupação predominante, é necessario pedir ás nações estrangeiras um supprimento de substancias alimenticias, no valor de 12 mil contos, para a subsisten-

cia d'uma população sobria, pouco numerosa, e onde a capitação do territorio agricola, sendo de quasi dois hectares, é muito mais do que o necessario n'um systema de cultura apenas regular, á sustentação de cada habitante».

É d'uma maneira flagrante que resalta, só por estas duas citações, o confronto de tanta riqueza improductiva com uma pobreza quasi inenarravel.

A pulverisação da propriedade minhota, que **Anselmo de Andrade** estuda n'um dos capitulos ultimos do seu trabalho, por varios titulos apreciavel, ainda que por vezes e fundamentalmente o criterio do economista não nos pareça ininpugnavel, cria e atira para a lucta pela vida um exercito de indigentes que a emigração do Brazil violentamente reduz, mas que ainda deixa milhares de braços, n'uma concorrencia feroz de salario baixo. É este um dos factores que para nós justifica, no seu fundo real bem objectivo, a *lei de bronze* de **Lassalle**, embora não integralmente verdadeira.

Ha pouco ainda, percorrendo o Minho em estudo sobre a pellagra, foi-nos dado vêr de perto a miseria dos salarios e a consequente desgraça do operariado rural. Nos periodos mais fadigosos da sua aspera vida, o *jornal a secco* não passava de

200 reis; e com uma alimentação inferior e deshumana reduzia-se a 120 e 100 reis.

Precisamente n'esta população, roida por todas as necessidades, em que o milho constitue quasi por si só o magro sustento do rustico, é que vegeta, mordendo bem as vidas, a endemia pellagrosa. E é muito especialmente no Minho, de densa agrupação, propriedade dividida até ao extremo (1), e encargos alargando-se até ao maximo impossivel (2), que a pellagra naturalmente escolheu o campo desolado da sua preferencia.

Sem fazer a critica investigadora das causas originarias, fataes, que determinam a miseria corrente, indagamos dos processos e meios de remediar este phenomeno historico, muito principalmente no que d'um modo directo diz respeito ás populações invadidas pela pellagra. É intuitivo que estudando os trabalhos dos economistas portuguezes, aprofundando os seus planos, ideias e razões, uma

(1) **Anselmo de Andrade** refere no livro já citado: «Os filhos de um proprietario, cujos braços, com os da mulher, chegam para agricultar a leira de milho, não têm outro futuro senão o Brazil, para nós cada vez menos hospitaleiro sob o ponto de vista das utilidades economicas.»

(2) **Bazilio Telles** demonstra evidentemente como os encargos publicos se exercem especialmente aggravados sobre o norte do paiz.

orientação especial nos guiava, pois que, independente d'uma relativa melhoria nas condições economicas dos operarios agricolas, era-nos necessario, tanto quanto podessemos, fazer acompanhar essa evolução pela cultura substitutiva do milho por cereaes mais nobres.

Pois esta mesma condicional, que pareceria de certo modo restricta ao limitado problema de hygiene, é absolutamente integrada nos planos do pequeno numero d'aquelles que têm estudado a resolução da crise economica portugueza. Pela fatalidade das coisas é, e ainda bem, assim.

Não sendo o nosso paiz um prodigio de civilisação industrial, quasi todos os que se têm interessado pelo estudo da sua situação economica, instinctiva e logicamente, por uma natural adaptação aos factores mesologicos da vida portugueza, procuram na cultura dos largos tractos abandonados do sólo, a magia d'um renascimento de possivel riqueza. Todos irresistivelmente para ahi lançam o vago olhar. Isto é d'um modo seguro tão verdadeiro, que quando mesmo se pretenda contrariar esta solução naturalmente posta, logo a serie de raciocinios se contradiz, conduzindo imperiosamente á inexoravel evidencia.

Assim é que **Anselmo de Andrade** escreve, seguro d'uma convicção que ao deante virá a desmentir, não encontrando outra porta que se lhe abra senão aquella mesma que elle forceja por achar de todo impedida: «Póde dizer-se que uma grande parte do nosso paiz está ainda como se estivessemos no regimen das terras vagas, mas com a differença para peior, de que essas terras se não podem distribuir na metropole com tanta facilidade como nas colonias, por existirem aqui no regimen da propriedade particular. É uma difficuldade a mais, que se complica com a de não haver quem as vá occupar.

«Entre as diversas illusões politicas e economicas que costumam entrar na composição dos successivos projectos de fomento agricola, conta-se o desvio dos excedentes de população em alguns districtos para uma parte de Traz-os-Montes e para o Alemtejo. Acredita-se geralmente que esses excedentes poderiam dar cultivadores ás terras desaproveitadas, mas esses colonos não possuiriam os capitaes necessarios para as despezas da installação e da cultura. Os que possuem uma leira de terra fixam-se dentro d'ella. Os que têm algum capital procuram empregar as suas economias no logar

onde vivem. Os que não possuem nem uma nem outra coisa, trabalham para os outros, ou emigram para o Brazil, que é ainda hoje o unico destino do emigrante, que não tem dinheiro para levar. Não é no vasto recenseamento d'esses proletarios que se pode fazer o appetecido recrutamento de colonos, sem que ao mesmo tempo se lhes forneça o indispensavel instrumento de colonisação chamado capital. Falta de capital, má distribuição da gente e defeituoso regimen da propriedade, são portanto causas principaes do desaproveitamento das nossas terras, e da consequente penuria da producção nacional».

Esta *illusão* politica e economica, em que o publicista encontra tantas e tão insuperaveis difficuldades, é todavia por elle mesmo, e na mesma obra, proclamada como remedio (1). Escreve assim:

(1) E tanto assim é, que expondo essa solução, o escriptor julga reforçar o seu pensamento, chamando a attenção para duas notas em que decalca a opinião de **Oliveira Martins** e a tentativa gorada de **Marianno de Carvalho**:

a) «O Brazil é melhor colonia para nós do que a Africa; porém a melhor de todas as nossas colonias seria o proprio reino». — **Oliveira Martins**, *O Brazil e as Colonias portuguezas*, pag. 262.

b) A melhor occasião perdeu-se. Quiz aproveital-a o sr. **Marianno de Carvalho**, incluindo nas suas propostas de fazenda de 1888 a colonisação do

«Quando se trata d'este grande assumpto da colonisação, occorre sempre perguntar porque se não derivarão para o Alemtejo, enorme, quasi deserto e meio inculto, as correntes da nossa emigração.

Não seria certamente tão difficil a deslocação dos colonos para essa nova provincia, comtanto que o governo lhes preparasse ahi hospedagem nos seus vastos incultos.

Não faltam terras. O que falta é gente, mas esta sobra no norte, faltando apenas dar-lhe um destino novo para substituir por elle o velho e costumado destino brazileiro. A gente não vae certamente sem garantias, ou pelo menos sem uma grande esperança no futuro, mas é certo que pela distribuição dos grandes tractos de terreno inculto, por uma somma de favores e previlegios dispensados aos colonos, e finalmente pela maior facilidade

---

Alemtejo, quando se não tinha concluido ainda o caminho de ferro do Algarve. Nas bases que acompanham essa proposta de lei, merecedora de melhor fortuna do que a que teve, contem-se um plano de colonisação alemtejana pratico, compativel com as forças do thesouro, e que ainda poderia servir de modelo em muitas das suas linhas a quem renovasse uma das melhores e mais elevadas iniciativas d'estes ultimos tempos. Veja-se o *Relatorio e propostas de lei,* que na sessão de 16 de janeiro de 1888 apresenta ás camaras o sr. **Marianno de Carvalho,** então ministro da fazenda.

de obter capitaes para esse fim, se poderia talvez iniciar a transferencia, para as regiões do sul, de uma parte, pelo menos, dos emigrantes forçados do norte do paiz. O problema é complexo, de solução morosa sem duvida, mas se aos governos apraz fazer muitas vezes do ministerio das obras publicas asylo de mendigos robustos e sadios, mais aproveitaria ao fomento nacional a applicação de sommas, nem sempre bem empregadas, a reproductivos trabalhos ruraes, ou a novos ensaios de colonisação alemtejana repetidos dos nossos primeiros reis povoadores».

Já aqui não ha a considerar como invencivel obstaculo de ponderação, como fica bem patente no transcripto anterior, regimen de *propriedade particular;* é desembaraçadamente que arrosta com o problema, insinuando os ensaios de colonisação, repetitidos *dos nossos primeiros reis povoadores.*

A *illusão politico-economica* esvae-se ante a logica que offerece como irremediavel, e a breve trecho unico, esse recurso supremo.

Como exemplo d'essa colonisação forçada, typo seguro e forte, temos a *Lei de Sesmaria*, na agonia da casa d'Aviz, quando o gladio de **Affonso Henriques** que rasgou um reino, cahe no pulso fraco de

D. Fernando. É a ultima restea de luz a clarear ainda a obra da grande dynastia. De **Bazilio Telles** extractamos o espirito d'essa legislação a que o publicista illustre nota a forma comminatoria e brutal, caracteristica do nosso legislar mediévico:

«Quem tivesse terras era obrigado a cultival-as por sua conta ou conta d'outrem;

Quem para isso carecesse de bois ou alfaia agricola, devia cuidar de os obter, e o vendedor de gado que pretendesse especular com a precisão do comprador, era forçado a ceder-lh'o pela quantia em tal caso estipulada «pelas justiças»;

Quem, conhecendo o trabalho da lavoura, o tivesse trocado por qualquer logar ou officio, era compellido a regressar á sua primitiva occupação de lavrador—salvo se provasse que possuia de seu quinhentas libras;

Quem se entregava á creação de gados tinha que lavrar por sua conta uma determinada area de terreno;

As propriedades que dentro d'um praso marcado não estivessem arroteadas, dal-as-iam «as justiças», por certa cousa, a quem as lavrasse por sua ração, a qual seu dono não houvesse, mas fosse despeza em proveito commum, onde essas herda-

des fossem.» **(F. Lopes,** Chr. de D. Fernando, cap. LXXXIX).

A *Lei de Sesmaria* falhou porque, como diz **Schœfer,** *nunca foi cumprida em toda a sua plenitude.* (1)

Modernamente, bebendo fundo no espirito que dera vida á legislação das sesmarias e sempre fiel ao criterio auctoritario que de toda a sua obra littteraria resalta, **Oliveira Martins** procura com o seu «Projecto de Fomento» impôr a colonisação da charneca abandonada por uma expropriação forçada e summaria. (2)

Bazilio Telles estudando todos esses projectos, que mais ou menos se escoram no restabelecimento da sub-emphyteuse, do laudemio e da isempção da contribuição do registro, como estimulo á rebeldia dos grandes proprietarios que deixam esteril e nulla

(1) Em opposição aos dizeres do chronista **Fernão Lopes** se pronuncia **Bazilio Telles,** dando o remedio por proficuo. É em razões economicas que se estriba, evidenciando como causa d'esse desastre não se haver simultaneamente legislado de modo a favorecer de capitaes a agricultura, como anteriormente se fizera em beneficio do commercio e navegação. E ainda, de accordo com a opinião exposta por **Schœfer** em sua Historia de Portugal, pelo que essa lei tinha de oppressivo e violento.

(2) É certo que **O. Martins,** no seu «Projecto de Fomento», ia, em nome da utilidade publica, até á expropriação legal do inculto particular, re-

a terra, nota a inanimidade de todos esses planos, que reputa secundarios, emquanto não se *offerecer ao proprietario capital bastante e a taxa reduzida o mais possivel.*

É este o problema que procura resolver, e resolveria sem duvida, pelo machinismo simples da «Junta do Credito Publico e Junta Predial», o imposto subordinado á *constante* sobre a area e á *variavel* sobre a natureza classificada da cultura, e ainda á extincção *dos privilegios do Banco de Portugal*, que derivariam para a Junta do Credito Publico. Mas o publicista replicando ao depois nos «Estudos Historicos e Economicos» á critica que provocara o «Problema Agricola», tomba elle mesmo na immediata expropriação alemtejana, lançando para longe, logica e rudemente, a resuscitada velharia da emphyteuse:

---

novando, sob roupagens modernas, a lei das sesmarias do fim do seculo XIV. Mas ainda que disposições contradictorias ou irrealisaveis o não tornassem menos o plano d'um homem d'Estado, do que o interessante trabalho d'um doutrinarfo de gabinete, nem por isso o teria feito menos naufragar o acolhimento glacial que recebeu do parlamento. Porque? Porque o «Projecto» era, no fundo, um ataque á oligarchia que em Portugal ha muito monopolisa a terra, o capital e o poder; e a approvação de semelhante enormidade por passivos mandatarios dos oligarchas soberanos, só uma ingenuidade sem limites, um sentimento incommensuravel de sufficiencia propria, ou a ausencia radical de senso pratico ousariam esperal-a.

«Adversario d'este anachronismo juridico, não acceitariamos a attenuante. A nossa formula seria outra—a devolução pura e simples para o Estado (reservada larga porção ao proprietario, entende-se), sem compensação nem restricções e sua colonisação ulterior, depois de limpo e demarcado o terreno, esboçadas as primeiras installações e posto de parte o capital para adiantamentos, por colonos militares, á romana. Esta seria a reforma que dariamos ás praças da Guarda Fiscal, cumpridos sem nota dez annos de serviço effectivo, aos 30 annos de edade por consequencia, preferindo para servir n'esse corpo os filhos de jornaleiros e de pequenos proprietarios campestres. (1)

Uma parte dos trabalhos preparatorios seria desempenhada pelo pessoal superabundante das Obras Publicas, a outra por destacamentos, revezados, da propria Guarda Fiscal. Organisariamos uma Caixa economica d'este corpo, cuja dotação regulariamos com os recursos e de maneira que permittisssem a cada praça reformada, isto é, quando passasse á

(1) Entre as conclusões prophylacticas com que remata **Lombroso** o seu notavel Tratado, encontra-se precisamente expressa uma conclusão analoga: «Devem de preferencia ser chamados ao serviço militar os filhos dos pellagrosos».

1.ª reserva, receber uma quantia determinada para seu capital circulante.

O capital fixo, esse já lá estaria á espera do colono, em abrigo, sementes, alfaia e remodelações do solo absolutamente indispensaveis. Estes nucleos obedeceriam, quanto possivel, na sua distribuição a circumstancias favoraveis no duplo ponto de vista agricola e estrategico, começando-se, portanto, a colonisação pelos terrenos de mais facil arroteamento, e por onde a presença de homens, volvidos d'um momento para outro em soldados, representasse evidente vantagem militar; e os terrenos seriam demarcados de forma que cada parcella chegasse amplamente para uma familia regular, de 4 pessoas.

O colono não ficaria immediatamente proprietario da parcella, mas só ao cabo de 10 annos, depois de a ter posto em cultura integralmente, e de haver satisfeito cada anno o imposto, segundo a nossa formula, e quaesquer encargos para com o Estado, devidos por despezas de installação excedentes aos recursos da Caixa de que fallamos. Decorrido aquelle periodo de tempo, e satisfeitos estes encargos, ou seja aos 40 annos pouco mais ou menos, o colono, ingressando então, mas só então,

na 2.ª reserva, ou reserva territorial, receberia o seu titulo de propriedade, declarando-se n'esse diploma expressamente que o seu novo possuidor a não poderia hypothecar nem vender, podendo porem legal-a por sua morte á descendencia legitima, na conformidade da lei civil em vigor,—ou, na falta de descendentes, ao Estado, seu herdeiro preferente. Os motivos d'esta providencia são demasiado obvios para que percamos tempo a explana-los; como inutil se torna demonstrar a justiça e a conveniencia de preferir os filhos varões d'estes colonos militares no recrutamento da Guarda Fiscal.

Em linhas rapidas, e n'um ou n'outro ponto a corrigir eventualmente, ahi tem o snr. **Malheiro Dias** o nosso processo de dispensar o senhor de latifundios dos cuidados que o seu amanho lhe traria pela adopção da nossa fórmula de imposto rustico, dado, o que não crêmos, que as herdades á Côrte-Condessa fôssem communs no Alemtejo, ou n'outra qualquer provincia portugueza. E eis ainda o processo que, devidamente generalisado, e mediante pequenas alterações, póde servir excellentemente para arborisar médões, repovoar encostas núas, enxugar pantanos, canalisar cursos de agua, valorisar baldios do Estado, e até—não hesitamos em

affirmar-lo — rasgar novas estradas militares e conservar as existentes em estado de entretenimento irreprehensivel.

Somos um cerebro chimerico? Pelo contrario: somos um cerebro pratico. O snr. **Malheiro Dias** não ignora, por certo, o que por mais de uma vez emprehenderam e levaram a termo os legionarios romanos, dirigidos pelos seus officiaes e engenheiros, — os legionarios de Mario, por exemplo, na foz do Rhodano. Não acreditará o nosso critico que attribuimos o desenvolvimento agricola e de viação, assim como a precocidade da região provençal (sul da França) em civilisação e riqueza, aos duros trabalhos d'esses remotos e esquecidos conscriptos das legiões?

— «Isso concebe-se apenas n'outros tempos, e para temperamentos romanos.» — objectar-nos-ha.

Não; concebe-se ainda em nossos dias, e para temperamentos portuguezes.

Qual d'entre nós não tem percorrido um tracto do littoral do Norte, e attentado no que se passa com os humildes soldados, addictos por tempo ao seu modestissimo posto, perdido no descampado? N'um reconcavo ou prega de terreno, ao abrigo do nordeste frigido, ladeada ao redor por sebe viva ou

por um murosito erguido com seixos da praia, irrompe da areia, adusta e fulva, uma pequena horta vicejante. Rente á penedia ennegrecida e bronca, ás vezes n'algumas braças apenas de má terra, sustida por um taboleiro da rocha, ou arremessada pelos ventos para uma depressão do granito, consola contemplar essa verdura sorridente tapetando um retalho agreste da paysagem, entalado entre calhaus e umas poucas hervas requeimadas.

Porque é, frequentemente, um jardim. Predominam a folha larga da couve, abraçada pelo feijoeiro, e os caules entumecidos do milho: representam a utilidade, e é justo; mas, n'um angulo, surge tambem um pequeno macisso de flores, o cravo, o amor-perfeito, a violeta e outras, predilectas do nosso povo: exprimem o sentimento, e é bello. N'estes poucos palmos de terreno realisa-se a palavra profunda de **Michelet**—que o trabalho do homem é capaz de transformar um rochedo n'um jardim.

N'este pequenino quintal, que milhares de olhos têm podido admirar, está a alma inteira da raça; e para o homem que reflecte, um systema completo de a entender e dirigir. Instinto pantheista, adoração ingenua pela Natureza, amor da terra, in-

temperies e os contratempos, espirito de ordem e previdencia, distribuição methodica do tempo, solidariedade e disciplina, horror originario á indolencia e ao desleixo: — tudo isto vive e palpita n'aquelle *oasis* delicioso, triumphando, a cantar, da aspera desoloção ambiente.

Suppõe o snr. **Malheiro Dias**, suppõe alguem — exceptuando as oligarchias dominantes — que o mesmo ser desinteressado que realisou esta pequena maravilha, n'um recanto perdido do areal esteril, não será capaz de operar o milagre de desentranhar da charneca, propriedade *sua*, messes, prados e arvoredos? *Dêem-lh'a,* amanhã a esses rudes soldados, a titulo de recompensa de serviços prestados, e a prestar, á nossa patria commum, e vêr-se-ha prodigio comparavel ao da varinha de Moysés, soltando no deserto o manancial vivificador.

Porque se não ensaiará, um dia, esta ideia simples? Por ser nova? Não: é velha, e de authentica velhice.

Por não ter sido já lembrada? Tambem não. Esclarecia-nos, a proposito, o nosso amigo **Guerra Junqueiro** que a defendera outr'ora, no que tem de essencial, para aproveitar-se o inculto açoriano.

E não teria sido já ventilada nas regiões offi-

ciaes para a colonisação africana, aliás projecto de palmar insensatez? A imprensa periodica qualquer cousa referiu, se não estamos em erro, a esse respeito, não nos recorda em que momento preciso.

Por não ser efficaz? Negar efficacia á ideia o mesmo é que negar a luz do dia: demonstra-a toda a historia dos romanos,—que não eram de certo mais obedientes do que os nossos soldados, e n'uma epocha em que formidaveis tempestades politicas não constituiam o melhor dos incentivos á disciplina dos acampamentos. E, comtudo, foi n'estas condições favoraveis que **Mario** fez executar pelas legiões as grandes obras do Rhodano, em que tivemos occasião de tocar.

Porque será então? Ingenuidade nossa! Pela mesma razão por que, resalvando o interesse manifestado pelos nossos criticos e por um numero restrictissimo de alguns amigos, ninguem se lembrou de vêr nos alvitres propostos para o imposto e o credito ruraes um plano, senão ao abrigo de remodelações uteis, ao menos simples e largo, para resolver uma grave questão economica, e para indirectamente preparar a solução do problema, não menos grave, das finanças do Estado».

Ao transcripto termo d'estas paginas brilhan-

tes, em que o publicista illustre tanta belleza, tanta vida espargiu, seja-nos dado saudar o nobre e grande espirito que foi, n'esta mesma Escola onde hoje nos apresentamos, um dos mais laureados alumnos.

O problema, visto pelo economista unilateralmente, como importava a seu fim exclusivamente economico-politico, comprehende e resolve ainda esse outro largo problema social—que é a extincção da pellagra.

Uma simples variante, modificação limitada de detalhe que lhe não era dado abranger no seu estudo de absoluto caracter financeiro, resolve simultaneamente este importantissimo problema medico.

Já **Lombroso**, como vimos, alem de reclamar para os filhos dos pellagrosos, e para os mesmos pellagrosos curados, a preferencia para o serviço militar, de modo a arredal-os da vida condemnada preconisa ainda, que se lhes promova em seu paiz, a *emigração para as terras afortunadas do sul.*

É rigorosamente e assim mesmo que entre nós se deve proceder.

Uma simples correcção de detalhe no esboço proposto, e é bastante. E facilmente se comprehende que assim seja, pelo factor que ora mettemos em

systema, e que ao publicista, na sua facil replica, escapava por apoucado ou desconhecido que lhe era.

Basta a simples chrisma de *ás praças da Guarda Fiscal* nós chamarmos todos os individuos que, por hereditariedade ou caracteres somaticos, são candidatos á endemia pellagrosa.

A parte propriamente financeira que este problema de colonisação importa e que aqui não nos é dado estudar, está minuciosa, largamente aprofundada, no conjuncto systematico que **Bazilio Telles** creou, como vasto plano de fomento no seu notavel trabalho o «Problema Agricola».

Pelo que tem de pratico, elle exclue toda a ideia de chimera que irrompesse do trabalho doutrinario e isolado d'um pensador de gabinete.

Aos receiosos, aos que n'essa solução querem vêr um attentado á base eterna da propriedade, uma innovação socialista, só nos cumpre responder lastimando a tardia evolução do ser moral. Porque curto é imaginar o socialismo como uma allucinação germinada na doentia ancia da miseria impiedosa, chimera a florescer nos sonhos negros do pária, retalho idealista, desprendido em momento de embriaguez dolorosa, para desvairar transviando os famintos.

A chimera mais audaciosa ou subtil integra-se na mysteriosa unidade humana. É um producto seu, organico, em relação estreita com toda a vida social. Brota espontaneamente das mil inattingidas reacções que se operam a todo o instante nas sociedades, entre a evolução politica e a evolução economica, para se completarem, para se fundirem, estreita e conscientemente solidarias. Corresponde intimamente á verdade dos factos, na expressão rigorosa da sua unidade.

Ha sem duvida na doutrina da Evolução verdades eternas, por naturalmente humanas. São os principios irreductiveis que derivam directamente da natureza organica das coisas; esses subsistirão atravez de todas as transformações. Mas ha tambem *direitos* proclamados, que só correspondem ás necessidades e comprehensão do momento historico, aos interesses e progresso d'uma epocha, servindo os altos designios humanos, não confundiveis todavia com os principios fundamentaes, deduzidos e impostos pela mesma natureza do homem.

CONCLUSÃO.

Está concluido o nosso trabalho. O esforço que elle representa não corresponde por certo á espectativa de ninguem, dadas as dimensões e a magnitude do assumpto.

Ao contrario d'**Arnould**, que não conseguiu observar completamente um unico caso de pellagra, nós tivemos occasião de vêr muitos, tão bastos elles são n'um paiz tão estreito. É certo que clinicamente nada de novo nos foi dado constatar para ampliar o muito que d'isto se sabe. Mas nem por isso o trabalho, insignificante que é, se apouca e amesquinha quando, varrido o nome que o rubrica, se attente tão só no fim que o gerou. Pois que, todas as observações, que conscienciosamente fizemos só corroboraram as observações já consignadas,

entendemos que nos cumpria n'estas circumstancias e de preferencia demandar uma prophylaxia adequada ao nosso paiz. Ao fim de uma aturada investigação medica foi para este ramo da Hygiene que convergiram todas as preoccupações do nosso espirito, sem que fôsse causa a deter-nos a opinião d'aquelles que pretendem circumscrever a acção do medico, ou nos perturbasse a consideração de interesses remotos, como os que anuviaram as vistas do Congresso de Veneza em 1847.

Orientado n'este sentido o estudo, julgamos encontrar a solução logica e rigorosa que ao reino importava para completa extincção da doença, na colonisação dos terrenos desertos do Alemtejo, como a propoz **Basilio Telles** nas suas locubrações sobre a crise portugueza economica e financeira. Assim se modificariam do fundo ao topo as condições vitaes d'uma população miseravel e condemnada; assim, ella reviveria.

Não gafo de defeitos, cabe sem duvida um merecimento a este modesto subsidio: o da sinceridade com que procurou ser util, contribuindo para a resolução d'um problema que muito deve interessar a medicina nacional, a despeito dos poucos cuidados que até hoje lhe tem merecido.

No proximo Congresso de Medicina em Lisboa o estudo da pellagra vae ser objecto de discussão. Aqui ficam os nossos votos cordeaes para que d'essa assembleia illustre alguma coisa de util brote, de modo que, como á França, nos seja dado vêr evolar-se uma grave endemia, realizando as propheticas palavras de **Jules Arnould**:

«A pellagra deve desapparecer; esta doença nova deve entrar no quadro das doenças extinctas».

Mas para tanto, para que realmente assim seja, é necessario que do futuro Congresso partam outras iniciativas bem diversas d'aquellas que até hoje têem assignalado a *lucta nacional contra a tuberculose*. Será preciso alterar todos os nossos processos, introduzir-lhes qualquer modificação funda que termine de uma vez para sempre com este privilegio muito nosso de offerecer o exemplo unico do constitutivamente falso, do organicamente erroneo.

Isto urge com tanto imperio, n'este paiz esgotado e faminto, quanto é certo que, sendo o ultimo em symptomas de civilisação, elle é, essa gloria lhe cabe, o primeiro nos encargos com que extingue uma população exhausta. Parece bem que *á Hygiene* cumpria tomar decisivamente a palavra. D'outra maneira só se radicará a amarga critica das

populações miseraveis, que vae notando quão cara fica uma inutil beneficencia e, inutil tambem, o luxurioso gasto de rethorica illustrada e a illustrar-se.

Quanto a nós, aos medicos, se de outra maneira não fôr, restará a parca consolação de dizer com Daudet: «*Mon Dieu, que la vie est donc singulière et qu'il est joli ce joli mot de la langue grecque:* **Eironeia**».

BIBLIOGRAPHIA

MARZARI (GIAMBATISTA) — Saggio medico-politico sulla pellagra e scorbuto. Veneza, 1810.

BALARDINI (LUDOV.) — Della pellagra, del grano turco, qnale causa precipua di quella malattia e dei mezzi per arrestarla. Milano, 1845.

ROUSSEL (THÉOPHILE) — De la pellagra, de son origine, de ses progrés, de son existence en France, de ses causes et de son traitement curatif et préservatif. Paris, 1845.

DEMARIA — Relazione dei lavori della commissione Piemontese nominata dal settimo congresso... per continuare gli studi nella pellagra. Torino, 1847.

MENDEZ ALVARO — Articulo sobre la pellagra que ha observado em 1835 y 1836, con el nombre de **flema salada** en Villamayor de Santiago, provincia de Cuenca. No Boletin de Medicina, cirurjia y farmacia. Madrid 1847.

DEL CAMPO — Monografia sobre la pellagra, 1847.

LUSSANA — Studi. pratici sulla pellagra, 1854.

LUSSANA E FRUA — Sulla pellagra, 1856.

LOPO Y BATALLA — Consideraciones sobre la pellagra que ha observado en la provincia de Galicia. No Siglo medico, VIII, 1861.

BENVENISTI — Richerche necroscopiche sulla pellagra 1860.

COSTALLAT — Étiologie et prophylaxie de la pellagra. Nos Annales d'hygiène, 2.e serie, XIII, 1860.

LANDOUZY — De la pellagra sporadique, Paris, 1860.

BOUCHARD (CHARLES) — Recherches nouvelles sur la pellagra. Paris 1862.

ROUSSEL (THEOPHILE) — Traité de la pellagra et des pseudo-pellagres. Paris, 1866.

CALMARZA — Memoria sobre la pellagra. Madrid 1870.

BILLOD — Traité de la pellagra, 2.e ed. Paris 1870.

LOMBROSO — Studi. clinici ed esperimentali sulla natura, causa e terapia della pellagra. Bologna 1872.

BALARDINI — Sulla causa della pellagra. Milano, 1872.

BRUGNATELLI — Di un alcaloide che si trova nella meliga gnasta. Palermo 1876.

LOMBROSO — La pellagra ed il maiz in Italia. Torino 1879.

MARAGLIANO — Studi statistici sulla diffusione della pellagra in Italia, Milano, 1879.

ROEL (FAUSTINO) — Etiologia de la pellagra, ó sea de la pluralidad de las enfermedades

que aflijen al linaje humano. Estudio basado en pruebas historicas, documentos fehacientes y hechos clinicos. Oviedo, 1880.

ARNOULD (JULES) —Pellagre. *Artigo no* Dictionnaire encyclopedique des Sciences Médicales. Dechambre. 2.e serie tomo 22, Paris 1886.

VASSALE —Richerche microscopiche e sperimentali ecc. Regio, 1891.

LOMBROSO —Trattato profilattico e clinico della pellagra. Torino, 1892.

GIUSEPPE FRIZ —Relalzione sull'andamento della Istituto (Asilo di pellagrosi della provincia di Milano in Inzago) dal 4 ottobre 1893 al 22 marzo 1894. Treviglio 1894.

MARZOLO —Studi e proposte della Commissione per la cura della Pellagra nella provincia di Treviso. —Treviso, 1896.

BOMBARDA —Revista Portugueza de Medicina e Cirurgia Praticas. A Pellagra. Lisboa 1896.

CRISAFULLI —La pellagra nella provincia di Forli. Notizie statistiche e proposte di provedimenti. Forli 1897.

D'ANCONA (NAPOLEONE) —Relazione sugli esiti delle locande sanitarie e sulla gestione 1897 della Commissione provinciale permanente contro la pellagra. Padova, 1898.

ANTONINI —Il maïs e l'egiologia della Pellagra. Inchiesta sull'augomento—Sui veleni del Mais—Notizie intorno al

recenti studi — Mezzi atti a regolare la coltura ed il consumo del Mais — Limitazione della produzione — Provedimenti legislativi — Essicatoi. Bergamo, 1899.

GOMES BARRETO — Breves considerações sobre a pellagra. Dissertação inaugural na Escola Medica de Lisboa, 1899.

AMBROSIO (VITTORIO) — Intorno una locanda sanitaria instituita nel comune di S. Secondo Parmense contro la Pellagra. Parma, 1900.

BADALONI (GIUSEPPE) — La cura della pellagra nella provincia di Bologna, 1900.

FANZAGO (FRANCESCO) — Resoconto per l'anno 1899. Commissione Provinciale contro la Pellagra. Padova 1900.

CANTARUTTI — Provedimenti per combattere la pellagra. Udine, 1900.

CANTARUTTI E RANDI ALESSANDRO — Atti del primo congresso pellagrologico interprovinciale. Padova 8-9-10 abrile 1899. Udine, 1901.

TROFFOLETTO — Relazione sull'escrúzio della locanda sanitaria con alloggio di Monterenzo. Minerbio, 4901.

ALFREDO DE MAGALHÃES — Artigo na « Gazeta Medica do Porto — 1901.

CANTARUTTI — Atti del secondo Congresso Pellagrologico italiano — Bologna 26-28 maggio 1902. Udine, 1902.

PERISSUTTI — La legge contro la pellagra. Udine, 1902.

MANDOLESI (STANISLAO) — Il pellagrosario di città di Castello Perugia, 1902.

TOSI (ALESSANDRO)	—Di alcuni ezzi pratici per combattere la pellagra in Romagna. Forli, 1902.
CERESOLI (CESARE)	—Il cambio guido baccelli in Bagnollo Nella. Brescia, 1902.
—	—Sul cambio del granoturco, 1902.
ORCHI	—Dati statistici e proovedimenti contro la pellagra nella provincia di Como. 1902
ANTONINI	—La pellagra — Storia, Eziologia, Patogenesi, Profilassi, Milano, 1902.
PATRIZI	—Locande o Pellagrosari? Lo stato, le provincie e i comuni nella lotta contro la pellagra. Roma 1902.
PROBIZER (GUIDO DE)	—Considerasioni sulla pellagra in relazione oll'assento e ferma militare. Rovereto, 1902.
ROMARO	—La pellagra e di chi la vuole. Padova, 1902.
SORMANI	—Atti della commissione per la profilassi della pellagra nella provincia di Pavia dal 1895 a 1901. Pavia, 1902.
JULIO DE MATTOS	—Os alienados nos tribunaes. Porto 1903.
CECCONI	—Erithemes pellagreux et erithemes pellagroides. Paris, 1903.
CENI E BESTA	—I penicilli nell'etiologia e patogenesi della pellagra. 1903.
HUERTAS	—La pelagra en España. Artigo nos «Archivos Latinos de Medicina y de Biologia». Madrid, 1903.
CENI	—Nuove ricerche sulla pellagra nei polli. 1904.
	—Le proprietá tossiche d'ell'*Aspergillus*

Fumigatus in rapporto colle stagioni dell'anno. 1904.

BADALONI — La pellagra e la delinquenza in rapporto al prezzo del frumento e del mais. Torino 1904.

— — La pellagra e sua cura nella provincia di Bologna. 1904.

AGOSTINI (CESARE) — La pellagra nell'Umbria dal 1854 al 1904.

— *Revista Pellagrologica italiana*, anno IV Udine, 1904.

JOÃO DE MEYRA — Ariigos no jornal «O Independente» sobre a *pellagra*. Guimarães. 1904.

BOMBARDA — Artigos contrapostos aos antecedentes, publicados na «Medicina Contemporanea» Lisboa 1904.

INDICE

	Pag.
Introducção	17
Observações	29
Historia	115
Etiologia e Pathogenia	199
Symptomatologia	287
Anatomia pathologica	317
Diagnostico e Prognostico	339
Tratamento	353
Prophylaxia individual e collectiva — Solução do problema em Portugal	363
Conclusão	445
Bibliographia	451

PROPOSIÇÕES

Anatomia—O desenvolvimento do esqueleto está subordinado ao desenvolvimento das partes molles.

—Não tem valor anatomico nem scientifico a divisão do corpo humano em *regiões*.

Physiologia—Existe uma relação constante entre a physiogenese cellular e as *diversas energias latentes* dos alimentos.

—Não ha nas funcções nenhuma hierarchia que nobilite qualquer d'ellas, mas uma perfeita symbiose de serviços entre todas.

Therapeutica—Os arsenicaes e uma alimentação apropriada curam o pellagroso nos primeiros graos de evolução da doença, comtanto que elle não regresse ás condições alimentares anteriores.

Pathologia geral—Na pellagra não ha hereditariedade pathologica, mas sim predisposição.

Anatomia pathologica—As lesões parasyphiliticas suppõem sempre a existencia actual do virus *especifico*.

Pathologia externa — No tratamento do erythema pellagroso é nulla a intervenção local.

Pathologia interna — A loucura, na maioria dos casos, não é uma doença essencial, mas sim o reflexo psychico de lesões visceraes.

Medicina operatoria — Considero inefficaz a intervenção cirurgica no tratamento dos tumores malignos.

Partos — Rejeito como prejudicial a applicação do sôro anti-estreptococcico na prophylaxia e tratamento da infecção puerperal.

Hygiene — Toda a modificação economico-politica que melhore o condicionalismo do operariado agricola, consentindo-lhe mais desafogada vida, exercerá uma eminente funcção prophylactica na pellagra.

Medicina legal — Os pellagrosos delinquentes são irresponsaveis.

Póde imprimir-se.

O Director,

Moraes Caldas.

Visto.

O Presidente,

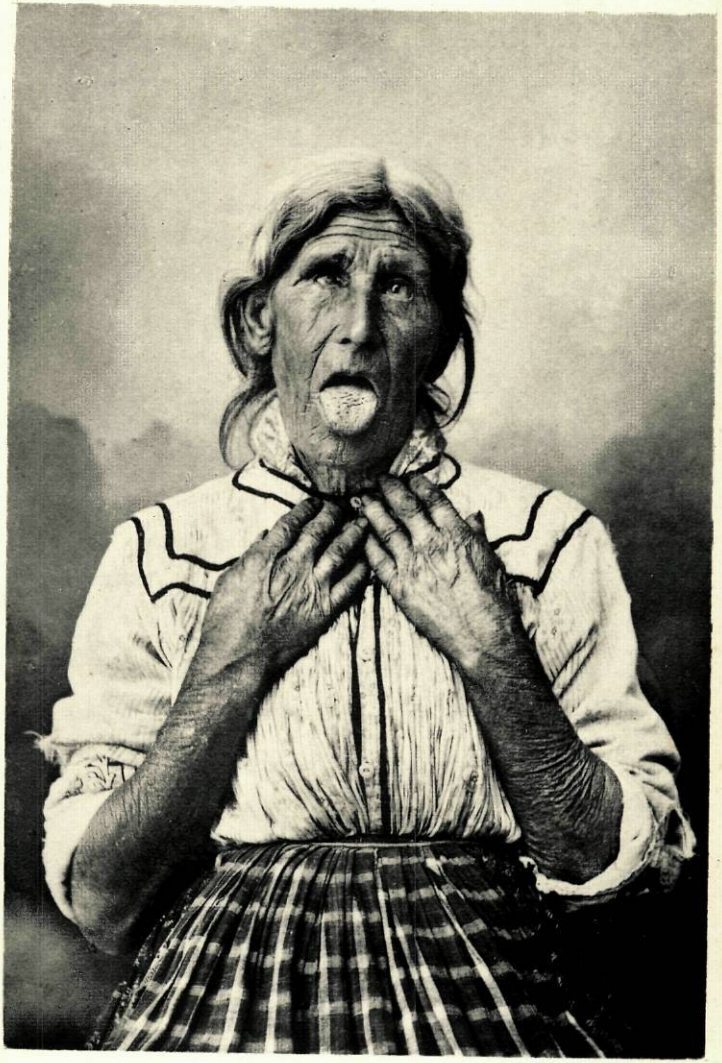
Augusto Brandão.

A PELLAGRA — *Pereira da Silva*

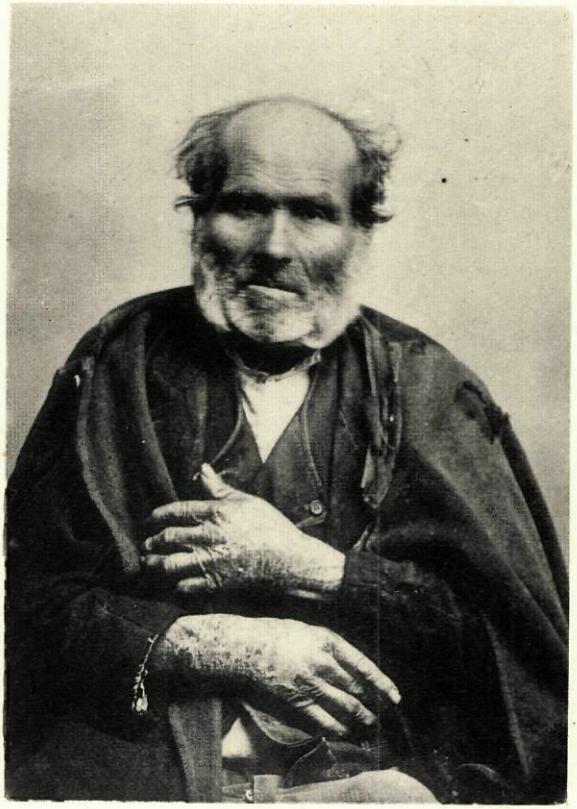


NOSSA OBS. n.º 17

A PELLAGRA — *Pereira da Silva*



NOSSA OBS. n.º 20



NOSSA OBS. n.º 45

A PELLAGRA — *Pereira da Silva*



NOSSA OBS. n.º 51



NOSSA OBS. n.º 51

A PELLAGRA — *Pereira da Silva*

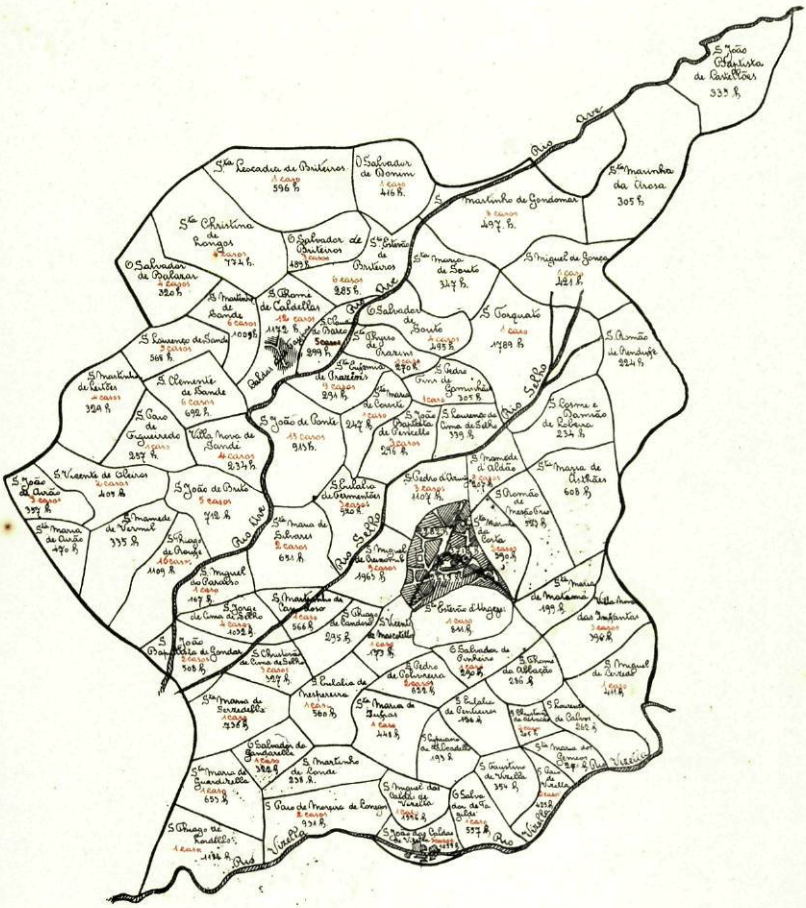


NOSSA OBS. n.º 51


PORTUGUEZA DO PORTO


PORTUGUEZA DO PORTO

A PELLAGRA — *Pereira da Silva*



Desenho de J. de MEYRA

A PELLAGRA NO CONCELHO DE GUIMARÃES